

**Movimento internacional das**  
**EQUIPES DE NOSSA SENHORA**

**EVANGELIZAR A SEXUALIDADE**

*Reflexão das*  
*Equipes de Nossa Senhora*  
*sobre a sexualidade*

**1994**

# EVANGELIZAR A SEXUALIDADE

Jesus respondeu:  
“Não lestes que desde o princípio o Criador os  
*fez homem e mulher?*  
e que disse:  
*Por isso o homem deixará pai e mãe*  
*e se unirá à sua mulher*  
*e os dois serão uma só carne?*  
De modo que já não são dois mas uma só carne.  
Portanto, o que Deus uniu, o homem não deve separar”

Mateus, 19, 4-6

# ÍNDICE

<b>PREÂMBULO</b>	5
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	7
1. O sentido do Projeto.....	7
2. Os métodos.....	8
3. Quem participou .....	10
4. Como foi acolhido o Projeto .....	12
5. A “síntese final” .....	20
<b>Capítulo I - HOMEM, MULHER, CASAL, IMAGEM DE DEUS</b> .....	23
<b>A - Ser homem, ser mulher: a “alteridade”, as diferenças</b> .....	23
1. O ser humano em dois sexos.....	23
2. Ao mesmo tempo semelhantes e diferentes .....	24
3. Aceitar seu próprio sexo .....	27
4. O peso da educação .....	28
5. O que evoluiu .....	31
6. Segundo o plano de Deus.....	38
<b>B - Ser casal</b> .....	40
1. Igualdade, complementaridade?.....	41
2. Os papéis específicos no casal .....	44
3. O que o casal propicia à pessoa.....	45
4. E quanto ao celibato, à viuvez?.....	47
5. Um caso: o homossexualismo .....	49
<b>C - Imagem de Deus</b> .....	50
1. O que significa “ser feito à imagem de Deus”? .....	50
2. O casal como imagem de Deus .....	53
3. Perdão e reconciliação .....	62
<b>Uma coletânea de testemunhos</b> .....	66
<b>Capítulo II - CONSTRUIR O CASAL</b> .....	79
<b>A - Uma só carne: a qualidade do casal</b> .....	79
1. O casal ideal não existe.....	79
2. As qualidades do verdadeiro casal e como atingi-las .....	80
3. As dificuldades .....	84
4. O papel do encontro sexual.....	88
5. A qualidade do encontro sexual .....	95
6. Abnegação - Ascese.....	103
<b>B - No tempo e na fidelidade</b> .....	110
1. Dar tempo ao tempo .....	110
2. A fidelidade .....	121
3. Perdoar a infidelidade? .....	125
<b>Uma coletânea de testemunhos</b> .....	128

<b>Capítulo III - A FECUNDIDADE .....</b>	<b>136</b>
<b>A - A fecundidade “unitiva” .....</b>	<b>137</b>
<b>B - A fecundidade biológica .....</b>	<b>142</b>
1. Abertura para a vida: o dever de fecundidade.....	142
2. A programação e o “inesperado” de Deus .....	143
3. Paternidade/maternidade responsável: a educação.....	148
<b>C - A fecundidade no sentido amplo .....</b>	<b>155</b>
1. A fecundidade dos casais sem filhos .....	155
2. O espírito de família, a hospitalidade .....	157
3. Dar vida ao mundo .....	160
<b>Uma coletânea de testemunhos.....</b>	<b>163</b>
<b>Capítulo IV - ÉTICA SEXUAL.....</b>	<b>171</b>
<b>A - Abordagem do problema .....</b>	<b>171</b>
<b>B - Dominar a procriação .....</b>	<b>173</b>
1. A escolha dos métodos .....	173
2. Os “métodos naturais” .....	174
3. Os demais métodos.....	181
<b>C - Perante o Magistério e perante a consciência .....</b>	<b>183</b>
1. Perante as posições do Magistério.....	183
2. Uma questão de consciência .....	195
<b>D - O que se pede à Igreja .....</b>	<b>201</b>
<b>Uma coletânea de testemunhos.....</b>	<b>207</b>
<b>ALGUMAS CONCLUSÕES .....</b>	<b>217</b>

\* \* \*

## Preâmbulo

Este documento é a **síntese de um trabalho de reflexão** desenvolvido em 1991 e 1992 pelas Equipes de Nossa Senhora em vários países onde o Movimento está implantado. Foi elaborado, por um lado, com base nos relatórios das trocas de idéias em reuniões de equipe e, por outro lado, a partir de testemunhos pessoais recebidos de equipistas.

Este documento é, portanto, fruto de um trabalho de síntese das respostas dadas pelos próprios equipistas à pergunta: o que deve ser e como deve ser vivida uma sexualidade impregnada do espírito do Evangelho?

A análise dos relatórios e dos testemunhos foi feita com uma preocupação tão grande quanto possível pela objetividade e pela transparência. A redação desta síntese e a escolha das citações respeitam a diversidade das respostas recebidas. As opiniões aqui expressas são de exclusiva responsabilidade de seus autores.

Não se deve ver neste documento um estudo de caráter científico, nem tomadas de posição ou diretrizes do Movimento aos seus membros sobre as questões relativas à sexualidade. Simplesmente, deve-se buscar nele o relato de um esforço de reflexão pessoal e em equipe de perto de 10.000 casais e sacerdotes conselheiros espirituais pertencentes às Equipes de Nossa Senhora pelo mundo.

O conhecimento da história deste documento permite compreender melhor as suas riquezas ao mesmo tempo que suas limitações. Em 1987 e 1988, após o quadragésimo aniversário da Carta de Fundação das Equipes de Nossa Senhora, a Equipe Responsável Internacional constata, num chamamento a uma “Segunda Inspiração” lançado por ocasião do VIIº Encontro Internacional em Lourdes: *“O Movimento não aprofundou suficientemente o sentido humano e o sentido cristão da sexualidade e, em conseqüência, não ajudou os casais a compreenderem e a viverem a dimensão sexual da espiritualidade conjugal. Por este motivo, as exigências morais parecem por vezes inaceitáveis e suas transgressões encontram uma fácil justificação. Há urgência neste campo, sobretudo em se tratando de um movimento de Igreja”*. Como resposta a esta necessidade, os responsáveis pelo Movimento constroem, demoradamente, um “Projeto” denominado “Evangelizar a sexualidade”, que é traduzido em várias línguas e proposto a todas as equipes como assunto para reflexão durante um ano.

Este documento é, portanto, fruto de uma primeira etapa deste “Projeto”. Antes mesmo de sua tradução para as principais línguas faladas no Movimento, o documento original em francês foi apresentado ao Santo Padre pelos responsáveis internacionais das Equipes de Nossa Senhora, numa audiência particular em 12 de outubro de 1994.

Queremos agradecer aqui todos os membros do Movimento que, por seus relatórios ou seus testemunhos, por seu trabalho de análise ou de tradução, trouxeram o seu tijolo para esta construção, especialmente o Padre Bernard Olivier, que de tão bom grado aceitou redigir este documento de síntese.

**A Equipe Responsável Internacional  
das Equipes de Nossa Senhora  
Março de 1995**



# INTRODUÇÃO

## 1. O sentido do Projeto

Adotou-se por título: “Projeto Evangelizar a Sexualidade”. Para ser mais preciso, dever-se-ia ter falado de um “canteiro de obra”, pois na verdade é disto que se trata. É um espaço de trabalho: pesquisa, reflexão e construção. E ficou bem claro, na apresentação, que não se tratava de um “tema” pronto, como os que são estudados todos os anos: pedia-se às próprias equipes que “construíssem” um documento. Lembremos quais eram os objetivos deste trabalho.

### 1.1. O que não se deve procurar aqui.

Antes de tudo, não se deve procurar um estudo científico - que certamente seria de grande valor. Não fomos buscar especialistas em sexologia, em filosofia ou em teologia... para perguntar-lhes como tornar a sexualidade mais humana e mais cristã. Dirigimo-nos ao conjunto dos casais das Equipes de Nossa Senhora, a cristãos que, em sua maioria, não possuem uma competência específica nessas disciplinas. Trata-se, porém, de sua própria vida concreta e de sua experiência.

Não se quis, tampouco, usar uma linguagem por demais erudita e técnica. Quis-se utilizar um linguajar que fosse comum a todos os cristãos de base. Este fato pode ter constituído uma desvantagem, pois corre-se o grande risco da falta de rigor e de precisão. Algumas pessoas nos censuraram por isso, enquanto outras acharam que, ainda assim, era difícil demais. O que prova que é impossível contentar todo mundo!

A segunda coisa que não se deve procurar aqui, seria uma pesquisa sobre a prática da vida sexual nas Equipes de Nossa Senhora. Tal pesquisa já foi feita em 1969. Desta feita, não se trata absolutamente disto. O que se queria, era convidar os casais à reflexão sobre o que deve ser, segundo eles, uma sexualidade impregnada do espírito do evangelho e não dizer como a praticam: esta é a origem do título “evangelizar a sexualidade”.

Os casais cristãos foram por demais acostumados a simplesmente receber instruções, que nem sempre compreendem bem e que lhes parecem ter pouca relação com a situação concreta que vivem. Quis-se dar-lhes a palavra e apelar para seu próprio juízo.

Por fim, não se deve procurar aqui uma tomada de posição do Movimento a respeito de problemas candentes: contracepção, preservativos, fertilização “in vitro”, etc., nem tampouco um conjunto de diretrizes endereçadas aos membros das Equipes. Seria distorcer o Projeto.

### 1.2. Os objetivos

Não será inútil repetir: o que se quis pedir a casais cristãos engajados num movimento que visa levá-los a viver plenamente a graça de seu matrimônio, é que

refletissem em casal e em equipe sobre o sentido cristão da sexualidade. Mais exatamente, de que forma, partindo de sua experiência de vida confrontada com sua fé, podem eles conceituar e construir uma sexualidade que seja, ao mesmo tempo, plenamente humana e plenamente cristã.

Este objetivo geral poderia ser detalhado da seguinte forma:

1. Desbloquear os espíritos e ajudar a superar os tabus.
2. Convidar os casais, que nestes assuntos são os consumidores e os peritos, a não aceitar respostas prontas, mas a pensar por si mesmos e a tomar a palavra.
3. Ajudar na descoberta do papel da consciência e do verdadeiro sentido das leis morais.
4. Buscar os caminhos para uma melhor comunicação entre o Magistério e os casais que enfrentam problemas bem concretos.

Tratava-se sem dúvida de uma aposta, ou mesmo de um desafio. É um assunto delicado e difícil, que não se costuma abordar na equipe - e muitas vezes nem em casal. Diz respeito a uma vida por demais íntima e permanece freqüentemente sob o peso dos assim chamados “tabus”. Esta talvez seja uma espécie de “estréia”, de primeira vez, na Igreja. É um risco que se corre. Mas estamos em busca da verdade, da verdade que liberta.

Nossos objetivos foram atingidos? Não completamente, com certeza. Mas pode-se pensar que um passo importante foi dado e na direção certa. Rezamos ao Senhor para que esta contribuição dos casais das Equipes de Nossa Senhora à reflexão da Igreja seja compreendida e aprofundada com o mesmo espírito que inspirou o Projeto. É preciso que juntos, em Igreja, encontremos uma abordagem mais serena da sexualidade, uma linguagem mais acessível, uma pedagogia mais apropriada. O Evangelho é uma Boa Nova. Que o seja também para a sexualidade conjugal!

## **2. Os métodos**

### 2.1. As pistas para reflexão.

Estamos mais acostumados ao estudo de temas segundo um método dedutivo. Parte-se de um texto bem consistente que se estuda, que se discute e que se procura dirigir para a vida prática, com o auxílio de um questionário bem preciso. E muitas vezes, limitamo-nos estritamente às questões. Quis-se propor um método mais indutivo, partindo da experiência de vida em confronto com as exigências da fé. Foi isto que inspirou a estrutura do documento de base.

Este divide-se em oito “pistas” e, para cada uma delas, há alguns testemunhos para dar início à reflexão, uma breve introdução, levando imediatamente para uma série de questões para o diálogo em casal e para a reunião de equipe. As perguntas são numerosas e muitas vezes repetitivas, repetitivas demais... Não se pedia respostas para todas as perguntas, mas que se escolhessem duas ou três, conforme as preferências. Havia perguntas mais íntimas, para o casal, e outras para o encontro em equipe.

Por fim, propunha-se alguns textos de referência, “textos de apoio”, tirados sobretudo dos documentos do Magistério. Para evitar que estes textos condicionassem de antemão a reflexão e que oferecessem respostas prontas dispensando a reflexão pessoal, foram transferidos para o fim do fascículo. Alguns lastimaram que não se tivesse começado por estes textos, como nos temas clássicos; outros se queixaram que tais textos tivessem sido apresentados como apoio, como que para mostrar onde se deveria chegar...

Propositadamente, deixou-se para o fim (duas últimas pistas), o que diz respeito à ética sexual. Porque é preciso reagir contra esta espécie de instinto que se tem de logo reduzir os valores da sexualidade a questões de moral, de permitido x proibido. Pensamos que para poder abordar com serenidade e em verdade o aspecto moral, deve-se primeiro ter compreendido bem e ter ponderado o sentido e a importância da sexualidade na vida humana e no plano de Deus.

## 2.2. As “sínteses”

O problema consistia em coletar com fidelidade os resultados das trocas de idéias. Foram propostas três etapas:

- Ao final da reunião, cada equipe faz a “síntese” de suas respostas e a envia à Região. O anonimato está garantido: cada equipe escolhe um número de código.
- Ao nível da Região, um casal designado, ou uma pequena equipe, faz uma nova síntese dos relatórios de toda a Região, enviando-a ao Secretariado Internacional. Foi um trabalho delicado e difícil. Deve-se cumprimentar os que se encarregaram dele; com grande frequência, suas sínteses foram notáveis.
- Finalmente, uma equipe internacional foi encarregada de fazer a “síntese das sínteses”...

Acrescente-se que testemunhos anônimos podiam ser enviados diretamente ao Secretariado Internacional.

A principal dificuldade consistia em passar por estes diversos filtros sem perder muito da substância das trocas de idéias. A nível de equipe, já havia dificuldade em conservar um pouco da riqueza compartilhada. Ainda mais pelo fato de que o “gabarito” planejado para tabular as respostas logo revelou-se inadequado. Mas isto foi percebido imediatamente e ninguém se prendeu a ele.

Felizmente, para preparar a última etapa, junto com as sínteses, as Regiões enviaram o conjunto das respostas das equipes, de tal sorte que, para a síntese final, tornou-se possível buscar as referências diretamente nessas respostas. Foi delas que todas as citações encontradas (em itálico) no presente documento foram extraídas.

A preocupação permanente foi a de dar um relato tão completo e tão objetivo quanto possível. Fatalmente, houve, sem dúvida, ao longo das diversas operações,

alguma perda de substância. Como também houve uma parte de subjetividade daqueles que fizeram as sínteses. Mas como poderia ser evitado? Pode-se afirmar que tais inconvenientes foram reduzidos ao mínimo possível.

Algumas das equipes que estudaram o Projeto deixaram de construir uma síntese, seja desde o início, seja ao longo do ano, notadamente para as últimas pistas. Que pena! Mas é por isso que todas aquelas que foram firmemente até o fim merecem ainda mais reconhecimento e felicitações. Em verdade, exigiu delas bastante coragem e perseverança.

O material assim coletado é considerável (só para a seção de língua francesa há 22 “gordos” classificadores). Está arquivado no Secretariado Internacional e está à disposição de todas as Super-Regiões e Regiões. Poder-se-á, portanto, em se desejando, redigir estudos mais “regionais”. A presente “síntese” quer ser internacional, ao nível do conjunto das Equipes.

### **3. Quem participou?**

#### 3.1. Alguns números.

Não temos condições de dar números absolutamente precisos nem estatísticas científicas. Não era este o objetivo. Mas poderá ser útil conhecer as linhas gerais. É uma pena, também, que não possamos informar, para cada resposta, a idade média da equipe: os dados são realmente muito parciais.

Dos 35.000 casais (aproximadamente) que constituíam o Movimento em 1991-1992, constata-se que perto de um quarto respondeu e enviou a resposta. Asseguram os especialistas que, para este tipo de trabalho, uma participação de 25% deve ser considerada um resultado muito positivo. Assim mesmo, estamos decepcionados. Esperávamos mais!

É evidente que não se podia esperar que todas as equipes do mundo trabalhassem no Projeto. O empreendimento era uma novidade, a matéria delicada e as apreensões freqüentemente muito fortes. Houve até episódios de contrapropaganda.

A escolha era livre e ficou entendido que se, numa equipe, um casal se opusesse, melhor era desistir do que correr o risco de explodir a equipe. Assim, em muitos casos conhecidos, bastou que um casal ou um conselheiro espiritual se recusasse a participar, para que a equipe desistisse. Por outro lado, alguns casais pertencentes a uma equipe que não tinha escolhido o Projeto, fizeram questão de estudá-lo e de enviar suas respostas a título pessoal. Estes não estão contabilizados nos números oficiais.

Por outro lado ainda, algumas equipes, que tinham hesitado e desistido, ao perceber depois o entusiasmo das outras, mudaram de idéia e passaram a estudar o Projeto com um ano de atraso, alinhando-se assim com algumas Regiões que o haviam programado para 1992-1993. Assim, prorrogamos por um ano o prazo previsto e

adiamos a data limite para 15 de setembro de 1993. E procuramos levar em conta as opiniões dos retardatários, pois nem é preciso dizer que ainda recebemos respostas esparsas mesmo após o último prazo...

Estamos decepcionados porque, nestas condições, não podemos apresentar este documento como sendo o reflexo fiel do pensamento do conjunto das Equipes. Portanto, nossa contribuição para a reflexão da Igreja se vê diminuída, mas ainda pensamos que é válida.

Conseguimos estabelecer os números das respostas recebidas e vamos aqui transmitir alguns. Mas é preciso fazer logo algumas observações.

Primeiro, o número das equipes que trabalharam no Projeto é nitidamente superior ao das respostas recebidas. Segundo as pesquisas que pudemos fazer, perto de 80% das equipes que trabalharam enviaram suas respostas. As outras, ou não as fizeram ou não as enviaram.

Segundo, há uma nítida diminuição entre a Pista I e a Pista VIII. Algumas equipes simplesmente abandonaram durante a caminhada, outras tiveram cada vez mais dificuldade em fazer as sínteses, notadamente para as duas últimas Pistas.

Eis portanto alguns números.

Há duas Super-Regiões que merecem uma menção toda especial, por terem participado de forma impressionante: a Super-Região França-Luxemburgo-Suíça e a Super-Região Brasil. Felizmente, trata-se das duas entidades mais numerosas, que, podemos dizer, são as duas “locomotivas” do Movimento. E está claro que é onde se soube melhor motivar as equipes.

Algumas Super-Regiões ou Regiões não participaram ou participaram muito pouco, ou ainda, não aplicaram os métodos propostos. Houve, assim, dois grandes ausentes: os Estados Unidos e a Super-Região Hispano-Americana.

Da Super-Região França-Luxemburgo-Suíça, 704 equipes enviaram as suas respostas à Pista I, o que representa, em relação ao número de equipes em final de 1991, 38 %. À Pista VIII, foram recebidas 376 repostas.

Da Super-Região Brasil, 258 equipes enviaram suas respostas à Pista I, representando 24 %; à Pista VIII, temos 211 respostas.

As porcentagens mais altas vêm, na realidade, do Canadá, com 42 % e da Alemanha-Áustria com 40 %. Porém, em números absolutos, isto representa apenas 20 equipes para o Canadá e 42 para a Alemanha-Áustria.

### 3.2. A participação dos Conselheiros Espirituais.

O Projeto visava diretamente a vida dos casais, mas devia ser estudado e discutido em equipe. Os Conselheiros Espirituais sentiram-se, por vezes, perplexos: qual deveria ser seu papel, deveriam intervir nas trocas de idéias, e de que forma? Alguns se propuseram fazer a síntese após as reuniões. Com frequência, puderam ajudar os casais a encontrarem, para expressar-se, uma linguagem mais adequada.

Nem todos se sentiram muito à vontade, por não estarem acostumados a este tipo de troca de idéias. E se sentiram questionados, foi de forma indireta, já que o celibato sacerdotal não fazia parte dos problemas a serem debatidos. Seria uma lacuna? Mas já havia tantas perguntas... Alguns Conselheiros Espirituais, entretanto, fizeram questão de dar seu testemunho no seio da equipe. Eis o que diz um deles. Muitos padres aí se reconhecerão:

*O assunto não foi fácil para mim, pelas seguintes razões:*

- *o padre tem um conhecimento teórico e não direto do assunto;*
- *a sexualidade que diz respeito à vida dos esposos parece nada ter a ver com o celibato do padre.*

*Eu não queria ficar na equipe apenas como o guardião da doutrina, mas desejava transformar algumas questões sobre a sexualidade conjugal de forma que permitissem aprofundar a minha própria identidade e os motivos do celibato, não só de direito mas pessoal, escolhido e aceito, verdadeiro testemunho da fidelidade sacerdotal.*

E, após uma referência à Exortação apostólica “Dar-vos-ei pastores” de João Paulo II, que sublinha: “ao dar testemunho do valor evangélico da virgindade, o sacerdote poderá ajudar os esposos cristãos a viverem na plenitude o ‘grande sacramento’ do amor de Cristo Esposo para sua Esposa Igreja e, por sua fidelidade ao celibato, ele será uma inspiração para a fidelidade dos esposos”, ele conclui:

*Não sei se meu testemunho e minha participação na equipe estiveram à altura da Exortação, mas o que eu sei é que, pelos seus testemunhos, as famílias que encontrei enriqueceram-me e fortaleceram-me em meu sacerdócio... (F)*

Alguns dizem que a presença do conselheiro espiritual tornou-se, por vezes, incômoda e que teria impedido uma verdadeira liberdade de expressão. Para outros, ao contrário, sua presença foi essencial para dar “uma visão maior e mais objetiva” do assunto. É uma presença que dá segurança, ajudando, desta forma, o casal a revelar-se.

## 4. Como foi acolhido o Projeto.

### 4.1. O Projeto em seu conjunto: uma apreciação global

Pode-se dizer que, de um modo geral, o Projeto foi bem acolhido. Para muitos, trazia uma resposta a uma expectativa mais ou menos latente. Era uma ocasião para romper uma certa barreira de silêncio. Muitos quiseram agradecer pela iniciativa, complementando este agradecimento com algumas observações:

*Obrigado por ter tido a maravilhosa audácia de propor-nos este projeto, apesar se suas expressões serem por vezes irritantes. Foi um elemento substancial para nossos DDS (dever de sentar-se) ao longo do ano todo; pudemos falar de nós às claras, abertamente, sobre assuntos até então mantidos no escuro, e isto nos aproximou um do outro. Sentimos não ter tido este tema após alguns anos de casamento. Mas da forma como está redigido, algumas tomadas de posição chocariam, em nossa opinião, os casais jovens.*

E, após enumerar as reações de diversos casais, o relato conclui:

*Em resumo, estamos felizes por termos escolhido este estudo. Foi positivo para nosso casal e para nossa equipe. Nosso Conselheiro Espiritual, por vezes cansado das discussões, sempre nos recolocou no caminho do bom senso, com muita sabedoria, humor e amor fraterno.*  
(F)

Um outro relato começa assim:

*Achamos o tema muito corajoso (constate-se a que ponto a idéia de “tema” está enraizada nos costumes), muito completo, não hesitando em ir até o fundo, em todos os aspectos do problema. Este tema permitiu-nos fazer uns DDS muito enriquecedores mesmo na nossa idade (65 anos). Em contrapartida, ressaltou a enorme distância que separa a Igreja (que nós somos) do Magistério... (F)*

Uma equipe diz simplesmente:

*Estamos felizes de ter feito este trabalho, mas também aliviados por ter terminado!*

Entretanto, para alguns, houve uma espécie de fenômeno de rejeição. É interessante notar os argumentos ou as motivações alegados, que são muito diferentes e, às vezes, até contraditórios.

Primeiro, há aqueles que, sem rejeitar a sua proposta, não entenderam bem o sentido deste Projeto ou não o acolheram como tal. Há, por exemplo, tal equipe da Bélgica, que reconhece tê-lo tratado como um tema clássico, o que veio a falsear a perspectiva... Ou aquelas equipes que parecem ter considerado o texto do Projeto como uma espécie de tarefa escolar submetida a seu julgamento e que passaram a brincar de professor, corrigindo o dever de um aluno pouco dotado e distribuindo-lhe pontos positivos e negativos.

Há aqueles que o rejeitam sem cerimônia, por vezes num tom violento e com palavras duras (o anonimato permitiu que alguns se “desrecalcassem”). Aliás, é entre estes que se encontram motivos muito diversificados. Para uns, este Projeto é indiscreto, chocante, deslocado. Para outros é arcaico, de um simplismo ridículo, completamente ultrapassado... São casos bastante excepcionais, não representativos no conjunto, mas cuja existência deve ser anotada.

Em contrapartida, há aqueles (mais numerosos), para os quais este Projeto é difícil demais, feito para intelectuais...

Contentar-nos-emos aqui, com o cuidado de perfeita objetividade, em reproduzir alguns longos trechos extraídos de três testemunhos citados textualmente. O primeiro vem de um casal belga (63 e 65 anos, quatro filhos). O mínimo que se possa dizer é que não é muito carinhoso!

*O conteúdo e a formulação deste tema (sempre o “tema”) parece-nos completamente arcaico. E o título, então! Os testemunhos, no início de cada capítulo, são com frequência pouco realistas e vivenciados por uma minoria. Não correspondem ao que vive a maioria dos casais cristãos. Trabalhei vinte anos num Centro cristão de assistência conjugal e familiar e de planejamento familiar e posso dizer que este tema está a mil milhas daquilo que vivem os casais hoje.*

*Somos uma equipe de pessoas em torno dos 60 anos e as trocas de idéias na reunião foram muito pobres, enquanto cada um falava da riqueza das trocas de idéias em casal. Muitos disseram: «Que pena que isto não veio mais cedo!» Sentia-se muito bem a dificuldade de se falar “dessas coisas” em equipe e, aliás, ficamos nas generalidades e na mais completa indefinição. Não penso que os testemunhos de uma equipe de pessoas idosas sejam instrutivos. São o reflexo de uma geração.*

*Se nossos filhos, que têm por volta dos trinta anos, devessem ler este “tema”, seria uma gritaria geral. Aliás, nunca teria a coragem de lhes mostrar. (...) Pessoalmente e para o nosso casal, nada trouxe senão irritação com o linguajar utilizado e com o discurso moralizador (sic), não mostrando a sexualidade sob seu aspecto de fonte de crescimento e de equilíbrio da pessoa e do casal.*

*Seria desejável que as Equipes de Nossa Senhora mudassem de tom e ficassem à escuta do que vivem os homens e as mulheres de hoje. Mas talvez seja este o objetivo do tema? Então, bravo!*

Outro casal belga expressa seu sentimento sobre “o sentido e a apresentação do Projeto”.

*Apreciamos o fato que este Projeto queira ultrapassar o ponto de vista moral, na busca de uma visão cristã da sexualidade. Concordamos que “as sínteses produzidas por cada equipe não poderiam ser consideradas por essa equipe como a expressão da verdade” (no texto do Projeto). Que fique claro também que isto vale para todo mundo, inclusive a ERI e até mesmo o Papa. Contamos com o Espírito de Deus que “está presente em toda a Igreja”.*

*Entretanto, fazemos algumas reticências em relação a dois conceitos que aparecem na introdução. O primeiro é o do projeto de Deus ou da vontade de Deus que se menciona em vários lugares. Desconfiamos dos que têm a pretensão de conhecer a vontade de Deus sobre uma porção de assuntos. Não temos mais certeza de que tivessem razão aqueles que, no século XI, gritavam “Deus quer!”, ao partir em cruzada. Achamos especialmente arriscado afirmar que Deus quis explicitamente tal ou qual coisa (como por exemplo a sexualidade). (...) Não queremos negar que a sexualidade seja explicitamente querida por Deus, mas tampouco podemos afirmá-lo! Preferimos raciocinar assim: “Deus concede a cada homem atingir a vida eterna na e pela situação em que se encontra, no mundo atual”. Entre outros, já que somos sexuados, como viver a sexualidade para que seja um caminho para Deus.*

*Para nós, esta é a “visão cristã da sexualidade”. O resultado das reflexões será sem dúvida o mesmo, mas o princípio é diferente.*

*A segunda coisa que nos choca é o conceito de moral que se deixa entrever (no início). Não podemos considerar a moral como um conjunto de regras. Este conceito é do Antigo Testamento. Jesus, notadamente no Sermão da Montanha e sobretudo nas beatitudes, colocou-se acima do Decálogo para nos pedir uma mentalidade, um espírito, para além dos comportamentos impostos ou proibidos. Jesus não nos deu nenhum mandamento preciso, a não ser “Amai-vos uns aos outros como eu vos amei” (Jo 15,12).*

*As regras ou normas foram feitas posteriormente pela Igreja; correspondem a situações ideais (teóricas, abstratas). Claro! é bem mais fácil saber o que se deve “fazer” quando se segue regras, do que seguindo a máxima “ama e faze o que queres”. O regulamento é um bom guia e um mau mestre.*

Eis o terceiro testemunho que queremos citar. Vem de um casal francês, que fez questão de assinar com seu nome. Vale assinalar que, em muitos lugares, casais idosos pensaram que este Projeto não era para eles.

*Quando, na equipe, foi-nos proposto o Projeto, dissemos sim, em confiança. E não só por confiança. Achávamos que apesar de nossa idade (64 e 70 anos), o assunto poderia vir a esclarecer para nós alguns aspectos ainda inexplorados, que poderia trazer a todos uma renovação espiritual.*

*Infelizmente, nossa decepção foi grande! A quem se dirige um tema como este? Ou, em qualquer caso, formulado como este? A teólogos, seguramente, ou, pelo menos, a pessoas super-cultas e inteligentes. Por azar, não nos situamos em nenhuma destas duas categorias, somos apenas reles equipistas (e olhe lá!). De tal forma que, ao esforçarmo-nos para refletir sobre os textos propostos, sentimos a desagradável impressão de nada entender. Praticamente cada palavra precisaria de uma definição ou justificaria uma explanação prévia. Encontramo-nos na situação do coitado que só cursou o primeiro grau e a quem se pede para deglutir um curso de mecânica ondulatória ou de medicina espacial...*

E cita exemplos como “imagem de Deus”, ou “essência de Deus”: “não sabemos absolutamente o que é”. Diz que é uma “linguagem incompreensível”. E o testemunho acrescenta:

*É verdade que há os “textos de apoio”. Mas um apoio como esse, para nosso pequeno nível, é o cúmulo do mistério. Parece-nos que esses textos conciliares são simplesmente inacessíveis para as pessoas comuns. (...) Mas temos um escrúpulo. Estaríamos sendo injustos? Pelo menos em parte, com certeza! Bem avaliamos o importante trabalho feito, mesmo que não o apreciemos muito. Queiram desculpar nossa franqueza um pouco rude.*

Frente a tais protestos, para estabelecer o equilíbrio, teríamos que citar todos aqueles que acham que o texto do Projeto foi “concebido para o uso de pessoas incultas, ignorantes”... Como dizíamos, as opiniões são realmente muito divergentes.

Estas diversas citações mostram logo qual é o tom. Poder-se-á constatar que as equipes e os casais reagiram com total sinceridade e, por vezes, com uma sinceridade um pouco brutal. Quando algo não lhes agrada, eles logo dizem. E a seleção feita no ponto de partida (os que responderam são os que escolheram livremente fazê-lo) contribuiu sem dúvida para esta sinceridade, como também, provavelmente, a garantia de anonimato.

## 4.2. Apreciações mais particulares

### 4.2.1. Os **aspectos mais positivos** reconhecidos são os seguintes.

Antes de tudo, uma **verdadeira transformação do Dever de Sentar-se**. É a opinião mais generalizada e, sem dúvida, o benefício que mais sensibilizou:

*Ficamos felizes pela inclusão de um Dever de Sentar-se em cada uma das pistas: permitiu que o casal se conhecesse melhor através de um diálogo mais aprofundado.*

Em seguida, para muitas equipes, o estudo deste Projeto foi uma **verdadeira revelação**. Notadamente porque aborda com coragem um assunto deixado na sombra por muito tempo e que ainda não se ousaria enfrentar, não fosse este “canteiro de obra”. Para alguns, é uma “verdadeira bênção”.

*Estas perguntas permitiram que refletíssemos sobre assuntos que nunca tínhamos abordado.*

Havia no início uma certa apreensão, o que tornou a surpresa ainda maior. Mesmo para aqueles que já tinham uma certa experiência, como por exemplo estes responsáveis de equipe:

*Nossa equipe já tinha refletido sobre a sexualidade, há alguns anos, tendo tomado como tema de estudo o documento “Sexualidade e Vida Cristã, Um Ponto de Vista Católico” (Edições Le Centurion). Foi um trabalho que não suscitou um grande entusiasmo por parte da equipe, mas isto não impediu que ela aceitasse de imediato o assunto deste ano. A primeira reunião foi para nós ocasião de surpresa. Nossa equipe, antiga, enquadrada na estrutura das equipes e no desenrolar habitual das reuniões, tornou-se de repente indisciplinada como um bando de adolescentes: intervenções intempestivas, frases interrompidas, conversas paralelas, tomadas de posição ríspidas, etc. Possíveis razões: uma boa preparação individual e em casal que forneceu a cada um os elementos para a discussão, mas também, um envolvimento pessoal no assunto tratado.*

Alguns dizem muito simplesmente, como esta equipe brasileira:

*Quantos caminhos este estudo abriu para nós!*

E é provavelmente por isso que se lastima tantas vezes o fato de não se ter tido a oportunidade de fazer um tal trabalho de reflexão 30 ou 40 anos mais cedo, ou, para os mais jovens, logo no início do casamento.

Um terceiro aporte positivo que se deve assinalar é a **riqueza das trocas de idéias**, não só no diálogo íntimo dos casais, mas também nas reuniões de equipe.

*Troca de idéias excelente, até mesmo entusiasmada (uma apreciação freqüente).*

*As trocas de idéias permitiram que alguns se abrissem, falassem de seu sofrimento por causa da educação que receberam, das escolhas feitas pelos filhos crescidos...*

Há o outro lado da medalha: a riqueza das trocas de idéias não pode ser integralmente conservada nas sínteses, que são fatalmente curtas e secas demais! E algumas equipes acharam que o conteúdo de uma pista era por demais abundante e rico para caber numa única reunião e resolveram fazer reuniões suplementares.

#### 4.2.2. Quais foram as **principais dificuldades** encontradas?

Primeiro, alguns **problemas técnicos** assinalados por aqueles que se encarregaram de tabular as respostas. Principalmente a respeito da ficha de síntese. Tornou-se logo evidente que esta não era adequada. Só para citar um exemplo:

*O exercício que consiste em resumir em frases curtas o densíssimo conteúdo de uma reunião foi particularmente árduo. Sobretudo a 1 hora da manhã...*

*Constatamos um certo cansaço, manifestado pela constante diminuição do número de fichas de síntese, à medida que se avançava nas diversas pistas.*

*Deve-se assinalar duas tendências em relação àqueles que continuaram até o fim: por um lado, fichas praticamente sem respostas; por outro, relatórios longos e detalhados, com todos os pontos abordados. Muito mais ricos, difíceis de tabular, estes relatórios mostram bem a dificuldade de resumir a reunião numa pequenina síntese.*

Apesar de grandes esforços, o levantamento das perguntas escolhidas e a avaliação de sua importância foram por demais parciais e irregulares para serem úteis aos Regionais.

Um documento assim descreve as principais dificuldades da síntese ao nível das Regiões:

*Existem as inevitáveis e costumeiras dificuldades para decifrar. Talvez até mais numerosas do que se poderia esperar, face a uma exposição metodológica tão cuidadosa.*

- *dificuldades decorrentes de perguntas por vezes consideradas como difíceis, intelectuais demais...*
- *dificuldades decorrentes das respostas, seja pela forma (escrita ilegível, fotocópias claras demais...), seja pelo conteúdo (conciso demais, confuso demais...)*
- *dificuldades decorrentes do método escolhido: nem sempre se percebe bem se se trata da resposta de um casal ou da resposta coletiva da equipe (ou às vezes do conselheiro espiritual!).*
- *exceção feita de algumas equipes, em geral de casais antigos, não se conhece nem a idade, nem a situação profissional ou familiar: isto não facilita a análise nem a classificação dos dados.*

O **título** causou dificuldades para alguns. Acharam-no provocador (é preciso reconhecer que se o queria assim, ou pelo menos que fosse marcante). Acharam-no inadequado e sua formulação “enganadora”, pois não é a sexualidade que se evangeliza, mas o homem e a mulher, que são sexuados. Alguns, ao que parece, o receberam mal e, por causa disto, quase rejeitaram o Projeto...

*“É a própria **estrutura do tema** que questionamos, fundamentalmente”, dizem alguns.*

Na realidade, trata-se do método “indutivo” para o qual não estamos bem preparados. Argumentam:

*Pensamos que as grandes encíclicas, assim como as reflexões episcopais havidas posteriormente, deveriam ter figurado no início do trabalho.*

Mas pode-se constatar que essa está longe de ser a opinião geral. Foi assinalado também que uma mesma estrutura, notadamente o mesmo tipo de questionário, dificilmente pode ser apresentado a pessoas de 50 ou 60 anos, *marcados por uma educação baseada em tabus sexuais com uma moral religiosa da mesma natureza, e a jovens casais que viveram num contexto cultural muito mais aberto.* Acrescenta-se, entretanto: *os casais idosos talvez tenham coisas a dizer que possam ser úteis a casais jovens.* Ou seja, nada é perfeito...

Foram ditas - e repetidas - muitas coisas a respeito da **forma** do documento. Houve um certo número de dificuldades, sendo as principais as seguintes.

Julgou-se, com freqüência, que o **vocabulário** é muito difícil, utilizando palavras não conhecidas (corporeidade, esponsal...). Isto ocorre principalmente em relação aos documentos de referência, textos geralmente considerados *indigestos, de difícil compreensão.* Pede-se, portanto, uma linguagem mais simples, *nem teológico nem intelectual demais.* E alguns brasileiros pensam que a *maneira francesa de pensar não coincide muito com a realidade brasileira.*

Uma simples citação, muito pitoresca:

*Um detalhe. “Do ponto de vista lingüístico pode-se dizer que a analogia do amor esponsal segundo a Carta aos Efésios relaciona o que é ‘masculino’ com o que é ‘feminino’.”... É a primeira linha dos textos de apoio (extraído da Mulieris Dignitatem) e não nos deu nenhuma vontade de prosseguir com a leitura...*

É bem compreensível! Outros reclamam do uso de “clichês arcaicos, ultrapassados, até mesmo caricaturais”, como por exemplo a imagem da mulher passiva e do homem “viril” e ativo na relação sexual.

Muitos sentem uma certa alergia para com a linguagem oficial, que chamam de “língua de pau eclesiástica”. E mais particularmente para com a identidade que se costuma estabelecer entre Igreja e hierarquia:

*Rebelamo-nos quando se escreve “a Igreja”, em se tratando do Magistério. Nós também somos a Igreja!*

Note-se, aqui (e pedimos que nos perdoem), que deveremos neste documento aceitar esta forma habitual de falar, já que ela foi utilizada na maioria das respostas, se bem que, claramente, todos conhecem a diferença. E devemos assinalar, a propósito, que serão encontradas, nas respostas, aquelas quatro oposições “dialéticas” de que se trata na introdução do Projeto, mesmo que não sejam expressas de forma explícita: machismo x feminismo; sexualidade de casal x celibato; realidades da vida x normas do Magistério; linguagem clerical x linguagem profana.

Os **questionários** são também colocados na berlinda. Não perderemos muito tempo com tomadas de posição um pouco precipitadas, como por exemplo esta:

*Há realmente um excesso de perguntas idiotas... O questionário se dirige demais a pessoas sem cultura que nunca refletiram.*

Alguns acham as perguntas mal colocadas ou ainda, fechadas. São por demais repetitivas e às vezes tem-se a impressão de girar em círculo... Elas são muito direcionadas, dizem alguns que pensam que os autores do Projeto quiseram, por este meio, influenciar o juízo das equipes e impor-lhes idéias pré-concebidas.

É preciso que se diga de uma vez por todas que não houve nenhum maquiavelismo (mas pode-se usar esta palavra tão erudita?) dos autores do Projeto. Houve simplesmente falta de habilidade e de experiência. Serão os primeiros a reconhecer quão imperfeito e cheio de defeitos está o Projeto, defeitos estes que apareceram sobretudo com o uso. Seu mérito é sua própria existência e o fato de, apesar de tudo, ter sido capaz de levar as equipes a trabalhar seriamente sobre a sexualidade.

## **5. A “síntese” final.**

O presente documento apresenta a “síntese” final do trabalho. Foi uma equipe internacional, designada pela Equipe Responsável Internacional (ERI), que examinou todo o material recebido, dividindo-o entre seus membros, conforme as línguas. Essa equipe, após consultas a peritos, empreendeu um trabalho sistemático de apuração (não se quis adotar a simples amostragem, recomendado por certos especialistas).

Essa equipe classificou os documentos, procurou destacar as grandes orientações nos diversos assuntos, elaborou um plano e métodos para a redação final, escolheu os

textos a serem citados segundo um duplo critério: os que expressam a opinião geral das equipes e os que expressam uma opinião mais particular porém interessante para ser assinalada. E por fim, a redação final foi confiada ao Conselheiro Espiritual da ERI. (Foi provavelmente em razão de seu estado de vida, que lhe confere uma situação de “neutralidade” nessas matérias, neutralidade essa que pode garantir uma maior objetividade.)

O conjunto foi dividido em quatro grandes capítulos, que cobrem as oito pistas do Projeto. Julgou-se, porém, que se deveria reservar para outro trabalho aquilo que diz respeito à educação das crianças e, especialmente, sua educação para a sexualidade (a pista VI). Esta matéria importante merece ser tratada à parte, em si mesma. Portanto, sobre este assunto, só serão encontradas aqui algumas grandes orientações, pois o tema não poderia ser ignorado.

Foi necessário fazer mais uma triagem entre os textos selecionados e os testemunhos anônimos citados ao final de cada capítulo, para não se chegar a um documento com mais de 300 páginas... Procurou-se reduzir as repetições, embora lastimando o sacrifício de alguns textos interessantes. Pedimos perdão aos que neles haviam colocado tanto coração e tanto espírito!

Eis as regras que se quis observar na redação final:

1. Dar a palavra, o máximo possível, aos equipistas, o que fez multiplicar as citações textuais (em itálico) e reduzir a parte redacional.
2. Relatar as posições assumidas pelas equipes, sem querer julgá-las. Trata-se de retratar o mais objetivamente possível essas opiniões e não de constituir um documento dogmático.
3. O documento final foi redigido em francês e será este o texto de referência. Mas será traduzido nas principais línguas do Movimento.<sup>1</sup>
4. Dever-se-ia indicar a origem de cada texto citado? Julgou-se que seria fastidioso. Logo, não se indica a proveniência quando se trata de uma citação que reflete uma opinião geral; indica-se apenas aqueles em que parecia haver uma boa razão para fazê-lo.
5. Não foi possível relatar todas as opiniões e todos os matizes: houve necessidade de estabelecer limites. É possível que alguns não se reconheçam nas respostas, pois as perguntas escolhidas nem sempre foram as mesmas nas diversas equipes.

\* \* \*

---

<sup>1</sup> Para a maior parte dos textos em português, provenientes do Brasil e de Portugal, foram reproduzidas as respostas originais (N.T.)

N.B. As siglas são as seguintes:

(F) toda a área de língua francesa

(Br) Brasil. Como se verá, são as duas fontes mais fecundas.

(Austr) Austrália

(D) Alemanha-Áustria

(E) Espanha

(It) Itália

(P) Portugal

## Capítulo I

### HOMEM, MULHER, CASAL, IMAGEM DE DEUS

*Deus criou o homem à sua imagem,  
à imagem de Deus ele o criou,  
homem e mulher ele os criou.  
Gen. 1, 27*

É da palavra de Deus que devemos partir se quisermos compreender o que é a sexualidade no plano de Deus, deste versículo do livro do Gênesis, que é o texto fundamental. Sem esquecer o versículo 24 do capítulo 2:

*Um homem deixa seu pai e sua mãe, se une à sua  
mulher e eles se tornam uma só carne.*

A condição sexuada não é um acaso, um capricho da Natureza; é vontade de Deus, faz parte do plano de Deus. Foi Deus que criou o ser humano homem e mulher, “macho e fêmea”. Foi ele que inventou a sexualidade, ele que inventou o casal.

Queremos compreender melhor de que maneira a sexualidade afeta toda a vida, toda a pessoa, como ela é uma das duas maneiras de ser pessoa, pois somos totalmente homem ou mulher. Eis porque começamos por nos questionar sobre nossa maneira de perceber nossa condição sexuada. Sentimo-nos à vontade nela? Como percebemos as diferenças? Há, em nossos dias, uma evolução na maneira de ser homem e mulher? E no casal, como funciona este encontro dos dois sexos? Trata-se, nesta primeira etapa, de simplesmente tomar consciência das realidades.

#### **A - Ser homem, ser mulher: a “alteridade”<sup>2</sup>, as diferenças.**

##### **1. O ser humano em dois sexos**

O que mais marcou a reflexão neste capítulo foi, sem dúvida, a melhor compreensão - e para muitos a descoberta - de que:

- a sexualidade é um dom de Deus e, como tal, faz parte da vocação do ser humano,
- ela marca profundamente cada um de nós em todo o nosso ser, muito além e muito mais amplamente do que aquilo que se convencionou chamar de genitalidade, à qual muitas vezes se a reduziu.

---

<sup>2</sup>No texto francês: *altérité*, termo de filosofia significando *qualidade do que é outro*. (N.T.)

Em conseqüência, a sexualidade é demitizada: deixa de ser uma palavra chocante, um tabu, para tornar-se uma realidade bem normal e um valor humano positivo.

*Deus fez uma maravilha em nós, ao nos conferir uma identidade sexual.*  
(F)

Somos todos igualmente seres humanos, mas não sem diferenças. Diz-se, porém, ser difícil saber em que medida as diferenças entre homem e mulher, tal como as conhecemos hoje, são estreitamente vinculadas à diferença biológica e em que medida são de origem cultural. Alguns lançam até uma prospectiva bastante original:

*É preciso definir novos pontos de referência a respeito das diferenças, que não são apenas biológicas: o problema não está mais na diferenciação dos sexos e de seus respectivos papéis, mas na complementaridade de todas as diferenças, a ser organizada. E isto, não somente no casal, mas no conjunto de uma sociedade que atualmente se constrói (inclusive na sua dimensão européia e planetária). (F)*

## **2. Ao mesmo tempo semelhantes e diferentes**

Alguns tentaram traçar um retrato diferenciado do homem e da mulher, enquanto outros remetiam prudentemente aos livros especializados. Eis aqui, a título de exemplo, dois “retratos”, um proveniente da França, outro da Espanha; um, mais conciso, outro mais descritivo.

### Um retrato à francesa:

#### Mulher

- Reage no momento.
- Mais mística: a fé é com ela mesma e ela arrasta a família por este caminho.
- Mais sensível às mudanças de ambiente: quer furar os abcessos mais depressa para resolver os problemas.
- “É garantidora do ambiente confortável do lar”.
- Intuitiva, sentimental.
- Receptiva e inconstante
- Faz mais concessões.

#### Homem

- Reage no tempo.
- Macho dominador: deve ser forte e sustentar os seus.
- É o chefe da família.
- Esquece facilmente as briguinhas e se questiona menos.
- Desdramatiza as situações.
- Direto. Tranquilizador pela sua presença e por seus conselhos.

### Um retrato à espanhola:

Diferenças físicas. São facilmente compreensíveis, em função dos caracteres primários e secundários próprios ao sexo. Em relação ao trabalho, o homem é fisicamente mais forte e mais dotado para enfrentar

*serviços mais duros que exigem maior esforço. A mulher é fisicamente subordinada aos ciclos próprios de seu organismo.*

*Diferenças intelectuais. Os dois sexos são iguais em capacidade intelectual, mas não em suas manifestações. O homem é mais racional, a mulher mais intuitiva. A mulher é mais aberta à argumentação, o homem é mais obstinado e fixo em suas idéias. No processo de desenvolvimento psicológico, a mulher é pelo menos dois anos mais adiantada que o homem.*

*Diferenças espirituais. O homem é mais racional, a mulher mais piedosa, mais propensa à religiosidade. A mulher é mais sensível e levada ao sentimentalismo, o homem é mais frio e cerebral.*

*O homem é mais veemente e impulsivo, com uma capacidade maior de decisão; a mulher mais suave, mais delicada, menos enérgica. A mulher tudo engloba no amor. O homem vive mais em compartimentos estanques, dando sucessivamente atenção a suas diversas atividades: família, trabalho, amigos, amor... O homem é mais “reto”, simples e nobre; a mulher mais volúvel, envolvente, mais dissimulada, astuta...*

*Em geral, a personalidade da mulher é globalizante, ela não consegue desvincular os problemas uns dos outros, necessita entregar seu coração e sua alma antes de entregar seu corpo; daí decorre que na sua relação sexual ela é mais complexa e necessita de um clima em que reina o amor. Ela não é propensa a experiências novas...*

*O homem, ao contrário, é geralmente mais cerebral e reservado quanto ao seu mundo interior e, mesmo sendo mais abstrato, desvincula facilmente as diversas facetas de sua vida, trabalho, família etc. No dom do corpo, ele simplifica as coisas, engaja-se totalmente e, para ele, o prazer é primordial, mesmo em relação ao amor. (E)*

### **De onde vêm as diferenças?**

Como já se disse, é difícil determinar com precisão a origem dessas diferenças.

Existem, evidentemente, os elementos biológicos incontornáveis. Por vezes, são sublinhados de maneira surpreendente.

*A diferença anatômica é profunda: já está presente no cérebro. (F)*

*Existem elementos inscritos na própria sexualidade que nunca poderão ser mudados e dos quais decorrem certas atitudes fundamentais que não se pode rejeitar sem provocar.*

*Nunca se poderá modificar o fato de que o homem dá a sua semente e que a mulher a acolhe, a faz germinar e dá à luz um filho que ela amamenta. Uma mulher jamais poderá perceber a violência dos sentimentos que invadem um homem que dá a sua semente. Um homem jamais poderá saber o que representa carregar um filho no ventre e pô-lo no mundo, para depois dar-lhe o seio. Daí decorre que o homem deve buscar fora aquilo que dá à sua família e que a mulher acolhe este alimento para transformá-lo em vida para sua família. A mulher é fundamentalmente aquela que transforma o que o homem traz, dando-lhe vida e sentido. (F)*

Alguns insistem especialmente sobre alguns confrontos que parecem oriundos da natureza. Mas não serão estes devidos a um desenvolvimento histórico? Assim:

*Confronto interior x exterior:*

- o poder “oculto” da dona de casa, enquanto o homem manifesta-se mais socialmente;

- as profissões de “interior” são femininas (ensino, acolhimento...), enquanto as profissões de “exterior” são muitas vezes monopolizadas pelos homens (construção, agricultura).

*Confronto particular x geral:*

- O homem está mais à vontade nas grandes linhas, na concepção de projetos; a mulher é mais dotada para organizar os detalhes. (F)

Algumas equipes discutiram calorosamente sem chegar a um acordo.

*Alguns pareceram pensar que, em razão das funções muito diferentes do homem e da mulher em relação à criança que vai nascer ou do filho pequeno, os traços de caráter mais específicos poderiam ser considerados inerentes ao homem e à mulher e não culturalmente adquiridos. A mãe, pela função de carregar o filho e de estar em “simbiose” com ele, tende à estabilidade, à continuidade e a ser mais “sensível”. Tendo função de “desligar” o filho de sua mãe, o homem vive mais o instante presente, sente-se à vontade em situações sucessivas muito diferentes ou conflituosas. Ele tem mais facilidade para tomar distância.*

*Alguns sustentaram a tese da intercambiabilidade do homem e da mulher, trazendo exemplos concretos: uma mulher que assumiu sozinha os papéis de pai e mãe, pais que cuidam de bebês com facilidade, carreiras profissionais outrora especificamente masculinas ou femininas que se diversificam...*

*Outros, ao contrário, dizem que esta não-diferenciação é um receio, uma recusa da diferença, que isto leva a uma certa confusão, uma perda de substância, e que a causa é sobretudo cultural, ligada às lutas de “libertação” da mulher. (F)*

A origem das diferenças não está, pois, muito evidente. Mas a cultura e a história intervêm e são freqüentemente determinantes. Pode-se lembrar a frase do filósofo francês Merleau-Ponty: o homem é uma “idéia histórica” e não uma “espécie natural”.

*Não existe uma efetiva diferença homem-mulher. Algumas características foram sendo sublinhadas e reforçadas pela cultura e pela tradição. A atração dos sexos, os valores, as aspirações, os ideais são comuns. Ao criar estereótipos, a cultura remodelou a natureza. (It)*

*Foram a cultura e a história que acentuaram certas diferenças, criando a predominância do homem sobre a mulher, uma dominação mal compreendida de sua força física. A cultura e a história estão assim na origem da atribuição dos trabalhos e das funções na sociedade: para a mulher, os papéis domésticos, para o homem, os papéis externos. (E)*

Algumas equipes australianas fazem uma consideração interessante. Elas pensam que quando se fala de alteridade homem-mulher, trata-se da noção de **gênero**

mais do que de **sexualidade**. A sexualidade seria a “dosagem de masculinidade e de feminilidade própria de cada um de nós”.

Uma destas equipes, aliás, se questiona se deve dar importância à pergunta: de onde vêm as diferenças?

*Somos criaturas de nossa sociedade e de nosso meio ambiente e os costumes sociais e culturais são muito importantes. Mas a despeito desses costumes, há modelos bem definidos de seres masculinos e femininos aos quais aderimos livremente. Vive la différence! (em francês no texto).*

*Alguns sentem-se acima de tudo seres humanos, enquanto outros sentem-se constantemente sexuados e percebem seu gênero como que impregnando todos os seus relacionamentos. Alegram-se plenamente com sua masculinidade ou feminilidade. (Aust)*

### **3. Aceitar seu próprio sexo.**

*Em geral, cada um aceita a sua condição sem grandes problemas:*

*Lamentamos a nossa condição sexual? A equipe responde, unânime: não! Sentimo-nos bem com nosso estado... (F)*

*Aceitar-se sexuado dá cor a toda a vida. (F)*

Alguns não devem ter entendido bem o sentido desta pergunta, como testemunha este juízo radical:

*Aceitação da condição sexuada: o equipista ou a equipista que ainda estivesse questionando-se sobre este tipo de coisa, estaria num inquietante estado de adolescência retardada. Como é que, em toda decência, o Movimento pode fazer uma pergunta dessas? (F)*

E no entanto, existem algumas lamentações, mas é preciso compreendê-las. São quase que exclusivamente expressas por mulheres, que se queixam, não de sua natureza, mas de sua educação. E existem homens que lastimam não poder experimentar as sensações da mulher grávida e de não poder ter um filho. Mas é bastante raro!

Eis alguns trechos do testemunho de uma mulher que não se sente bem em sua pele de mulher. Outros poderão ser encontrados - alguns bastante emocionantes - na série de “testemunhos anônimos” no final do capítulo.

*Sempre tive dificuldade em aceitar-me. Guardo algumas anedotas, como esta lembrança de minha infância, quando, para aborrecer meu irmão caçula, dizia-lhe: “quando eu crescer, vou ser papai”!*

*Na época, já sentia minha mãe menos sólida que meu pai, que eu admirava enormemente. Mais tarde, adolescente, convivia mal com o desconforto das menstruações. Os rapazes, esses, não ficam “incomodados” uma vez por mês! Vejo-me no espelho imaginando como eu seria se fosse um rapaz e fazendo um bigode com a ponta de meus cabelos compridos! (...)*

*Quando tive meu primeiro filho, senti-me mais próxima de minha mãe. Mas logo senti a necessidade de me diferenciar dela. Tinha lembranças de seus gritos e de suas raivas e não queria que meus filhos tivessem esta*

*mesma imagem de mim. Só consegui em parte: é difícil não fazer, nas mesmas circunstâncias, aquilo que nos fizeram. (...)*

*Idolatrei meu pai, assim como todas as filhas, talvez, e no entanto percebo que sou autoritária como ele e que, como ele, tenho muitas vezes a crítica nos lábios; que, como ele, sou desagradável para com os meus. Senti com frequência que para ele, as mulheres da família nada valiam em matéria de negócios. Apesar de ter herdado um pouco de seu espírito empreendedor, sofro com o desprezo que sinto com muita força, por vezes, em nossos contatos.*

*Por causa de todas essas dificuldades, tenho muitos problemas, hoje, em assumir-me e temo, acima de tudo, que meus filhos me julguem erroneamente. Quanto a meu marido, parece amar-me, apesar dos defeitos que procuro combater. (F)*

Por vezes, os papéis são vistos como mal repartidos pela natureza: na vida profissional, por exemplo, o homem, por ser homem, é favorecido e considera-se que é ele que deve decidir, dirigir, mesmo quando a mulher é mais competente.

Mas há mulheres que desejam proclamar bem alto sua alegria de ser mulher.

*Louvor é a palavra que salta em minha mente para resumir toda a alegria que sinto em ser mulher. Sempre gostei do meu sexo e jamais o trocaria pela condição de homem.*

*Sou muito feliz porque tenho consciência que para mim o sexo tem sido um prazer, uma alegria, porque eu tive a felicidade de escolher um parceiro compreensível e bom.*

*Sou também agradecida a Deus por ter feito de nós, mulheres, geradoras de vida. Sei que meus filhos são frutos do meu amor pelo meu marido e gosto de saber que eles vieram também de uma fonte verdadeira do Amor. Orgulho-me quando sou chamada de “mãe”, para mim uma das mais doces palavras.*

*Gosto de minha sensibilidade aguçada, da ternura, do meu romantismo, que não se perdeu mesmo com o passar dos anos...*

*Canto hoje a Deus meu louvor por me ter feito mulher, cooperadora da magnífica e inacabada obra da criação. Sinto-me realizada dentro da minha vocação feminina. (P)*

#### **4. O peso da educação.**

Quanto à maneira de aceitar-se ou não, de sentir-se bem na própria pele, poder-se-ia falar de um verdadeiro condicionamento através da educação. Na realidade, o trabalho aponta os dois principais fatores de condicionamento em matéria de sexualidade: a educação recebida, por um lado, e o que sucintamente é designado como “a Igreja” por outro. E há uma insistência sobre a necessidade de uma verdadeira educação dos jovens para a sexualidade.

*A forma de ser educado condiciona a forma de sentir-se bem com seu próprio sexo.*

*A Igreja condicionou nosso ser sexuado. (F)*

É de se notar que a importância deste condicionamento é enfatizado sobretudo pelos casais mais idosos.

**O papel dos pais** (e mais particularmente o da mãe) foi, com frequência, determinante.

*Uma equipista, na sua adolescência, não aceitava ser mulher, por medo dos homens, o que a levou a se tornar um “pseudo-rapaz”<sup>3</sup>. Duas causas: a educação (a mãe, a moral, etc.) e uma experiência desastrosa. (F)*

*A “mãe negativista” daquela que queria ser rapaz dizia-lhe que as meninas não são interessantes, são menos inteligentes, que para uma moça a puberdade é um horror, que a mulher grávida provoca repulsa nos homens que a olham.*

*A “avó positiva” de uma de nós dizia o contrário: as meninas são cativantes; pode-se ensinar-lhes mil coisas que os rapazes nunca poderão fazer, entre elas, meia palavra basta. São as mulheres que fazem e desfazem as famílias. Elas são a pedra angular, são elas que ensinam e transmitem a tradição, a fé, as receitas de geleias e de bolos gostosos. As mulheres governam o mundo. (F)*

Não somente as filhas foram condicionadas. Os filhos também, como testemunham os equipistas.

*A idéia de um uso pecaminoso da sexualidade era de tal maneira obsessiva que não fomos educados de forma adequada. Mas acreditamos que os casais foram adaptando-se no decorrer da vida, às apalpadelas. A deformação atinge o próprio casamento, sobretudo para as mulheres, em razão de uma educação equivocada em relação à pureza, que deveria ser o principal objetivo da mulher, apoiado numa piedade exagerada. (E)*

*Pode-se resumir assim o condicionamento de nossa infância e adolescência:*

- meninos e meninas brincarem juntos era mal visto: tínhamos que ser sempre superiores às meninas;*
- o desenvolvimento dos filhos era conforme aos gostos e desejos dos pais, sem levar em conta os das crianças;*
- carência de educação sexual em família: esta se originava do meio em que circulavam as crianças. (E)*

Julga-se que **o papel da Igreja** no peso da educação é considerável.

*É difícil chegar a ultrapassar as proibições, os tabus que a Igreja tem veiculado a respeito da sexualidade, do prazer. Em que pese haver hoje uma linguagem mais aberta, ela não é ouvida: o bloqueio é profundo demais. (F)*

Uma equipe australiana, observando que dentre seus membros, “as três pessoas mais à vontade, mais satisfeitas com seu ‘gênero’, eram de origem não-católica” pergunta-se se o ensinamento da Igreja não teria exercido um impacto no sentido da sexualidade entre os católicos, muito além das questões habituais referentes à moral sexual e às atitudes face ao eros. Não são apenas os australianos que se questionam.

---

<sup>3</sup>Em francês: “garçon manqué”, moça com trejeitos masculinos. (N.T.)

*Fui criada num colégio religioso, o que dificultou a minha desinibição. Os meus bloqueios são muitos e há dentro de mim uma luta muito grande para não passar isto para as minhas filhas. (P)*

Questiona-se particularmente a **educação dos jovens** para a sexualidade. O assunto deveria ser tratado mais adiante, mas não podia deixar de ser colocado desde o início.

*A nossa educação não nos ensinou a sexualidade. Quando éramos muito jovens, inculcaram-nos as noções de serviço, de justiça, de rigor, do respeito absoluto às meninas: não chegar perto! Sempre percebi a mulher num pedestal. Essas proibições não levavam a um desabrochamento. (F)*

Outros testemunhos, no final do capítulo, dão exemplos deste condicionamento através da educação. É importante que esta educação seja revista, particularmente neste campo.

*A educação dos adolescentes para a sexualidade é problemática. Porque a definição dos papéis masculino e feminino permanece obscura no meio das mudanças atuais. E a estrutura educacional atual priva os adolescentes de uma socialização necessária e de um relacionamento funcional com os adultos. Eles carecem (e mais particularmente os rapazes) de “suportes de identificação”. (F)*

*Parece-nos importante propiciar não apenas uma educação sexual para os nossos jovens, mas também uma educação para o Amor, para o comportamento amoroso, para os gestos de afeição, de ternura, de perdão, de confiança, para o respeito ao outro, para as responsabilidades pelo crescimento do outro. (F)*

*Há necessidade de dizer em alto e bom tom que o Amor é Bom e Belo. Para isso, deve-se dizer que não há gesto nem palavra insignificante, mas deve refletir um sentimento de amor, de afeição, de ternura, de respeito, mesmo que ainda não seja “para sempre” (Br)*

Eis um testemunho particular que encara a educação sexual numa visão mais ampla.

*Educação sexual dos jovens: dito nestes termos, a mim também parece difícil. Para mim, ela se insere na “educação para a vida” que começa no berço e até antes do nascimento:*

*- quando o futuro papai fala com sua esposa com ternura, não estará a criança, no útero, percebendo esse diálogo, essas vibrações?*

*- quando, na família, os pais têm gestos de afeição diante dos filhos, quando eles conversam com confiança, quando falam de suas dificuldades de infância neste campo e em outros, daquilo que os ajudou a crescer...*

*- na adolescência - e sempre porque estas coisas estão ligadas à vida - o pai ao filho e a mãe à filha, dirão suas inquietações pessoais do tempo que eram adolescentes. Temos um filho de treze e um filho de onze anos e aproveitamos todas as ocasiões (as espinhas na pele, a voz que muda...) para falar das transformações, modificações, hormônios, adolescência, da vida diferente que se abre, do relacionamento com os*

*outros, de “estar mal na pele que se faz pequena”. Tudo isto, abordamos juntos, no carro, à mesa.*

*Nós, os pais, nos informamos. (...) Nem sempre estamos de acordo, mas na vida também, nem sempre estamos de acordo. Procuramos com simplicidade falar a verdade com nossos filhos, a respeito da vida, de toda a vida e logo, da sexualidade também. (F)*

## **5. O que evoluiu.**

Olhando os jovens, percebe-se que muitas coisas mudaram.

Há uma evolução tanto no estilo de vida quanto nas mentalidades, mas também nos papéis do homem e da mulher. Haveria uma transformação da alteridade, da maneira de ser homem ou mulher?

Numerosas equipes estudaram estas transformações, sobretudo no que diz respeito ao papel da mulher na sociedade. Os mais antigos foram particularmente atentos:

*Falou-se muito da evolução do papel da mulher. Nossa geração (60 anos em média) está num ponto de inflexão. Como resultado, essas reflexões nos permitiram fazer uma releitura de nossas vidas, com uma maior conscientização, atentos às diferenças, aos outros valores das gerações que nos seguem: filhos e netos.*

5.1. Eis **alguns exemplos** do que se constata em geral e também do que se lamenta nessa evolução.

*Sexualidade: para alguns, reduz-se ao desejo; para outros, está mais ou menos esvaziada: brincam de irmão e irmã, dormem juntos...*

*Domínio da fecundidade: a mulher toma a decisão, o homem não tem mais o que decidir, o diálogo desaparece.*

*Importância do trabalho: com frequência, por razões econômicas, a mulher deve trabalhar; as diferenças ocupacionais são menos nítidas: tarefas femininas assumidas por homens, a licença maternidade por vezes assumida pelo homem.*

*Noção de fidelidade: uma imagem veiculada pela mídia...*

*Valores morais: existe menos hipocrisia. (F)*

*Entre os jovens, constata-se os efeitos da revolução sexual (liberdade de contracepção). Hoje, as moças estão em pé de igualdade com os rapazes, já que elas também podem ter relações sexuais “sem risco” desde a adolescência. Daí segue que, tendo feito a experiência precoce do “amor”, os jovens podem se descobrir vítimas da banalização do prazer sexual, que não mais pode responder a suas expectativas de ternura e de segurança afetiva (que continuam sendo procuradas). (F)*

*A juventude de hoje ganhou em liberdade e informação, mas falta ainda formação, porque os pais, provenientes de uma época de repressão e de dupla moral, estão perplexos com as mudanças. (Br)*

Pode-se dizer que a cultura remodelou a natureza:

- o papel da mulher evolui no tempo e na sociedade (o mundo do trabalho e o mundo político, por exemplo),
- a mulher tem, muitas vezes, uma tríplice vocação: esposa, mãe, profissional; como conciliar tudo?
- a mãe no lar não faz parte dos esquemas da mídia atual, que não a valoriza,
- o fato de viver num mundo dominado pela mídia erótico-sensual tem uma influência certa (voluntária ou não) sobre a vida do casal (na publicidade a mulher é objeto): amar torna-se ter prazer, quando, antes de tudo, amar deveria ser uma decisão,
- os jovens sofrem forte influência da mídia; a procura do “look” (aparência) torna-se angustiante: corre-se atrás de uma imagem e fica-se sempre insatisfeito,
- será que a mídia tem o direito de tudo mostrar e de influenciar nossos filhos de uma forma nefasta e contrária aos nossos desejos? (F)

Qual é o tipo de evolução que se desejaria? No fundo, pede-se coisas muito simples.

*Nosso desejo de evolução:*

- respeito da complementaridade do homem e da mulher entre si,
- não cair no matriarcado nem no patriarcado,
- revalorizar o papel da mulher no lar, para que nossas mocinhas possam escolher o caminho de seu desabrochar,
- papel da mulher educadora, no lar, na sociedade. (F)

5.2. **A mídia**, como se vê, é vivamente atacada. Segundo se julga, ela é como um cavalo de Tróia introduzido no seio da família, contradizendo e combatendo a educação desejada pelos pais.

*A mídia é uma das causas da degradação dos costumes, seja pela repetitividade de certas campanhas publicitárias, seja pelos filmes que praticamente nunca apresentam famílias normais, mas casais desunidos ou coabitações juvenis. Note-se, igualmente, a apologia dos “ídolos” junto aos jovens, que os querem tomar por modelo e parecer-se com eles em tudo.*

*Desenvolvimento evidente do sexo e do dinheiro.*

*Utilização do sentimento a torto e a direito e uma supressão dos tabus que chega a desagregar o sentido moral: “é algo que se faz, portanto é permitido; as conseqüências, é problema meu!” (F)*

*A mídia não veicula mais os estereótipos clássicos de homem, de mulher, de família. Assiste-se em nossos dias a uma ruptura do modelo familiar. A mulher deve ser uma “super woman” que trabalhe (e que seja bem sucedida), que seja mãe, esposa, amante (bela, elegante, magra, conforme os cânones em vigor). É normal que nessas condições ela não traga ao mundo mais do que um ou dois filhos. O homem deve ser bem sucedido, permanecer jovem, esportista e... sedutor.*

*É preciso ter aparência e ser admirado. Prega-se uma vida material: é o reino do consumo e do lazer. Nota-se a imagem retrógrada dos católicos*

*veiculada pela mídia, assim como a das famílias numerosas, que nada tem de atraente... (F)*

*É certo que no momento atual, a influência da mídia sobre nosso comportamento é considerável, a tal ponto que se torna apenas tolerado pensar, agir e comportar-se de modo diverso dos modelos de identificação que ela nos apresenta (nem sempre, infelizmente, no bom sentido). É a era do estereótipo.*

*Os mais expostos são os jovens. Qual é a jovem que tem a coragem de dizer que não toma a pílula, sem ser tratada de antiquada, inconsciente ou débil mental? Qual é o rapaz de 18 anos que tem a coragem de dizer que nunca deitou com uma moça (é assim que se diz) sem ser apontado com o dedo? Por que? Porque a mídia, escrita, falada, cantada e, mais ainda, cinematográfica e televisiva só fala e mostra maus exemplos que são transformados em modelos. Estamos “in”; a cultura nos modelou “in”. Acima de tudo, é preciso estar “in”... (F)*

É necessário, portanto, desenvolver, sobretudo nos jovens, o sentido crítico diante da mídia. Saber denunciar e boicotar o que é inconveniente. Mas também, saber tomar iniciativas para utilizar a mídia como canal para levar a Boa Nova.

5.3. Mas voltemos à evolução da **maneira de ser homem e de ser mulher**. Faz-se juízos diferentes desta evolução, e estima-se que ela não se faz sem sérias resistências, notadamente porque se pensa que existem coisas a salvaguardar. Começamos pelo testemunho de um casal de uma certa idade.

*Eis o resultado de nosso discernimento.*

*Evocamos a herança dos últimos anos e em particular de maio de 68: devemos hoje “digerir” a liberação sexual, a libertação da mulher e as reivindicações de igualdade. Situamo-nos numa sociedade em movimento e, sobretudo, pluri-cultural.*

*Os valores que nos são caros se tornaram objeto de escárnio. A mulher no lar, para muitos, parece um fóssil pré-histórico. Como defender nossa posição, como explicar que para nós a presença junto aos filhos e a nossa disponibilidade para com os outros é fundamental, que nosso papel na sociedade e nas associações é uma escolha?*

*Por outro lado, o lugar do homem também está se modificando. Os homens aceitam com dificuldade a divisão das tarefas. Não é assim tão natural chegar do escritório e se pôr a cuidar do nenê com alegria e serenidade. Também neste ponto, a mídia propõe e impõe condutas que são excessivas.*

*Somos de opinião que o homem e a mulher não devem ser intercambiáveis no casal. Cada um tem a sua competência. Em contrapartida, deve se lançar mão da ajuda mútua, nas deficiências de um ou de outro. (F)*

Algumas equipes sentem-se mesmo confusas diante da dificuldade de encontrar pontos de referência sólidos para situarem-se.

*Por tantas diferenças entre o que não se aprendia no nosso tempo e o muito que se fala e sabe hoje de sexo e sexualidade e de maneira tão controversa - até pela própria Igreja - queríamos que nos falassem onde está o pecado de tantos anos? E o que é e o que não é pecado hoje? (P)*

Mas esta evolução dos respectivos papéis tem claramente um lado bom:

*Concluimos que o ato sexual na vida do casal é muito importante. Antes não valia de nada, na vida dos casais “normais”, na Igreja. Na relação conjugal havia mais direitos do homem e a mulher tinha que obedecer. Erros grandes que devem morrer nesta geração. (P)*

A velha imagem clássica desapareceu:

*- o homem, único a trabalhar para o sustento da família, que volta para casa à noite para ser servido; a mulher sobrecarregada pelos afazeres domésticos...*

*- hoje, em muitos casais, o homem e a mulher trabalham e ganham; logo, os filhos atrapalham e, graças à pílula, pode-se limitá-los;*

*- muitas coisas não são mais exclusivas do homem ou da mulher; vê-se muitos homens fazendo as compras, seguindo escrupulosamente a lista feita pela esposa, que mantém a organização da casa: ela tem mais cabeça!*

*- o homem se mete também com mais frequência nos trabalhos da casa: faz um pouco de faxina, lava a louça (mas logo compra uma lava-louça), leva as crianças na escola...*

*- a gestão do orçamento se faz mais a dois, mas a mulher continua sendo a cabeça pensante e conserva a decisão final.*

*Entretanto, a mulher se culpabiliza por trabalhar fora quando há problemas com os filhos. O homem não! (F)*

Eis portanto um fato: os estereótipos mudaram muito. Porém, com frequência continua sendo verdade que

*o espiritual continua sendo o domínio da mulher, assim como o papel educador na família.*

**5.4. O papel da mulher na vida social** é, para muitos, o problema mais importante desta evolução. Primeiro, longe de querer restringir este papel, julga-se que não está suficientemente assegurado. Deplora-se com frequência a desigualdade que ainda atinge a mulher frente ao homem, neste campo.

*Achamos que a mulher tem um lugar insuficiente em nosso mundo ocidental. Mas pensamos que não é pedindo-lhe que faça o que os homens fazem que se chegará lá. Deve-se valorizar aquilo que é seu papel, e isto passa pela valorização social da família. (F)*

A dificuldade mais apontada é a de conciliar o papel “externo”, especialmente o trabalho externo da mulher e sua presença no lar, onde seu papel é capital. Citemos primeiro um breve testemunho que chama a atenção sobre um certo aspecto passional desta questão:

*O diálogo entre a mulher no lar e a mulher no trabalho não é nada fácil: dizemos isto a respeito da mulher que tem filhos ainda pequenos e que voltou ao trabalho - não por razões financeiras - e da mulher que fez a escolha de ficar em casa para criar os filhos. Por vezes, parece impossível dialogar em verdade e em paz sobre esta questão: por que esta escolha? A mulher que trabalha fora parece sentir-se logo culpabilizada e torna-se agressiva quando se aborda esta questão. (F)*

Sobre este trabalho da mulher fora do lar, as opiniões são bastante divididas e, muitas vezes, seguem a curva etária:

*Os mais jovens da equipe pensam que o trabalho da mulher é indispensável para a sociedade. Os que estão entre 40 e 50 anos, julgam o papel da mulher preponderante para a educação das crianças, criadas de forma diferente segundo seu caráter e não segundo seu sexo. De toda forma, a mulher continua sendo, biologicamente, foco de vida, de acolhimento, de dom. Será sempre difícil assumir seu lugar.*

Em muitos casos, procurou-se fazer um balanço das vantagens e desvantagens do trabalho da mulher fora do lar e seria maçante dar aqui uma lista completa. Vamos contentar-nos com um exemplo entre muitos outros.

*É verdade, há dificuldades. O trabalho da mulher fora do lar, por necessidade ou pela busca de uma realização profissional ou pessoal, tem provocado sérias conseqüências: dificuldades no relacionamento conjugal e com os filhos, falta de assistência à família, prejuízos para a educação das crianças, carências afetivas, crise no lar...*

Estes aspectos, porém, podem ser sanados: quando a mulher sabe dosar suas ocupações e atividades, exercendo bem seu papel na vida conjugal e familiar.

*A solução, é que a mulher tenha o discernimento necessário para agir com equilíbrio, buscando sua realização pessoal sem prejuízo para sua missão de esposa, companheira do marido, mãe e educadora de seus filhos. É melhor renunciar ao próprio ego para realizar um bem maior: a felicidade conjugal e familiar. (Br)*

Foi, portanto, sobretudo o papel da mulher que mudou, tanto no lar quanto na sociedade. Mas existe uma séria ressalva. Esta mudança não se encontra em todo lugar e, em particular, não na **Igreja**. Muitos lamentam o papel reduzido da mulher, numa Igreja que qualificam de “misógina”:

*Na Igreja, as mulheres só desempenham papéis subalternos.*

E surge várias vezes a pergunta:

*Por que não mulheres diaconisas? (F)*

Esse lugar da mulher na sociedade e na Igreja levanta verdadeiramente grandes problemas e algumas equipes só falaram disso em sua primeira reunião, lastimando que não se tenha logo feito a pergunta sobre o lugar da mulher na Igreja.

*Na sociedade civil, a mulher é cada vez mais reconhecida como igual ao homem; na sociedade Igreja ainda está nos degraus inferiores. A mulher sente-se excluída da liturgia... (F)*

Duas mulheres quiseram expressar seu sofrimento diante de um certo “machismo” que persiste na Igreja. Uma delas fez algumas perguntas muito precisas, após uma reunião que parece ter sido muito tensa...

*Quais são as idéias que os padres transmitem sobre as mulheres? Notadamente nos seminários. Quais poderão ser as conseqüências do celibato exigido sobre a visão das mulheres com as quais convivem?*

*Será que o pecado original não pesa demais nos ombros de Eva, injustamente, e sobre a natureza feminina que ela supostamente representa?*

*Durante sua formação, os futuros padres têm uma iniciação à psicologia? Eles têm professoras? Sabem eles dos problemas que a contracepção pode causar a um casal? Será que eles tiveram contato com ginecólogas? O assunto é tabu? (F)*

Haveria todo um trabalho a empreender em Igreja, muito além, aliás, do caso da mulher ou da educação sexual, que ainda precisa fazer muitos progressos.

*O mundo atual privilegia a questão da liberdade, mas faz bem pouco caso da responsabilidade. O que a Igreja, povo de Deus, deveria propor ao mundo, é uma espiritualidade educadora, ao mesmo tempo, da **liberdade** e da **responsabilidade**, sendo os dois termos tomados no sentido positivo da realização do ser humano, homem ou mulher, em si mesmo e na sua relação com Deus. (F)*

As duas reflexões seguintes resumem, de certa forma, toda esta evolução: uma vem da França, outra do Brasil. Na primeira, pode-se encontrar uma idéia bastante completa e objetiva do que pensam os equipistas.

#### Os estereótipos

*O homem busca modelos de sucesso. O que conta, é sua imagem, sua marca, sua representatividade, o papel que desempenha, sua posição social. É o homem que toma as iniciativas e as decisões e, em princípio, é ele que ganha o dinheiro da família, ele que a sustenta, ele que a defende.*

*A mulher, que na origem tinha mais a missão de cuidar da casa e das crianças, ela que é mais intuitiva e sentimental, tornou-se mais livre no plano afetivo e mais independente no plano financeiro. Com freqüência ela trabalha, o que pode criar uma cisão entre a mulher que trabalha (com suas vantagens: emancipação, modernidade; e seus inconvenientes: desgaste de um trabalho monótono ou repetitivo) e a mulher que permanece no lar. Cada vez mais, a melhoria material das condições de vida libertam a mulher das tarefas materiais, o que lhe permite projetar-se para fora do seu lar, sendo esta uma das razões de seu desabrochar e de sua independência.*

#### A evolução

*Constatamos uma exploração do corpo, do físico, da feição, em detrimento do coração, e do sentido do esforço. O dinheiro é rei.*

*Uma outra evolução consiste no fato da mulher ter cada vez mais a tendência de receber a mesma instrução, ter a mesma escolaridade, praticar os mesmos lazeres e ocupar as mesmas profissões que os homens. É possível que aí esteja também uma busca da igualdade dos sexos.*

*Há também, no momento atual, o problema do desemprego que perturba a noção que o homem tem de si mesmo e, para a mulher, em função do seu trabalho, uma perda de feminilidade e de parte do instinto materno (proliferação de creches).*

*Qual é a evolução desejável?*

*Que o homem e a mulher reencontrem o sentido do serviço, do esforço, e do respeito ao outro. Que reencontrem o lugar dos valores espirituais.*

*Dever-se-ia, quem sabe, promover a partilha do trabalho: trabalho em meio-período...*

*Recolocar em seu lugar de honra o papel de mãe.*

*Que seja permitido aos esposos desabrocharem-se numa melhor divisão das tarefas e das responsabilidades.*

*Que as mulheres possam escolher livremente ficar em casa ou trabalhar fora. Mas seria preciso dar-lhes os meios para tanto.*

*Seria altamente desejável que se reencontrasse a especificidade de cada sexo. (F)*

Uma equipe brasileira levou realmente muito a sério este estudo da evolução e das mudanças e nos propõe um panorama interessante.

*Convidamos dois jovens, uma estudante de Direito de 21 anos e um empresário e bacharel de Direito de 26 anos, que se colocaram à nossa disposição para responderem a qualquer pergunta sobre a vida e o pensamento do jovem de hoje. Havendo muita franqueza e liberdade de ambos os lados, pudemos ter um quadro bem real da situação, com alguns pontos coincidindo com a nossa maneira de pensar e outros mostrando-se mais avançados.*

*Depois da troca de idéias ficou mais claro que:*

- *Houve grande mudança na vida da mulher. Deixou de viver quase que exclusivamente dentro de casa e passou a exercer papel ativo na sociedade, ocupando cargos administrativos importantes, tornando-se profissional respeitada, participando da política e da economia com desenvoltura.*
- *Na vida social, a mulher também se emancipou. Passou a freqüentar os mais diferentes ambientes sem a necessária companhia masculina.*
- *As mudanças na vida da mulher provocaram as mudanças na vida do homem. Passou a ter maior participação nas coisas da casa, dividindo tarefas com a esposa no cuidado dos filhos, alimentação, compras. Notamos que estas atividades são assumidas muito naturalmente, mesmo que em solteiro não estivesse habituado a elas.*
- *A emancipação feminina teve enorme repercussão na vida sexual dos jovens. A relação sexual é aceita com a maior naturalidade, sendo prática comum nos namoros de mais tempo. O assunto é discutido sem tabu entre os jovens e há o consenso de que se deve ter o cuidado*

*para não haver a concepção. O jovem espera que os adultos, principalmente seus pais, aceitem esta realidade e que, em diálogo franco e aberto, possam vir a ser seus melhores conselheiros, inclusive sobre os métodos de controlo da natalidade.*

- *Quanto ao homossexualismo feminino ou masculino, há preconceito. Não são aceitos no círculo de amizades e discriminados no meio profissional. Mas, teoricamente, dizem que não devem ser julgados ou discriminados como pessoas.*
- *Sobre a virgindade. A masculina, apesar de difícil, é respeitada e até mesmo admirada. O homem que se preserva para o casamento não é mais alvo de deboche. Quanto à feminina, deixou de ser condição para o casamento. Dada a abertura havida, o homem vê com maior naturalidade que sua namorada já tenha se relacionado sexualmente com outro. Mas há sempre o desejo de se encontrar alguém sem tanta experiência...*
- *Apesar da menor distinção dos papéis dentro de casa, os jovens ainda acham que cabe à mulher criar o clima de aconchego, de ordem, de romantismo mesmo, no lar. Donde se deduz que isto faz parte essencial do ser mulher e que não pode ser esquecido ou oprimido.*  
(Br)

## **6. Segundo o plano de Deus**

Tinha sido proposto às equipas que refletissem sobre a questão: como tornar-se totalmente homem e mulher segundo o plano de Deus? Seria um pouco a conclusão de tudo o que foi dito até aqui. Mas não é tão simples assim! Pois houve questionamentos sobre o significado de “totalmente” homem ou mulher e sobre o significado de “plano de Deus”.

E para começar, pode-se falar de um plano de Deus? A expressão parece causar alguma dificuldade de aceitação e as objeções chovem, pois ela parece indicar um certo determinismo.

- *Pode-se dizer que Deus tenha um plano?*
- *O plano de Deus é mutável conforme os modismos e os tempos?*
- *Deus é amor; o amor não obedece a um plano, é uma aventura.*
- *Não falemos de plano mas de desígnio de Deus.*

Tivéssemos falado da idéia ou da vontade de Deus, a questão teria ficado, sem dúvida, mais clara. As pessoas acostumam-se com certas palavras... Muitos disseram simplesmente que não entenderam a pergunta. Outros, entretanto, procuraram esclarecer:

*Deus criou-nos para sermos felizes. Fez para nós um plano de felicidade individual que nós, livremente, decidimos realizar em casal. Deus faz, portanto, parte integrante de nós, casal, através do sacramento do Matrimônio que diariamente, comumente, ministramos, esforçando-nos por viver o plano de Deus. (P)*

Eis uma indicação bem precisa, que se refere à liturgia do sacramento:

*Quando da preparação ao casamento, existe a “declaração de intenção”, para tentar compreender qual é o projeto de Deus em nosso casamento, nosso casal, o indivíduo. (F)*

Quanto a saber como tornar-se totalmente homem ou mulher segundo o plano de Deus, muitos confessam sua perplexidade.

*Parece-nos que cada um aceitar sua própria condição sexuada é um primeiro passo para a realização do projeto de Deus sobre nós. (F)*  
*O plano de Deus realiza-se quando se tende a tornar-se um ser perfeito: o casal. (F)*

Alguns procuraram estudar na Bíblia as imagens de homens e de mulheres que o fossem plenamente, para daí tirar as características. Mas é bastante difícil...

É sobretudo entre os casais idosos que se encontra, ao que parece, tentativas de resposta. Assim, diz uma mulher:

*Ser totalmente mulher não é fazer abstração de minha fisiologia nem exacerbá-la; é aceitá-la e até defendê-la. Nunca exerci outra profissão a não ser mãe de família (8 filhos). E como tal, não tenho dificuldade em ser inteiramente mulher, ainda que fosse preciso dominar a situação e não ser dominada por ela; deve ser encontrado um equilíbrio para ser tanto mulher quanto mãe. Acrescentar a isto uma profissão de responsabilidade deve ser difícil...*

Um casal experiente assim se expressa:

*Viver plenamente nossa vocação de homem e de mulher exige um certo número de atitudes. Além de Cristo e de Maria, não há homem e mulher perfeitos e, por outro lado, não conhecemos o caráter nem as particularidades físicas e psicológicas de Cristo e de Maria. Em contrapartida, os outros homens e mulheres que encontramos nas Escrituras têm suas particularidades e, para mencionar apenas os apóstolos, de São Paulo até São João, há grandes diferenças de temperamento. Não existe, portanto, um caráter modelo: pode haver mulheres “de caráter” e homens ternos. Isso está além... (F)*

Será que o **ensinamento da Igreja** nos ajuda a melhor compreender este plano de Deus para o homem e para a mulher? Não se trata apenas de uma questão de vocabulário, mas de toda uma perspectiva.<sup>4</sup>

*Pensamos em nossas mães que, vivendo na pobreza e depois de um quinto ou sexto filho, não recebiam a absolvição porque procuravam não ter mais uma maternidade (e não se falava em aborto), mas não podiam dizer não ao marido que “trabalhava o dia inteiro e sustentava a família”. Diante destes exemplos históricos, questionamos, no concreto, a credibilidade da Igreja em seus juízos e decisões. Não queremos cair em fáceis polémicas: perguntamo-nos qual é ou deve ser o papel da*

---

<sup>4</sup>A questão do ensinamento da Igreja será mais especificamente estudada no último capítulo e teremos oportunidade de expor mais amplamente as respostas das equipes, que são diversificadas e matizadas. Desde este ponto, porém, a questão começou a surgir para alguns de forma aguda e pensamos não poder fazer abstração de posições por vezes duras, como os dois exemplos que seguem.

*Igreja no ensinamento. Será o de traçar o caminho, que só poderá ser padronizado, e depois bancar a polícia, ou será o de formar bem as consciências para que cada um e cada casal, em sua própria situação, sempre diferente, saiba encontrar o caminho e os comportamentos que Deus pede? Somos unânimes em optar pela segunda hipótese. (It)*

*Ficamos contentes por se falar, hoje, em evangelizar a sexualidade. Consideramos isso como um grande passo para frente, mesmo questionando-nos espontaneamente sobre a possibilidade histórica da Igreja estar sempre chegando atrasada aos problemas do Homem... Julgamos, porém, que a evangelização da sexualidade deve simplesmente integrar a evangelização da pessoa humana na sua totalidade, já que, como filhos de Deus, nenhuma parte do nosso ser está excluída da salvação. Todo ser humano é de Deus: todos os seus comportamentos devem inspirar-se no ensinamento evangélico. Nosso Conselheiro Espiritual deseja vivamente que num dia próximo a Igreja coloque nos altares um casal e uma família, reconhecendo desta forma o papel determinante que estas entidades têm na própria Igreja. (It)*

Para concluir, colocamos simplesmente a pergunta: é verdade, como pensa uma equipe, que

*Deus nos perguntará: que fizeste de tua masculinidade ou de tua feminilidade?*

## **B - Ser casal**

“Homem e mulher ele os criou”. Sentir-se totalmente homem ou totalmente mulher é situar-se no pensamento de Deus. Mas pode se dizer que Deus criou um casal. Deve-se refletir sobre todas as dimensões da palavra: “não é bom que o homem esteja só”. Como fazer? A resposta imediata, já se vê, é o casal. O casal, a relação fundamental homem-mulher, é o antídoto radical, o remédio a essa solidão que não convém ao ser humano.

Como se percebe o casal? Mais adiante, veremos como construir o casal.

*O casal é a obra prima de Deus. (F)*

Ótimo! Mais ainda...

*Deus abriu o lado do homem para criar a mulher. No Calvário, o homem abriu o lado de Cristo. É o nascimento da Igreja, que também encontramos no casal. Este lado sempre aberto que permite que se venha buscar a água da vida. (F)*

*É impossível viver só. Você e o seu amor só podem amadurecer e assumir atitudes infinitas se cultivado, se exercitado no dia a dia. Ver para quem e por quem realizar e atingir objetivos é muito mais gratificante do que atingi-los sozinho. Ter com quem dividir suas alegrias, seus medos, suas inseguranças é o que impulsiona o nosso crescimento, o que nos torna mais vivos. (Br)*

Cuidado, porém:

*O casal é o lugar do pior como do melhor. É uma riqueza quando funciona, mas pode ser um inferno! (F)*

Neste ponto, seria interessante ler o testemunho “Adão e Eva”, que se encontra no fim do capítulo.

## 1. Igualdade, complementaridade?

O questionário falava em igualdade e em complementaridade, e foi sobre estas duas idéias que o fogo concentrou-se. Digamos logo que não se quer uma “fusão”, na qual a identidade dos dois cônjuges seria fundida e a especificidade desapareceria. A palavra-chave é **complementaridade**.

*Não a igualdade, mas a complementaridade. (F)*

*Não igualdade, mas complementaridade e especificidade de cada um. (F)*

*Deus quis a complementaridade, que é vivenciada como um presente, uma grande riqueza. (E)*

*Deve haver uma complementação e não concorrência. Alegria de compartilhar. Vontade de crescer juntos. (Br)*

Entretanto, a **igualdade** pode ser considerada, sob certos pontos de vista, como uma característica do casal e, ao mesmo tempo, como um objetivo a alcançar.

*A igualdade no casal não se coloca em termos de confusão em todas as coisas, de reivindicação, de poder, de não-diferenciação dos papéis, mas deve ser um estado de espírito, que se traduz pela corresponsabilidade e pela complementaridade.*

*A igualdade deve ser buscada como um imperativo pelo casal, cujos dois pilares básicos devem ter a mesma altura para o equilíbrio durável do todo.*

*De maneira geral, pode-se dizer que se o homem e a mulher devem ser iguais quanto às missões a cumprir ou quanto às responsabilidades a assumir, não ocorre necessariamente o mesmo quando se trata das ações a empreender ou dos papéis concretos de um e de outro. (F)*

De outro lado, igualdade pode ser uma palavra ambígua. É bom precisar, conforme a opinião bastante geral:

*Iguais mas não idênticos.*

*Não se quer a mulher idêntica ao homem.*

*Um único traço comum de igualdade: somos todos filhos de Deus.*

E aqui também encontramos a freqüente reclamação:

*A igualdade homem-mulher nunca é lembrada naquilo que diz respeito à vida e às responsabilidades na Igreja.*

**Examinemos, portanto, essa complementaridade.** Há um consenso geral para dizer que se entendeu melhor seu sentido e sua importância. Alguns insistem para que não se diga: a mulher é o complemento do homem, mas: o homem e a mulher se completam, respondem às carências um do outro.

*A mulher ou o homem só podem realmente ser mulher ou homem na relação com o outro sexo. (F)*

*Meu primeiro próximo é o meu cônjuge. (F)*

Em alguns casos, procurou-se precisar como funciona essa complementaridade e qual seria sua maior realização.

*Além da complementaridade dos corpos, a complementaridade entre homem e mulher assume pelo menos três formas: a complementaridade **útil**, material, cotidiana (força e autoridade - suavidade, habilidade diferente); a complementaridade **ativa**: enriquecimento mútuo, ajuda para progredir; a complementaridade **“na caminhada”**: o aprofundamento cotidiano da cumplicidade. Tornamo-nos cada vez mais casal, assim como se torna cada vez mais padre.*

*A realização final da complementaridade é assumir o encargo um do outro. (F)*

*Reconhecer a complementaridade homem-mulher não deve servir de pretexto para estabelecer um falso equilíbrio do casal sobre esquemas preestabelecidos. Sob pretexto de igualdade, o homem e a mulher podem acreditar numa liberdade própria de cada um, que, mal vivida, pode levar a uma rivalidade e até mesmo a novas formas de escravidão. A noção moderna de igualdade é ambígua... (F)*

*É preciso romper com a mentalidade igualitarista (da mídia) e pôr em lugar de honra a complementaridade: que cada um faça prioritariamente aquilo a que é mais apto. (F)*

Deve-se assinalar que, para as equipes italianas, a idéia de complementaridade é menos sedutora: preferem a idéia de **relação**.

*Assinalamos o caráter equívoco do termo complementaridade, preferimos a idéia de que, na vida do casal, cada um deve desenvolver sua própria personalidade, em sua totalidade. (It)*

*Deve-se substituir o conceito de complementaridade pelo de relação, onde cada um busca a sua plena realização com o suporte e a ajuda do outro. Ele não busca no outro o que falta a ele próprio. (It)*

*O homem e a mulher são pessoas completas em si mesmas. Não são complementares, pois a complementaridade indica uma limitação; deve-se falar em reciprocidade e alteridade. (It)*

*Hoje, não se tende mais para a complementaridade dos papéis mas para a reciprocidade entre duas pessoas, já completas em si mesmas. O objetivo não é o de completar o outro mas de estabelecer uma relação com o outro.*

*O feminismo, que foi um ponto de partida fundamental para esta evolução cultural, trouxe depois uma oposição, um antagonismo absurdo entre masculino e feminino, com o risco de exacerbar os problemas, em vez de resolvê-los. (It)*

Veja-se, ao final do capítulo, o “testemunho de uma mulher”, que completa esta idéia.

A complementaridade pode, porém, criar problemas, notadamente quanto à salvaguarda da “**identidade**” da mulher. Isto é verdade nas diversas culturas. Uma equipe fala de “busca de identidade”:

*Não é sempre fácil ser “a mulher do Senhor Fulano”, sobretudo quando não se tem uma vida profissional que propicie um “cartão de visita” pessoal. A dificuldade da mulher em existir por si mesma vem às vezes dos hábitos familiares que é necessário fazer evoluir.*

*Testemunho: Com a morte do meu pai, tive a impressão que minha mãe encontrou uma personalidade que nunca havia exprimido antes. Não quero que minha mulher seja obrigada a esperar a minha morte para viver de maneira pessoal.*

*Esta busca de identidade que tem gerado conflitos nos casais da equipe, manifestou-se seja pela implosão destruidora (depressão), seja pela explosão agressiva para com as pessoas próximas. (F)*

*É um perigo para a mulher querer igualar-se ao homem, que subordina sua felicidade e seu equilíbrio familiar ao sucesso profissional. Para a mulher, existe a necessidade de procurar uma outra maneira de exercer a profissão, uma maneira mais flexível, mais matizada, menos dura, menos competitiva, menos masculina. (E)*

Por outro lado, encontramos neste ponto, novamente e sob um outro ângulo, a questão da “libertação” da mulher, de seu desabrochar por meio do trabalho, por meio de um papel social mais marcante. No Brasil, os homens são os primeiros a assinalar que há homens demais que têm a tendência de reduzir a mulher a uma situação subalterna, e alguns usam até termos bastante rudes: “reduzir a ser uma fêmea ou um animal doméstico”.

*A condição da mulher, dentro e fora de casa e na sociedade, na minha infância e adolescência, causou-me grande revolta. Eu não aceitava encarregar-me do mundo, menstruação, gestação, cuidar de filhos, viver nervosa, cansada, incapaz, trabalhar dentro de casa, estudar, ser boazinha, limpar a sujeira de irmãos que faziam farras, etc.*

*Tudo isso levou-me a lutar e ter esperança de justiça. A figura de Maria, como Mãe e Mulher, deixou em mim um forte espírito de luta para superar esta revolta causada pelas injustiças em relação à mulher em todos os níveis e sobretudo na sexualidade. (Br)*

Mas a evolução da mulher, sua busca de uma maior igualdade, pode facilmente ser a pedra de tropeço para a idéia que se faz do casal. Nem todos os maridos estão abertos a esta idéia.

*Quando a mulher cresce material, espiritual e profissionalmente, traz conflito ao marido e perturba o lar. É preciso lidar com um problema que abala psiquicamente. É necessário muito diálogo, nenhuma competição e sim, ajuda mútua na descoberta de valores e incentivos. (Br)*

Não é de estranhar, pois, esta reflexão que volta várias vezes:

*É mais fácil, em nosso tempo, ser homem do que mulher.*

## **2. Os papéis específicos no casal**

Na realidade, poucas equipes trataram da questão neste ponto, pois já fora abordada ao se falar da evolução dos papéis ou da complementaridade. A maioria assinala simplesmente:

*Os papéis homem/mulher mudaram muito na família, na sociedade e na política, mas claramente menos na Igreja. (E)*

*Deve-se superar os papéis tradicionais homem/mulher e procurar dividir as tarefas. (E)*

Bastará citar alguns tipos de resposta.

*A mulher, na vida social, familiar e conjugal, aproxima-se da igualdade de condições com o homem (...). Ela deve ter uma corresponsabilidade integral nestes três campos. Cremos que a mulher, na vida conjugal e familiar, ocupa um lugar preciso e específico, pois o fato de ser mãe marca profundamente o principal papel da mulher na família - o que não significa que ela deva ser a "escrava" da casa. Hoje, a mulher, plenamente incorporada ao mundo do trabalho, deve dividir em casal todas as obrigações que dizem respeito à família; as responsabilidades não devem ser rejeitadas ou empurradas para o outro conforme as conveniências pessoais. (E)*

*Hoje, os jovens vivem papéis menos distintos e menos definidos, porém mais integrados - ainda que a integração seja mais ditada pela conveniência pessoal do que por uma melhor capacidade de relacionamento... A tendência é de criar a paridade das pessoas, não das atividades e de ter um relacionamento mais próximo com os filhos.*

*Nota-se entre os jovens, em contrapartida, uma certa fragilidade, uma dificuldade em resolver os problemas, em superar os momentos difíceis, em sacrificar-se. Sem dúvida, isto é fruto de uma educação permissiva, individualista, que procura evitar tudo o que pode causar contrariedade: cria-se assim jovens inadaptados, não incapazes de suportar o sofrimento, mas desacostumados. Os pais deveriam estar bem conscientes da diferença que existe entre ajudar e compreender os filhos e, por outro lado, protegê-los contra tudo, educando-os para o egocentrismo. (It)*

Como se deve compreender esta observação feita por uma equipe que se questiona? Seria desconhecimento ou menosprezo por um dos papéis?

*Uma pergunta foi feita no final de nossa primeira reunião. As palavras mãe e maternidade foram empregadas com frequência; a palavra paternidade não foi pronunciada. Teria isto algum significado? (F)*

### 3. O que o casal propicia à pessoa

Todos vêem o casal como fator de enriquecimento e de desabrochamento para a pessoa. Há um incentivo, um progresso de cada um através do outro, são como espelhos um para o outro, apóstolos um para o outro... Há abundância de expressões. Para começar, podemos citar a constatação básica: o casal é o lugar privilegiado e fundamental do relacionamento com outrem.

*O ser humano não pode realizar-se sem os outros. O casal constitui o lugar privilegiado do encontro com o outro.*

*Quando se é amado, se é reconhecido pelo outro. Isto é importantíssimo para avançar, para realizar-se, para ter autoconfiança.*

*Em cada pessoa, existe masculinidade e feminilidade, por vezes escondidos, que podem ser liberados no casal.*

*Viver lado a lado com o cônjuge permite descobrir uma outra educação, uma outra personalidade... (F)*

*A maneira de amar do casal, que cria uma comunidade de amor, é uma exclusividade do casamento. (E)*

Mas como compreender certas afirmações como a seguinte? Júbilo ou alerta?

*O casamento é uma vocação. Não há outra maneira de vivê-lo.*

Começemos pelo júbilo.

*Viver em casal desgasta, obriga a abrir espaço para o outro, mas é uma sorte incrível! Tornar-se esposa, tornar-se mãe, tornar-se avó, tornar-se secretária, tornar-se oração...*

*É preciso ser dois... Sem D. eu seria... não sei quem. Mas com ele, pude tornar-me tudo isso; no entanto, não realizamos isso sozinhos, o Senhor está conosco, na nossa frente e atrás. Entregar tudo na sua mão e deixar que nos crie homem e mulher sem cessar, desde o primeiro dia da criação e todos os dias: esta é a minha oração. (F)*

*O casal é fonte de equilíbrio - de tolerância (transformar o olhar que se dirige aos outros) - de segurança (sentir-se apoiado) - de felicidade (saber-se amado) - de abnegação (aprender o dom de si para a felicidade do outro). (F)*

*O fato de ser amado por alguém que aposta toda a sua vida no outro, que deixa tudo pelo outro; a nossa maternidade/paternidade nos fizeram compreender melhor o amor de Deus por nós, apesar de nossas imperfeições, nossas carências. Percebemos melhor seu constante desejo de salvar-nos e de querer a nossa felicidade. A noção do perdão incansável de Deus já nos ajuda a perdoar àqueles que amamos. (F)*

Na experiência de muitos casais, o matrimônio transforma a vida.

*O casamento transforma a vida:*

*- as escolhas são feitas a dois, após negociação, quando as opiniões divergem,*

- *enriquecimento a partir das diferenças do outro em função de seu sexo (p. ex., para o homem, possibilidade de desenvolver seu lado “yin”: ternura, olhar diferente),*
- *sou amado com as minhas fraquezas, amo o outro com as suas; assim, entro no mistério do amor de Deus para com cada um de nós e do amor de Deus para com seu povo,*
- *a pessoa torna-se verdadeira quando vive sempre com a mesma pessoa: não há camuflagem! Isto requer fidelidade e tempo,*
- *ter um objetivo comum, no respeito pelo outro e sem sufocá-lo,*
- *após a escolha do casamento, existe uma dinâmica do casal que é indispensável para a realização da pessoa; testemunho junto aos adolescentes (as crianças jovens o captam),*
- *amar é largar e apegar-se, dar e receber, no respeito ao plano de Deus e à vocação daquele com quem se vive. (F)*

Mas é preciso tomar cuidado, pois nada é perfeito e nada acontece sozinho... Logo, há condições a observar.

*É importante que cada um possa conservar seu espaço individual, sem por isso deixar de ser casal. Isto requer o respeito pela individualidade e a aceitação do outro tal como ele é. Por vezes, há atitudes defensivas, pelo medo de ser aniquilado. (E)*

*Julgamos fundamental que a pessoa, homem/mulher, não perca sua identidade nem sua personalidade ao tornar-se casal. O ser-dois não deve traduzir-se numa subtração de valores, nem tão somente numa somatória, mas num reforço dos valores de cada um. Construa-se o casal sobre o cimento de cada um! (E)*

E pode haver no casal dificuldades especiais. Cita-se, notadamente, o problema da sexualidade vivenciado por um casal, onde um dos dois é deficiente físico.

Alguns chamam a atenção sobre uma remodelação que pode se operar. Não que se realize uma espécie de fusão, mas, sim, uma semelhança entre os cônjuges.

*Cada ser humano é único e deve poder desenvolver todas as suas potencialidades, mas o casamento remodela os esposos. Por vezes, achamos que certos esposos se parecem. Isto não significa que eles tenham perdido sua personalidade própria, mas que vivenciaram seu amor, na medida em que isto é possível, no sentido do amor trinitário (eles se tornam uma só carne).*

Para concluir, o testemunho de um casal.

*Viver em casal permitiu que nos realizássemos plenamente como pessoas. Ser aceito e saber-se aceito, acolhido, amado pelo outro, pelo que se é e como se é, cria as premissas para expressar todas as possibilidades que estão em nós e que, talvez, não conhecemos bem. Neste sentido, dizemos que viver em casal nos “realiza plenamente”, nos completa. Não que nos faltasse algo antes, mas ao unir duas unidades, tornamo-nos uma unidade mais completa. Em matemática,  $1 + 1 = 2$ . No casal,  $1 + 1 = (1+) + (1+)$ , na medida em que a estatura de cada um cresce. Este processo de crescimento e de realização da pessoa ocorre*

*sempre quando nos sentimos amados pelo que somos, quando podemos viver sem máscara. E ocorre tanto mais no casal, quando se trata de um amor que nos acompanha cada dia, que aumenta, se adapta, se modifica conosco, “segue” nosso “cotidiano”, criando e tornando a criar essas premissas que nos permitem descobrir e ser o que somos. (It)*

Pode-se ler, no final do capítulo, o “testemunho de uma equipe”.

#### **4. E quanto ao celibato, à viuvez?**

Face a tão grande riqueza do casal, não se pode deixar de perguntar: como ser plenamente homem ou mulher na situação de celibato ou de viuvez? E por que renunciar a esta riqueza?

*Os monges e as monjas não são nem esposos nem pais. Será que são menos homens e mulheres por causa disso? (F)*

*O celibato do padre, “solitário” diante de Deus, questiona o casal diante de Deus. Casar-se é uma vocação, vocação para viver o plano de Deus (o casal foi querido por Deus), para ser o seu sinal. (F)*

*Este projeto nos trouxe uma visão mais exata do celibato dos padres. Mas este celibato nos questiona, em função da solidão. (F)*

*A condição de celibato, própria do padre, é aceita plena e alegremente, mas esta aceitação não resolve, para ele, o problema da reciprocidade.*

*Em outras palavras, o padre não se esgota em seu ser celibatário, da mesma forma que o casal não pode se contentar com um relacionamento a dois. Sacerdócio e casamento cristãos são caminhos diferentes de um único projeto, que chama o homem a sair de si mesmo e a forçar os limites de sua capacidade de encontro, a oferecer-se como companheiro de viagem, a ampliar os horizontes até conseguir abraçar toda a criação com o olhar. (It)*

*Para o Conselheiro de nossa equipe, o desejo de paternidade física é forte, para além da relação sexual. Ele transfere o sentido de paternidade para os jovens, mas aceita com dificuldade a imposição da lei do celibato perpétuo, algo tão profundo. (It)*

Uma equipe brasileira coloca a questão de forma radical:

*A manutenção do celibato do clero não será uma negação da sexualidade?*

Acrescentemos esta citação, que traz uma abordagem mística:

*A relação do homem e da mulher com Cristo é de natureza feminina, como é o da Igreja com Cristo. O celibatário consagrado, na qualidade de representante do Cristo em seu ministério, é mais cabeça e homem (como é também uma abadessa). (F)*

Ressalta-se o problema do relacionamento entre o sacerdote e as mulheres e a necessidade para os padres de aprender a entender a psicologia feminina.

Teria sido interessante obter o testemunho direto dos sacerdotes, dizendo como, em seu celibato, eles vivem a sua condição sexuada. Não os houve. Não tinha sido

pedido e é uma pena. É verdade que a reflexão centrou-se sobre a vida dos casais, mas a comparação, o confronto poderiam ter sido esclarecedores. Sabemos de alguns padres conselheiros espirituais que foram levados, senão a falar do assunto na equipe (estes ainda são bastante raros), pelo menos a fazer uma reflexão séria a respeito.

Não houve muitas intervenções a respeito da **viuvez**. Aliás, consta que muitas equipes que têm viúvas em seu seio renunciaram a estudar o projeto para poupar-lhes sofrimentos bem compreensíveis. Em contrapartida, algumas viúvas quiseram expressamente dar seu testemunho, seja na equipe, seja particularmente.

O primeiro destes testemunhos que aqui trazemos, se já fala de fecundidade (será o assunto do Capítulo III), insiste também na idéia de partilha e de amor à vida.

*O fato de ficar viúvo ou viúva não exclui toda fecundidade. Sempre, ou quase sempre, restam os filhos para quem se voltar. É claro que sempre ficará a profunda dor de não poder partilhar com a pessoa amada todo o bem que ainda se poderá fazer. Mas fecundidade significa estar vivo para si mesmo e para os outros. Viver a vida sem pessimismo como um dom de Deus e procurar construir em paz e com alegria. (E)*

*É preciso lembrar que a memória da pessoa que nos falta deve fazer de nós os continuadores de sua obra e de sua mensagem. (E)*

*O que me faz falta, agora que não sou mais casal?*

*O companheirismo de alguém que partilhe o cotidiano de minha vida. Sinto o isolamento físico, a necessidade de tocar e ser tocada, de amar e ser amada, de ser necessária e objeto de total confiança, de ter alguém em quem possa confiar aconteça o que acontecer. Desde o momento que eu não sou mais X, mulher de Y, sinto-me vulnerável e careço de confiança em mim. Sou de natureza calorosa e extrovertida, mas não quero que esta amabilidade seja mal compreendida. (Aust)*

*Na separação da viuvez, a pessoa sozinha só estará em comunhão com os outros na medida em que está em comunhão com Deus. Para estarmos em comunhão com Deus, é necessário crescer na vida espiritual observando certos pontos precisos, como: sacramentos, oração e crescimento na fé.*

*Encontrar Deus é a finalidade de nossa vida. Se na procura de uma vida perfeita a viuvez apresenta dificuldades - falta de tempo, falta de disponibilidade, de recolhimento, excesso de trabalho - o isolamento pode favorecer também a elevação da alma pelos sacrifícios que exige. É preciso muito amor.*

*É a renovação constante da oferenda daquele que Deus chamou e a renúncia a muita coisa. Quando Deus envia ou permite a provação, acrescenta a força necessária para a suportar. Quanto menor e fraca é a criatura, mais Deus, em seu imenso amor, olha para ela com sua força misericordiosa. Acredita-se que desta vivência da viuvez, não poderia nunca estar excluída a comunhão com os outros, porque estaria desligada da comunhão plena com Deus. (Br)*

Poderá ser lido, ao final do Capítulo, um testemunho intitulado “a viuvez”.

## 5. Um caso: o homossexualismo

Há uma outra situação que pode ocorrer, com a qual o questionário não se preocupou: o homossexualismo. Várias equipes assinalaram esta falha e algumas quiseram remediá-la.

*Tratamos longamente do homossexualismo. A questão que se nos colocou foi esta: o que dizer, o que responder a jovens ou adultos que pregam o homossexualismo? Que argumentos o casal pode contrapor? Na verdade, tivemos muita dificuldade para responder além do que é evidente e não conseguimos destacar idéias-força. (F)  
Ser completamente homem ou mulher, não leva em conta a existência do homossexualismo que representa um fenômeno bastante disseminado, afetando também cristãos praticantes.*

Muitas vezes, o fenômeno é simplesmente lembrado como um fato, sem comentários:

*Generalização e banalização do homossexualismo. Medo da mulher? Predisposição?*

*Deve-se constatar a existência de casais homem-homem, mulher-mulher. Alguns destes casais não hesitam em expor seu relacionamento. É uma mudança de costumes importante!*

Mas mesmo nas nossas famílias podemos ter que enfrentar a situação:

*O que dizer a alguém que revela sua homossexualidade? Pode ser um de nossos filhos. Não rejeitá-lo. Ajudá-lo a refletir sobre esta condição, que deve assumir. Fazê-lo compreender que Deus não o rejeita, mesmo que pareça, como um deficiente físico, expressar as desordens de nossa humanidade.*

Foram citadas as palavras de um padre dirigidas aos casais de homossexuais que querem “casar-se”: “*Nunca poderei abençoar a união de vocês, pois não pode produzir frutos. Vivam conforme a natureza de vocês, mas cuidem de seu comportamento em seu meio: nunca toquem numa criança*”.

Ao preparar este projeto, deveríamos, com certeza, ter sido mais atentos a esta questão, principalmente porque está assumindo proporções enormes! Mas havia muitas outras questões que nos pareceram mais pertinentes para o conjunto das equipes...

## C - Imagem de Deus

Deus quis fazer o homem à sua imagem e semelhança. Poderia se pensar que este texto era claro e de fácil entendimento. Absolutamente! Muitos tropeçaram nestas palavras. E percebemos, após o fato, que teria sido útil inserir neste ponto uma Nota Técnica.<sup>5</sup>

Comecemos, pois, por apontar as dificuldades encontradas. Primeiramente, ao simples nível de linguagem. Reclama-se das palavras: imagem de Deus, imagem e semelhança (qual é a diferença?), essência de Deus, corporeidade (assinala-se que é um neologismo que não consta do dicionário...)

Depois, diante do convite para partir da experiência concreta, ou seja, a realidade de nosso corpo (como vivemos o nosso encontro, como vivemos a reconciliação?), alguns ficaram um pouco perdidos, julgando que se tocava em “questões por demais pessoais, que fazem parte do jardim secreto dos casais”. Chega-se a citar como exemplo a discrição da Igreja ortodoxa

*que insiste muito mais sobre o desenvolvimento da vida espiritual, considerando que, de uma vida espiritual harmoniosa do casal decorre uma vida sexual harmoniosa. (F)*

Em contrapartida, para muitos

*o fato de podermos falar da sexualidade em equipe nos liberta dos tabus. (F)*

É surpreendente a importância que as equipes atribuem, neste capítulo, ao perdão e à reconciliação. Percebe-se nestas atitudes, uma importante “imagem de Deus”, com muita razão. Deve-se reconhecer, todavia, que as respostas podem ter sido orientadas e até mesmo induzidas pelo questionário. Voltaremos a este assunto. Neste ponto, poder-se-ia ler o testemunho anônimo “Criados à imagem de Deus”.

### 1. O que significa “ser feito à imagem de Deus”?

Dois aspectos foram tratados a respeito desta pergunta: o que significa “o ser humano é feito à imagem de Deus”? e “como se pode ser verdadeiramente imagem de Deus”?

#### 1.1. Os termos imagem e semelhança.

Já falamos das dificuldades que estas simples palavras suscitaram. Enquanto uns faziam referência a definições mais teológicas, outros procuraram expressar à sua maneira a diferença entre os dois termos e encontraram matizes que poderiam agradar aos exegetas...

---

<sup>5</sup>Existe, em todas as línguas, uma literatura abundante, contendo comentários sobre o Gênesis e, notadamente, sobre a narração da criação. Talvez não sejam suficientemente conhecidos ou lidos. Seria interessante pensar nisto no momento da escolha de um tema de estudos ou de um tema para retiro. Aliás, este trabalho nos revela a todos - e isto constitui uma de suas riquezas - os pontos de doutrina que se deveria esclarecer e os assuntos de meditação que se deveria aprofundar.

*A imagem de alguém é este alguém numa outra dimensão, a semelhança é o ponto comum entre duas pessoas diferentes. (F)*  
*A imagem é estática, a semelhança é evolutiva. (F)*  
*O mais pecador dos homens permanece imagem de Deus e pode ser salvo; o pecado fê-lo perder a semelhança com Deus.*

Há Padres da Igreja que não se expressariam diferentemente!

## **1.2. O Ser humano “à imagem de Deus”.**

Primeiro, algumas advertências: não se deve inverter os papéis:

*Cuidado para não reduzir Deus à nossa imagem. (F)*

Não se deixa de lembrar a frase de Voltaire: “Deus criou o homem à sua imagem e este fez o mesmo com ele!” Aliás, é esta mesma idéia que se encontra expressa de outra forma:

*O homem macho criou uma imagem de Deus macho. (Br)*

E não se pode esquecer que existe uma distância infinita:

*A evangelização da sexualidade começa a mostrar que se Deus fez o homem à sua imagem e semelhança, ele não é homem nem mulher, mas tem em grau infinito tudo o que supomos sejam qualidades do homem e da mulher. (Br)*

Procurou-se compreender o que significa: o ser humano foi feito à imagem de Deus. Onde, essencialmente, está essa “semelhança”? pode-se utilizar indistintamente estes dois termos? ou então, onde está a imagem?

*O que significa: o ser humano é feito à imagem de Deus? A imagem implica numa exata coincidência das linhas que a compõem, enquanto uma semelhança não torna obrigatória esta exata coincidência; as dimensões podem ser diferentes, o que leva à aceitação de uma criatividade evolutiva. Logo, a semelhança recebida, quando bem utilizada, nos conduz cada vez mais em direção à imagem de Deus.*

*O risco da criação, com o homem, torna-se real, já que foi reservada a ele essa parte de liberdade que pode levá-lo ou não da semelhança à imagem. Na semelhança, a paridade com Deus está excluída. Em que somos feitos à imagem de Deus? Desde o batismo somos chamados a ser imagem de Deus, pela intervenção do Espírito Santo em nós, ele que é Espírito de Deus, ou seja, Amor. (F)*

*Em nossa equipe, as opiniões foram bem diversas.*

*- Deus sendo amor, somos imagem de Deus enquanto amamos: no seio da família e fora dela, especialmente ao amar os mais humildes e os mais pobres.*

*Ser imagem de Deus é agir para que Deus passe através do que somos e do que fazemos; sermos “transparentes” para que, através de nós, os outros encontrem e descubram Deus.*

*- Isto não nos diz respeito: é uma questão sem interesse, desencarnada. A imagem de Deus não quer dizer nada, a não ser quando se procura caminhar como o Cristo fez.*

*- Imagem: corpo que capta a luz e a reflete.*

*- O homem é imagem de Deus enquanto ser racional, livre, responsável, capaz de amar e de recriar a criação. (F)*

Esta última definição é bastante conforme à clássica definição dos filósofos e dos teólogos e foi proposta por mais de uma equipe. Seria, sem dúvida, por aí que se deveria começar.

*Guardando-se as proporções entre Deus, que é infinito e o homem, limitado pelo seu universo criado, e tendo em conta, além disso, os limites provocados pelo estado de pecador, parece que se pode dizer que*

*- o homem é inteligente como Deus, logo, ele é capaz de pensar, de conhecer como Deus conhece;*

*- o homem é livre como Deus, é capaz de escolher, de decidir seu comportamento;*

*- o homem é capaz de agir, como Deus, de criar, de fazer coisas novas, de transformar o mundo, o mundo material assim como o das idéias, do espírito...*

*- o homem é capaz de amar, como Deus, de comunicar o que ele tem, o que ele é, de partilhar seu ter e seu ser... (F)*

A maioria, porém, não quis limitar-se a uma definição teórica e deu uma interpretação “existencial”. Neste plano, a referência é a teologia de São João: **Deus é Amor**. Logo, ser imagem de Deus é ser capaz de amar.

*Em que somos imagem de Deus? Não se pode definir a imagem se não se define o modelo: Deus é amor. Seria portanto mais prudente dizer que somos semelhantes ou imagens em potencial, chamados a sermos imagens, por sermos capazes de amar, de dar, de acolher, de perdoar, de continuar a criação, chamados à santidade e à eternidade. (F)*

*Ser imagem de Deus talvez seja, antes de tudo, ser relação de amor. A unidade no amor deve ser encontrada no casal. Deus não é solitário: ele é Pai-Filho-Espírito Santo; ele se dá a conhecer aos homens.*

*O ser humano não pode ficar só; ele tem necessidade de relacionar-se, de “conhecer” um outro ser humano: o casal, mas também o padre, com seus paroquianos, a religiosa com os que a cercam, são imagens de Deus, por serem reflexo da relação de amor. (F)*

*Ser imagem de Deus significa:*

*- ser capaz de amar e de transmitir o amor com o corpo e o espírito;*

*- assemelhar-se a Deus na comunhão do amor: dom, acolhimento, gratuidade;*

*- o Deus revelado em Jesus Cristo sendo um Deus-”comunidade”, uma família, o “homem-mulher” é uma comunidade de amor como o Deus Trindade. Vivenciamos melhor isto, quando estamos mais próximos um do outro, e o expressamos de forma diversa segundo o nosso caráter;*

- somos pessoas racionais, livres, capazes de amar a Deus e aos homens.  
(E)

*Amar implica na existência de um outro. Quando se diz que Deus é amor, implica dizer que ele é plural. Deus nos diz que ele é Pai, Filho e Espírito. Quando o homem é criado homem e mulher, ele é criado plural, à imagem de Deus. (F)*

Uma questão pode surgir: o homem e a mulher terão um modo diferente de ser imagem de Deus? E como vivenciar isto? A título de exemplo, eis a opinião de uma equipe.

*A maioria de nós nunca tinha realmente percebido que se podia ser “imagem de Deus”, pois cada um sentia-se “criação” e não “imagem”... Deus, tão poderoso, tão perfeito! E nós, tão pequenos e imperfeitos! (Fazemos uma distinção entre imagem e semelhança, a imagem sendo um “frente-a-frente” e a semelhança um “lado-a-lado”... E o homem se realiza olhando para Deus.) Entretanto, após refletir, constatamos que todos já experimentamos na vida sentimentos que nos encaminham efetivamente para Deus.*

*As mulheres sentiram-se imagem de Deus ao darem à luz os seus filhos, mas também em determinadas atitudes de escuta dos outros, de amor, de paciência, de disponibilidade, à cada vez que sua sensibilidade despertava para o serviço aos outros. Sentiram-se imagem de Deus na oração.*

*O homens sentiram-se imagem de Deus, nas suas manifestações de amor, na sua força, no papel protetor que lhes cabe em relação à família, em seus talentos e criatividade ou, simplesmente, ao verem seus filhos brincar e evoluir. Sem dúvida, foi o mistério do nascimento de seus filhos que mais lhes revelou Deus.*

*Enfim, homens e mulheres são imagem de Deus porque são capazes de amar, capazes de recriar, mas também por aquele sentimento de compaixão que por vezes sentem em relação a uma pessoa. (F)*

## **2. O casal como imagem de Deus**

Os redatores de uma síntese regional fizeram esta observação:

*É paradoxal que a pergunta que foi melhor compreendida (o casal à imagem de Deus), tenha também sido assinalada como a que criou mais dificuldades. Seria por causa da diferença que há entre a compreensão intelectual e a passagem para a realidade concreta? Como viver realmente à imagem de Deus? (F)*

Deve-se, aqui, fazer uma distinção entre duas idéias um pouco diferentes: como pode o casal ser uma imagem de Deus? e: o casal é imagem da Trindade?

### **2.1. O casal, como tal, é imagem de Deus?**

*Não é um pouco de pretensão? Não digamos: o casal é imagem de Deus; digamos: ele é feito à imagem de Deus.*

*É uma noção que, até agora, está longe de ter sido percebida e vivenciada.*

*Aliás, é uma idéia que dá vertigem!*

Uma idéia que não é tão facilmente compreendida, e nem sempre facilmente aceita. Há dificuldades que poderíamos chamar de pontuais. Pode-se, ao mesmo tempo, ser casal à imagem de Deus e homem ou mulher à imagem de Deus? Deus é, ao mesmo tempo, pai e mãe? Alguns dizem: Deus é pai e mãe, masculino e feminino. Toca-se aqui, se é que se pode dizer, no problema do sexo de Deus. Sabemos que os movimentos feministas acusam a teologia clássica de ter forjado uma imagem puramente masculina de Deus e que algumas teólogas modernas esforçam-se, aliás, com sucesso, de mostrar os aspectos femininos de Deus.

Mas a questão não foi abordada pelas equipes. Cita-se, simplesmente, de passagem, a palavra de Santo Tomás de Aquino: Deus está fora do “gênero”. Observe-se que na Grã-Bretanha a idéia do casal-imagem de Deus deu oportunidade para externar uma verdadeira inquietação diante da normalização social de lares separados, seja monoparentais, seja reconstituídos.

Existem, porém, dificuldades mais profundas, particularmente na Austrália.

*Tivemos dificuldade em vincular nossa vida de casal com nossa fé, no sentido sugerido pelo Projeto. Até um certo ponto, isto resulta de nossa educação conforme a uma tradição católica conservadora, que nunca encorajou a discussão da sexualidade. Aprendemos, assim, a encarar a sexualidade como um assunto proibido. As relações sexuais eram necessárias para a concepção dos filhos, mas o pensamento de que a sexualidade pudesse ser um belo desígnio de Deus para a vocação ao matrimônio nunca era mencionado.*

*Dai resulta que sentimos dificuldade em estabelecer uma relação entre nossa vida sexual e nossa vida eclesial e não vemos o casal como imagem de Deus ou da Trindade.*

*Outra dificuldade é constituída pela reserva que encontramos na Igreja da Austrália quanto a discussões sobre a sexualidade, e também quanto ao fato de considerá-la como parte integrante da vida.*

*Por fim, sofremos todos da desconfiança australiana (e anglo-saxã) em relação ao gesto de se tocar, exceto nas relações familiares. O tocar-se entre pessoas de sexos diferentes é considerado perigoso e indiscreto, enquanto tocar-se entre pessoas do mesmo sexo é com freqüência visto como símbolo de homossexualidade.*

*Os casados raramente pensam na dimensão plena da sexualidade no matrimônio e pouco falam a seu respeito, porque é difícil demais! A falta de intimidade, a falta de tempo e as pressões da vida cotidiana nos levam a considerar a sexualidade como uma concessão. O debate público é geralmente deixado para os teóricos e rapidamente cai no preconceito. Quanto a nós, procuramos vivenciá-la!*

*Talvez seja um pequeno passo em direção ao nosso novo conceito de teologia do matrimônio, aceitar a idéia de que o sexo, num casal, é mais do que a simples relação física e que os outros aspectos, do tocar, do antes e do depois etc., são coisas preciosas que tornam mais profundo o amor do casal. (Aust)*

De que forma, pois, pode concretamente o casal ser imagem de Deus? De forma modesta, sem dúvida:

*Foi-nos dito: “A luz de Deus é grande demais para a nossa inteligência”. É verdade, mas existem pequenos espelhos que difundem uma luz aceitável para os nossos olhos: o casal difunde um pouco da luz de Deus! (F)*

Alguns procuram dar certas características como a ternura no casal, o respeito, o acolhimento, o ser um. Evidentemente, é o amor que torna semelhante a Deus e é pelo seu amor que o casal é melhor imagem de Deus. Mas não se esquecer que

*o amor de Deus é maior que o amor conjugal!*

É principalmente nas atitudes concretas, que demonstram o dom de si, a ternura, o acolhimento, a fidelidade, o perdão, que o casal pode fazer pensar em Deus.

*O que faz com que o casal seja imagem de Deus, são suas atitudes de vivência do amor e do encontro. Um solteiro pode viver seu encontro com os outros com um coração de casal; em contrapartida, um casal pode não viver o seu encontro com as atitudes adequadas, apesar de ser casal.*

*São as atitudes seguintes:*

- ter necessidade um do outro; reconhecer que não se basta a si mesmo, admirar-se mutuamente;*
- dar-se a vida, animar-se mutuamente para crescer (criatividade e fecundidade);*
- aceitar a crítica: o outro é o melhor instrumento para conhecer-se a si mesmo;*
- entregar-se fielmente ao outro, ao projeto comum. (E)*

Alguns querem dar precisões ou restrições:

*Demo-nos conta de que é mais fácil às crianças reconhecer as atitudes que lhes falam de Deus, quando são atitudes que nós, como pais, temos para com eles: generosidade, liberdade, perdão, respeito etc. Como casal, porém, não lhes damos esta transparência da imagem de Deus. Eles se alegram quando vêem entre nós gestos de ternura e eles sofrem quando nos vêem discutindo e brigando. (E)*

E eis uma lista das atitudes recomendadas para o casal ser imagem de Deus.

- *acolhimento, escuta, respeito,*
- *intercâmbio de tarefas,*
- *compreender-se, por vezes, sem precisar falar,*
- *coesão do casal,*
- *fecundidade, no sentido amplo,*
- *maravilhar-se e partilhá-lo,*
- *dar-se ternura (por exemplo, quando se parte, ao reencontrar-se),*
- *oração humilde,*

- *alegria, surpresa, reconhecimento, pelos que não crêem, diante dos casais que vivem segundo Deus - sem esquecer que existem “santos sem Deus”. (F)*

*Ser imagem de Deus é ser sinal de seu Amor. O amor de Deus é um amor sem desigualdades, sem humilhações, sem discriminações. É imagem de Deus aquele que procura agir à maneira de Deus, uma maneira justa, boa, compreensiva e santa. Só podemos ser imagem de Deus se imitamos Cristo Jesus até o último pensamento, até os gestos mais simples. Mas como podemos nós imitar Jesus, que é homem-Deus? Vivendo como ele viveu, amando como ele amou, perdendo como ele perdeu. (Br)*

Assinala-se com freqüência que o casal, justamente porque tanto o homem quanto a mulher são imagens de Deus, pode ser um reflexo mais completo de Deus que o simples indivíduo.

*Poderíamos dizer, talvez, a respeito da mulher, que ela revela melhor que Deus é paciente na sua espera, atento às pequenas coisas, misericordioso para com o fraco e para com aquele que é como uma criança e que ele se dá sem medida, como uma mãe.*

*O homem revela melhor que Deus é forte, que é providência nos momentos de solidão e angústia, ciumento e apaixonado como um marido amoroso. (E)*

*O que entendemos melhor depois da troca de idéias em equipe, é a diferença entre o homem e a mulher como imagens de Deus, em relação à paternidade ou maternidade. Na espera da futura mãe, encontra-se a espera de Deus de ver seus filhos responderem a seu amor, de vê-los transformarem-se; na espera do pai, há a espera daquele que semeou, pela germinação, a confiança na mãe que dará à luz no seu dia: esta atitude do pai assemelha-se à de Deus. (F)*

A idéia da imagem por construir é externada com freqüência: é preciso que o casal cresça para tornar-se, aos poucos, imagem de Deus:

*Somos feitos para o amor. O casal é um esboço e uma obra prima por realizar. Não pensamos suficientemente que somos imagem de Deus. Isto implica numa missão. (F)*

*O casal, abençoado por Deus pelos laços sagrados do sacramento do matrimônio, deve recorrer constantemente às graças decorrentes desse sacramento, para poderem ser e dar testemunho com suas atitudes de união, de respeito, de liberdade, de generosidade, de bondade, de doação, de perdão e, sobretudo, de amor. Pela maneira de se relacionar um com o outro, pela comunhão de amor que vivem e que é própria de Deus Uno e Trino, o casal poderá relacionar-se com o mundo que o cerca e ser imagem de Deus. (Br)*

Observa-se também que esta imagem de Deus, de um Deus-amor, pode ser encontrada entre casais não-crentes. Onde há um amor verdadeiro, Deus aí está. E certos casais que vivem fora do matrimônio podem também viver valores pelos quais a graça passa.

Concreta e experimentalmente, quais são aqueles casais em quem se reconhece com mais facilidade esta imagem de Deus? Eis dois retratos, tomados entre muitos outros:

*Os casais que mais nos “falam” de Deus são:*

- *aqueles nos quais a harmonia reina apesar de todas as dificuldades,*
- *os “casados há muito tempo”, que vivem a fidelidade no tempo,*
- *aqueles que têm uma vida cristã “que fala por si” e que sabem falar dela,*
- *aqueles que se engajam juntos para servir. (F)*

Um outro retrato foi traçado por um Conselheiro Espiritual, e esta descrição despertou o interesse de toda a equipe.

- *Um casal aberto um ao outro, aos filhos, ao mundo; não “parado”, capaz de evoluir,*
- *liberdade do amor, sem pressão nem opressão, liberdade de inventar, gerando confiança e desabrochamento,*
- *um casal engajado, o que não quer dizer militante: é alguém cheio de amor, “te amo demais para amar somente a ti”,*
- *presença que irradia, mesmo que não seja militante; exemplo: presença conjunta na missa;*
- *o perdão funciona: aceitar-se tal como se é, além dos méritos,*
- *escala de valores: ser capaz de ir além das manias,*
- *percebe-se o casal como unidade habitada pela presença de Deus,*
- *enraizamento na Igreja, tal como ela é,*
- *alegria. (F)*

Em algumas equipes foram citados casos concretos e pessoais, nos quais a presença de Deus fora percebida. Por exemplo, ao ver o amor manifestado por um casal após 45 anos de matrimônio, quando da doença grave de um dos cônjuges. Ou ainda, no caso da esposa que, hospitalizada, recebera uma carta de amor de seu marido, exprimindo-se como nunca o fizera em palavras. Mostra a carta às jovens enfermeiras, que dizem não conseguirem sequer sonhar com um tal amor para elas.

## **2.2. Imagem da Trindade?**

O casal é, portanto, capaz de ser imagem de Deus. Pode-se falar, porém, em imagem da Trindade? Deseja-se encontrar esta marca no casal, assim como Santo Agostinho desejava encontrá-la na própria natureza do homem. Mas a coisa não é tão evidente e as tentativas não são muito concludentes. Sobretudo quando se busca analogias por demais próximas: recorre-se, às vezes, a um verdadeiro contorcionismo. As fórmulas mais freqüentemente propostas são essas:

A imagem trinitária seria:

- o homem, a mulher, o filho. Mas alguns objetam imediatamente: E o casal sem filhos? Não é imagem de Deus?
- o homem, a mulher, o amor que os une,

- o marido, a mulher, Deus. Marido e mulher encontram-se em Deus.

Para alguns, por outro lado, não é o casal que é imagem da Trindade: a analogia está entre a família e a Trindade.

Mas se não se procurar analogias muito estreitas, pode-se propor aproximações significativas.

*Cada pessoa é única, diferente, mas em sua unidade, o casal é epifania do amor da Trindade, da intimidade mesma de Deus. (F)*

*Dois seres complementares, unidos e direcionados para o mesmo objetivo: o casal é imagem da Trindade. A semelhança está sobretudo entre o amor do casal e amor em Deus-Trindade. Daí, o maravilhar-se. (F)*

*Jesus, o Filho, nos diz que o Pai e Ele são um. É o mistério da reciprocidade exata entre estas duas pessoas. O homem, criado à imagem de Deus, é chamado a uma reciprocidade semelhante, entre as duas pessoas do casal, homem - mulher. Esta reciprocidade faz com que um torna-se o objetivo de vida, a razão de existir do outro, e vice-versa. Assim, o amor torna-se um dom contínuo e total de cada uma das duas pessoas ao outro: isto é verdade em relação a Deus e também, pelo menos virtualmente, ao homem. Tudo se passa por operação do Espírito, para Deus como para os homens. (F)*

*Entendemos a importância do casal como imagem da Trindade. Este aspecto trinitário enriquece e ilumina a imagem do casal: é nesta que se baseia a igualdade do homem e da mulher, diferentemente da concepção masculina muçulmana, fundada num Deus solitário. (F)*

### **2.3. O casal ajuda a compreender Deus?**

Se o casal é imagem de Deus, ele não é um simples reflexo inerte, deve refletir o seu modelo e fazer com que seja melhor compreendido. Será este o caso? O questionário falava da essência de Deus. Esta palavra foi julgada abstrata, difícil. Portanto, não vamos usá-la e diremos simplesmente: como pode o casal fazer compreender o que é Deus, quem é Deus?

Há respostas muito simples e claras:

*Foi graças à minha esposa que descobri o que pode ser o Deus-amor. (F)*

*Quando jovens, recebemos uma doutrina rigorosa de um Deus temível e opressor. A vida em casal e em família fez-nos ver a figura de Deus pai, amigo, Deus do amor. E nos pequenos detalhes da vida, fomos descobrindo pouco a pouco o rosto de Deus. (Br)*

Existe, porém, um elemento específico que vem complicar o problema: a corporeidade. Mais uma palavra de difícil aceitação: “não está no dicionário”.<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup>Consultei a Academia Francesa, que me respondeu, em 17 de junho de 1994: “Corporeidade e corporalidade existem desde 1482”. E não são duas palavras transparentes? (B.O.)  
Ambas as palavras constam do Novo Dicionário da Língua Portuguesa de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, ed. 1986, pg. 482 (N.T.)

Já no que diz respeito à imagem de Deus, o que a corporeidade tem a ver? Deus não tem corpo. Como podemos nos assemelhar a ele, em nosso corpo?

Além disso, o casal recorre não somente aos valores corporais mas, mais precisamente, aos valores carnis, sexuais. Em que isto entra na relação de imagem com Deus e em que esta experiência da carne, que é bastante específica do casal, pode ajudar-nos a compreender Deus?

Começemos pelo problema do corpo.

- *O corpo continua marcado por um tabu veiculado pela Igreja.*
- *Durante muito tempo, a Igreja considerou o corpo como foco de instintos culpáveis, que entravam a espiritualidade.*
- *Nossa geração foi criada em meio aos tabus, na ignorância e na desconfiança em relação ao corpo. Isto permanece e nos marca.*

Reconhece-se com frequência que a relação corpo - imagem de Deus é de compreensão difícil. Mas alguém diz:

*O obstáculo não é o nosso corpo, é o pecado. Não fosse o pecado, seríamos realmente imagem de Deus, como Cristo. (F)*

*Deve-se dizer que somos também imagem de Deus pelo corpo: o corpo não é “sujo”. (F)*

*A encarnação confere sua dignidade ao corpo humano... (E)*

Há, por vezes, manifestações de entusiasmo. É surpreendente que não haja mais, pois sem dúvida o corpo humano é uma das maravilhas do universo criado. Será que os cristãos têm consciência disto? Ousam acreditar?

*A perfeição do corpo é uma “marca” importante, a tradução da sabedoria de Deus. Nosso corpo é o resumo de todos os prodígios da criação. (It)*

A relação carnal é mais difícil ainda, para muitos, a ser posta em relação com Deus: como entra na imagem de Deus? como pode ajudar a compreender Deus? A perplexidade parece grande.

*Deus não é sexuado...*

*É bem difícil posicionar Deus na relação sexual.*

*Como associar Deus aos impulsos físicos?*

*Como estabelecer um vínculo entre o amor carnal e a fé?*

Entretanto, a reflexão pôde trazer algumas luzes sobre este ponto:

*Descobrimos uma outra dimensão da relação sexual.*

*Uma coisa que passamos a entender melhor, é a nossa participação na criação, pela fecundidade.*

Esta é uma realidade que muitas equipes quiseram sublinhar: o casal é imagem de Deus-criador por sua fecundidade e ajuda a compreender a fecundidade de Deus. É esta, sem dúvida, a semelhança divina que mais salta aos olhos:

*O mistério do ato sexual imprime em nós algo que é maior do que nós.*

*Deus é criador, o ato sexual é criador.*

Mas os casais das Equipes pensam que podem revelar aqui uma experiência vivida na fé que, sem dúvida, apenas os cristãos casados, que vivem plenamente sua vida de casal, podem trazer para a reflexão da Igreja. E muitas vezes de forma acanhada...

*Nossas relações sexuais são a fonte e o ápice de nosso amor, como o vínculo de amor do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Por que, então, sentimo-nos constrangidos, cada vez que se fala disso? (F)*

Ou, para alguns, com um remorso que pode ser emocionante:

*Descobrimos muito tarde que o ato sexual em si é uma coisa abençoada por Deus. Para nós, tudo era pecado! Como isso atrapalhou o nosso relacionamento! Devemos esclarecer bem os jovens nesse sentido.*

Aqui vai uma seleção de respostas tomadas nos diversos continentes. Nestas, como em outras, a síntese da equipe inclui freqüentemente testemunhos pessoais dados durante a reunião.

*A nossa fé e a nossa relação com Deus normalmente não se manifestam, ou não estão presentes de forma consciente em “assuntos” de nossa sexualidade. A idéia de pecado, associada, talvez pela nossa educação, ao sexo, atrapalha. (Br)*

*Temos necessidade de contato físico, carinho, proximidade dos corpos, do abraço, do aperto de mão. Estes pequenos gestos, porém constantes, nos mantêm próximos um do outro e os dois próximos de Deus. (Br)*

*Nos momentos mais intensos de plenitude sexual, descobrimos que a alegria e a exultação deste encontro é uma manifestação do amor de Deus. O encontro carnal converte-se numa espécie de oração e de ação de graças. (E)*

*A plenitude sexual pode ser considerada como a demonstração de uma plena comunhão do casal, nesse momento em que cada um pensa mais no outro, na doação total feita ao outro. É um momento de reconhecimento, não somente para o marido e a mulher mas também para com Deus que nos criou como somos para sermos projeções do próprio Deus. (E)*

*Os momentos de plenitude sexual nos fazem perfeitamente felizes, sem nada mais desejar. Pensamos na atitude dos apóstolos no momento da Transfiguração, nada mais pedimos do que contemplar, do que viver sempre esta serenidade esta paz, esta plenitude. A plenitude sexual nos abre para a contemplação, numa rápida visão daquilo que viveremos sem fim na Glória de Deus. (F)*

Assinalamos que estas idéias serão retomadas no Capítulo II, sob um ângulo um pouco diferente, quando falaremos mais explicitamente da dimensão espiritual da relação carnal. Aqui, concentramos nossa atenção na idéia de imagem de Deus.

*A consciência da comunidade espiritual e da felicidade completa que se encontra nos momentos de plenitude sexual ajuda a melhor compreender a imagem de um Deus de doação e de acolhimento total, pois nossa espiritualidade matrimonial exprime-se através de nossos corpos, assim*

*como o Verbo de Deus utiliza-se de sua humanidade para mostrar-nos o amor de Deus. (E)*

*Nesse momento, em que me realizo plenamente como mulher, sinto a necessidade imensa de agradecer a Deus por tão grande amor e satisfação. Sinto nessa hora a sua bondade, seu carinho. Ao mesmo tempo lembro-me e peço por tantos casais que têm sérios problemas de relacionamento, que nele não se complementam. Acho que essa hora bem vivida dá-nos força para o dia todo, pois sentimos-nos bem unidos e receptivos. Por esse sentimento agradeço então a Deus. (Br)*

Reflexão de um casal que tem dificuldades com a oração conjugal:

*Num momento de união sexual e de amor forte, Deus está aí e é daí que vem a oração. (F)*

Como se vê, a ação de graças é mencionada com frequência e, na perspectiva desses casais, a relação carnal está verdadeiramente integrada na vida e na relação com Deus. Ela aproxima de Deus e pode, inclusive, introduzir, de certa maneira, no mistério de Deus.

Para alguns casais, que não ousavam aventurar-se por estes caminhos, após a reflexão feita em equipe, abriram-se novos horizontes e até mesmo, em certos casos, começaram uma nova vida. Apenas um breve testemunho:

*Sabíamos, como casal cristão, que atingimos a felicidade na medida em que primeiro fazemos o outro feliz. Mas não sentíamos isso na prática. Foi com a ajuda da equipe que conseguimos sentir na prática essa realização. Sentimos uma profunda felicidade e vontade de viver outra vez. Pois antes éramos infelizes e nosso relacionamento era negativo e improdutivo. Simplesmente vivíamos juntos e não realizávamos o nosso sacramento matrimonial. Agora que lembramos outra vez de Deus e permitimos sua entrada em nosso lar, nossas relações mudaram totalmente e, assim, podemos dizer que nos sentimos imagem de Deus. (Br)*

Deve-se ler, ao final do capítulo, o testemunho “Do banal ao divino”.

## **2.4. O casal como tal tem uma missão.**

Como consequência de tudo isso, resulta que o casal, tão mimado por Deus, tem uma missão a cumprir no mundo, ou, mais precisamente, um testemunho a dar sobre Deus. Esta é uma convicção universal.

*Somos, em casal, o reflexo da comunhão que está em Deus. Isto representa, concomitantemente, uma qualidade, um chamado e uma missão.*

*A ternura de um casal é, ao mesmo tempo, um dom para a Igreja e para o mundo.*

*Deve-se testemunhar a felicidade de viver em casal, mostrar que o casamento cristão é fonte de felicidade.*

*Sentimo-nos chamados a testemunhar que o casamento é fonte de amor, que ele pode ser vivido na fidelidade, num mundo cada vez mais hostil a esta concepção da vida. Tudo o que se vivencia e se experimenta na terra a respeito do amor é um reflexo do Amor que nos espera na eternidade.*

E pode-se pensar numa aplicação imediata:

*Que imagem de Deus nosso casal dá aos nossos filhos e aos outros?*

E também em certas conseqüências que devem ser encaradas:

*Dever-se-ia poder funcionar como casal e não apenas como indivíduos, nos serviços da Igreja.*

### **3. Perdão e reconciliação**

Ao examinar as sínteses da Pista 2 (Imagem de Deus), surpreende a importância dada ao perdão/reconciliação e ao papel do corpo (palavras e gestos). Essas respostas foram, sem dúvida, orientadas pelo questionário e, se assim não fosse, não sabemos ao certo se este assunto - importante - teria sido abordado espontaneamente neste ponto. A pergunta, que convidava a partir da realidade de nosso corpo, era assim enunciada: “Como vivemos nossos encontros em casal? Como vivemos a reconciliação? A palavra é o único meio de nos expressarmos? E o olhar, os gestos? O corpo desempenha um papel?”

A maioria respondeu a esta pergunta múltipla. Mas algumas equipes objetaram:

*Não respondemos a essa primeira pergunta, que mais parece uma pesquisa de opinião. E esta não é uma pesquisa! (F)*

*A reconciliação: por que neste ponto, agora? Não estaria o tema surgindo muito cedo na reflexão? A aproximação que se faz entre reconciliação e encontro dos corpos poderá retirar a espontaneidade de nossa troca de idéias. O encontro dos corpos não ocorre só e sempre após um tempo de conflito... felizmente! (F)*

Pode-se ordenar as opiniões, bastante universais, em três pequenos grupos.

**3.1 Primeiro, a importância da reconciliação** na vida do casal, mas também suas dificuldades, e alguns conselhos cheios de sabedoria.

*Não se pode crescer no amor sem reconciliação.*

*Se rezássemos mais em casal, brigáramos menos.*

*Aceitamo-nos melhor quando temos o hábito da oração conjugal.*

*É melhor confrontar-se do que viver duas vidas paralelas em águas calmas!*

*Os problemas financeiros, a gravidez, uma mudança de emprego foram para nós motivos de disputas, ciúmes, agressões verbais... Foi a falta de*

*diálogo que encheu de sofrimento os nossos corações durante muito tempo. Não tínhamos mais gestos de amor...*

*Sendo imagens e semelhança de Deus, a reconciliação cotidiana é muito importante para nós. Daí a importância de praticar o perdão.*

*O casal é completo quando existe amor, dom de si, perdão e reconciliação.*

Assinala-se, porém, a dificuldade do perdão (assim como, com mais força ainda, no Capítulo II):

*É uma atitude que nos custa. Aliás, o sacramento da reconciliação está sendo cada vez menos freqüentado. E o que fazemos para educar os nossos filhos para a reconciliação?*

*A tentação de evitar os assuntos explosivos, e o não-dito instala-se. (Agradecemos o Movimento pelos assuntos que nos sugere para uma meditação com cabeça fria).*

*É freqüente que haja uma defasagem no casal: há dias em que estamos prontos para acolher e é o cônjuge que recusa a reconciliação.*

*Foi citado o texto de um rabino: somos ligados a Deus por um fio e cada pecado é um nó nesse fio, produzindo como efeito aproximarmo-nos de Deus. Assim também com o casal.*

*É difícil a própria pessoa perceber por que deve pedir perdão... Reconhecer uma atitude de não-amor em relação ao outro não é fácil. É um pouco assim, também, na nossa relação com o Senhor. (F)*

*A prática regular do sacramento da reconciliação ajuda a pedir perdão ao outro de maneira oral.*

Há um conselho que volta com freqüência: não esperar para reconciliar-se e, notadamente, não aceitar adormecer tendo brigado:

*Vivenciamos sempre a reconciliação na oração e, para nós, é muito importante não dormir sem nos termos reconciliado (em dez anos de casamento, apenas em duas ou três vezes deixamos para o dia seguinte): pensamos que quanto mais esperarmos, mais difícil será! (F)*

**3.2. Os gestos**, mais ainda que as palavras, são os sinais e os meios. E entre os gestos, a união dos corpos tem um papel importante.

*Os nossos encontros são diferentes no dia a dia, anunciando coisas boas e más alternadamente. A reconciliação se faz através do diálogo do Dever de Sentar-se, de orações e é difícil. Temos que ceder. A palavra não é argumento de convencimento e sim os gestos, as atitudes, o olhar... (Br)*

*Para alguns, a reconciliação se faz rapidamente depois do conflito, é total e sem retorno, mas por vezes difícil. Pode ocorrer que o conflito*

*termine por desgaste, no silêncio, sem uma verdadeira reconciliação. Deve-se procurar em que podemos ter ferido o outro e não se fincar nas próprias certezas. A palavra não é o único meio para reconciliar-se: existem os gestos, a união sexual, que pode ser uma celebração da reconciliação. O amor manifesta-se em gestos de ternura, em atenções.* (F)

*Palavras e gestos contribuem para a reconciliação: para o homem, ao precedê-la, o gesto abre caminho para a palavra; para a mulher, ao precedê-lo, a palavra abre caminho para o gesto.* (F)

*O orgulho é o obstáculo para a reconciliação.*

E é por isso que, provavelmente,

*a posição deitada incita para a calma, não se pode fugir, torna o relacionamento autêntico.*

*A reconciliação não se faz apenas pela palavra, mas também através do encontro dos corpos. Completa-se, em geral, “sobre o travesseiro”.*

*O perdão passa pelo corpo, permite o desenvolvimento de uma comunhão espiritual. As reconciliações sucessivas constituem uma progressão permanente do desejo de se viver juntos.*

*A reconciliação (olhar, palavra, gesto de boa vontade) deve ocorrer normalmente antes do dom dos corpos. O dom dos corpos participa da reconciliação quando esta é mais difícil.*

O gesto pode ser, também, um rito litúrgico:

*O beijo da paz, na missa, entre esposos, é uma ocasião privilegiada para manifestar este perdão. Através deste gesto, há uma tomada de consciência da importância da reconciliação, no momento de uma eucaristia vivida em comum, antes de comungar. Surgiu a questão: em função da profundidade desta reconciliação, irei ou não comungar? Discutimos longamente sobre a palavra: “não sou digno de que entreis em minha morada”. (F)*

E há gestos que devem ser inventados, exemplos que pode inspirar:

*Um casal revela-nos sua experiência de reconciliação: durante anos, na presença dos filhos, quando um dos dois faltava com o amor, pedia ao outro: “Conserta!”, apontando o dedo para a face, esperando um beijo.*

Uma equipe começou a sua reflexão por uma constatação um tanto surpreendente, para depois dar algumas precisões sobre os gestos e os “encontros”.

*A constatação: a família não facilita a vida do casal. A presença dos filhos nem sempre permite momentos de intimidade durante o dia, mas sobretudo à noite, o que não é bom para casais onde o homem e a mulher não têm os mesmos ritmos (um se sente mais solto de noite, o outro pela manhã!).*

*Importância idêntica do olhar e da palavra. O olhar entre esposos pode muito bem ser percebido pelos filhos, que podem ver nele uma cumplicidade entre os pais. Inversamente, o não-olhar é também decodificado pelos filhos, que percebem então as tensões e os períodos de conflito.*

*Importância do encontro em “outro lugar”. Sair, quando for possível, para tornar-se festa, libertação, momento muito profundo, permitindo que se veja com um olhar diferente. Nesta questão, os homens dariam facilmente a preferência a essas “escapadas” em casal... mas as mulheres têm mais dificuldades em “largar” as crianças e as tarefas domésticas.*

*Conforme a idade e o passar dos anos, os conflitos entre esposos não se vivem da mesma maneira. (F)*

### **3.3. Perdão e reconciliação: à imagem de Deus.**

Apesar da menção ao perdão e à reconciliação no casal ter sido apresentada, no Projeto, mais como um ponto de partida para a reflexão, os casais não deixaram de fazer a relação com a imagem de Deus. Vêm até nisso, muitas vezes, o sinal mais verdadeiro de um amor que se assemelha ao de Deus e uma das experiências de vida que melhor permitem compreender o que Deus é.

Todos os testemunhos sobre este ponto podem ser resumidos neste:

*Os diversos equipistas externaram que a experiência do perdão no casal fez-lhes sentir e compreender o amor e a misericórdia de Deus.*

\* \* \*

## Capítulo I: Uma coletânea de testemunhos

### I. Aceitar seu sexo

#### 1. “Minha dificuldade e, depois, minha alegria de ser mulher.”

*A infância e a adolescência certamente condicionaram o meu ser sexuado, pois foi somente por volta dos 30 anos que tomei consciência de minha condição de filha e de mulher, a não ser em termos de que:*

- é a filha que trabalha na casa,*
- é para a filha que não se dá nenhuma informação sobre a vida sexual, sobre os órgãos genitais, sobre o nascimento das crianças,*
- é a filha que não pode se abrir e falar de encontros angustiantes (certos olhares de homens, mãos que acariciam, convites sutis),*
- é à filha que não se permite sair com as amigas,*
- é a filha que, convidada para uma festa surpresa numa família muito honrada, leva uma “bruta bronca” por voltar tarde,*
- é para a filha que se teme qualquer relação de amizade com um rapaz ou qualquer encontro com um padre.*

*Como poder reconhecer-se mulher, ou seja, diferente daquilo que não se conhece? Acho que neste ponto, a família, a escola, a Igreja tinham um papel que não preencheram.*

*(Após esta partilha na equipe, as mulheres dos outro quatro casais afirmaram a respeito destas considerações, que elas também assinariam em baixo.)*

*Quanto ao lugar da mulher na vida social e familiar, eu digo:*

*Para ser feliz, cabe à mulher ser suficientemente **forte e lúcida**, para escolher, para decidir os lugares para os quais se sente chamada, segundo os momentos e de comum acordo com seu marido, tendo plena consciência de que escolher uma ou mais atividades significa renunciar a muita outras.*

***Forte**, porque existe o perigo de se deixar levar por correntes de opiniões diversas (família, sogros, amigos, sociedade...). Mulher que trabalha fora? Mulher no lar? perigo de ser levada por estereótipos, desejos excessivos de dinheiro e de nível de vida.*

***Lúcida**. A mulher, o casal, não devem, a meu ver, apenas suportar, mas discernir e respeitar os dons e os apelos recebidos por cada um dos cônjuges.*

*Professora primária até o nascimento de meu primeiro filho, decidi, de comum acordo com meu marido, tirar uma licença que durou seis anos, até que nosso segundo e último filho tivesse quatro anos e freqüentasse a escola maternal. Mas durante esses seis anos, me senti desabrochar, com a presença de meus filhos, na vida familiar; aprendi datilografia e fiz trabalhos para a A.T.D. (uma organização de caridade), fui animadora de catequese de perseverança para adolescentes.*

*Depois, retomei minha profissão em tempo parcial... o que me permitiu voltar a estudar no Instituto Católico (tirei um diploma universitário em Pastoral Catequética) e trabalhar em catequese na minha paróquia e na minha diocese.*

*Toda minha vida doada, escolhida, desabrochadora e rica para mim mesma, para o nosso casal, para nossos filhos, para a sociedade, para a Igreja. (F)*

## **2. “Minha dificuldade de ser mulher”.**

*Voltando-me para meu passado, um mal-entendido instaurou-se desde o meu nascimento. Minha mãe, tendo perdido um primogênito homem, imaginava, em cada nova gravidez, que o nené novo iria substituir o filho perdido. Logo, apesar de ter nascido depois de duas irmãs e um irmão, eu também fiquei imaginando que deveria ter nascido menino, para agradar de verdade à minha mãe. É evidente que nunca consegui suprir esta sua grande carência.*

*Até os onze anos, brinquei de “pseudo-menino”. Os vizinhos que tinham minha idade eram meninos e eu partilhava seus jogos: bolinha de gude, cabanas nas árvores, piratas... Além do que, por obra do acaso, na quinta série, só tinha meninos na minha classe (apenas duas meninas).*

*Aos onze anos, uma mudança de casa afastou-me brutalmente de meus amigos meninos e fui lançada num universo exclusivamente feminino. Foi um golpe rude! Chorei por muito tempo o paraíso perdido que tinha sido, ao mesmo tempo, a minha infância e o universo masculino no qual vinha evoluindo até então. Sentia falta, sobretudo, da liberdade que eu gozava antes. Era uma liberdade devida às circunstâncias (podia brincar sem perigo na rua e no parque da minha morada anterior; era impossível nesta outra) mas era também uma liberdade que tinha conhecido por partilhar os jogos dos meninos.*

*Acabei por adaptar-me à nova situação e à adolescência, fiz amizades femininas que duram até hoje.*

*O meu mal-estar despertou de novo quando se tratou de escolher uma profissão. Minha mãe desejava que suas filhas tivessem uma boa formação: ela tivera que cuidar das necessidades da casa e abandonar os estudos enquanto meu pai prosseguia os seus e, por vezes, ela sofria por causa de sua condição de mulher no lar. Todavia, eu não podia escolher qualquer caminho: uma das minhas irmãs foi impedida de fazer estudos de medicina, “uma profissão difícil demais para uma mulher” (há 20 anos)... e é por isso que hoje sou professora, que, como todos sabem, é uma profissão em perfeita harmonia com uma vida de mulher!*

*Não é um caminho que me foi imposto, foi-me apenas fortemente aconselhado (minha outra irmã também é professora) e tenho consciência de que aceitei porque na época, eu me conformava com a idéia de mulher que o ambiente espelhava: evidentemente, irei casar-me; evidentemente, terei filhos. Já conhecia aquele que iria tornar-se meu marido, que, de seu lado, preparava-se para uma profissão que o levaria*

*a deslocar-se muito. Então, abandonei (sem muita resistência, é verdade) um outro projeto profissional e escolhi o ensino.*

*Felizmente, era uma profissão que correspondia ao meu gosto pelos estudos e ao meu desejo de contato com os jovens. Entretanto, fui eu que tive que projetar meu futuro para conciliar a vida profissional e a vida familiar. Senti esta pressão várias vezes na minha vida.*

*Assim, ajudar meu marido a prosseguir seus estudos e fazer sua pós-graduação me pareceu natural (numa exata reprodução do esquema dos maus pais), mas chegou a minha vez de prosseguir, não recebi qualquer apoio de sua parte. Nosso primeiro filho tinha nascido, por que precisava eu de continuar meus estudos? Eu teria que gastar muita energia... e desisti.*

*Ainda hoje, é natural que meu marido prossiga na sua carreira e escale os seus degraus (quando, na verdade, não se trata nem de obrigação profissional nem de necessidade material). Ele pode realizar suas ambições profissionais. E eu sacrifico “pelas crianças” as viagens de estudo ou os estágios que me afastariam da casa. Parece-me natural. Escolhi trabalhar fora de casa, mas minha vida profissional não deve invadir minha vida familiar. Oscilo entre a frustração quando não consigo levar a cabo meus projetos pessoais e um sentimento de culpa, quando tudo não funciona bem em casa: como ser boa esposa, boa mãe, boa cozinheira, boa faxineira, tomar as lições e ser enfermeira de vez em quando?...*

*Pois até mesmo o conforto de uma palavra de ânimo é recusado para a mulher que trabalha fora sem necessidade financeira. Muitas pessoas bem intencionadas (inclusive meu marido) me responderam: “Pára de trabalhar”, quando às vezes achei a tarefa pesada demais. Será que é isto que se diz a um homem que se queixa de estar cansado, contrariado, ou que expõe seus temores?*

*Como mulher, sinto-me acuada. Acho que consegui resolver meus problemas de identidade feminina (vide começo da carta), realizei-me com a maternidade, mas é das condições de vida impostas à mulher que reclamo (e ainda, eu sou privilegiada, porque só trabalho meio-período desde o nascimento de meu terceiro filho). A sorte dos homens parece-me mais invejável: eles beneficiam-se de mais liberdade (quantos homens sacrificam a carreira pela família?) e de mais direitos. Mesmo seus defeitos físicos e morais são relevados.*

*Hoje, minha filha mais velha (17 anos), fala de seu futuro. Ela gostaria de trabalhar em pesquisa de vulcões. Que reação acham que nós, seus pais, temos? “É uma profissão muito difícil para uma mulher, pouco compatível etc., etc... Infelizmente!... Não a impedimos, mas a alertamos. Que pena!...*

*As minhas reivindicações femininas são vivenciadas com maior ou menor intensidade conforme o momento (o período das crianças pequenas foi difícil) e conforme o meu bom entendimento com meu marido.*

*Em período de felicidade conjugal sem nuvens, sou muito feliz de ser mulher. Em período de crise, estou sempre com raiva... é a minha feminilidade que se sente ferida.*

*Então fico com raiva dos homens, da sociedade que impõe esquemas femininos estereotipados, de mim mesma, que não tenho a coragem de combatê-los. De Deus, que me fez mulher.*

*Qual é o projeto de Deus para mim? Não sei. (F)*

## **II. O peso da educação**

### **1. “Fomos condicionados”**

*Fomos marcados, “condicionados”, por uma cultura judeo-cristã, na qual mulheres e homens tinham status muito diferentes, em função de uma educação e de uma religião muito moralizantes.*

*A rápida evolução de nossa sociedade na segunda metade do século XX desestabilizou tudo isto.*

*Por exemplo, a civilização atual tende a uniformizar o lugar do homem e da mulher, através da moda, do modo de vida, a situação na vida profissional e social. Assim, as noções “do que convém” e do que “não convém” foram subvertidas; a intimidade da pessoa era protegida da vista, senão do pensamento. Não o é mais: a mídia, publicidade, praias etc... não nos sentimos bem com esta evolução. Achamos que expor desordenadamente um tesouro é aviltá-lo.*

*Mas temos que ser positivos, não ficar irritados e armados para defender uma lei. É melhor buscar os fundamentos da moral, procurar servir com amor autêntico, compreender que a igualdade não se opõe às diferenças, que enriquecem a complementaridade e que a libertação do homem não se pode compreender sem o respeito que ele deve ter por si mesmo e pelos outros. (F*

### **2. “Marcada pela educação”**

*Eis como pais muito amorosos podem marcar suas filhas pela educação.*

*Eu teria adorado cantar num coro de crianças, mas “uma menina não deve fazer isso, são os meninos que têm uma voz bonita”! Forçaram-me a estudar piano, que imediatamente detestei.*

*Meu irmão de 12 anos foi autorizado a ir colher batatas numa fazenda com falta de mão-de-obra, mas minha irmã e eu, que tinha 13 anos, não tivemos esta permissão, apesar de sermos grandes e fortes!*

*Meus irmãos puderam ser escoteiros, eu não pude se bandeirante...*

*Meu pai me transmitiu o pavor de um possível estupro... eu pensava que poderia acontecer em 2 minutos e isto me paralisou no meu relacionamento com rapazes que poderiam não ser “bem educados”!*

*Não pude continuar meus estudos além do colegial. Meu pai receava que se me tornasse por demais intelectual, não acharia marido. “O que você recebeu, você deve dar aos outros”. Assim, fiz trabalhos de voluntariado por dois anos, o que não preenchia meu tempo e me deixou um pouco mais complexada. Sem falar da minha preocupação com o futuro, em caso de não me casar!*

*Por vezes, eu me surpreendo de ter essa mesma atitude com meus filhos e meus netos... Quando dou banho aos menores e que digo aos meninos: “Essas pernas são*

*mesmo de menino”! e me congratulo com eles, por que as meninas não poderiam ter pernas arranhadas e cheias de hematomas? Elas também podem correr pelo mato e subir nas árvores!*

*Sim, tudo isso faz a gente lamentar o seu sexo e precisei esperar meus 26 anos, no dia do nascimento de meu terceiro filho, para exultar de alegria e aceitar ser mulher. Quem sofreu mais com isso? A minha filha que nasceu antes deste terceiro... (F)*

### **III Ser casal**

#### **1. O respeito pelo outro**

*“Desposar a alma do outro” parecia-me um objetivo bem fácil no começo do nosso casamento, um tanto “desencarnado”. Na verdade, foi um erro, era mais a idéia que era preciso que um se apagasse em proveito do outro... Isso, na realidade, se torna cada vez mais difícil, na medida que a personalidade de cada um vai se afirmando; assim, também, o desejo de respeitar o “jardim secreto do outro” que deve permanecer e tornar-se cada vez mais inviolável: há uma parte cada vez maior entre o outro e Deus e que é incomunicável...*

*Nesta matéria, não acredito completamente na “transparência” dos esposos, um para com o outro e não me parece ser um objetivo a atingir, mas sem negar, ao mesmo tempo, que os esposos devem procurar “partilhar” ao máximo, ir ao encontro, à descoberta do outro. (Mas esta é uma experiência pessoal minha, bastante antiga, de mais de doze anos, do momento do falecimento de meu marido, que morreu “sozinho” na minha frente, não tão sozinho, creio, mas com o Senhor, que ele esperava com toda a sua vontade e que ele sentia próximo).*

*O Dever de Sentar-se é muitas vezes uma maneira bastante fictícia de colocar-se espiritualmente “nu” diante do outro: abrir-se a sós sempre me pareceu mais difícil a sós do que diante do outro.*

*Rezar juntos, a dois, nós tentamos muitas vezes e me pareceu muito difícil mas, paradoxalmente, conseguimos realizá-lo verdadeiramente, quando, num grupo de oração, cada um colocava o melhor de si mesmo, sem aquele respeito humano que é dificilmente eliminado a dois. É ali que descobríamos o melhor do outro.*

*Nosso corpo: uma linguagem? Sim, mas uma linguagem traiçoeira também...*

*Alimentar-nos nas mesmas fontes? Muito ambíguo, se tratar-se de leituras ou meditações comuns: aquilo que para um é natural, passa por cima da cabeça do outro... Mas a fonte dos sacramentos, sim, com certeza: a Eucaristia, praticamente vivida em comum cada dia, era nossa volta à fonte que se tornara necessária, um puxando o outro, nesta difícil caminhada de fé.*

*Possibilidade de comunhão na união sexual dos esposos, sim, mas aí também, precisa tomar cuidado com o risco de dominação de um dos cônjuges sobre o outro, de passividade do outro. Um respeito infinito é sempre necessário: estar apaixonadamente atento ao que outro experimenta, vive.*

*Papel importante dos demais gestos (olhar, mãos dadas). É uma das maiores carências de minha vida de viúva. (F)*

## **2. Testemunho de uma equipe**

### *Só tratamos de uma questão:*

*Nosso casal: como nossas diferenças de personalidade permitiram, apesar de tudo, que vivêssemos juntos 40 a 50 anos? Em que se alicerçou nossa unidade?*

#### *a) Para o melhor e para o pior.*

*Casamo-nos para sempre. Em nosso tempo, era muito mal visto separar-se ou divorciar-se. Compromissados no matrimônio para sempre, para o melhor e para o pior, este sentido de finalidade ajudou-nos nos momentos difíceis e nas provas. Sempre acreditamos na graça do matrimônio e na oração.*

#### *b) O que nos ajudou?*

*Primeiro, o fato que éramos católicos praticantes, provenientes de famílias que se estimavam, num ambiente de sã amizade, até um pouco “protegido”.*

*A boa acolhida recíproca de nossas famílias sempre nos sustentou, procuramos não somente olhar um para o outro, mas olhar na mesma direção...*

*Uma fé comum foi uma fonte importante de compreensão recíproca. Consciência de Deus em nós.*

*Mas o melhor cimento para fazer a unidade de nosso lar foi sem dúvida a presença de nossos filhos! Em geral, vieram depressa, até demais... A média está entre 5 e 7 filhos em cada uma de nossas cinco famílias.*

*Nossa vida não foi sem choques, mas nunca diante dos filhos. Era preciso que os filhos sentissem um casal unido! Era necessário ao seu próprio equilíbrio. Sempre tivemos a preocupação de educá-los num clima feliz e desabrochante. Apesar do pai cuidar pouco dos filhos, marcou-os fortemente.*

*Uma família numerosa nos tira forçosamente do egoísmo. Penso que as Equipes de Nossa Senhora, e a nossa em particular - pois estamos nela há quase 40 anos - nos ajudaram muito nos momentos de crise de nossa família, mesmo que tenhamos evitado de trazer nossos problemas à “partilha”, que os teria tornado oficiais demais.*

*A oração, as graças do sacramento e a presença dos nossos filhos nos permitiram passar por obstáculos difíceis, devidos acima de tudo às nossas diferenças de caráter.*

*Apesar de nossa vida material ter sido relativamente abastada, nunca vivemos no clima de permissividade e de facilidade que é o de hoje, quando assistimos a um enriquecimento material generalizado.*

*Os tempos de guerra e de restrições nos deram um certo senso dos valores. E cada um dos nossos casais teve uma vida profissional cheia.*

#### *c) Descoberta das nossas diferenças.*

*Em consequência da diferença dos sexos, sempre há, no outro, uma parte de mistério que nunca se descobre completamente. E naturalmente, diferenças na educação, mais ou menos flexível ou rígida, egoísta ou aberta aos outros, rigor moral ou leviandade.*

*Nos primeiros anos, muitas brigas.*

*Conflitos em algumas decisões, dificuldades para conversar a respeito.*

*O marido estando muito absorvido pelo trabalho profissional, com frequência, a mulher que ficava no lar tinha a impressão de estar educando os filhos sozinha. Nos momentos de crise, chegamos a pensar: “Se não tivéssemos os filhos, nosso casal teria agüentado?”*

*Havia também, por vezes, as diferenças de gostos e de natureza: “ele gostava de esportes, de ar livre, de caça, da lancha, do esquí e eu gostava da vida tranqüila, do bridge, dos nenés; muitas vezes, eu ficava de guardiã do lar durante seus momentos de lazer”.*

#### *d) Descoberta de nossa complementaridade*

*A descoberta das qualidades do outro nos encantou ou irritou. Para a mulher, as intuições, as emoções do coração, a meiguice!*

*Ele: “Ela pensa em tudo”.*

*Ela: “Aprendi a dar os primeiros passos”.*

*Ele: “Sentia seu perdão como um raio de sol furando as pesadas nuvens negras”.*

*Ele: “Quanto mais o tempo passava, mais eu descobria as riquezas de coração e de amor que minha mulher tinha para mim”.!*

*Ela: “Havia pouca comunicação entre nós, mas será que é tão importante? Confiamos sempre sem limites um no outro, estávamos seguros em relação ao outro.” (“Escolher de viver na confiança, amar e saber-se amado”).*

*Em que se baseou nossa complementaridade? Em tomarmos consciência dela graças à escuta mútua. A vida foi possível graças às diferenças, que enriqueceram o que cada um encontrou no outro. Por causa das diferenças, encontramos no outro aquilo que não temos e é isto que cria o equilíbrio do casal.*

*Também as provações dolorosas e as alegrias partilhadas.*

*Com o tempo, progredimos em nosso apego mútuo, mesmo se a vida sexual passou para o segundo plano.*

#### *Conclusões*

*Um de nós vê quatro condições para que um casal possa sustentar-se por 50 anos:*

- desejá-lo e querê-lo desde o começo,*
- sentir-se atraído pelo outro e manter essa atração,*
- ter uma complementaridade: “você é forte onde eu sou fraco e vice-versa”,*
- ou melhor 1. - Deus sempre presente. (F)*

## **IV Alteridade**

### **Diálogo**

*Ele*

*“Sinto você como mulher, diferente de mim,*

- Quando você se queixa que eu não presto atenção aos detalhes,*
- Quando vejo você muito próxima da vida e da sensibilidade dos outros,*
- Quando você procura mais harmonizar do que atacar,*
- Em sua sensibilidade que muitas vezes eu arranho,*
- Em sua confiança nos outros,*
- No amor que você soube tornar concreto para as crianças,*
- Na tua fé, mais voltada para a oração que para a ação,*
- Quando você se abandona”.*

*Ela*

*“Sinto você como homem, diferente de mim:*

- Quando você me considera pelo que eu sou,*
- Por sua vontade de construir,*
- Por sua força e a segurança que encontro em você,*
- Pelas decisões que você toma,*
- Quando preciso falar maternalmente com você” (F)*

## **V. Complementaridade**

### **1. Adão e Eva**

*No estudo deste texto, pareceu-nos importante destacar alguns pontos que não estão muito claros na redação e que pareceram fundamentais aos membros da nossa equipe, para compreender a verdadeira complementaridade do homem e da mulher.*

*Em primeiro lugar, a companheira do homem (que só se chamará Eva depois do pecado original!) não é propriamente “criada”; tomaremos, para prová-lo, duas razões essenciais:*

\* *A substância utilizada por Deus é “tirada” da substância de Adão: logo, neste nível, não há criação mas simples remodelação da substância utilizada. Mas se Deus pôde extrair a substância da mulher do Adão original, é porque este último não era apenas “homem”, mas “homem-mulher” em um único ser; aliás, Gn 1,27 pode muito bem ser compreendido neste sentido.*

\* *Deus não insufla um novo “espírito de vida” no corpo assim formado, coisa que tinha feito para dar vida a Adão (Gn 2,7). Portanto, esses dois seres distintos em seu corpo devem partilhar o mesmo “espírito de vida” (expressão hebraica bastante ambígua, que pode significar “alma” ou “espírito”, como também um misto dos dois). Concebe-se, pois, que deve existir uma afinidade particular ente o homem e a mulher, uma afinidade que se expressa e se resente até mesmo ao nível sutil da alma e do espírito.*

*Tudo isto permite compreender melhor a diferenciação sexuada que conhecemos e de situar num outro plano a complementaridade vivenciada pelos esposos. Tal complementaridade não é uma “imagem poética”, uma “figura de estilo”, mas, ao contrário, uma realidade profunda que explica e reforça a atração sexual, fundada no verdadeiro fenômeno de extração da mulher do Adão original, que acabamos de descrever.*

*O homem e a mulher atuais são seres verdadeiramente “incompletos”, cujo desejo mais profundo é o de voltar a encontrar aquele estado original unitário, do qual conservam apenas uma lembrança fulgurante, uma nostalgia incomparável e um agudo sentimento de ser incompleto.*

*Assim, o Adão criado no versículo 7 desse segundo capítulo, representa o estado sintético à imagem de Deus, um estado ao qual deve tender, no absoluto, o casal cristão.*

*Poderemos ser acusados de dar demasiada importância a detalhes de um texto mais poético que verídico, feito para levar à reflexão os hebreus do tempo de Moisés, porém simplista demais para os homens e mulheres modernos que somos!*

*Pois ao contrário, parece-nos muito grave negligenciar textos tão fundamentais da tradição cristã, ou, pior ainda, nivelá-los a fábulas poéticas, sob o pretexto de estarem em contradição com a teoria científica da evolução.*

*Haveria muito o que dizer a respeito dessas pseudo-contradições e teremos ocasião, sem dúvida de voltar a falar delas. (F)*

## **2. Testemunho de uma mulher**

*Diz-se com freqüência que o homem e a mulher são “complementares” e há uma pergunta neste sentido no pé da página 10 (do texto-base). Essa expressão deve ser rejeitada: o homem e a mulher são complementares apenas na fisiologia da sexualidade. A palavra “complementar” significa que o que um possui o outro não o tem: o homem teria a razão e, como diz o tema de forma vantajosa para ele: “tomar a iniciativa, movimentar-se, ousar, explorar a realidade, não se fechar na vida emotiva mas preferir ser guiado por idéias definidas capazes de se traduzirem em ações”. Logo, a mulher “complementar” não teria a razão, mas somente a intuição...*

*Tudo isso é simples opinião: o homem e a mulher são, certamente, diferentes, mas os dois são dotados de razão e os dois são intuitivos. A média dos homens seria mais do raciocínio, enquanto a média das mulheres seria mais intuitiva? Os milênios que nos precederam, quando as mulheres ficaram confinadas nas tarefas familiares, não nos ajudam a responder a essa questão.*

*Em termos matemáticos, é provável que o homem e a mulher possam ser representados por duas curvas de Gauss, ligeiramente defasadas e tendo, portanto, uma ampla parte comum. A mulher não é desprovida de razão e é de se perguntar como os homens, se não tivessem intuição, poderiam inventar tantas coisas! (a maçã de Newton, por exemplo: que intuição!)*

*O homem e a mulher não são complementares, são semelhantes, as qualidades de um são as qualidades da outra. Acontece, simplesmente, que alguns indivíduos podem ter deficiências em sua personalidade, faltando-lhes isto ou aquilo. Evidente. Também é evidente que as qualidades comuns podem exercitar-se na vida concreta, sem que por isso as aptidões comuns devam ser questionadas.*

*Em nossa época, quando o status tradicional da mulher modifica-se com muita rapidez, é possível que se descubra que a famosa “natureza feminina” definida pelos homens desde sempre, não seja exatamente o que se vinha acreditando. Lembremos a estupefação dos homens quando Mademoiselle Chopinet entrou em primeiro lugar na Escola Militar em 1972. Era absolutamente inimaginável, até então!*

*Tudo isto não quer dizer que o homem e a mulher sejam completamente intercambiáveis ao nível das profissões. Todavia, é de se perguntar o que as mulheres não são capazes de fazer... a senhora Thatcher... Florence Arthaud... etc. (F)*

### **3. A viuvez**

#### **Primeiro testemunho**

*A pergunta: “como viver a separação da viuvez para que não rompa a comunhão com os outros?” foi preterida, pois “não constitui uma situação de vida real” para nós.*

*Entretanto, acreditamos que convém que o casal considere e prepare esta separação não só material mas também moral e espiritualmente, para que esse tempo não se transforme num tempo de desolação.*

*A morte física sendo a eterna E fusão com o Senhor, não é, também, o grande mistério da Esperança e a nossa fé? É, inclusive, a única certeza: todos passaremos por esta etapa. Claro, “não sabemos a hora” (nem onde, nem quando, nem como) mas, exceto em caso de falecimento conjunto dos dois, um dos membros do casal continuará vivendo, ou melhor, terá de continuar vivendo.*

*Não há possibilidade de saber como viveremos esse tempo, não adianta teorizar, os caminhos do Senhor não são conhecidos por nós. E não convém, também e sobretudo, de julgar o modo de vida dos que conhecemos nesse estado (viúvos, recasados, concubinos).*

*Pensamos, sem qualquer espírito mórbido, que a exclusão da morte, de nossa sociedade, é uma atitude demoníaca. Cuidar do corpo segundo os eficientes métodos*

*modernos é, de certa forma, dar graças a Deus, mas esconder o fim terrestre do homem é ausência de fé.*

*Em conseqüência, juntos ou separadamente, rezamos e damos graças por esta vida comum, pedimos saúde e uma boa morte (final da Ave Maria). Ajudamo-nos mutuamente, material, moral e espiritualmente (o melhor possível), quando um de nós está doente. Desde agora, rezamos por aquele que partirá e por aquele que ficará, como num estado de união amputada, enquanto esperará por sua vez a eterna E fusão, após as tribulações que não hão de faltar.*

*Evidentemente, será uma provação, temos consciência disso. Intercessão da oração eucarística nº 3: Que o Espírito Santo faça de nós uma eterna oferenda à tua glória para que possamos obter um dia os bens futuros.*

*Temos esperança na graça do Senhor e no auxílio mútuo humano, como reflexo da nossa fé na Comunhão dos Santos.*

*PS. Esta atitude nos vem do início do nosso casamento, quando lemos um artigo na revista L'Anneau d'Or, que nos chocou. Falava de um jovem casal: o marido, apesar de muito sofrer, esforçava-se para não ser obstáculo à vontade de Deus ajudando sua esposa a viver sua doença e a partir na fé. (F)*

## **Segundo testemunho**

### O que faz mais falta?

*O sentimento de ser íntimo com uma pessoa particular, de ter uma relação particular, uma relação que me faz sair da prisão do meu eu, o sentimento de ser curado por meio de um amor simples sem simulação e por meio de uma compreensão, ver seu isolamento transformado em solidão pelo fato da existência do outro. (Austr)*

## **VI Imagem de Deus**

### **1. Criados à imagem de Deus**

*No Antigo Testamento, como sabemos, havia a proibição de se fazer imagens, fossem elas de ouro ou representações rudimentares de barro (Ex 20,4;20,23;34,17;Lv 19,4). Surpreende até, de alguma maneira, que o autor sagrado, no Gênesis, vá violar a proibição e nos apresentar uma imagem. Por que? Porque estamos aí, diante de um ser vivo, o homem, uma imagem dotada de vida, exatamente para poder mostrar, em contraste com os deuses da Palestina, que Iavé era um “Deus Vivo”, presente na vida do povo.*

*Por outro lado, é bastante significativa a insistência com que o autor se refere à idéia de imagem. No versículo 26 consigna a decisão divina “façamos o homem à nossa imagem” para, logo no versículo seguinte, introduzir uma expressiva redundância “Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou” para, a seguir, como se usasse o nosso costumeiro ‘especificar em que consiste a imagem’: “macho e fêmea os criou”. É interessante destacar, como o faz Feliz Asencio, s.j., que o texto utiliza “um expressivo ‘zakar ungeba’, dois termos de alcance indiscutivelmente sexual: zakar = macho correlativo de fêmea e ungeba correlativo de macho (La Sagrada Escritura, BACI, 35).*

*Ora, tanto a insistência como a redundância parecem indicar algo de muito importante que serve para caracterizar aquele que vai ser imagem do próprio criador: o sexo. Como é o sexo que propicia a união entre o homem e a mulher, criando entre eles o mais forte e profundo dos vínculos, o amor, o escritor sacro, desta maneira bem viva e vivida por seus leitores, quer mostrar que o amor humano reflete a imagem do Deus que é amor.*

*Cabe, então, a nós, cristãos casados, aquinhoados com tão elevado papel, assumir em nossa vida concreta atitudes que não destoem de nossa vocação de imagens vivas do Criados de todas as coisas. (...)*

*Amar, porém, não é apenas um sentimento. É algo mais profundo que tem como conotação fundamental o doar-se. E, ao mesmo tempo, receber o outro no fundo de nós mesmos. Só que devemos procurar o outro tal como ele é e não como imaginamos que ele seja ou que gostaríamos que ele fosse. E aí estamos diante de uma tarefa nada fácil.*

*Por último, apenas uma observação sobre o casal como imagem de Deus, dentro da Santa Madre Igreja. Seja-nos permitida a franqueza, mas parece que até hoje, a Igreja (que somos nós) não soube tirar as conseqüências da grande lição antropológica que nos vem das primeiras páginas da Bíblia.*

*É só dar uma olhada nas muitas coisas que se escrevem, por exemplo, nos planos de pastoral. Eles sempre contemplam uma visão individualista da Igreja. Basta lembrar que todos eles sempre consideram a Igreja como formada pelo clero e este “mamífero assexuado e andrógino que nem sequer aparece no gesto da criação, o leigo. (A Missão do Casal Cristão, pg. 145, São Paulo, 1990). (Br)*

## **2. Do banal ao divino**

*O relacionamento entre cônjuges ter-nos-á revelado algo a respeito de Deus?*

*Esta pergunta pareceu-nos bastante rica para partilhar nossa reflexão na reunião de equipe. Nosso conselheiro espiritual sugeriu-nos que escrevêssemos nosso testemunho.*

*Após uma relação carnal bem sucedida, chegamos a uma comunhão perfeita de toda a nossa pessoa: nossos gestos, nossas palavras, nossos olhares já não são os mesmos, ou, pelo menos, não são sentidos da mesma forma. Vivemos uma espécie de “transfiguração”. Continuamos sendo, evidentemente, os mesmos, mas nosso relacionamento é tão perfeito que conseguimos comunicar-nos sem qualquer barreira: respeito humano, suspeitas, críticas... desapareceram. Neste sentido, experimentamos,*

*de forma fugaz, como poderá ser nosso relacionamento com Deus e com nossos irmãos na eternidade. A própria noção de tempo parece abolida nestes raros momentos.*

*Também nestes momentos, quando somos inteiramente amor um para o outro e quando nosso único desejo é de querer o bem do outro, experimentamos o que pode ser o amor de Deus para conosco. Aproximamo-nos também do mistério de Deus, pois nesses momentos sentimos bem que não somos os autores do que vivenciamos, mas que é algo que nos foi dado.*

*Aludimos à comparação com o mistério da Transfiguração. Em alguns raros e fugazes momentos, após o ato sexual, percebemos verdadeiramente nosso cônjuge “transfigurado” e aproximamo-nos da plenitude de Deus. Depois, temos de descer novamente da nossa montanha para viver uma vida mais comum. Devemos acrescentar que estes momentos de graça não são muito freqüentes, que não é toda relação sexual que nos propicia esta revelação. Mas a lembrança desses momentos intensos não nos abandona, mesmo nas relações apressadas ou superficiais. Isto nos dá a esperança de que do “banal” possa surgir o “divino”, num momento que foge do nosso controle.*

*É uma tremenda esperança para os momentos em que as coisas vão menos bem: nossa caminhada é longa e o bom, assim como o menos bom, nunca é definitivo. (F)*

*Hervé e Nicole, 30 anos, 6 anos de casamento.*

\* \* \*

## Capítulo II

### CONSTRUIR O CASAL

#### *Uma só carne: dar vida ao casal.*

Deus fez o casal participar de seu poder criador de dar a vida. É uma fecundidade biológica. Mas há, na sexualidade, um outro poder fecundo e cheio de sentido: fazer com que as duas pessoas que compõem o casal sejam uma só carne, um só ser. Os esposos, por meio da sexualidade, dão vida ao casal.

O casal não é uma iguaria que cai prontinha do céu e não é o resultado automático e infalível da bênção nupcial. Mesmo que se tenha recebido o sacramento do matrimônio com uma fé profunda, resta ainda construir o casal. Não será esta uma obra para toda a vida?

Alguns quiseram externar sua satisfação diante do assunto que se lhes propunha (outros, como se verá mais adiante, foram mais reticentes).

*Verificamos o interesse e a excelência dos textos de preparação. Quando teremos uma encíclica deste gabarito?*

*O simples aparecimento de um assunto como este já é, em si, uma revolução... salutar, situando bem o papel da sexualidade no casamento e levando-nos a descobrir todo o seu valor.*

Este capítulo divide-se em duas partes: primeiro, o que se refere à qualidade do casal segundo as suas diversas dimensões (no plano físico, no plano intelectual, no plano espiritual); depois, a construção do casal no tempo e na fidelidade. (Leia-se, no final do capítulo, os breves testemunhos: “Uma vida ascendente” e “Altos e baixos”).

### A - Uma só carne: a qualidade do casal

#### 1. O casal ideal não existe

Pode-se encontrar modelos? Em outras palavras: existe um modelo de casal ideal? As opiniões a este respeito são geralmente muito claras: o casal ideal não existe.

*Esta noção deve ser banida do vocabulário das Equipes de Nossa Senhora. O casal ideal não existe. Substituir a expressão por “casal de verdade” ou “casal que caminha”.*

*O casal ideal ou o casal verdadeiro não existe, mas contrói-se ao longo do tempo. O casal está constantemente a caminho para Deus, graças ao diálogo, ao respeito pelo outro, à escuta, às complementaridades de cada um.*

*Um casal verdadeiro é um casal a caminho. A união sexual é muito vulnerável e não é suficiente para fazer um verdadeiro casal.*

E quando alguns aludem neste ponto à Sagrada Família, é para dizer que não querem que lhes seja apontada como o casal ideal!

Portanto, não existe, para as equipes, um tipo ideal de casal, como se pudesse existir um modelo para ser copiado. Em contrapartida, a maioria admite que se fale de “casal verdadeiro”, com a condição de que o termo seja bem compreendido.

*É aquele que constrói seu relacionamento dia após dia, enraizado na confiança em Deus, e não aquele que vive na beatitude.*

*O casal verdadeiro se constrói nas dificuldades, no combate sempre renovado contra o egoísmo, e não num ideal jamais atingido.*

*Não se decide formar um casal ideal no momento em que se casa. Assume-se o compromisso de formar um casal verdadeiro.*

*O tempo é necessário para a realização do amor - e do casal.*

*A troca de idéias permitiu-nos compreender a caminhada do casal numa “história sagrada” cheia de combates, de feridas, de vitórias, de decepções, de compreensão progressiva, de respeito pelo outro inclusive na incompreensão, de ternura feita de perdões dados e de perdões recebidos. (F)*

*O casal constrói-se dia após dia. Não há como distinguir entre o físico, o sexual, o intelectual, pois seria como dividir a unidade do casal. O casal é algo harmonioso, tem uma unidade como a que se encontra em Deus. O homem e a mulher são, juntos, imagem de Deus, mas de um Deus que é comunhão. Daí nasce o casal ideal (Obs. A expressão é admitida aqui, neste contexto específico), ou seja, aquele que ama com as mesmas características do amor de Deus, pois neste caso passa a ser sinal da aliança de Deus com os homens. (It)*

E aqui temos uma idéia bastante original:

*A origem do termo “pessoa” é significativa para nós. A “persona” era a máscara que os atores gregos usavam para que suas vozes ressoassem no teatro. Nós somos “pessoa” quando conseguimos fazer ressoar, transmitir ao outro o que está em nós. Ressoamos, quando conseguimos fazer nossa mensagem chegar ao outro e que este nos escuta e compreende bem o que quisemos dizer-lhe.*

*No casal, nós somos “pessoa” quando um ressoa por meio da presença do outro e consegue transmitir o que o outro é. Cada um de nós ressoa a necessidade de ser acolhido, mas deve também sentir a necessidade de acolher o outro, a necessidade de evangelizar os gestos. Sentir-se amada e desejada é uma das primeiras exigências da pessoa. Dar a vida significa gerar continuamente o outro e ser gerado pelo outro, significa ajudar o outro a realizar-se plenamente, a ser totalmente quem ele ou ela é. A união dos corpos e dos espíritos é ressoar como pessoa e encontrar-se no outro. (It)*

## **2. As qualidades do casal verdadeiro e como atingi-las.**

Um casal verdadeiro deve ser construído segundo as dimensões próprias da pessoa e da relação interpessoal, ou seja, segundo o esquema clássico, nos planos físico, intelectual, espiritual. Que objetivos devem ser perseguidos?

As descrições, os retratos são bastante semelhantes pelo mundo. Contentar-nos-emos em apresentar alguns exemplos. Eis “um resumo das respostas de uma equipe, copiadas palavra por palavra” pela equipe de síntese de uma Região da França.

Para nós, um casal verdadeiro é:

- Um casal no qual exista uma vontade de entendimento, no qual se procure estar de acordo para progredir.
- No qual não se procura tanto estar de acordo, mas antes, tentar estar de acordo, donde a importância de dialogar.
- No qual faz-se esforços para agradar ao outro, mas não sempre numa mesma mão de direção: deve haver reciprocidade.
- Procurar fazer o cônjuge crescer nas suas qualidades... Nem tudo deve ser pedido ao outro.
- Ter o respeito pelas diferenças: plenamente homem, plenamente mulher; aceitar essas diferenças. (Mas não gostamos muito da palavra “tolerância”).
- Rezar juntos, ter o mesmo ideal cristão.
- Um casal que não perde seus vínculos<sup>7</sup> mas vai se fortalecendo com o tempo. Num casal assim, não há dominação ou submissão, mas equilíbrio na complementaridade.
- Duas pessoas que se dão sem restrição, numa confiança e fidelidade totais, cada um querendo a felicidade do outro antes da sua própria. Sem fusão, porém: duas personalidades diferentes que se amam e se respeitam, aceitando a liberdade do outro.

No plano físico, sexual.

Por vezes acontece: eles acabam parecendo-se um com o outro quando atingem uma idade avançada.

É um casal que dá todo o valor ao sexual; não se fala de “dever conjugal”, o homem desperta a mulher.

Um homem e uma mulher que ascendem juntos no desejo da união dos corpos.

Num casal verdadeiro, um sempre deseja o outro, precisa do outro, de sua presença, de seu olhar, do calor de seu coração e de seu espírito.

Cada um dos cônjuges pode sempre suscitar o desejo do outro e responder com prazer... Num casal verdadeiro, não se força a relação conjugal.

No plano intelectual.

Procura-se compreender a profissão do outro. Trocam-se idéias, partilham-se os gostos culturais e outros. Leva-se o outro a progredir. Tem-se amigos ou relacionamentos individuais que se tornam amigos do casal.

Ter gostos em comum que dão alegria (alpinismo, esportes, lazer).

Ter focos de interesse que trazem algo para o outro, dão-lhe abertura, porque sabe-se partilhá-los e porque o outro sabe escutar em profundidade. Saber expressar reconhecimento por esse diálogo e essa partilha.

---

<sup>7</sup> A palavra latina “copula”, que deu origem ao francês *couple* (casal), significa vínculo, união. (N.T.)

*Os conhecimentos podem ser comunicados... Mas sem alienação! Cada um conserva seus gostos, mas eles se harmonizam automaticamente. E quando as profissões se afinam, pode ser perfeito, pois permite trocas de idéias a respeito nos diálogos.*

*No plano espiritual.*

*É preferível ter a mesma religião, crença, alimento espiritual desde a infância, a mesma sede de religião. É bom também fazer parte do mesmo movimento.*

*Rezar juntos; interessar-se juntos pela vida paroquial.*

*Ser um casal cristão que vive o Evangelho e dá testemunho dele em todos os atos da vida, tanto juntos como separadamente, no lugar onde se está, nas atividades próprias.*

*Ajudar-se mutuamente e rezar juntos, caminhar a dois para Deus e para uma maior santidade. É o mais difícil!*

*Dar testemunho, como casal, do amor humano, querido e transformado por nosso Deus, junto aos filhos, na paróquia, no trabalho, na sociedade.*

*Saber que cada um é responsável pela santidade do outro, o que pressupõe o auxílio mútuo, a correção mútua e a aceitação pelo outro!  
(F)*

A discussão em equipe que se seguiu suscitou várias questões que foram mais além: às qualidades de cada um pode-se acrescentar um projeto comum.

*Seremos capazes de falar aos nossos jovens, namorados ou não, dessa vontade, desse projeto comum, quando quiserem assumir seu compromisso? Para alguns casais das equipes, sim; para outros, não, porque têm medo da resposta: “Lá vem você, com sua moral!...”*

*Por que, após dois ou três anos de coabitação, alguns casais assumem seu compromisso? Porque acabaram por descobrir um objetivo, querem começar de novo. Tiveram o tempo de comunicar um ao outro seu projeto comum.*

Esta resposta reproduz com bastante exatidão o conjunto das respostas e poderíamos citar algumas dezenas mais ou menos semelhantes. Acrescentemos apenas algumas considerações.

O plano intelectual. Não se fala muito nele, senão para dizer que deve estar integrado na construção e desenvolvimento do casal.

*Os três pontos assinalados: físico, intelectual e espiritual formam um todo, no sentido de que deve haver “interpenetração” dos três níveis, se bem que a influência do aspecto sexual deva estar muito presente no casal.*

*No plano intelectual e num sentido geral, deve-se ter a preocupação para que o outro cresça em todos os aspectos da vida: o bem que quero para mim, querê-lo também para o outro, para que haja uma verdadeira igualdade. Uma superioridade nos conhecimentos ou no desenvolvimento intelectual de um dos dois pode levar à dialética poder x submissão. (E)*

*No nível intelectual, é importante que os dois tenham um grau semelhante de conhecimentos e de educação. Assim também, é importante aceitar o outro como ele é e não se crer superior a ele. É interessante também que o casal partilhe dos mesmos gostos e predileções. (E)*

O plano espiritual. Falaremos mais adiante da “dimensão espiritual” no seio da vida sexual. Assinale-se aqui, apenas, que a relação do casal deve exercer-se também num nível espiritual, numa partilha das aspirações e num auxílio mútuo.

*Além de partilhar nossos corpos e nossos sentimentos, devemos também partilhar cada dia nossa fé.*

*Quanto mais eu me abrio à vida interior do outro ( o cônjuge ou outra pessoa), tanto mais fácil será para mim acolher o plano que Deus tem para ele e isto me ajuda a respeitá-lo como pessoa, a respeitar a sua liberdade, a amá-lo gratuitamente, a admirá-lo pelo que ele é, e sinto gratidão ao Pai por tê-lo colocado neste lugar... (E)*

Esta comunicação no plano espiritual, no seio do casal, se faz principalmente por meio de um diálogo verdadeiro e o dever de sentar-se (DDS) revela a sua riqueza.

*No casal, a palavra é um caminho partilhado. Todo amor que não tenha palavras para se dizer pára de crescer...*

*O casamento se faz, se constrói dia após dia. Ele é comunicação e é por esta que o casal deve construir-se. Esta comunicação deve atingir o mais profundo da pessoa.*

*O diálogo é fonte de união entre as pessoas. E mais ainda no casal. A comunicação deve estabelecer-se em todos os níveis, inclusive no da oração.*

*O diálogo e a comunicação no seio do casal são fundamentais para conservar relações sexuais harmoniosas, pois é preciso ter em conta os sentimentos do outro e respeitá-los.*

*O dever de sentar-se pode ser uma preparação para a liturgia do amor.*

Esta bonita fórmula vem de uma equipe espanhola. Há outra que diz:

*O ideal do casal vai se atingindo aos poucos, com esforço, gradualmente e encontra-se um auxílio precioso no dever de sentar-se e na regra de vida.*

Uma perguntinha que se faz, de leve:

*Pode-se conciliar a existência de um jardim secreto com o DDS?*

Como se vê, as equipes insistem na unidade de vida do casal a ser construído, em todos os níveis mas, ao mesmo tempo, apela-se para tanto aos métodos que conhecemos bem no Movimento: DDS, regra de vida, oração conjugal...

Um último detalhe, a respeito dos momentos iniciais.

*Os momentos iniciais: exaltação, descoberta, novidade e facilidade. É um impacto de oxigênio ou de gás explosivo! Uma maravilha, com um desejo louco de união corporal, mas tudo está no começo: a profissão, a responsabilidade, a vida conjugal, a família, o primeiro nascimento.*

*Nada melhor do que os primeiros momentos, no amor. Mas depois, precisa recomeçar muitas vezes... com o mesmo cônjuge. (F)*

Para concluir, uma equipe brasileira propõe uma espécie de equação precisa:

*O verdadeiro casal cristão é aquele que busca sua identidade segundo o plano de Deus, ou seja: união total, exclusiva, fecunda, fiel.*

*Total, porque deve ser a união do corpo e da alma; exclusiva, porque acontece somente no casal; fecunda, porque transmite a vida aos filhos; fiel, porque é por toda a vida.*

### **3. As dificuldades**

As dificuldades para conseguir construir um verdadeiro casal são muitas, “naturalmente”, acrescenta-se nas respostas. Prova este testemunho de um casal no seio de sua equipe.

*Para nós, o justo equilíbrio é muitas vezes difícil de dosar, sobretudo:*

- entre os tempos de seriedade e de lazer,
- na busca de nossos ritmos, pois estamos encurralados por uma “gestão do tempo” que não depende só de nós;
- falta-nos muitas vezes o humor ou uma visão da relatividade das coisas;
- falta-nos imaginação para saber sempre criar de novo;
- por vezes, falta-nos confiança, não somente no outro mas também em nós mesmos.

*As preocupações profissionais, de saúde, de educação. Deve-se conseguir a ruptura para tornar-se disponível ao outro.*

*Como canta Jacques Brel, “a vida não dá presentes”. Achamos que a vida é bem dura, às vezes. Ela é feita de perdas que se deve assumir, é um contínuo desprendimento (se não, que “conversão” seria a nossa, se fosse só espiritual e intelectual?)*

*Dificuldade também para compreender realmente que é preciso reabastecer-se, pois somos seres em processo de transformação<sup>8</sup>(é a “dinâmica do provisório”, de que fala o Irmão Roger, de Taizé). Esta também é uma experiência espiritual fundamental, pois o outro, o mais próximo, é também aquele que sempre nos escapa, um pouco à imagem de Deus, o Totalmente Outro. (F)*

É de se notar que estas são duas idéias nas quais muitos se detiveram: a idéia do permanente **transformar-se** e a da **comunicação** no seio do casal.

*O casal está sempre em crescimento, nunca termina de desenvolver-se. O homem precisa mais espiritualizar seu desejo físico, a mulher, “carnalizar” sua espiritualidade.*

A importância da comunicação é sublinhada com frequência (sabe-se que a falta de comunicação no seio do casal é um dos grandes temas da literatura e do cinema modernos):

---

<sup>8</sup> Em francês: “des êtres en devenir” (N.T.)

*Constatamos que nossas dificuldades estão ligadas às dificuldades de comunicação entre dois seres que são indivíduos forçosamente diferentes. A mulher questiona-se mais que o homem e tem uma necessidade maior de comunicação. Isto pode criar tensões no casal.*

*Percebemos, graças a este tema, que a falta de comunicação de alguns casais para com o grupo, uma fonte de tensões e até mesmo de agressividade, é revelador de problemas no casal.*

Uma equipe traz este testemunho:

*Eis o testemunho bem preciso de um casal que estava à beira do divórcio, há alguns anos. A chegada de um primeiro filho, deficiente físico; a chegada do segundo. A mãe totalmente ocupada, muito cansada, tem menos tempo para consagrar ao esposo. Este perdeu duas vezes a esposa: no plano sexual, no plano afetivo. Antes, para ela, o marido era o rochedo, a cidadela. Agora, é a ausência. Aí, tudo balançou. Então ela gritou por Deus. Era uma etapa necessária! Com muita oração e amor, eles se reencontraram, mas houve dois anos infernais. “O Senhor revelou-se no momento em que eu ia embora” diz o marido. Eles se lembraram do salmo: “O Senhor responde quando clamo a ele...”.*

Sublinha-se bastante a importância da comunicação para a construção do casal, como também para sua perseverança. É neste ponto que aparece claramente o papel - insubstituível, como se diz com frequência - do Dever de Sentar-se, apesar de alguns não se mostrarem felizes com a expressão (“dever” é uma palavra que não é mais aceita com boa vontade).

*O dever de sentar-se faz parte da construção do casal.*

Sabe-se que este famoso dever de sentar-se pode assumir muitas formas e que, aliás, é útil que se encontrem novas formas. Fala-se nisso, incidentalmente, nas respostas.

*A tal falta de tempo e de disponibilidade de um para com o outro (que era uma das dificuldades assinaladas), resolvemos, uma noite, solucioná-la. O que fizemos não é original, mas queremos dar nosso testemunho a respeito.*

*Os momentos de intimidade são raros em casa, com quatro filhos em idade escolar. Então, nosso DDS aconteceu no restaurante. Antes, fomos à missa da noite, para apresentar nosso encontro ao Senhor. Depois, à mesa, conversamos como talvez nunca dantes. Magnificat!*

**Vejamos algumas dificuldades específicas.**

Primeiro, nos casais idosos: os caracteres enrijecem, uma evolução que pode ser imprevisível...

*Com a idade que aumenta, os defeitos vão se acentuando. Logo, deve-se ter mais tolerância e benevolência, um para com o outro.*

*A principal dificuldade é a idealização que fazemos do futuro, quando nos conhecemos. Ora, o desenrolar da vida não é previsível, nem tampouco a evolução do outro. Muitas das mulheres estavam*

sexualmente “bloqueadas”, por causa do constante perigo de ficarem grávidas e das proibições da Igreja (o prazer feminino era considerado reservado às mulheres ditas de maus costumes). Carência de verdadeiro diálogo entre esposos - donde o benefício do DDS. Carência de atividades comuns - donde o benefício das ENS.

Os problemas com os sogros, a família do outro. Há equipes que parecem ter vivenciado um leque bem amplo deste tipo de problemas. Aqui está uma que os passa em revista.

*Formar uma só carne... Sim, mas existem dificuldades concretas ou psicológicas... com a família do outro.*

*O casal não se faz no dia do casamento. Constroi-se aos poucos, primeiro durante o noivado, nos momentos de conversa séria. Depois, cada dia há um avanço, ou, certos dias, um recuo... não teria graça se não houvesse mais assuntos para discussão.*

*Lembro-me de um leve aperto no coração quando deixei meus pais e, sobretudo, meus irmãos e irmãs menores.*

*Deve-se aprender os valores da outra família, não fazer sempre comparações. Hoje, sejamos mais indulgentes para nossos genros e noras.*

*Cada cônjuge deve conscientizar-se do peso que sua própria família representa para o outro e, se necessário, recusá-lo. A distância, principalmente no começo do casamento, é muitas vezes uma solução saudável.*

*Senti uma ruptura, ao afastar-me dos meus pais. Saindo de Paris para o interior, sem conhecer ninguém, por timidez, nada ousava fazer. Aceita mas não acolhida, a minha inserção na família dos meus sogros não era fácil. Numa estrutura familiar rígida, tive dificuldade em achar o meu lugar. Graças à ajuda do meu marido e com muita paciência, com o tempo, tudo deu certo.*

*Meus sogros foram sempre muito acolhedores e respeitaram a minha liberdade... e sou muito grata a eles por isso. (F)*

Existem também os problemas de educação, de caráter, de gostos, de tempo...

*a) Há a falta de tempo. Com as atividades profissionais e outras, faltamos tempo, um para o outro; no dia-a-dia, a gente se cruza, é difícil estar disponível ao outro, estar à sua escuta.*

*b) As diferenças. Atitudes diferentes devidas a educações diferentes, ao passado de cada um. Diferenças de caráter (o senso de humor de um pode machucar a suscetibilidade do outro, ou então, um caráter muito independente que deseja mais autonomia, choca-se ao do outro, que é exatamente o oposto, etc.). Diferenças de gostos, sobretudo ao nível do lazer. Alguns tipos de lazer são impossíveis de serem praticados juntos, enquanto há crianças pequenas, levando à frustração de um dos dois que, por exemplo, sente a falta de passeios pela montanha, que lhe são necessários para relaxar-se aos domingos...*

*c) Dificuldades financeiras que podem ser fonte de conflitos. (F)*

Existem, naturalmente, problemas que dizem respeito mais diretamente à vida sexual e, notadamente, ao temor da gravidez... Eis alguns trechos de um testemunho que revela, com grande sinceridade, uma caminhada feita de idas e vindas, com uma grande liberdade de interpretação...

*Eis quais são, ao meu ver, as principais dificuldades no casal.*

*A velocidade do ritmo de vida: a comunicação verbal nunca vai substituir a ternura. Esta não se manifesta de passagem; não é uma ventania ou um furacão: é o murmúrio da brisa leve...*

*A falta de serenidade na expressão do amor, na relação sexual. O amor não pode expressar-se com um pano de fundo de temor, de medo... de ficar grávida, claro! Nosso casal enfrentou esta tensão após o nascimento do terceiro filho, para o qual a gravidez foi particularmente cansativa (dois filhos pequenos e o trabalho da esposa).*

*Discutimos em casal. Eu (esposa e mãe), em consciência, não desejava mais filhos. O caráter radical deste desejo nos levou a consultar um médico, com o objetivo de ligar as trompas. Este nos dissuadiu totalmente, dizendo-nos que, por se tratar de um casal que nunca se tinha utilizado da contracepção, ele não podia aceitar o radicalismo desse meio. Tomei a pílula durante dois anos, e depois deixei de usar, quando me senti capaz de assumir o risco do amor sem pânico.*

*As palavras do médico foram, para mim, uma ocasião de caminhada espiritual: o radicalismo do meio que correspondia ao radicalismo do desejo de não ter mais filhos, era como se eu quisesse parar o futuro, parar o passo-a-passo. Ora, a vida espiritual é feita de pequenos passos. Tínhamos nos omitido de contar com a progressão. Mais tarde, chegamos a considerar o encontro com aquele médico como providencial.*

*Dois anos e meio depois da suspensão da pílula, um quarto filho, não especificamente desejado, nos chegou. Gravidez mais fácil. Somos muito felizes por este quarto filho. Mas, novamente, o problema do risco se nos colocou. Em consciência, voltamos à pílula, sem culpabilizar-nos. Pensamos que se não tivesse havido, para nosso casal, este meio para podermos expressar sem temor o nosso amor, nosso casal poderia ter tido graves dificuldades. Pensamos também que a liberdade de expressão assim conservada preparou-me melhor para a menopausa. Eu provavelmente teria tido dificuldade em assumir a passagem do temor à ausência. A posição da Igreja a este respeito nunca nos revoltou nem pareceu chocante: ela pede, antes de tudo, uma tomada de consciência com lucidez, a responsabilidade de pais educadores, a possível fecundidade fora do casal por meio de outros engajamentos. (F)*

**Como remediar** todas essas dificuldades?

Na opinião geral, há um remédio universal e eficaz: o dever de sentar-se. Mas existem outros, nos quais, talvez, bastasse pensar.

*Importância de conservar um tempo para o casal, em relação aos filhos. Encontrar um tempo a dois. O DDS (dever de sentar-se) é muito importante.*

Eis aqui todo um programa proposto, que poderia facilmente traduzir-se numa série de “regras de vida”.

*a) Fixar um “dever de se ver”, tomar o tempo de partilhar as alegrias e as tristezas. Para tanto, deve-se:*

*- cuidar para não se deixar “devorar” pelas atividades profissionais ou outras;*

*- dividir as tarefas quotidianas, na medida do possível.*

*b) Tomar um bom tempo, cada mês, para o DDS, que permite dialogar em profundidade, discutir determinados assuntos com suficiente recuo e serenidade.*

*c) Vivenciar tempos espirituais fortes em casal e encontrar outros casais (às vezes, graças a uma sessão, o casal é revitalizado).*

*d) Aceitar fazer concessões.*

*e) Importância dos filhos que são uma ajuda preciosa para a construção do casal: “eles são o cimento para o casal”. (F)*

É preciso, sobretudo, saber conversar sobre as dificuldades.

*As dificuldades são freqüentemente... inevitáveis. Logo, devemos conformar-nos com o que somos. Conversamos sempre sobre isso em nossos DDS, o que nos ajuda a progredir.*

*Gostamos de reservar um “tempo de casal” sem os filhos, para discutir estes assuntos - mais ou menos oito dias por ano - seja passeando a dois pelas montanhas, seja fazendo um retiro ou uma sessão. Isto nos parece indispensável! (F)*

E não esquecer o lugar da oração em casal:

*É necessário rezar juntos e freqüentar juntos os sacramentos.*

#### **4. O papel do encontro sexual**

Já foi dito que o casal se constrói em três níveis: físico, intelectual e espiritual. Neste ponto, deseja-se considerar mais precisamente o plano físico, mas com todas as repercussões decorrentes: o papel do encontro sexual na construção do casal. Deveremos assumir a palavra “sexual” num sentido mais estreito que aquele que tinha no capítulo I. Deveríamos dizer, provavelmente, para sermos mais exatos: a relação carnal, pois é realmente disso que se trata; conservaremos, porém, o vocabulário utilizado no Projeto e pelas equipes.

4.1. A **importância** desta relação para a construção do casal ficou clara para todos. E todos estão conscientes de que é preciso enfatizá-la.

*Para nossa equipe (com casais de idade já avançada), está cada vez mais evidente que este tema deve ser incluído na formação de cada equipe, desde o início.*

Agruparemos mais adiante os testemunhos positivos sobre a relação conjugal como meio que ajuda o casal a crescer. “Uma só carne: dar vida ao casal”, propunha o Projeto. Poderíamos, agora, traduzir: a relação carnal (ou sexual) é importante para dar vida ao casal? Isto pode explicar determinadas tomadas de posição radicais (e

contraditórias), que manifestam, muitas vezes, toda uma concepção da sexualidade (o amor sublime pode dispensar o ato sexual; a vida sexual é legítima mas deve ser olhada com reservas...).

*A relação sexual é fonte de vida.*

*A relação sexual não é fonte de vida.*

*A relação sexual não é a coisa mais importante.*

*O amor pode ser tão sublime que pode chegar a dispensar o ato sexual.*

*A equipe tem dificuldade em aceitar as pistas para reflexão deste capítulo: ela afirma com veemência que a união sexual não está na base da construção do casal (apesar das aparências que o desejo dá), mas que é o seu reflexo, a sua consequência: a união espiritual sempre antecede a união sexual, que sem aquela nada é, nem sequer provoca desejo.*

*A partir deste ponto, a equipe divide-se em duas posições:*

*a) Uns afirmam a importância da vida sexual do casal, sua beleza, como também os sofrimentos e as contrariedades pelas quais deve passar.*

*b) Outros relativizam esta vida sexual, certamente legítima, mas que deve ser olhada com humor e desconfiança: a Tradição da Igreja nos convida a superá-la, a purificá-la para, aos poucos, encontrar aquele único Amor do qual ela é apenas imagem: Deus. Um modismo cristão recente parece conferir à relação sexual um valor que não é necessariamente adequado... (F)*

4. 2. Há um verdadeiro **aprendizado** que deve ser feito. Muitas vezes, não se está bem preparado e nem sempre se tem idéias claras desde o princípio...

*As expectativas antes do casamento são, às vezes, bastante indefinidas: resultado de uma educação de pais severos, do exemplo de adultos casados que não dão testemunho de felicidade, influência de certos ensinamentos da Igreja (os “tabus”, o pecado...).*

*Para muitos, o plano físico é terrivelmente prejudicado pelos tabus da educação (somos uma equipe de idosos). E resulta mais em afastamento que aproximação.*

*Para as mulheres, há uma descoberta a ser feita. Elas não têm um conceito “realista” da relação sexual, antes do casamento.*

*A cada reunião que passa, compreendemos que o relacionamento conjugal não é fácil. Precisamos refletir sobre o assunto (como estamos fazendo), sempre. Existem muitos casais que ainda não se acertaram sexualmente (um outro não se realiza). Existe vergonha ou medo de se falar de determinados assuntos. A Igreja precisa abrir mais espaços neste assunto. Outros casais precisam inteirar-se sobre isto. Quem sabe, assim, não salvaríamos muitos casamentos? (Br)*

*A minha concepção de sexualidade era muito pobre e um pouco pessimista. Minha experiência familiar e com outro rapaz me levaram a não esperar muita coisa dela. Já “ele” tinha uma visão muito forte e muito positiva de sexualidade. E, antes do casamento, ele conseguiu quebrar a minha experiência e me deixar antever um relacionamento alegre e gostoso. A realidade suplantou as expectativas de ambos. Claro*

*que ainda surgiram bloqueios meus, mas aos poucos fomos vencendo essas dificuldades e, mais do que isso, fomos descobrindo juntos uma unidade. (Br)*

Se, por um lado, lamenta-se que a educação não tenha sido melhor, por outro, constata-se também que existem aprendizados perversos. No Brasil, quis-se acionar o alarme.

*Nesta questão, colocaremos algumas preocupações manifestadas e debatidas na reunião e que acreditamos serem importantes.*

*É preocupante a quantidade de filmes pornográficos que aviltam a relação sexual, revistas e programas de TV que veiculam mensagens distorcidas, dão excessiva ênfase a técnicas e táticas sexuais, colocam como objetivo prioritário o orgasmo a qualquer preço, transformando em mecanismo aquilo que deve ser relacionamento.*

*São preocupantes os inúmeros artigos, aconselhamentos e opiniões de sexólogos que recomendam o sexo anal como meio de descoberta de novos prazeres sexuais.*

*Estas mensagens têm encontrado eco em muitos casais cristãos (o que é mais grave), que começam a anunciar que entre quatro paredes tudo é permitido, em maridos que querem que as esposas topem tudo o que está nos filmes pornográficos e por aí a fora.*

*Isto é preocupante para nós, um movimento que está trabalhando num projeto cujo objetivo é Evangelizar a Sexualidade. A experiência e confissão de muitos casais desajustados vêm mostrando precisamente que o que destrói a amizade conjugal, o que envenena o respeito, é ir além de um sadio limite. Quando é que teremos orientações claras, pingos nos iis, sobre este aspecto tão importante da vida do casal? (Br)*

#### 4.3. A relação conjugal **nos ajuda a crescer.**

O conjunto das respostas poderia ser resumida nesta frase simples. Entende-se, naturalmente, crescer como casal. Mas também na relação com Deus.

*A relação conjugal nos ajuda a crescer: dinamiza, equilibra, dá cores a todos os aspectos de nossa vida. Não é muito realista estabelecer-se, como no passado, uma hierarquia entre as diversas formas de encontro, de comunhão vivida em casal. A relação sexual participa da harmonia de todo o conjunto, integralmente. Não é um “estepe”. (F)*

*A relação sexual é indispensável, é uma fonte de comunhão entre nós, abre-nos um ao outro. (Tendo recebido muito, posso dar muito; quando recebo frustração, dou agressividade.) Ela nos transporta para a paz e alegria, um pouco - nas palavras de um equipista - como depois de um tempo de meditação. (F)*

*Uma boa relação conjugal, no plano físico, nos faz sentir bem e isso repercute sobre toda a nossa vida. Mas isto não é exclusivo da relação conjugal: um bom DDS tem os mesmos resultados. (F)*

*O desabrochar do casal provém de um encontro sexual bem sucedido. O sexual e o espiritual crescem juntos.*

*A união sexual é fonte de vida e de unidade no amor; é o reflexo de Deus. O casal só vive verdadeiramente quando cresce no plano físico, sexual e espiritual, custe o que custar! (Br)*

*Sem dúvida, o encontro conjugal nos põe em maior comunhão com o outro. É um referencial de harmonia e de sucesso que ajuda a relativizar as dificuldades de comunhão do casal nos demais relacionamentos de sua vivência quotidiana, internos ou externos.*

*Através de sua plenitude, na doação, na ternura e na harmonia, a relação conjugal ajuda na aproximação com Deus, pois é expressão da relação entre pessoas no mais alto grau permitido pela natureza humana e conduz à ação de graças pelos dons que Deus dá às suas criaturas. Ao mesmo tempo, ajuda na aproximação com os outros, na medida em que não sendo vivida como uma satisfação egoísta, mas como doação, acolhimento da doação do outro, reconhecimento de sua pessoa, aceitação de uma complementaridade, facilite, como consequência, o reconhecimento dos outros como pessoas, a um só tempo próximas e diferentes. (F)*

Compreende-se logo esta observação que se repete com frequência:

*O encontro sexual é o barômetro da vida do casal.*

*Somos bastante distantes um do outro no plano intelectual e espiritual. É graças às relações sexuais que conseguimos aproximar-nos. Com boas relações sexuais, tudo se torna possível: diálogo, troca de idéias, perdão...*

E alguns chegam a dizer - se bem que é a exceção:

*Não seria desejável que se falasse novamente na noção de “dever conjugal”?*

De fato, não seria este um meio de reabilitar e de tornar mais agradável a noção do dever, tão carente em nossos dias? Seria uma volta à justa realidade...

Não há, evidentemente, nenhuma receita, nenhum modo de usar infalível. Ninguém oferece nem pede isto. Mas há conselhos, notadamente sobre as condições que devem ser respeitadas, sobre os obstáculos a evitar. As dificuldades encontradas e, inclusive, os insucessos vivenciados por alguns casais, são fontes inspiradoras de uma certa sabedoria.

Uma equipe, por exemplo, dá as condições para uma união corporal bem sucedida, nestes termos:

*Estar totalmente prontos, unidos um ao outro;*

*Estar totalmente atentos ao outro;*

*Estar totalmente à espera do outro;*

*Estar totalmente despojados do hábito, até mesmo de uma imagem acabada do outro; saber que ele está em contínua evolução, querer esta sua evolução, querê-lo em sua realidade profunda.*

Pode haver uma defasagem entre a expectativa e a realidade, pode haver decepções. Muitas vezes, porém, será a necessidade de enfrentar juntos as dificuldades que poderá unir com mais firmeza o casal e fazê-lo crescer. Vejam aqui as opiniões dos diversos casais de uma equipe sobre as expectativas e a realidade vivida depois.

*Quais eram as nossas expectativas de uma vida sexual ideal?*

*- Sem expectativas, mas não podia entender a sexualidade sem amar.*

*- As relações sexuais eram um meio para desabrochar o casal, mas não eram essenciais.*

*- A relação sexual deveria ser a apoteose de nosso amor: nos tornaríamos um. Na realidade, às vezes isso acontece, mas há também as faltas de disponibilidade, de compreensão.*

*- Expectativa de que o cônjuge experimentasse o mesmo desejo que eu. Minha esposa pensava que o amor partilhado seria suficiente para o sucesso do ato sexual.*

*A realidade*

*- Um duro aprendizado, com reveses, com a amargura devida a desejos não satisfeitos, pois não tínhamos as mesmas necessidades, assim como desejos temperados pelo medo do pecado.*

*- O ato sexual que cai na rotina é um fator negativo.*

*- Nossa união carnal só foi completa e bem sucedida após a operação da minha mulher. Isto nos leva a pensar que as jovens gerações, com os meios contraceptivos atuais e uma reviravolta de nossa religião, não conhecerão as mesmas dificuldades que nós, mas hão de conhecer outras, pois o sucesso da união carnal não é sistematicamente assegurado.*

*- Após o nascimento de um terceiro filho, aos meus 38 anos, passei a tomar contraceptivos, pois não me sentia mais disponível.*

*- Esperávamos a vinda de um filho, vivemos a nossa sexualidade plenamente!*

Sobre o mesmo tema, eis um dueto: ela e ele.

*Ela. Encontro sexual ideal: antes do casamento, pensava que a união carnal era verdadeiramente o ponto da doação total, da completa comunicação.*

*Não houve união antes do casamento, para esperar o sacramento, mas um conhecimento progressivo dos corpos, assim como dos corações e dos espíritos.*

*A partir do casamento, enormes dificuldades; sofrimento físico e moral.*

*Diálogo, partilha, consulta com ginecologista, psicólogo etc.*

*Conhecimento do prazer após mais de 10 anos de casamento, mas até agora, depois de 21 anos de casamento, sem plenitude simultânea.*

*Ele. Encontro sexual = realização final do desejo carnal de um pelo outro. Encontro físico que acalma a tensão do desejo. Encontro harmonioso = prazer de ambos que propicia um sentimento de bem-estar.*

*Na realidade: dificuldade em viver a harmonia no encontro sexual. Defasagem dos momentos de desejo ou falta de resposta ao desejo.*

*Os dois. Dadas estas dificuldades, este estado de crise quase permanente (com exceção, naturalmente, dos períodos mais felizes), torna-se, para nós, quase impossível rezar, sentir-nos unidos a Deus, nestes momentos. Em contrapartida, suplicamos muitas vezes que ele nos ajude neste campo.*

*Parece-nos impossível unir-nos quando as diferenças são grandes demais. Deve haver, antes de um encontro sexual, um consenso favorável à comunicação. Em contrapartida, já nos aconteceu de sentirmos uma atração imprevisível, que foi fonte de felicidade durante e após o encontro. É o que nos permite resistir ao desânimo.*

*Não temos uma caminhada ascendente contínua, mas um período de desabrochamento depois de 10 anos de casamento (por 3 a 4 anos), e depois, novamente, uma harmonia sexual muito imprevisível e difícil de viver para ambos. (F)*

Não há uma caminhada ascendente contínua: sem dúvida, esta é a experiência da maioria dos casais, mesmo daqueles que se compreendem e se completam perfeitamente. Porque um casal, como uma vida, se constrói com passos à frente, pausas e às vezes passos para trás... Será somente com um certo recuo e em certas etapas que se pode medir o caminho percorrido e descobrir, com surpresa, o itinerário seguido.

*A busca do desabrochamento do outro é uma condição da caminhada ascendente, marcada por grandes momentos de felicidade, sentidas, às vezes, como eucaristias. As separações podem ser benéficas, por causa da alegria de escrever-se, de reencontrar-se.*

*Mas todos os casais sentem dificuldades: as preocupações da vida quotidiana, o cansaço, a tensão nervosa, os bloqueios, que podem levar a decepções e rancores; o problema do controle da natalidade, a ausência de filhos nos primeiros anos do casamento, perturbando alguns casais; a evolução espiritual de um dos cônjuges; a situação da mulher depois da menopausa - libertação para algumas, relações que se tornaram "inúteis" para outras. Quem não conhece estes períodos de deserto?*

*Um obstáculo a evitar: que a comunhão ou aproximação, pelo menos aparente, dos cônjuges com Deus, acabe por fechá-los aos outros. (F)*

**Dois recomendações**, que colocamos aqui para não esquecer...

Saber superar os tabus, de uma vez por todas. É possível!

*Quantos tabus, proibições inconscientes, coisas não-ditas ainda pesam sobre nosso corpo, nossa sexualidade. Todo mundo está liberado, mas ninguém quer falar. Há tantas proibições que a relação sexual intelectualizou-se, não se reconhecendo que o corpo tem uma verdadeira existência.*

Em contrapartida, outros se surpreendem da liberdade com a qual conseguiram falar na equipe:

*Tabus superados pelo diálogo, ao longo das reuniões.  
Pela primeira vez, na equipe, superamos o "tabu".*

Por outro lado, devemos evitar devaneios pseudo-místicos:

*Atenção! Ao desejar enfatizar as semelhanças entre a eucaristia e o casamento, guardemos uma justa medida. Alguns paralelismos muito estreitos entre a eucaristia e o dom dos corpos escandalizam muitos equipistas.*

Pode-se pensar que não é sem razão!

## 5. A qualidade do encontro sexual.

Nota. A questão da qualidade da relação sexual foi colocada explicitamente na Pista VII, mas é natural que já neste ponto, quando se trata da construção do casal, não se deixasse de falar no assunto... Havíamos procurado agrupar no final (Pistas VII e VIII, que tratam das questões de moral) as duas perspectivas: qualidade da relação sexual e qualidade da consciência, para sublinhar que o conjunto das regras morais não visam constituir um bloqueio, mas que elas estão ao serviço da qualidade humana. Esta preocupação, ao que parece, fora sutil demais ou então mal explicitada. Agrupamos neste ponto as respostas à Pista VII, para evitar repetições.

O termo “qualidade” não foi do gosto de todos. Pode-se julgar por esta citação:

*Esta palavra me irrita profundamente e a “qualidade” da consciência, que vem logo adiante, não menos. Se os cristãos querem falar em verdade, não deveriam colocar claramente as perguntas: 1. O prazer de “fazer amor” esgota a comunhão sexual entre um homem e uma mulher? 2. Se este prazer não for alcançado ou se ele já passou, o casal deixou de ter motivos para viver como casal, como esposos, como família? 3. A contracepção é um ato “indiferente” do ponto de vista moral?*

*Gostaria de acrescentar que não se deve falar da união dos corpos no amor em termos de qualidade, pois não se trata de um produto industrial ou de um serviço de hotelaria, de lazer, de manutenção... mas, no casamento cristão, de uma participação no mistério da vida de Deus e de sua aliança com os homens. (F)*

Nem todos, todavia, partilham desta severidade: pode-se perfeitamente falar da “qualidade” da vida sexual.

*... por definição, a qualidade é a satisfação daquele que recebe algo em conformidade com o que esperava. Mas numa relação sexual não é como na indústria, não há normas; é mais como um trabalho de artista, há um aspecto de criatividade, de inovação... a relação sexual tem uma incidência sobre nosso estilo de vida e deve levar a uma irradiação. (F)*

### 5.1. O estilo de vida.

Os franceses gostam de chamar a atenção para a grande relação que existe entre a vida sexual e o estilo de vida do casal. Chega-se a ver nisto uma mensagem típica das Equipes de Nossa Senhora. Lamenta-se que esta idéia não seja encontrada nos documentos da Igreja.

*Importância da vida sexual no sentido amplo, vida de casal em todas as suas manifestações. É importante permanecer disponíveis a essa vida, no meio de tudo o que nos devora. Para alguns, a vida por demais consumida pela profissão, pelos compromissos, pelas atividades e pelos serviços. Vida social, vida pessoal e lazer vêm em segundo plano. Vida sexual à imagem de toda a vida: algo que não se domina. Ou será pobreza da vida sexual?*

*Será que casais que se doam aos outros não têm possibilidade de viver uma bela sexualidade? O mesmo Espírito inunda o dia-a-dia e o amor do casal. (F)*

Sublinha-se o quanto os vínculos são estreitos entre a vida sexual e as demais atividades do casal; as sobreposições dos dois campos são consideráveis. Fórmulas como estas são reiteradas: *a vida sexual impregna permanentemente os outros momentos da vida; a vida sexual é inevitavelmente a base da vida do casal; impossível dissociar a vida sexual de nosso estilo de vida ou, simplesmente, de nossa vida...* Diz-se também: *a nossa vida sexual é o barômetro de nossa vida... mas não seu ditador.*

As sobreposições entre a vida sexual e as relações sociais, por exemplo, são constatadas pelos médicos das Equipes, confidentes de seus pacientes, que conhecem os vínculos que existem entre uma determinada forma de miséria sexual e a pobreza da vida social de certos casais. E denuncia-se a influência nefasta, sobre a vida sexual, da estafa, das preocupações profissionais, do ativismo - até mesmo no campo caritativo. Pergunta-se se a vida sexual de muitos casais jovens de hoje não estaria empobrecida por uma vida hiperativa.

Escolhemos um testemunho que exprime bem estas idéias.

*Haverá uma relação entre nosso estilo de vida e nossa vida sexual? Para nós, isto é bastante evidente e uma situação de reciprocidade: ambas influem sobre a qualidade da outra. Nossa vida sexual, que consideramos aqui como o conjunto das expressões de nosso amor, não é tudo em nossa vida, que está fundada em muitas outras atividades, outras aspirações, tanto pessoais como conjugais ou familiares. Mas a união de nosso casal só é completa e total com o ato sexual, que é a especificidade, o selo e uma finalidade de nosso amor conjugal. Portanto, a vida sexual não pode ser separada de nossa vida de casal. Mas não é seu único objetivo nem único motivo.*

*Todo homem de boa vontade sabe bem que o amor não se reduz às relações sexuais entre homem e mulher, que o amor ao próximo é, de modo geral, a base de toda vida humana e social, razoável e equilibrada. O amor feito de respeito, de generosidade, de escuta, de acolhimento e, para alguns, de oração, é e continua sendo o fundamento de nossa vida de ser humano, para além dos vínculos afetivos e amorosos que nos unem por um tempo, homem e mulher, para o melhor e para o pior.*

*Este “amor de base”, que já era para nós o princípio de nossas vidas respectivas, muito antes de se conjugarem no casamento, traz uma luz, uma orientação, uma maneira de agir e de ser excepcional para nossas relações amorosas. Mas em contrapartida, esses encontros amorosos que nos unem no mais íntimo, até o paroxismo, realizam nosso amor, tornando-o criativo e transcendem toda a nossa vida de casal.*

*Nossa vida sexual, mesmo no sentido amplo da expressão, porém mais ainda na sua fase aguda, impregna a tal ponto nossa realidade de casal, que sentimos a sua influência benéfica sobre nosso comportamento geral, sobre nosso equilíbrio. Reciprocamente, é sem dúvida porque nossa vida de casal é sublimada por uma vida sexual consumada, que aquela permite a esta encontrar seu próprio equilíbrio, seu lugar primordial porém razoável, seu coroamento na generosidade e no respeito.*

*Tudo em nossa vida deve ser sal, mas mais ainda a vida sexual na vida de um casal. Uma boa proporção de sal, e do melhor - e não precisa muito - torna todos os alimentos bem melhores. (F)*

Acrescente-se que é um sal que não perde necessariamente o sabor com o tempo e com a idade. O estilo de vida do casal pode permanecer impregnado do perfume da sexualidade... por muito tempo. Nem a idade avançada nem a ausência são destrutivas:

*Há uma compensação da idade ou das cirurgias que mutilam, por um acréscimo da ternura e do diálogo...*

*Em caso de ausência, a vida sexual não pára: um telefonema, a voz, uma palavrinha...*

E há os que gostam de falar de **festa!**

*Para nós, a união carnal é sempre uma festa e quem fala de festa quer dizer mais qualidade do que quantidade.*

*Festa, gratuidade, generosidade são três qualidades do ato sexual. Se elas estão realmente presentes em nossa sexualidade, somos felizes, cheios de uma grande alegria que repercute em nossa vida social e profissional e vice-versa. Tudo isto não é fácil, mas é um caminho de felicidade. É preciso dizer e repetir isto em volta de nós. Se ninguém lhes disser, alguns jovens nunca saberão que existem relações outras do que a busca, apenas, do próprio prazer, relações que podem preencher muito melhor a vida!*

## 5.2. O diálogo dos corpos.

O texto anônimo, citado na introdução da Pista VII, é bastante conhecido pelos antigos equipistas, que lembraram facilmente sua origem. Trata-se de um “diálogo de duas pessoas por meio do corpo”. Deve-se aprender a tocar o corpo como um instrumento musical, em vez de “amar como bárbaros”. O texto nos diz: “Há tanta alegria amorosa num simples beijo, numa carícia, no mero fato de se estar nos braços um do outro... Penso que as pessoas casadas poderiam encontrar nisto um desabrochar que não conhecem e a resposta a muitos de seus problemas sexuais. Não seria tudo ou nada, a união completa ou a abstenção. Elas poderiam possuir um amplo registro de expressões corporais de seu amor.”

Sobre este texto, as opiniões estão divididas. Alguns gostam:

*A comparação do diálogo dos corpos com uma orquestra foi bem escolhida...*

*Apreciamos muito o testemunho que compara o amor humano harmonioso com uma orquestra...*

Outros, em número bem maior, contestam:

*As palavras “bárbaros”, “escravos”, nos chocaram. Por que essas palavras? É uma declaração peremptória! Uma opinião peremptória, maniqueísta!*

*Esse texto pegou mal. Parece simplista. Será que o ato sexual completo não é bom? Deve ser evitado? Será que a moral da Igreja consiste em desenvolver a frustração?*

Está claro que este texto foi, em muitos casos, mal compreendido e mal interpretado. Mas alguns, que gostaram do texto, fizeram questão de tecer comentários.

Assim, aponta-se que esse diálogo é mais fácil para a mulher. Eis um testemunho (é um homem que fala, e o faz com ternura e humor):

*Pessoalmente, não duvido. Em todo caso, a questão me interessa porque, não tendo outra experiência a não ser a que vivenciei com minha mulher, perguntei-me muitas vezes se nós não constituíamos um “caso à parte” ou se (e isto eu gostaria de verificar e poder confirmar... e já está mais do que na hora, pois não gostaria de morrer imbecil...) nossos comportamentos respectivos não estariam mais em consonância com uma lei natural e geral, que seria melhor admitir do que desconhecer.*

*O homem, a não ser por causa da idade, não precisa de estímulos para ter apetite e para ter vontade de saciá-lo. É instintivo. Ao contrário, é para controlar-se que ele precisa lutar. As mulheres, que tendem a nos acusar de só pensar nisso, o sabem bem... Mesmo que esta acusação não seja totalmente exata, deve-se admitir que para o homem, a mulher é naturalmente atraente por sua simples figura, por sua simples feminilidade, além do que ela se esforça, pela maneira de ser e pelas atitudes, por tornar-se ainda mais sedutora e até mesmo provocante. Isto está na sua natureza, mesmo que ela não tenha necessariamente a vontade, o desejo, ou sequer a consciência de fazê-lo. (...)*

*Ela sabe, naturalmente, que o prazer (dos carinhos) pode prolongar-se até o mais íntimo, que, aliás, é maravilhoso. Mas, para ela, isto não é uma necessidade nem uma tentação, mesmo que ela não recuse o que tem de agradável. Mas parece-me altamente improvável que o homem possa satisfazer-se com esses simples carinhos. Aliás, vejo-o submeter-se a isso como a um sacrifício ou uma frustração. Se a abstinência é tão difícil, é menos em função da mulher que do homem, que é quase sempre o pedinte, para não dizer o “insistente”. (F)*

Deve-se pensar sempre que existe, entre os dois sexos, uma diferença bem maior do que se pensa muitas vezes, na abordagem da relação. Assim, diz-se que para o homem, a relação sexual é mais uma necessidade, um impulso; para a mulher, mais uma busca de intimidade, de comunhão, de ternura. Por isso, para ela, este diálogo dos corpos que, de certa forma, pára a meio do caminho, é não somente mais fácil, mas também mais satisfatório que para o homem.

A noção de “diálogo dos corpos” inspirou algumas reflexões mas específicas, a um só tempo filosóficas e poéticas...

*A linguagem dos corpos é um magnífico meio colocado à nossa disposição para testemunharmo-nos o nosso amor.*

*É o conjunto dos gestos, dos olhares, das atenções que dá ritmo ao diálogo sexual. Como todo diálogo, o dos corpos consiste em dar e receber: exclui o monólogo.*

*Não há nada que seja garantido de antemão; o desejo da mulher é como um suflê: pode murchar repentinamente; o homem deve ser o bom cozinheiro que sabe conservar o sabor do banquete.*

*Reservar tempo para ficar juntos para o carinho gratuito; o encontro sexual é o teste da boa saúde do casal, dá-lhe segurança, pode ampliar-se em oração e tornar-se graça.*

Devemos assinalar aqui a posição das equipes italianas em seu conjunto. Muitas reagiram com bastante violência ao texto sobre o diálogo dos corpos e, como conseqüência, a toda a Pista VII (Qualidade do encontro sexual).

Uma Região nos diz: quase todas as nossas equipes (7 em 8), sentiram-se muito incomodadas. Acham que há um “moralismo sutil e permanente”. As metáforas (flauta, violino, trombeta) não são muito apreciadas. Observam: “Falta alegria. Não teria sido um padre o redator do texto?”

*Uma equipe, ao menos, manifesta sua concordância, apreciando em particular a clareza com a qual se exprime o conceito de harmonia entre as componentes do ser humano (corpo, alma, espírito).*

E esta equipe acrescenta:

*Achamos que o conteúdo do texto pode ser um auxílio em nossos encontros com nossos filhos e com os jovens de ambientes nem sempre católicos.*

Mas este juízo é uma exceção. Na maioria são severos. A expressão “fazer sexo como os bárbaros” chocou particularmente. Aliás, dizem, é historicamente falso, e invocam até a opinião de Malinowsky. E especificam:

*É só agora que no discurso e na prática relativos à sexualidade, começa-se a sair do dualismo, muito materialista, do ‘procriar-fazer sexo’, que é um instrumento muito “machista”.*

*E a afirmação de que “o Espírito Santo não é inimigo do corpo”, profundamente verdadeira, não é contestada somente por imbecis, como se diz, mas por séculos de pensamento cristão, pelos santos, pelos teólogos, papas, bispos, etc. (It)*

E a partir daí, é toda a Pista VII que vira alvo: fareja-se uma intenção maligna dos autores do Projeto: suspeita-se de uma espécie de engodo que quer levar os equipistas a conclusões que já foram decididas...

Não foi um grande pensador que disse que vivemos hoje a era da suspeita?

Uma das lições que se tira deste ponto é que seria urgente **reabilitar o corpo** na mente dos cristãos, freqüentemente marcados por uma educação que os levou a considerar seu corpo como um obstáculo, ou até como um inimigo.

*Nossa educação humana e religiosa anulou o nosso corpo e nos ensinou, se não a desprezá-lo, ao menos a reprimi-lo. Progressivamente, tomamos consciência do fato que este corpo é um suporte vital pelo qual passam o espírito e a alma: Deus encarnou-se no corpo de Cristo; por outro lado, é por meio dos gestos quotidianos do corpo que recebemos os sacramentos. (F)*

As pessoas ficam, pois, satisfeitas de constatar que a Igreja interessa-se pelo corpo para devolver-lhe seu verdadeiro lugar: esta evolução é sadia. Ficam satisfeitas,

também, de ver um movimento de Igreja, como as Equipes de Nossa Senhora, abordar abertamente estes problemas. E, muitas vezes, acrescentam: esta também é, para nós, uma descoberta tardia, por causa das velhas proibições tradicionais e culturais...

### 5.3. A dimensão espiritual.

É necessário insistir um pouco sobre este aspecto da relação sexual: sua dimensão espiritual, pois, por um lado, muitas equipes a sublinham e por outro, ela constitui um dado novo na espiritualidade cristã.

Ainda existe, incontestavelmente, uma certa ambigüidade. Mas estamos longe do tempo (o início das Equipes) em que, provavelmente para a maioria dos cristãos, a vida carnal e o próprio corpo eram considerados inimigos da vida espiritual. Restam, simplesmente, seqüelas.

*Não falamos de Deus. Seria um resquício de velhos tabus impedindo-nos de associar a noção de Deus à de sexualidade?*

*É difícil ligar sexualidade e fé!*

*Não colocar Deus em nossa cama...? Mas ele não fica atrás da porta. Deus faz parte de toda a nossa vida.*

Ou, mais sucintamente:

*Por enquanto, nossa reflexão não nos permitiu achar uma ligação entre Deus e a sexualidade.*

Sente-se que há um esforço sério a ser feito, mas, como se diz na política, estamos indo na boa direção. E deve-se pedir a ajuda de Deus:

*Temos grande necessidade da ajuda de Deus: devemos rezar ao Cristo, salvador da sexualidade.*

Os redatores das sínteses regionais observam freqüentes referências à dimensão espiritual da vida de casal (mesmo em seu aspecto carnal), a esta presença de Deus na sua intimidade. Falou-se, no capítulo I, do casal como imagem de Deus; aqui, a mesma idéia volta para sublinhar a dimensão espiritual da relação carnal. Encontramos com freqüência afirmações como esta:

*A realidade do “casal-uma só carne” não será um mistério da mesma natureza que a “Trindade-um só Deus”?*

*Uma relação conjugal bem sucedida alegre o corpo e o coração e torna mais fácil o relacionamento com os outros e com Deus.*

Mas neste ponto, também, podem existir ambigüidades, como observam alguns casais do grupo mais reticente; entretanto, mesmo estes reconhecem a dimensão espiritual.

*A relação conjugal é um lugar de ambigüidade: há união e ao mesmo tempo impossibilidade de fusão. É uma ocasião de egoísmo e de generosidade. Em todo caso, não se deve supervalorizar. Pode ser um*

*ato recreativo. Apesar de tudo, a sexualidade mostra que tem limites e é nisto, talvez, que o finito chama o infinito. A relação conjugal é também uma linguagem do corpo que quer expressar algo da ordem do invisível. Logo, devemos aprender aos poucos a tornar nossas relações mais significativas nesta perspectiva. (F)*

Assinale-se que o **Cântico dos Cânticos**, cuja leitura era recomendada, foi uma descoberta para muitos e ajudou-os a entender melhor:

*Amor humano, imagem de Deus, paixão e alegria... Deveria ser uma das orações prediletas das Equipes.*

*Surpresos por esta poesia. É tão diferente das outras orações!*

É ao Cântico dos Cânticos que podemos ligar toda esta reflexão, que nos parece bem tipicamente belga:

*O cristão de hoje, na linha judéo-cristã, sente-se ainda mais dividido que o judeu que, melhor do que ele, canta o Cântico dos Cânticos. Mais ainda, porque à herança judaica acrescentou-se o legado grego do dualismo platônico. Deve-se levar também em conta as cicatrizes que deixaram no subconsciente do nosso cristão o rigorismo jansenista e a hipocrisia vitoriana, reflexos distantes da heresia cátara, reativada pelos excessos da reforma e da contra-reforma.*

*Além do que, esta história inseriu-se num quadro geográfico cuja dimensão primeira não é a altitude. Os Países Baixos, mesmo católicos, dos quais fazemos historicamente parte, geraram, juntamente com alguns grandes místicos, uma população maciçamente materialista.*

*Portanto, os ingredientes básicos para a obtenção da liga ideal entre o místico e o erótico (ousaremos dizer: as núpcias místicas) estavam presentes: inserção na matéria mais capacidade de sair dela pela abertura à criação artística e pela sensibilidade ao sobrenatural. Por outro lado, uma enorme capacidade para o gozo e o regozijo está associada a uma ausência de frivolidade, a uma seriedade natural que predispõe à entrada no mistério. Mas a maionese azedou...*

*De toda maneira, deve-se admitir que o casal cristão contemporâneo tem dificuldade em perceber que a nossa religião é, por excelência, a religião da Encarnação.*

Ao analisar as diversas contribuições (das quais citamos apenas algumas), pensamos ter percebido neste capítulo, em relação ao anterior, um encaminhamento para uma aceitação mais serena do papel da sexualidade e de sua integração na vida cristã. Isto se confirma, aliás, na experiência feita por muitos casais nas suas reuniões de equipe. Não seria esta já uma primeira etapa na evangelização da sexualidade?

*Deus presente em nossas vidas, mesmo durante a união sexual! Este é um aspecto muito novo para vários dentre nós. É difícil falar sobre isso, como sobre qualquer experiência espiritual. Entretanto, é uma idéia baseada na narrativa da criação: “Deus viu que era muito bom” e reforçada pelo sentimento de plenitude que os esposos podem experimentar durante a união carnal e pelo desejo de render graças que a segue. (F)*

Seria interessante, neste ponto, ler o testemunho intitulado “Uma voz discordante”.

**Sexualidade e espiritualidade:** essas duas palavras já não são mais conflitantes e constituem mesmo título de palestras e de sessões. Sobre este tema, a reflexão a seguir nos foi enviada pelos responsáveis da síntese australiana. Achemos que merecia ser publicada na íntegra, pois ela mostra, com todas as suas limitações e hesitações, mas também com todo o seu ardor, o trabalho das equipes australianas na busca de uma vida mais autêntica.

*1. A idéia de espiritualidade está sendo reformulada. Ouçamos estas opiniões:*

*- Vivenciamos a sexualidade como uma atividade centrada no casal, sem necessariamente considerar o seu impacto sobre nossa relação com Deus.*

*- Constatávamos tanta diferença entre vida sexual e vida espiritual que era difícil ligar as duas.*

*- O vínculo entre sexualidade e espiritualidade? Parece-nos difícil ligá-las.*

*- Muitos de nós têm uma dificuldade real em estabelecer uma relação entre o ato sexual e a espiritualidade: um resquício de nossa educação, que considerava o sexo quase como um mal necessário.*

*- As atitudes e as regras da Igreja no campo da sexualidade, da moral, da contracepção provocaram enormes discussões, com sua parte de frustrações e de angústias. Essa imposição de regras tem com frequência provocado uma tensão na relação conjugal e uma tendência para diminuir o seu significado espiritual e, logo, do envolvimento de Deus nessa relação.*

*Numa primeira abordagem, é difícil discernir nessas colocações uma teologia positiva. Mas o espiritual não está sendo rejeitado. Ao contrário, está se recusando aceitar o dualismo que opõe aquilo que é santo àquilo que é ordinário ou mesmo àquilo que faz com que os homens conservem sua natureza animal. O mundo do cotidiano é em si mesmo o mundo do espírito e degradamos o espiritual quando o dissociamos demais dos aspectos ordinários e espontâneos da vida cristã.*

*Esta reação das equipes não é surpreendente. Faz profundamente parte de nossa vivência: encontramos Deus no prosseguimento de nossa vida no mundo e, cada mês, na co-participação das nossas reuniões de equipe.*

*2. Os membros das equipes desenvolveram uma teologia do valor positivo do homem. Antigamente, enfatizava-se o pecado, e o sexo estava ali incluído. A resposta clara do Movimento na Austrália foi que talvez seja necessário admitir que aquilo que nos dá prazer pode antes de tudo ser considerado como um dom de Deus, do qual temos razão de nos regozijar.*

*Muitos pensam que a imensa gama de restrições estabelecidas pela Igreja para reprimir o instinto sexual era excessiva, notadamente quando aplicada ao estado matrimonial. As equipes pensam que quando se faz sexo não há necessidade, em consciência, de pensar em Deus ou de orar para fazer desta relação uma experiência espiritual.*

*3. As equipes rejeitaram a noção de um Deus “fazedor de leis”, com um plano para cada indivíduo programado desde seu nascimento.*

*Houve uma nítida reação contra um linguajar de idealização e de universalismo como o encontrado no Projeto. Expressões como “casal ideal”, “casal verdadeiro”, “ser totalmente homem e mulher conforme o plano de Deus” foram rapidamente descartadas. Não somos chamados a viver uma vida marcada por um esforço para chegar a uma perfeição imposta conforme as idéias de um outro. A vontade de Deus é que cada um viva autenticamente, segundo os termos estabelecidos no diálogo com Deus e na vida de amor com Deus. O que para nós é bom e possível de ser realizado, é isto que Deus deseja.*

*Esta, ao menos, é a teologia que percebemos nas respostas. Está longe da velha idéia de um catolicismo legal, com seus conselhos de perfeição e sua insistência no sacrifício.*

*Talvez haja, nesta “nova espiritualidade” o perigo inerente de um certo egocentrismo e de hedonismo. Mas o que estamos relatando é o fruto de uma longa caminhada de muitos católicos que tiveram fé uns nos outros e na tradição em que nasceram.*

*4. Quem é Deus para os equipistas?*

*O que agora parece evidente é que Deus é visto como próximo e amante e não distante e duro. O que também não é surpreendente, já que encontramos Deus na íntima assembléia mensal de uma pequena comunidade. E como já foi dito, a nossa teologia é uma teologia da história quotidiana. Falamos de Deus ao contarmos a história de nossa vida comum. E parece que até chegamos a perceber que essas vidas comuns são tão extraordinárias que Deus se encontra verdadeiramente nelas, manifestando-se de maneira surpreendente e revelando, muitas vezes, que estava presente, mas só depois que os capítulos de nossa história acabaram, e que podemos olhar para trás para vê-los... (Austr.)*

## **6. Abnegação - Ascese**

Por que falar disso neste ponto? Lembramo-nos que o Pe. Caffarel dizia que o casal deve caminhar sobre duas pernas e que somos facilmente tentados a esquecer uma delas: a abnegação. Mas “abnegação”, “ascese” têm um ar repulsivo para nós. Para muitos equipistas, são palavras de difícil compreensão e o sentido que exprimem, de difícil aceitação. As recriminações não faltam...

*É preciso desmistificar a imagem negativa e constrangedora de abnegação e de ascese.*

*Essas palavras são carregadas de uma conotação negativa; são ciladas, em relação às definições dos dicionários e do senso comum (privação,*

*esforço desmedido ressentido negativamente na construção de si mesmo e do casal).*

*Abnegação, ascese: pouco pregadas no mundo atual, já é difícil vivenciá-las, quanto mais anunciá-las aos outros!*

*A abnegação, na prática, se confunde com abdicação.*

*No plano conjugal, abnegação e ascese não são facilmente compreendidas e vividas. Espera-se da Igreja uma linguagem simples e clara sobre este assunto.*

Para compreender as palavras e, quem sabe, para reprimir sua carga emotiva, alguns recorreram aos dicionários (sobretudo os de língua francesa).

O Larousse<sup>9</sup> diz:

*- Abnegação: 1. Sacrifício do que é essencial. 2. Renúncia, sacrifício voluntário de si mesmo.*

*- Ascese: conjunto de exercícios práticos visando um aperfeiçoamento espiritual.*

*No sentido 1, a abnegação é recusada e condenada. No sentido 2, é positiva, significando “dom de si ao outro”. E muitos lamentam a confusão que pode ser provocada pelo uso dessas duas palavras, sem que tenham sido definidas. (F)*

Um outro dicionário define abnegação como “renúncia a favor de outrem daquilo que é essencial para si próprio”. A reação é imediata:

*Não estamos de acordo com esta definição. Não equivaleria a renunciar à própria personalidade e assim abdicar diante do outro, não ser mais si mesmo?*

De seu lado, o dicionário Hachette<sup>3</sup> tranqüilizou aqueles em quem a palavra ascese suscitava fortes reações, pois oferece elementos positivos: “maneira de viver, de pensar, de criar que leva à exclusão de qualquer comprometimento, qualquer excesso, qualquer artifício”.

Houve quem quisesse procurar matizes ou mesmo verdadeiras diferenças entre as duas noções:

*- Ascese: exercício de desenvolvimento moral, de aperfeiçoamento da vida interior;*

*- Abnegação: renúncia voluntária e aceita (sacrifício)*

*A ascese pode ser praticada em casal, se for um meio para o progresso moral e uma maior união do casal. Se for uma mortificação, dificilmente levará ao progresso. De qualquer forma, será necessário uma perfeita concordância do casal.*

*Que relação tem a abnegação com a sexualidade?*

*- Seria uma privação por espírito de sacrifício? Neste caso, é uma negação que se opõe à vida do casal.*

*- Seria uma privação em respeito a um estado de saúde deficiente?*

---

<sup>9</sup> Dicionários de língua francesa muito conhecidos (N.T.)

*- Seria uma privação para a aplicação do método de “contracepção” natural? Neste caso, se for aceito por ambos, pode ser um caminho de comunhão. (F)*

A maneira mais justa e objetiva de relatar as opiniões externadas é, sem dúvida, de examinar os dois termos, um depois do outro.

Primeiro, a **ascese**, que, ao que parece, é mais facilmente aceita. E as diversas citações mostrarão em que sentido preciso ela é entendida.

*Uma ascese é indispensável para a vida equilibrada do casal. Ela dá mais relevo às relações conjugais íntimas, evitando a banalidade e a saturação. Mas deve ser uma ascese moderada e, em toda a medida do possível, decidida em casal. Só será válida se for construtiva e não deve nos empobrecer, nem nos endurecer, mas muito ao contrário. (F)*

*A ascese é vista por todos como um meio de domínio de si... mas excesso é excesso e a ascese por si mesma nos parece um sinal de orgulho. A questão caminhou rapidamente para a atitude da Igreja em relação à contracepção. Casais separados pela vida profissional por períodos longos. Métodos “naturais” de uso raramente possível, em função da grande irregularidade dos ciclos ou da temperatura... (F)*

Há bastante reticências em relação à ascese; há os que pensam já ser ela suficientemente imposta pela própria vida:

*Será que Deus realmente nos pede isso? Nossos estilos e escolhas de vida já nos impõem uma quantidade de restrições e de “sacrifícios” (nem sempre voluntários). Será que é preciso acrescentar mais? O caminho não seria, antes, de transformar essas restrições em oferendas ao Senhor?*

*Para a maioria de nós, a ascese no campo das relações sexuais não parece uma boa coisa (a não ser por razões de saúde). A relação conjugal é uma relação privilegiada que nos ajuda a nos encontrarmos e a sermos um.*

*A vida atual nos impõe uma ascese que não escolhemos: entre os períodos de cansaço, de estafa, de angústia, de preocupações, entre as reuniões, a presença por vezes incômoda das crianças, o ciclo feminino... o que nos resta?*

A maioria parece ter interpretado aqui ascese quase exclusivamente no sentido de continência e alguns chegaram a ver na menção deste conceito alguma alusão escondida. Entretanto, a ascese faz parte da vida cristã: releia-se, a este respeito, o que diz São Paulo a propósito dos esportistas de seu tempo. Mas é verdade que a ascese varia conforme os estados de vida e a que é própria dos esposos é diferente da que devem praticar os arremessadores de peso ou os jôqueis. Vejam o testemunho deste casal:

*Essa ascese está situada ao nível conjugal, alimentar ou outro? A questão camuflada nos parece ser: vocês praticam a continência sexual?*

*(num objetivo de regulação da natalidade ou como caminho de santidade).*

*No que nos diz respeito, não vemos nisso nenhum interesse. Pelo contrário, parece-nos humana, física, intelectual e espiritualmente indispensável tirar o máximo “proveito” de todas as ocasiões de encontro e de alegria. Tomando cuidado, ao mesmo tempo, de respeitar o outro: por isso temos o dever de sentar-se. Isso nos dá um antegosto do Reino de Deus, já presente e ainda por construir (“o tempo se cumpriu...”). Nossa ascese já é suficiente com todas as restrições externas (sociais, profissionais, de saúde...).*

*Não será com as “proibições” que ganharemos o céu, mas ao aprendermos juntos a descobrir e partilhar todas as nossas riquezas, com nossos ritmos próprios: assim será mais construtivo.*

*Portanto, não se procura a ascese pelo esforço, mas é quando se encontra um caminho, que a ascese parece fazer parte do pacote. Mas neste caso, ela não custa tanto, já que sabemos que é quando, espiritualmente, nos sentimos mais abandonados, vulneráveis, pobres, que podemos encontrar as maiores riquezas. Logo, é mais na vivência que podemos medir, cada vez mais, nossa sede de perfeição.. e os meios que devemos desenvolver para chegar lá. (F)*

Mas há também muitas tomadas de posição mais positivas.

*A ascese passiva destrói, a ascese aceita ou voluntária, por causa de um ideal, faz crescer.*

*Para construir um casal, a abnegação e a ascese são necessárias.*

*A ascese não deve ser vista como um desprezo do corpo. Trata-se mais do acolhimento realista e sem amargura das diversas dificuldades pessoais, físicas, familiares, etc... As dificuldades podem então ajudar a construir-se. Pela etimologia, a ascese é um “exercício”.*

*Se a ascese for decidida de comum acordo, no respeito pelo outro, por exemplo no campo da limitação da natalidade, ela pode ser boa para a alma e o corpo e desenvolver uma “alma de pobre”. Mas há casais que têm dificuldade em compreender o valor cristão da ascese de um casal - salvo em caso excepcional - que, de comum acordo, suprime a expressão física de seu amor (a equipe é composta de uma maioria de avós aposentados). Com a idade, o amor se exprime de forma diferente: convém aceitar-se com as limitações, não olhar com saudades para o passado, viver plenamente a ternura.*

*Só se concebe a ascese como a manifestação de um amor muito profundo. É o dom total de si mesmo para o dom comum e mútuo.*

*De prática difícil, se for bem compreendida não poderá nos empobrecer. Ela corre o risco de nos endurecer, se não for cercada de um contexto de absoluta partilha. Se livremente consentida, ela nos leva a progredir em direção ao Senhor, na medida em que nossa capacidade de amar transcenda quotidianamente na irradiação emanada da oração.*

Uma equipe quis transmitir a opinião de seu Conselheiro Espiritual:

*A verdadeira ascese, por demasiadas vezes considerada como uma frustração que faz mal, é uma atitude generosa que consiste em aceitar deliberadamente por um tempo curto, de pleno acordo, uma certa continência com um objetivo determinado (por exemplo, oferenda de uma qualidade excepcional para alguém).*

*Significa também dar um sentido à vida de celibato: testemunhar que se pode viver de uma forma outra que o estado de casado. Vivida como um testemunho, a ascese é um enriquecimento. Vivida como um empobrecimento, ela é má e deve ser excluída.*

Em muitos lugares, há equipes que fazem um juízo positivo da ascese, entendida como um esforço de continência (este aspecto será mais explicitamente debatido no último capítulo):

*Os períodos de abstinência sexual podem ser momentos fortes para desenvolver outros aspectos da vida conjugal.*

*A abstinência de longa duração - por exemplo, antes e depois do nascimento de um filho - permite aprofundar a união do casal, como num noivado renovado.*

A **abnegação** tem menos sucesso ainda! É verdade que em quase todas as línguas, a palavra assumiu um aspecto negativo, reduzido ao sentido de renúncia, morte a si mesmo, coação... Eis o testemunho de um casal, bastante agressivo no começo, mas que acaba se abrindo...

*O que significa este termo negativo, até duas vezes negativo? Temos muita dificuldade em aceitá-lo e, de imediato, nos leva a uma mentalidade muito "século XIX", da qual queremos nos livrar, a cada dia, por nos parecer sinônimo de patologia. Ab-negação = sacrifício = sacrificar-se. Serão estes, verdadeiramente, termos cristãos?*

*Nós pensamos que podemos ganhar tudo sacrificando-nos! Parece uma contradição mas... se o Reino de Deus nos é oferecido, estamos dispostos a pagar o preço!*

*Não pode haver doação de nossa parte sem que haja antes uma realização pessoal. Se, no casal, um dos dois se sacrifica, não levará o outro a crescer. Se, ao contrário, os dois estão dispostos a abandonar algo de si mesmos para encontrar o outro, então tudo bem! Neste caso, há partilha.*

*Se, portanto, vivenciamos algo de muito intenso e forte com uma pessoa, isto nos dá ao mesmo tempo a possibilidade e uma melhor compreensão do que fazer e como ser com os outros ou com Deus. (F)*

Apesar da aparência repulsiva da abnegação, admite-se, com sabedoria e bom senso, que ela é necessária... E procura-se compreendê-la num sentido positivo: a parte de desprendimento necessário para viver verdadeiramente o dom de si.

*Abnegação, sim. Negação, não! Não há crescimento sem abnegação. Por vezes, a abnegação é uma morte para si mesmo, um esquecimento de si mesmo que pode se fazer no sofrimento. Na abnegação, há a idéia de uma criação: fazer o outro existir.*

*No Brasil, o fracasso dos casamentos modernos é muito consequência da ausência de abnegação, uma vez que o amor-erotismo, extremamente superficial, se esgota rapidamente, incompatibilizando a vida em comum.*

*A abnegação é, primeiro, a preocupação pelo outro, pela felicidade e pelo prazer do outro, é um dom ao outro. Se isto se tornar uma cruz, oferece-se ao Senhor, por amor do outro e por ele. A continência pode ser um meio de melhor conhecer e respeitar o outro, de melhor preparar-se para o momento em que se poderá unir-se novamente. A espera é como um Advento, um período útil, construtivo e feliz.*

*Comprendemos melhor o papel da abnegação, sem a qual não há vida de casal possível, nem vida cristã. A necessidade de tomar como ponto de partida a realidade do outro e não o próprio desejo. A ascese, um aspecto particular da abnegação, permite educar-se na vontade de Deus, não se fechar numa relação a dois mas fazer com que essa relação se aprofunde em Deus.*

Alguns receiam que se compreenda mal o que deve ser a abnegação. Não deve ser confundida com a indiferença sexual. Seria necessário falar em “penetrar na morte de um certo desprendimento para penetrar numa dinâmica de ressurreição”. Deve-se respeitar o amor de si mesmo, que muitas vezes é mal compreendido e mal explicado. Trata-se de amar a Deus e de amar ao próximo “como a si mesmo”.

Queremos concluir esta parte por dois breves, singelos e francos testemunhos de casais brasileiros, testemunhos estes tomados entre muitos outros bem parecidos. Pensamos que apresentam um interesse particular: eliminar o drama da ascese e da abnegação, para situá-las na vida ordinária.

*A abnegação na sexualidade pode percorrer uma grande trajetória e, dependendo da formação do casal, pode tornar-se um dom ao outro e fonte de uma união maior.*

*Há a abnegação no início da vida a dois para o controle da natalidade, abnegação no impedimento do outro por afastamento, doença, etc. e ainda a abnegação total do sexo na idade avançada. Em todas essas condições, também pelas graças do sacramento, o casal pode manter-se unido. Convivemos naturalmente com as diversas fases de nossa sexualidade. Pela ascese, pelo diálogo, pela oração e principalmente pela nossa maneira simples de encarar a nossa vida terrena, procuramos dia a dia um melhor entendimento de nossa vida conjugal.*  
(Br)

*A abnegação é doação, é dom ao outro, no caminho de nossa sexualidade. Sim, a relação conjugal nos ajuda a crescer em todos os aspectos da vida, justamente porque estamos mais em comunhão um com o outro, estamos mais realizados, mais tranquilos, mais alegres, - o que nos leva a uma maior abertura com os outros e nos torna mais sensíveis para um melhor relacionamento com Deus. O estado de viuvez será, a nosso ver, o reflexo da vivência do então casal.*

*Ascese é um esforço perseverante para vencer dificuldades e atingir objetivos aceitos pela pessoa. Nossa atitude é de valorização da ascese. A ascese equilibrada nos constrói. Vivemos a ascese diante da condição de sermos cristãos, quando tentamos viver em todas as circunstâncias os princípios cristãos. (Br)*

## **B - No tempo e na fidelidade**

### **1. Dar tempo ao tempo**

Já foi dito antes e aqui reitera-se com força: o casal não se constrói num instante, pelo toque de uma varinha de condão. Pode-se, é claro, ficar apaixonado num piscar de olhos - o “amor à primeira vista” - mas para chegar a amar verdadeiramente, a juntos constituir um verdadeiro casal, é preciso tempo, é preciso continuidade.

#### **1.1. O fator tempo.**

O tempo é um elemento essencial na vida de todo ser, como também na construção do casal. O tempo submete o casal à prova, confrontando-o com as realidades do dia-a-dia, tempera-o como uma boa espada, conforta-o através das dificuldades, inclusive das crises graves.

*Ao longo dos anos, descobrimos que a relação amorosa não resolve todos os problemas. Fazemos a experiência de que nossa vida está ligada a um amor que aceita e que sofre. A relação amorosa torna-se, aos poucos, mais serena, compreendemos melhor as solicitações mútuas e, se não chegamos ao encontro porque um dos dois não está disposto, há melhor aceitação, não ficam feridas. Com os anos, perde-se as ilusões, sente-se que o poder de sedução esvai-se e quer-se aprofundar a vida. (E)*

Pode-se dizer que o amor do casal é como um fruto que necessita de tempo para, aos poucos, tornar-se maduro e para encontrar seu verdadeiro sabor. Porque:

*O amor é uma dinâmica, não um estado.*

*Nossa conclusão é que a construção do casal é lenta e não se realiza no imediato. Esta construção precisa estar centrada num ideal comum que, dia a dia, vai se solidificando através de um amor verdadeiro. É por isto que o esposo e a esposa devem estar num pé de igualdade, sem supremacia de um sobre o outro, mas ao contrário, cada um buscando ajudar o outro, até o ponto que a vida íntima de ambos se torne tão íntima que eles se tornam um. Mesmo conservando duas individualidades diferentes, formam não somente um só corpo, mas também uma só alma e um só espírito. (Br)*

*É verdade que com o passar dos anos, a atividade sexual se torna menos intensa. O casal passa mais tempo junto. A ternura se torna mais intensa e as relações entre os cônjuges se tornam mais serenas. Vence-se a rotina graças a um amor fiel e a várias atitudes, gestos, olhares, palavras afetuosas, nem sempre com um resultado fácil... (F)*

Nota-se a importância atribuída à conquista da serenidade. É provavelmente o rosto que assume pouco a pouco um amor seguro de si.

*Com o tempo, o amor cria raízes e torna-se mais equilibrado e mais tranqüilo, criando um clima de maior dependência e confiança entre os cônjuges. A sexualidade ganha em sensibilidade e ternura e, embora com matizes diferentes, devemos procurar alcançar a mesma esperança.*  
(E)

Deve-se, portanto, ter paciência e certas experiências lembram que, para ter sucesso, é necessário recomeçar muitas vezes. Assim:

*Um casal de nossa equipe conseguiu mudar depois do “centésimo” dever de sentar-se, tornando-se um exemplo vivo de transformação.*

Existem os pequenos truques:

*Para que o amor persista, em nossa equipe há um casal que reza dando-se as mãos.*

Tentemos detalhar um pouco os diversos tempos, as etapas.

## **1.2. As etapas.**

*Cada tempo é um novo tempo para renascer para o amor. Cada idade tem a sua história, o seu ritmo, o seu encanto.*

*O que nos preocupa no começo é sobretudo o plano físico, mais tarde, é o plano da sensibilidade e só bem mais tarde, o da espiritualidade.*

É difícil saber se esta é uma opinião comum ou a experiência de uma minoria.

Uma coisa importante (e é surpreendente que não tenha sido mais enfatizada) é de saber saborear o encanto especial de cada uma destas etapas, sem querer queimá-las para andar mais depressa. Alguns o disseram bem:

*Acreditamos que a sexualidade possa ser vivida em todas as etapas da vida; basta que as descobramos, sem queimá-las, para gozar a felicidade de cada uma delas, saboreando o presente. (Br)*

Pode-se reconhecer facilmente três etapas principais: o tempo da juventude, que é o da aprendizagem; o tempo da maturidade e, finalmente, a idade avançada.

### **1.2.1 Há um período necessário de aprendizagem.**

*A escuta conjugal é um aprendizado para perceber as intenções do Espírito.*

*Quantos problemas surgem no aprendizado de um jovem casal! A falta de informação, a informação desvirtuada, mal feita. Um bom curso de noivos, uma boa conversa com os pais, uma boa leitura são muito importantes neste começo de vida. (Br)*

É preciso aprender, notadamente, a importância do tempo.

*Casar-se é um começo, começo de trocas e de diálogo, no respeito do outro, daquilo que ele está disposto a mostrar. Não se deve forçar essas descobertas, deve-se pensar na fragilidade.*

*Deve-se dar tempo ao outro e dialogar. Deve-se conjugar amor e vida. A sexualidade é um caminho de vida. Quando a relação não é boa, Deus vem em nosso auxílio (especialmente no DDS). Ele nos salva mais do que condena. (F)*

*No mais profundo da realidade, é preciso admitir que só o tempo pode permitir às pessoas o descobrir-se e o construir-se, e isso deve ser feito todo dia. Da mesma forma, deve-se reconhecer que não há um corte total entre união física e união espiritual; tampouco existe uma identidade absoluta entre as duas.*

*Ao tempo do instinto, da impaciência, da pressa um pouco confusa, deve suceder aos poucos o tempo da atenção para com o outro, da busca de sua felicidade e do desabrochar recíproco. Assim é o aprendizado de uma relação sexual, na qual finalmente caminhamos no mesmo passo. (F)*

*Ao ardor da descoberta dos corpos seguem-se a ternura, a atenção, a delicadeza; o tempo favorece um melhor conhecimento do outro. (F)*

*A sexualidade é uma caminhada; o respeito do outro e o diálogo são indispensáveis. Seus três componentes são: a festa, a generosidade, a gratuidade. (F)*

Deve-se, portanto, aprender a jogar com o tempo: tudo isso não se adquire automaticamente desde o começo. É preciso, inclusive, desconfiar de um excesso de ingenuidade, como alerta uma equipe brasileira:

*No mundo continua existindo uma mentira básica a respeito do relacionamento sexual, porque afirma-se que desde os primeiros relacionamentos a satisfação de ambos é garantida, quando na realidade o casal tem que percorrer um caminho de integração e aprendizado. (Br)*

### **1.2.2 A maturidade.**

*A maturidade é, ou deveria ser, segundo a frase de Marañon, “uma passagem das chamas à brasa. A chama é mais bela, mas a brasa é mais eficaz” (E)*

*Pensamos que o amor não passa por mudanças radicais ao entrar na etapa da maturidade; ele segue um processo lento, adaptando-se às diversas etapas de nossa vida. Com a maturidade, o amor purifica-se graças às experiências que são as alegrias, as satisfações e as crises resolvidas. Por outro lado, a maturidade é uma coisa positiva: permite aos casais passarem mais tempo juntos, cuidar melhor um do outro, auxiliarem-se mutuamente, e fazer tudo o que não podiam fazer antes. (E)*

Esta parece ser uma “maturidade” já bem avançada. Mas não andemos tão depressa! Os conselhos de paciência não faltam.

*Praticar a paciência. Não desanimar se o desabrochamento sexual não for imediato. Não confundir felicidade e prazer. (F)*

(Esta observação a respeito da diferença entre felicidade e prazer é feita por um grande número de casais.)

*O processo de maturação comporta, no casal, com o tempo, um aumento de afeição e uma diminuição do desejo. O jogo sexual não é apenas o contato físico: ele tem muitas outras facetas que, se forem cuidadosamente desenvolvidas, nos levam à verdadeira complementaridade e harmonia no casal. (E)*

A **harmonia sexual**: eis sem dúvida o que deveria ser o dom específico, a graça da maturidade do casal. Não se tem certeza de que todos os casais das equipes estejam atentos a isto e, no entanto, é algo ao mesmo tempo importante e difícil. Esta harmonia deve ser trabalhada e pedida ao Senhor.

*A harmonia sexual não é um dom da natureza. Constrói-se ao longo dos anos, e não necessariamente num crescendo. Tem altos e baixos. O amor não é suficiente para garanti-la. É preciso estar preparado para uma caminhada longa e por vezes difícil. (F)*

*É necessário revelar-se ao cônjuge não somente na nudez do corpo, mas também do coração e da alma, para poder construir a harmonia sexual. (F)*

*Foi necessária uma certa fase de aprendizagem para obter uma certa harmonia sexual. Esta é uma harmonia que não é estática mas evolui continuamente em profundidade e riqueza. Esta última idéia deveria ser divulgada entre os jovens casais, que poderiam decepcionar-se nos primeiros contatos carnavais. (F)*

Está muito claro que para atingir esta harmonia, deve-se assegurar o concurso de ambos os atores, no mesmo momento. Daí a importância de estar atento à “atitude do outro”. A demanda e a resposta são diferentes segundo a pessoa e segundo o momento, o que pode gerar decepções, frustrações ou mesmo bloqueios. Deve-se, portanto, levar bem em conta a disponibilidade ou a não-disponibilidade do cônjuge. Estar também atento às feridas secretas. Para as mulheres, será freqüentemente o resultado de uma recusa de qualquer prolongamento do encontro num diálogo terno. Ela se sente atingida na sua dignidade, pois tem o sentimento de que, quando o homem teve o seu prazer, desinteressa-se de sua companheira. Alguns conselhos a este respeito:

*Tentamos dizer-nos as nossas “dissonâncias”, falar sobre elas entre nós depois, não dramatizar.*

*É importante que o encontro sexual íntimo continue sendo um encontro, que não seja precipitadamente concluído, que não seja banalizado, que cada um possa caminhar em direção ao outro.*

Para chegar a esta harmonia, é preciso saber cultivar o desejo e até mesmo um “erotismo” sadio. Antes de tudo, é preciso continuar apaixonados.

*O homem deve continuar exercendo uma atração sobre a mulher e vice-versa. Se alguém acredita que, depois de muito tempo de casados, não precisa mais de cuidar da aparência, de se enfeitar para o outro, então seu casamento está a perigo! (Br)*

Um casal brasileiro pratica o Jogo da Sedução:

*Ele procura sempre ocasiões que fujam da rotina, com permanente valorização dos pontos positivos dela, reservando a cada dia momentos, só para os dois colocarem seus assuntos em dia, trocarem carícias, ou apenas ficarem quietos, mas os dois juntos e todos os dias.*

*Ela, por sua vez, procura tomar iniciativas que sejam do agrado de ambos e, com toques na pele, palavras agradáveis, tenta, em ocasiões de tensão, criar um clima de sensualidade e carinho que quase sempre leva à consumação do amor. Então aparecem os frutos: paz, entendimento, tolerância, ternura... (Br)*

Sobre o papel concedido ao erotismo, enquanto alguns dizem não terem nenhum interesse, outros, em maior número, expressam-se de maneira positiva. Eis algumas opiniões colhidas ao acaso de todo lugar.

*- Entre os pontos de progresso de nossa época está a revalorização do erotismo (inteiramente distinto e até oposto à pornografia); as gerações precedentes foram educadas para um pudor extremo: nada de “gestos” em público ou diante dos filhos. A Bíblia é mais realista... No entanto, os gestos dão testemunho, sobretudo para os filhos e os netos, de um amor durável, de uma cumplicidade: continuamos apaixonados.*

*- A justo título, o erotismo está sendo reabilitado na linguagem das ENS. Encontra seu valor não em si mesmo, mas em relação ao ato conjugal. O erotismo está ao serviço da relação conjugal e não o inverso.*

*- O erotismo é uma arte; ele é para o amor o que a arte culinária é para a cozinha.*

*- O erotismo dá um gostinho de “volte sempre”.*

*- É uma palavra mal escolhida, pois foi desvalorizada pela mídia. Sedução parece-nos uma palavra mais apropriada para o verdadeiro amor.*

*- Erotismo: forma de sedução, de chamamento do desejo do outro, jogo amoroso e não voyeurismo ou pornografia.*

*- O erotismo ainda é o “sal” indispensável para o sabor da vida quotidiana do casal.*

*- O erotismo pode ser sadio: qualidade do casamento, ao lado de possíveis desvios tais como a pornografia.*

*- Um lembrete da nossa sensibilidade fisiológica carnal, o erotismo tem um lugar em nossa vida conjugal quotidiana. Ele fomenta a união, o desejo, a alegria de estar juntos. O dia-a-dia de um erotismo “honesto” é benéfico para o equilíbrio do casal; daí a importância do “beijinho roubado”, das piscadas, das roupas íntimas, etc. (F)*

Como se vê, uma verdadeira ladainha, que poderia ser ainda mais longa... Mas achamos que era preciso mostrar este aspecto da reflexão das equipes, um aspecto que pode surpreender...

Ao lado desta harmonia sexual, faz-se também menção a uma harmonia espiritual que, de certa forma, vincula a salvação de um à salvação do outro ou, pelo menos, o progresso espiritual de um ao do outro. As duas harmonias vão juntas...

*Num casal que se ama totalmente, parece impossível que um se salve sem o outro. Parece que por uma comunhão dos santos particularmente intensa, um deve poder atrair o outro aos cumes a que chegou. (F)*

*Para um casal de fé, o diálogo torna-se “trílogo”. A oração em casal e o ato sexual decorrem da mesma intimidade. A plenitude após uma relação sexual é idêntica à da oração conjugal. (F)*

1.2.3 A **idade avançada** pode levantar problemas específicos. Damos a palavra aqui àquelas equipes que melhor souberam cercar o problema, as italianas.

*Entre os casais mais antigos, diante da carência das relações sexuais, existe o problema de encontrar um novo equilíbrio que possa atenuar as tensões, dar mais importância à palavra, aos gestos, às atitudes por assim dizer “purificados” e aumentar a capacidade de amar, de tolerar, de perdoar que, num certo sentido, pode compensar as sensações de prazer próprias ao sexo. (It)*

*O que emergiu de nossas discussões, foi o sentido do precário e a dificuldade de ser e permanecer “casal” depois da idade de 40/50 anos. Ocorre, nessa fase, uma certa quietude dos sentidos, mas de um modo diferenciado (acentuada na mulher, muito menos no homem). Esta disparidade torna mais difícil a harmonia entre os dois: a relação sexual ainda desejada e querida pelo homem é “suportada” pela mulher. Esta constatação nos permitiu compreender por que, nesta faixa de idade, os casos de infidelidade do marido são mais freqüentes; por que marido e mulher podem afastar-se um do outro, mesmo vivendo juntos e acabam por “suportar-se” ou simplesmente por viver separados na mesma casa. A falta de atração sexual leva por vezes a sentir o outro como um peso, até mesmo um fardo.*

*Isto nos leva a pensar que é fácil “murchar” como casal e como pessoa e portanto, para evitá-lo - porque queremos evitá-lo - o casal tem necessidade de “inventar-se”, de renovar-se e, portanto, de conversar, de dialogar com o máximo de abertura e de compreensão, de encontrar as razões para se sentir bem juntos, de maneira a fazer frente serenamente aos momentos ou, como no nosso caso, às épocas em que os equilíbrios naturais podem transformar-se em causa de divisão ou, pelo menos, de incompreensão.*

*Constatamos que os momentos em que podemos parar para conversar, para dialogar, para conhecer-nos e aferir nossas vidas, são difíceis de achar e, quando os achamos, somos tentados a falar dos problemas de rotina: os filhos, a saúde, os parentes idosos... É terrivelmente difícil entrar em campos muito pessoais, de fazer frente aos problemas relacionais, particularmente no plano sexual (como também, aliás, é difícil conversar sobre Deus e sobre a oração).*

*Depois, se às dificuldades que decorrem da idade, das limitações devidas a condições precárias de saúde, acrescentarmos todos os outros*

*problemas “inevitáveis”, a carga do trabalho ou a ausência de trabalho, então compreendemos que são muito reduzidos os momentos favoráveis a uma relação sexual que não seja apenas um exutório<sup>10</sup>. Torna-se difícil fazer coincidir os momentos de disponibilidade de um com os do outro. Neste aspecto, na juventude, quando a energia sexual de um e outro era maior, esses obstáculos eram facilmente superados. Entretanto, sentimo-nos mais “despertos” em relação a pessoas de fora, talvez por serem novidade, não como o cônjuge “desgastado” pela rotina... Talvez esteja aí a explicação para um comportamento que observamos entre algumas viúvas de nossa pequena cidade do interior: depois da morte do marido, elas parecem “florescer de novo”, adquirem nova vitalidade, buscam a companhia de outros homens para se divertir. Por fim, um último aspecto a assinalar: seria um erro viver a relação sexual como um momento isolado, destacado do resto, quando na verdade deve ser parte plena, consciente e conseqüente. (It)*

Sabe-se que o tempo da aposentadoria, sobretudo com o tempo de vida prolongado, tornou-se hoje uma etapa muito importante. É uma verdadeira transformação da vida que se deve ajustar cuidadosamente. Não se falou muito nisso, mas alguns o fizeram com humor.

*A aproximação da aposentadoria traz ao casal mais tranqüilidade. Geralmente, com os filhos casando, afastando-se para uma vida própria, o casal fica com mais tempo, sem interferências. Mais tempo para se curtir ou para se hostilizar, a escolha é que vai fazer da vida dos dois um pedacinho do céu ou... (Br)*

Deve-se reiterar, uma vez mais, a importância do **dever de sentar-se** ao longo dessas etapas da vida do casal, tão lembrada e repetida por numerosas equipes. Muitas enfatizam de passagem que, freqüentemente, um grande progresso foi realizado no DDS graças ao estudo deste Projeto. Com, de vez em quando, uma proclamação como esta:

*A equipe, unânime, faz questão de agradecer imensamente às ENS a reflexão que as pistas propostas provocaram, o salutar questionamento que desencadearam para nossos casais e nossa equipe. Sentimo-nos mais próximos uns dos outros, mais verdadeiros. Nossos DDS são mais densos, profundos, dinâmicos. (F)*

Voltemos à importância do dever de sentar-se (DDS).

*O DDS é uma excelente defesa contra a rotina, pois obriga a um diálogo verdadeiro, uma urgência em todos os momentos. É a condição e o fruto de uma grande intimidade: podemos conversar sobre muitas coisas.*

*O DDS tem um lugar importante na vida sexual, que é uma longa busca de harmonia. Os dois precisam de um aprendizado, de uma construção conjunta.*

É bem evidente que este DDS acontece sob o olhar de Deus:

---

<sup>10</sup>Termo médico significando “supuração produzida e mantida artificialmente”. (N.T.)

*Não se pode contar apenas consigo mesmo, mas também com o Senhor. Jesus aponta, sem condenar. Com o Senhor, caminhamos lentamente da sombra para a luz, crescendo no amor do outro.*

Uma pontinha de humor:

*Complementando o dever de sentar-se, há também o dever de ir embora. Saber deixar o outro partir, para que ele relaxe, faça novas descobertas, e para um reencontro maravilhoso.*

*Por que não instaurar, ao lado do DDS, um DFS: dever de fazer surpresas!*

### 1.3. As crises.

Trabalhar na dimensão do tempo significa passar por etapas, mas muitas vezes também por crises, que podem começar muito cedo. Em todo caso, para todos, essas crises são inevitáveis.

*As crises parecem ser um dado da vida.*

*É possível, para um casal, não conhecer crises?*

Elas podem começar desde o início do casamento:

*A crise dos primeiros tempos do casamento: na verdade, trata-se de “casar” duas histórias, duas origens, duas educações diferentes. Daí, os choques e as incompreensões em relação aos hábitos do outro e de sua família. É preciso tempo para forjar uma história a dois e aos poucos compreender a história do outro. Daí a necessidade do diálogo e a importância do DDS. (F)*

*No início do casamento, o rapaz continua a compartimentar a sua vida; a moça, ao contrário, unifica-a; logo, ela deve trazer muita atenção e delicadeza. (F)*

E mais tarde, pode aparecer uma distorção, um desequilíbrio.

*O dia-a-dia, a falta de tempo, a estafa da vida profissional desgastam. Há uma distensão no casal, o homem e seu trabalho, a mulher e os filhos. Isso vai criando uma divisão na vida do casal: a mulher torna-se mais mãe do que esposa e ele sofre com isso; o homem não é bastante pai e ela se queixa. É difícil conservar o equilíbrio esposos/pais. (F)*

Por vezes, um questionamento doloroso:

*Onde foi parar o clima de nossos primeiros encontros? Teremos nós passado do encantamento e da paixão... à insatisfação? Nosso amor evoluiu, ele deve aprofundar-se através de um melhor conhecimento do outro. Cada dia, devo re-conhecê-la, ela é outra, reagindo à sua maneira. E daí? Em todas as ocasiões, deve-se criar um clima de amor e de diálogo, para que a corrente volte a passar. (F)*

Muitos deploram o **desgaste** do cotidiano e da rotina.

*Estamos cada vez mais próximos um do outro, mas temos também ocasiões cada vez mais freqüentes de dar trombada. No início da relação amorosa, o coração ocupa um grande espaço, o dia-a-dia um espaço pequeno. Depois, o dia-a-dia passa a deter um grande espaço, mas é preciso vigiar para conservar o do coração. (F)*

*Deve-se assumir os períodos de deserto, nos quais não se percebe mais os sentimentos. Deve-se, então, suportar esta provação por um ato voluntário de fidelidade.*

(E alguns lembram, neste ponto, a palavra do Cardeal Danneels: “amar é uma decisão”)

A **ausência de diálogo** é também freqüentemente incriminada, como se constata nas equipes italianas:

*A falta de diálogo sobre a sexualidade e sobre os tabus do sexo criou sofrimentos e dificuldades de relacionamento, de aceitação de si mesmo; isto também porque não enfrentamos o aspecto psicológico - emocional. (It)*

Mas as causas dessas crises são múltiplas e... variadas. Às vezes, bastam uns pequenos nada, mas que vão se acumulando:

*Muitas crises nascem de pequenos problemas que se acumulam.*

E diz-se que os grandes responsáveis são o **egoísmo** e o **orgulho**.

*O egoísmo é o fator principal do “desajuste” e da falta de harmonia.*

*As crises nos casais nem sempre são bem identificadas e o orgulho de um dos dois impede que sejam reconhecidas. Elas sempre têm uma repercussão negativa e prejudicam, se forem se repetindo ao longo dos anos: se não forem confrontadas, podem destruir o casal. (E)*

*Deve-se crescer juntos. Mas o orgulho, o egoísmo e a prepotência são fatores que impedem este crescimento comum. A busca egocêntrica da própria realização também é um fator de desagregação na construção da vida a dois. Por isso, é preciso que Deus esteja presente no meio dos dois, incitando-os ao perdão, sem o que haverá feridas indeléveis... (Br)*

*Uma dificuldade vem da tensão entre a vida do casal e a realização pessoal de cada um dos cônjuges, tensão esta produzida pelo egoísmo e a necessidade de renunciar ao Eu em favor do Nós. (E)*

Também o **individualismo** é denunciado por alguns:

*O individualismo bloqueia o crescimento do casal, porque causa a falta de vontade de dar-se e relacionar-se. Conseqüências deste comportamento: a solidão, a confusão, a perda da esperança e o desejo de impor-se ao outro. Deve-se notar também a tendência de querer que o outro seja igual a nós, quando a relação de casal deveria tender para a liberdade e para a coesão diante do sofrimento; a repugnância a*

*abandonar os espaços privados (mesmo mentais) para partilhá-los com o cônjuge; o desejo, como casal, de bastar-se a si mesmo, fechando-se desta forma ao relacionamento externo. (It)*

E depois, existem também, como fontes de crise no casal, os **problemas de moral**. Falaremos mais explicitamente desses problemas no último capítulo, porém, neste ponto, quando falamos de crises, deve-se assinalar seu impacto específico.

*Há o problema da maternidade - paternidade responsável, com a questão que dele decorre: o controle da natalidade. Se se quer caminhar neste sentido, há necessidade de um trabalho contínuo, sério e profundo de discernimento individual e de casal. Há necessidade de uma direção espiritual adequada nas diversas fases... É um caminho muito delicado, se quisermos salvar tudo... (It)*

A idéia de pecado, que pesa sobre os casais, pode colocá-los em perigo. Um testemunho singelo, muito breve:

*A idéia da procriação carregou a nossa consciência com pecados, com medos... e com quatro filhos. A abnegação foi motivo de muitas contrariedades. A idéia de pecado nos levava a viver a sexualidade de forma tensa, com uma certa obsessão, criando problemas de consciência. Passamos deprimidos um tempo precioso de nossa vida. Hoje, a sexualidade nos ajuda a crescer num outro estilo. Caminhamos de outra maneira em direção a nós mesmos e em direção a Deus. Deus está mais próximo e é menos “fiscal”. (E)*

*Lembramos todos os problemas que decorrem de uma estreiteza do espírito na observância do dever (“doverístico”). Sublinhamos, por outro lado, que a não-observância das indicações do Magistério gera necessariamente um pesado sentimento de falta e de pecado. (It)*

Será útil assinalar aqui que o problema das crises (suas causas, seu impacto...) suscita menos interesse entre os casais jovens. Paciência!

Afortunadamente, as crises podem ser superadas e podem até ser proveitosas. Podem representar simplesmente, como na vida individual, **crises de crescimento**. Deve-se, portanto, saber explorá-las.

*Cada crise superada foi para nós fator de união mais profunda do casal. (Esta é uma constatação freqüente).*

*Se as causas das crises tiverem sido bem identificadas e se foram enfrentadas com coragem, conseqüências positivas serão sem dúvida extraídas delas. A crise, enquanto dura, perturba a prática da sexualidade, mas, uma vez resolvida, implica em enriquecimento e em ocasião de renovação daquela prática. (E)*

*Fizemos das crises uma ocasião de progresso. Houve crises, mas foram situações de amadurecimento, com o esforço e a renúncia por vezes de um, por vezes do outro. É importante que nos momentos difíceis, um dos dois seja elemento de salvação. (Br)*

Eis alguns exemplos de crises bem concretas vividas e superadas, contadas com desarmante simplicidade por casais brasileiros.

*O casal viveu 18 anos numa rotina, acomodados e, por conseqüência, veio a crise. Felizmente, superou a crise. Como Deus nos questionou com essa crise! Depois disso, houve substancial melhora no relacionamento amoroso. Após a reconciliação, houve mudança na sexualidade, como resposta às dificuldades iniciais. (Br)*

*Situação pior não existia. Ela era babá dos filhos (4). Viviam numa rotina em casa. O marido tinha como profissão viajar. De 15 anos para cá, modificou-se totalmente. Reconquistou o marido e a vida mudou para o casal. (Br)*

*Como filho mais velho da casa dos meus pais, observava que o pai fazia tudo na casa dos outros e em nada ajudava em casa, onde todos os cuidados domésticos ficavam com a mãe. Prometi fazer para minha mulher exatamente aquilo que meu pai não fazia para a mãe. Contudo, minha mulher não valorizava isso, o que me deixava furioso. Houve, posteriormente, reconhecimento, tudo voltou ao normal e passamos a viver melhor. (Br)*

#### **1.4. Não idealizar o casal.**

Já falamos da reação contra a idéia de “casal ideal”. Aqui, procura-se alertar contra um fenômeno bastante comum, mas que pode ter conseqüências graves. Sem dúvida, as ilusões são uma necessidade do ser humano e todos as cultivamos... Mas deve-se evitar ser vítima delas!

*Idealizar o casal provoca dificuldades: sonhamos com uma imagem, com a nossa própria imagem.*

*Não se deve querer dar aos jovens uma imagem por demais ideal do casamento, para que não corram o risco de um desânimo precoce, quando chegam as dificuldades.*

*É indispensável que seja enterrada a imagem que fizemos do outro no início do relacionamento. Se assim não for, a exigência em relação ao outro acaba tornando-se devoradora e reduz o parceiro à situação de objeto.*

Este conselho é válido notadamente na crise: neste caso, o que se deve evitar é um certo angelismo.

*Depois de uma crise ou de uma grande dificuldade do casal, surge uma espécie de angelismo que quer fazer crer que podemos passar da tormenta à bonança com um simples toque de vara mágica e que um encontro sexual pode ser um elemento motivador suficiente. O que precisa é uma conversão.*

## 2. A fidelidade

### 2.1. O que é a fidelidade?

A fidelidade não consiste somente em não enganar a mulher ou o marido, ou seja, em não cometer adultério de corpo ou mesmo de coração, mas em conservar-se firme na vontade de amar-se como casal e de buscar uma união maior. Há, pois, muitos graus de fidelidade... e de infidelidade.

*A fidelidade não é limitada à sexualidade. Cada vez que faltamos aos compromissos assumidos no matrimônio, somos infiéis um ao outro e a Deus. (Br)*

Na Ilha Maurício, há muita severidade:

*A fidelidade deve ser absoluta. A menor “infração” a enfraquece consideravelmente e cria um estado de espírito conformado com a infidelidade.*

Mas encontramos em todo lugar a mesma avaliação:

*Primeiro e antes de tudo, a fidelidade!  
A fidelidade: vínculo essencial do casal.*

Os responsáveis pela “síntese” chegam a dizer que a noção de fidelidade suscita um entusiasmo confortador. Julguem:

*Ser fiel não é somente não ser infiel.*

*A fidelidade não é somente viver um ao lado do outro...*

*A fidelidade não é um peso mas uma grande alegria: saber-se único para o único.*

*A fidelidade é ato de fé, de confiança, de coração... então será fidelidade total.*

*Pelo matrimônio, os esposos pronunciam uma espécie de voto de castidade para fora do casal, comparável ao do sacerdote.*

*O compromisso do matrimônio deveria ser vivido como uma tomada de posição pela fidelidade absoluta com a ajuda de Deus e do sacramento. Sem isso, corre-se o risco de deixar a porta mentalmente aberta e de construir sem alicerces.*

A idéia que já foi lembrada: “amar-se é uma decisão”, foi considerada muito importante para a fidelidade ao longo do tempo por numerosos casais de todas as idades.

*A importância do “sim” dado permite vencer o desgaste do tempo.*

*A fidelidade é algo a cultivar. A fidelidade aguça o desejo.*

*A fidelidade do casal está ao serviço do advento do amor de Deus: é o Reino do qual os casais já tem uma pequena idéia, por meio da felicidade de uma vida partilhada.*

*O ideal para o qual nosso amor humano deve tender necessita da adesão a pelo menos três regras simples: 1) a fidelidade e a confiança no cônjuge, 2) a busca da felicidade do outro antes da sua própria, 3) a abertura para a vida.*

E sobre esta questão de fidelidade, os sacerdotes também se sentiram envolvidos:

*porque o seu sim a Deus é da mesma ordem, devendo ser renovado sem cessar, e sua vida sacerdotal é uma vida de fidelidade a Deus.*

A fidelidade é portanto um valor essencial, mas é preciso estar sempre atento, porque ela não é automática.

*A fidelidade conjugal constroi-se todos os dias. A fidelidade do casal jamais está garantida de antemão. As ciladas podem ser numerosas, pois a fidelidade no casamento coloca-se em termos bem diferentes de outrora. O homem e a mulher são mais iguais no casal, a mulher depende bem menos do homem. A duração da vida em comum aumentou sensivelmente. A evolução das mentalidades e o impacto de determinada mídia teve como efeito a desculpabilização e a banalização da infidelidade e a ruptura do casal. (F)*

## 2.2. A infidelidade, as tentações, o ciúme.

As tentações podem surgir ao longo da vida de casal, tentações de toda ordem, mesmo nos casais das Equipes de Nossa Senhora. Começemos por aquela que pode parecer benigna e, sob certos aspectos, simpática: **o ciúme**. Não será justamente um sinal de amor?

*O amor é ciumento. É verdade. Mas cuidado com o ciúme doentio, fonte de grande sofrimento. O ciúme pode provir de uma falta de confiança em si mesmo; pode decorrer também das ocupações que prendem muito o cônjuge ou de ocupações familiares (a família do outro...) (F)*

*O ciúme nos pareceu a todos muito negativo nas suas causas (orgulho, falta de confiança em si mesmo, no outro, desejo de possessão do outro) como nas suas conseqüências (falta de harmonia no casal). Trata-se também de uma questão de temperamento e de predisposição. Um esforço dos dois cônjuges é indispensável neste campo. (F)*

O que se pensa do “**demônio do meio-dia**”? Trata-se, sobretudo, dizem alguns, do desejo de parecer jovem e de recusar a idade...

*O demônio do meio-dia é uma mescla sutil de desejo de pseudo-mudança, de desejo de provar a si mesmo que se é suficientemente jovem e dinâmico para ainda poder seduzir, de medo de não ter aproveitado o bastante antes da morte que começa a tornar-se uma eventualidade em que se começa a pensar. Este coquetel, explosivo em si, é*

*cuidadosamente atizado pelo contexto cultural atual, que leva a crer que, para começar uma nova vida na segunda metade da existência, deve-se jogar a existência anterior no lixo dos objetos já consumidos. (F)*

*O demônio do meio-dia é, com frequência, resultado de uma situação de degradação, que surge num momento em que a velhice iminente leva ao medo de não mais poder realizar antigos desejos. É também consequência de uma vida monótona e rotineira, ligada ao egoísmo que pode impulsionar a procurar, em outro lugar, aquilo que não se acha, ou não se acha mais, em casa. (F)*

Quanto à tentação de infidelidade, talvez seja bom assinalar que ninguém está protegido dela. Sobretudo se assumirmos o sentido amplo da palavra. Como o fez, por exemplo, esta equipe alemã:

*As tentações de infidelidade também estão presentes quando se deixa o outro só em sua busca de valores, de aprofundamento. Não dizem respeito apenas a uma pessoa diferente do cônjuge, elas podem também referir-se a um trabalho que domina tudo. (D)*

*A tentação de infidelidade pode surgir em qualquer casal, em qualquer momento, em qualquer idade. Somos mais facilmente seduzidos quando há tensões no casal, menos disponibilidade, mais dificuldades. O desejo de infidelidade está no coração do homem, mas um casal cristão tem mais meios de resistir. (F)*

*Esta tentação está em nós, faz parte de nós. Crer que se pode escapar dela é um sonho. Devemos aceitar que somos seres de desejo. A tentação é humana. Não se deve culpabilizá-la, evitá-la é impossível. É preciso reconhecer-se pecador. Não devemos nos julgar acima de tudo isto. (F)*

*Sucumbir? O amor de Deus está aí para nos ajudar: força e auxílio da oração. É um assunto da ordem da fé. (F)*

Algumas equipes questionaram-se de forma mais sistemática sobre as **causas da infidelidade**. Aqui está uma lista bastante típica, acompanhada da observação: “achar a causa é um bom remédio”.

- Falta de diálogo (de dever de sentar-se, aquilo que não se diz, mal-entendidos, receio de magoar ou das reações),
- Hábito de rotina,
- Descoberta de outro “outro” e “fixação na imagem”,
- Ausências repetidas ou prolongadas, mesmo que para prática de esporte ou algum trabalho de voluntariado,
- Desinteresse do cônjuge, porque se espera tudo dele e não se tem uma atitude de busca,
- Problemas físicos
- Êxito profissional e fuga... para outro lugar,
- Relacionamentos: a família, a família do outro, os amigos,

- *Infortúnios do desemprego, do falecimento, de grandes preocupações, com perda de valores, frustração, desvalorização, depressão,*
- *Recusa de se deixar ajudar nos momentos difíceis (Deus me ajudou, o cirurgião também). (F)*

Pode-se acrescentar: cansaço, pequenas irritações repetitivas, falta de sintonia quanto às expectativas, diferenças de evolução psicológica ou espiritual, falta de lazer em comum... Em resumo, encontramos aqui novamente todas as causas das crises de que se falou. E há, naturalmente, as tentações externas.

Deve-se notar também, que entre os fatores que aumentam os riscos de infidelidade, o trabalho da mulher foi muitas vezes citado. Também ela encontra agora tentações externas. É uma equipe brasileira que diz:

*Hoje, a tentação é a mesma para o homem e para a mulher.*

Quais são as **medidas preventivas** que se pode tomar? Para lutar contra essas tentações ou para não sucumbir, o que se pode fazer? Alguns dizem: falar imediatamente; outros dizem: esperar!

*Um bom remédio, é conversar logo com o outro, é menos difícil; o outro pode ajudar e isso esvazia a imaginação.*

*As crises, as tentações devem ser analisadas o mais profundamente possível, mesmo que isso não seja possível de imediato; pelo contrário, um certo recuo no tempo permite relativizar os problemas. Em contrapartida, estamos convencidos de que um casal que sai de uma crise, sai engrandecido. Não se parte mais do zero, mas de um ponto bem mais elevado. O simples fato de se ter superado positivamente uma provação é um sinal de esperança para as provações futuras. (F)*

De maneira geral, muitos dizem que para se precaver, é preciso mais do que uma atitude de defesa; deve-se estar na ofensiva, ter uma atitude de combate, ser voluntário, respaldar-se na oração. Chega-se a propor pequenos catálogos práticos para evitar a tentação da infidelidade. Aqui estão pelo menos dois excelentes conselhos.

*A infidelidade se evita tendo muita força de vontade e determinação, procurando ter a cabeça no lugar para pesar e medir as possíveis conseqüências. O importante é não dar o primeiro passo, resistir, lembrar-se da família, dos filhos, dos laços conjugais, de uma vida construída há tantos anos com lutas, glórias, etc. (Br)*

*Nós não vivemos uma promessa de amor eterno, mas devemos conscientemente nos agradar, nos admirar mutuamente, nos valorizar e nos incentivar, o que nos une cada vez mais. (Br)*

Terminemos este ponto com outros dois testemunhos brasileiros. O primeiro sublinha que a fidelidade é difícil, especialmente no mundo atual:

*O mundo que nos cerca é difícil. No trabalho fora de casa, por exemplo, principalmente os homens têm dificuldade numa convivência sadia com colegas do outro sexo, sem que sejam taxados de bobos, efeminados, impotentes etc. O Movimento das Equipes pode ajudar, assim como os*

*casais nossos amigos da equipe. São instrumentos poderosos usados como proteção nessa guerra. Pelos testemunhos ouvidos, achamos que as tentações do dia-a-dia aí fora estão mesmo duras de vencer, pois de repente, hoje, tudo é natural ou permitido. (Br)*

O outro testemunho é o de uma experiência vivenciada pelo casal.

*A tentação da infidelidade foi vivida, sim, por ambos. Mas soubemos vencê-la com nossas maiores armas: o amor e o diálogo. Graças a isso, ela não passou de tentação e não abalou nossa confiança mútua. Assim também o ciúme, aquele zelo exagerado e obsessivo que visa pessoas, objetos, situações profissionais, sociais, econômicas, isso também não nos atingiu. (Br)*

### **3. Perdoar a infidelidade?**

Já se falou muito de perdão e de reconciliação no primeiro capítulo. No caso, tratava-se da importância do perdão na vida do casal, como princípio. E a coisa parecia normal, necessária e, no fundo, bastante fácil. Aqui, há uma mudança de tom. Porque se trata do perdão num caso bem preciso: o da infidelidade. É manifestamente mais difícil!

*A infidelidade é muito difícil de perdoar.*

Muitos concordam com isso. Sobretudo, é difícil perdoar totalmente, sem ressentimento, como o próprio Deus perdoa.

*O perdão da infidelidade pode existir, porém o ressentimento pode permanecer. A dificuldade do esquecimento é inerente ao ser humano.*

*Perdoar como Deus perdoa! Em nós fica sempre um pouco de ressentimento... Nós não conseguimos esquecer de todo...*

Talvez fosse necessário fazer aqui uma distinção entre perdão e esquecimento, pois claramente não é a mesma coisa. Mas todos concordam em dizer que se deve conseguir perdoar. É difícil, mas indispensável. Enfatiza-se o fato de que é essencial estar em paz um com o outro, para viver a plenitude do amor.

Aliás, o perdão deve aplicar-se a muitas coisas: não é somente a infidelidade que está em jogo.

*É um valor essencial ao longo dos dias. Os pequenos perdões são necessários. Perdoar-se leva a graça de Deus a manifestar-se no casal.*

*Nunca dormir sem se ter perdoado.*

Pode parecer simples... mas é preciso realmente querer.

*O perdão e a reconciliação eram os pontos-chaves em nossa vida. Quando casamos, prometemos um ao outro jamais deixar uma noite passar sobre nossas desavenças. Foi duro, muitas vezes exigiu um grande esforço (físico e emocional), mas conseguimos cumprir isso e sempre tivemos consciência de que esta atitude nos poupou grandes problemas. Nós sabíamos que o nosso amor era grande, era profundo,*

*era maduro, mas que dependia de um esforço mútuo diário para manter-se assim e crescer, e nos trazer - como trouxe - a felicidade. (Br)*

O perdão “funciona” nos dois sentidos: é dado mas é também pedido e nos dois sentidos, exige muito...

*Difícilmente pedimos perdão ao cônjuge se nos custa pedir perdão a Deus: em casal, ele não é fácil de se dar ou receber. Devemos recorrer a toda a nossa vida de fé para perdoar. (F)*

*Nossa experiência nos diz que o perdão pedido e dado faz crescer o amor conjugal. Com os anos, esta atitude parece mais fácil para alguns, como se a “santidade conjugal” crescesse com a idade, através dos mil e um conflitos resolvidos. Nesses momentos difíceis, a oração é um adjutório eficaz para reencontrar a serenidade e relativizar a importância do desacordo. A confiança absoluta que se tem em relação ao cônjuge, o conhecimento que se tem dele e a vontade partilhada de fazer progredir nosso projeto de vida conjunta, os perdões anteriores geradores de alegria profunda e de paz interior, tudo isso facilita tal atitude. Ademais, permite-nos crescer no conhecimento de Deus, crer em seu perdão sempre possível, crescer no seu amor... Será que devemos dizer: Viva a próxima crise? Ainda não chegamos a este ponto! (F)*

Algumas equipes espanholas pensam que é sobretudo a partir do início da vida de casados que é preciso aprender a perdoar.

*Se não fosse pelo perdão e pela reconciliação, nenhum casal permaneceria unido além da lua de mel. E se é certo que haverá ocasiões de perdão e de reconciliação em todas as etapas da vida conjugal, é de importância capital, no começo da vida de casal, saber perdoar e reconciliar-se. (E)*

Mas ainda há o espinho da infidelidade. Neste caso, será sem dúvida necessário mais tempo. Mas até mesmo esta dolorosa experiência pode ser uma ocasião de progresso no amor.

*Nem tudo é negativo numa experiência de infidelidade conjugal. Pode provocar um questionamento de cada um e levar a uma realização maior de ambos. O ato de infidelidade é significativo. Sempre corresponde a alguma coisa: uma carência, um fracasso pessoal, uma defasagem... a conversa pode permitir que o casal cresça. (F)*

*O relacionamento sexual melhorou depois que a esposa soube da infidelidade do marido. Tiveram que sentar para conversar e cresceram muito. A crise foi superada e ela, ao sair da crise, melhorou muito na sua sexualidade. Ele teve a coragem de apontar os defeitos dela e ela, os dele. Conversaram muito e tiveram um verdadeiro diálogo. Ela, muito inibida para poder falar em sexo, conseguiu dialogar. O seu testemunho é que não é uma experiência boa saber que seu marido teve um relacionamento extraconjugal. É uma lembrança amarga... (Br)*

Lembramo-nos aqui do ditado: há males que vêm para bem. E alguns não hesitam em fazer uso do humor:

*Para que complicar a vida, quando o marido pode ser um amante tão bom?*

Ou então, após ter enaltecido as vantagens da reconciliação:

*É claro que a infidelidade não é obrigatória...*

Em resumo, foram enfatizados conjuntamente: o esforço especial que exige o perdão da infidelidade, a necessidade, contudo, de uma verdadeira reconciliação, o aprofundamento do amor do casal que tal reconciliação muitas vezes traz. E alguns quiseram sublinhar com força a dimensão espiritual deste ato de reconciliação:

*O papel desempenhado pelo perdão e pela reconciliação é fundamental para o entendimento e a harmonia do casal. Aceder, se assim o quisermos, por meio da oração, da meditação e do diálogo, à misericórdia divina expressa através dos dois cônjuges, é uma das graças essenciais do sacramento do matrimônio. (F)*

*Quando se é cristão, deve-se saber o que é [o perdão]: é o olhar infinito de amor do Pai sobre seus filhos. Dar o primeiro passo para uma reconciliação exige muita humildade e coragem, pois a gente tem tanta certeza de ter razão... e sem a ajuda de Deus, é impossível! (F)*

E será sem dúvida difícil expressar-se melhor do que nesta frase simples:

*Como poderíamos deixar de perdoar-nos mutuamente, se Deus ofereceu a vida de seu Filho único para salvar todos os pecadores do mundo?*

Para concluir este capítulo, um desejo: que aqueles que têm a felicidade de ser um casal bem sucedido, pensem nos casais desunidos, feridos, em perigo de naufragar. Sua própria vivência, sua amizade, poderão ser preciosas. E reclama-se muitas vezes uma presença mais materna de Igreja.

*Desejaríamos que os casais cristãos fossem uma fonte maior de conforto e ânimo para os casais em dificuldade. Também esperamos da Igreja uma presença verdadeiramente evangélica junto aos casais desfeitos, que são freqüentemente rejeitados. O reconhecimento pela Igreja de uma pastoral de acompanhamento dos casais em dificuldade e dos esposos divorciados parece-nos indispensável, nesta perspectiva. (F)*

\* \* \*

## Capítulo II: Uma coletânea de testemunhos

### 1. Uma via ascendente

*Temos certeza que as ENS nos ajudaram e continuam nos ajudando muito, pois entramos no Movimento com um ano de casados e nos propusemos a estudar e aprofundar nossa vida espiritual, conjugal e familiar. Por isso, esse caminho seguiu em linha ascendente, levando-nos ao conhecimento e discernimento dos valores cristãos que nos ajudaram a viver uma relação com responsabilidade e valorização de um pelo outro. Continuamos lutando, aceitando nossos fracassos (altos e baixos), fazendo deles ocasião de retomada. Procuramos juntos a melhor maneira de viver nossa relação sexual. Com a convivência nasceu a maturidade e a experiência e a preocupação de tornar mais perfeita nossa relação de amor; assim fomos superando as dificuldades e bloqueios que adquirimos por não conhecermos quase nada da vida a dois de acordo com o plano de Deus. (Br)*

\* \* \*

### 2. Altos e baixos

*Na nossa relação de casal houve alguns altos e baixos, porém, de maneira geral, seguimos uma linha ascendente. Antes do nosso casamento, o conceito que tínhamos de sexualidade era o seguinte: a sexualidade não deve ser vivida só no plano humano nem só no plano espiritual. Deve haver um equilíbrio, pois somos corpo e alma e, embora naquela época a Igreja destacasse que o objetivo primeiro da relação sexual devia ser a procriação, nós achávamos que a unidade do casal era muito importante. Na nossa vida isso se confirmou. Assim como a fé é capaz de transportar montanhas, nosso amor conjugal é capaz de nivelar e até ultrapassar nossas diferenças. Nos momentos de grande alegria ou tristeza, a sexualidade foi para nós fonte de felicidade. (Br)*

\* \* \*

### 3. Uma preparação é necessária

*Levei uma semana para convencer minha esposa a aceitar a união sexual. Em nenhum momento de nosso noivado, havíamos abordado o assunto. Reconhecemos a necessidade dos Centros de Preparação ao Casamento, que, hoje, preparam os futuros casais para a vida em comum. (F)*

\* \* \*

### 4. De um Conselheiro Espiritual brasileiro

*Estamos sempre em construção e somos pluridimensionais: aspecto físico sexual, intelectual e espiritual.*

*A espiritualidade é a um só tempo humanizadora e divinizadora. Pela fé sabemos haver um plano de Deus para o casal humano. Vivemos numa “tensão construtiva” e intencionamos descobrir, conhecer, amar e viver a vontade de Deus, ou seja, o seu projeto a respeito do matrimônio.*

*O “ideal” é um apelo, um polo de atração. Temos necessidades e descobrimos valores. Se vivermos “segundo a carne”, conforme o dizer do Apóstolo, abafamos a ação do Espírito em nós e, quem sabe, as necessidades se imporão sempre,*

neutralizando o apelo atrativo dos valores. A conversão será a marca dinâmica do casal que se uniu “no Senhor”.

Saber-se chamados à santidade no matrimônio significa tomar consciência dos valores fundamentais da vida. Por isso, significará humanizar suas relações, encarando o outro como pessoa: suas necessidades, história, temperamento, características, qualidades, possibilidades e limites. A criatividade, aliada à alegria e ao otimismo realista, torna-se uma virtude imprescindível à vivência cristã a dois. (Br)

\* \* \*

## 5) Testemunho de um viúva

*Seria necessário precisar melhor o que se deve entender por “anos de convivência”. Será que aqui se quer referir a muitos anos de vida em comum? Ou será a vivência profunda do amor em alguns poucos anos?*

*No meu caso, não tive muitos anos de convivência com o homem que amei e que se tornou meu marido. O tempo, porém, foi suficiente para perceber que o amor sempre é produto de uma ternura que se manifesta no olhar, no sentir, no falar, no escutar, no aceitar, no partilhar cada um desses momentos. É a fagulha que reacende a “velha chama” daquele amor que nos chamou e nos levou a uma opção fundamental de nossa juventude.*

*Conviver todos os anos de nossa vida dentro do amor-ternura seria o grande ímã que conseguiria manter até o fim a atração homem - mulher. (Br)*

\* \* \*

## 6. Uma voz discordante

### Preâmbulo.

*A Igreja talvez tenha se arrastado no decorrer dos séculos para determinar o lugar a ser dado à sexualidade sob todos os seus aspectos. Aplaudimos, portanto, com as duas mãos e admiramos a ousadia das Equipes de Nossa Senhora, que lançaram “Evangelizar a Sexualidade”.*

*Não é por isso, porém, que se deve ir depressa demais nem longe demais. Corre-se o risco, por excesso, de desvalorizar aquilo que se quer promover. A Pista III, “uma só carne”, é excelente no seu conjunto; parece-me, porém, que alguns redatores se deixaram levar por seu ímpeto. Já que nos pedem que externemos as nossas reações e que exponhamos a nossa vivência, assim faço. Insistirei, naturalmente, sobre os pontos de desacordo: é mais construtivo do que repetir, sob outra forma, as idéias de que partilhamos.*

*Não tenho ilusões quanto ao valor do meu testemunho: “testis unus, testis nullus”<sup>11</sup>. A convergência de vários testemunhos e experiências é que mereceria ser levada em consideração. O problema é que uma redação pensada sobre temas delicados requer muito tempo, o que é coisa rara nas vidas ativas hoje em dia. Conseguir-se, ainda, ler uma tese e dizer se a aceitamos ou rejeitamos. Mas desenvolver o porquê ou propor outra tese é bem diferente.*

---

<sup>11</sup> Latim: Uma só testemunha é o mesmo que nenhuma. (N.T.)

### O que vai longe demais

*O tema III tem por título “uma só carne”. Trata-se portanto do ponto focal da sexualidade: a união corporal do homem e da mulher, que a seguir chamaremos de “ato sexual”.*

*Entre todas as excelentes idéias que são desenvolvidas neste tema, uma tendência que me parece nefasta introduziu-se subrepticamente, assim como algumas frases que chocam. Está parecendo que para melhor defender a tese “Evangelizar a Sexualidade”, alguns redatores se deixaram levar, mais ou menos conscientemente, a valorizar igualmente todos os aspectos das expressões corporais da sexualidade, sem distinguir sua especificidade.*

### O ato sexual

*Na minha opinião, o ponto essencial é que não se pode falar do ato sexual em bloco, pois comporta três fases sucessivas: uma fase de preparação, a união dos corpos, o relaxamento. São fundamentalmente diferentes entre si: na primeira, o homem e a mulher estão conscientes, podem dirigir, ou ao menos controlar seu comportamento, estão em condições de acompanhar a evolução do cônjuge e de conduzir a caminhada para a união.*

*Na terceira fase, eles podem valorizar a realização desta união.*

*Mas não é assim para a segunda fase. Em geral, as necessidades sentidas pelo corpo, como fome, sede, cansaço etc. atenuam-se logo que se começa a satisfazê-las. O desejo sexual, ao contrário, se fortalece, se amplifica, dilatando continuamente os limites que se podia ter fixado no início, exaspera-se e, de maneira exponencialmente vertiginosa, arrebatada irresistivelmente até o seu paroxismo.*

### É possível evangelizar o ato sexual?

*Pode-se desdobrar esta pergunta:*

*1) A este ato que não pode ser inteiramente desinteressado, pode-se incorporar uma preocupação altruísta?*

*2) Pode-se ir mais além, até santificá-lo, fazer dele um caminho para Deus?*

*À primeira pergunta, a resposta é sim:*

*Durante toda a fase preparatória, não somente pode-se mas deve-se, enquanto se busca o próprio prazer, preocupar-se, com o mesmo cuidado, com o prazer do outro; deve-se, antes de tudo, assegurar um ritmo paralelo, mesmo que seja freando o seu desejo pessoal. Tudo isso, que pode ser apenas uma preocupação pessoal com o êxito do ato sexual, pode também revestir-se de um aspecto altruísta: solicitude para que o outro aceda às mesmas emoções.*

*Assim também, na terceira fase, é possível não aconchegar-se no bem estar que resulta da satisfação do desejo, mas preocupar-se com o outro, cercando-o de afeição e de reconhecimento.*

*Tudo isto não deixa de ser uma caridade puramente humana.*

*Pode-se ir mais além e dar ao ato um enfoque espiritual, cristão: antes, rezando a Deus, oferecendo-lhe de antemão o prazer esperado que ele nos concede; depois, agradecendo-o.*

*Pode-se alcançar ainda melhor a vontade divina, associar-se a ela, cooperar, aceitando por antecipação todas as conseqüências que Deus propõe aduzir; pedindo ou aceitando, ou até mesmo consagrando-lhe o novo servidor que talvez seja seu desígnio criar por nosso intermédio.*

*Portanto, antes e depois do ato sexual, é possível evangelizar, ou melhor dizendo, viver de maneira cristã este “uma só carne” e as emoções sexuais que o cercam.*

*Mas é possível evangelizar o próprio ato sexual? Não me parece. Naquele momento, não é mais possível controlar-se, nem sequer pensar. O ímpeto que levou cada um a um desejo de gozo sem limites, um desejo exacerbado que não se domina mais, arrebatando-nos até um ponto que não permite mais pensar no outro. No momento culminante, o frenesi que nos possui sequer nos deixa pensar que é o outro que nos proporciona essas emoções inefáveis.*

*Ou ainda: no ato sexual, o outro não seria aquela vara que o atleta do salto com vara utiliza para elevar-se até o ponto mais alto que quer atingir, aquela vara que ele então abandona para realizar sozinho seu vôo planado de violento êxtase...?*

*Como evangelizar um tal paroxismo de gozo pessoal?*

*Logo, falseia-se a essência profunda deste fenômeno misterioso, idealiza-se a qualquer preço, quando se escreve, à página 22: “talvez seja a união sexual que mais ajuda a superar aquele sentimento de falta de comunicação que todos nós temos, que rompe o bloqueio de nosso isolamento e nos faz sair de nós mesmos para viver a comunhão com o outro e que finalmente nos prepara para uma comunhão maior com os outros e com Deus”... e novamente à página 24: “esta comunhão (trata-se ainda da união dos corpos, do ato sexual) nos ajuda a aproximar-nos dos outros e de Deus”.*

*Forçar demais leva a indispor aqueles que se quer convencer e, no caso, é também conduzi-los a um beco sem saída, enquanto todos os outros campos da sexualidade podem ser objeto de uma evangelização fecunda.*

#### *Não exagerar a importância do ato sexual*

*Esta impossibilidade de evangelizar o ato sexual condenaria o Projeto “Evangelizar a sexualidade”, pesquisado pelas Equipes de Nossa Senhora?*

*Absolutamente não.*

*Dar ao ato sexual uma importância excessiva no nascimento, crescimento e vida do casal, não se justifica:*

*a) o ato sexual não aprofunda o amor, pois seu paroxismo acaba em dois “solos”, conseqüência de um prazer inicialmente procurado em dueto.*

*b) O amor entre dois seres nasce bem antes do ato sexual. Amor, desejo e casal tomam vida e desenvolvem-se haurindo nas múltiplas fontes que a sexualidade alimenta e são estas que conduzem ao ato sexual, e não inversamente. Amor, desejo e casal devem e podem viver e crescer abstendo-se dele, às vezes por longos períodos. E finalmente, amor e casal sobrevivem na velhice, após o desaparecimento quase completo do desejo e do ato sexual.*

*c) Apesar de sua violência, o ato sexual não tem, sobre a vida do casal, sobre o aprofundamento da comunhão dos esposos, a influência que este tema, ao que parece, busca conferir-lhe: o ato sexual é breve demais.*

*Seria, pois, necessário, para que ele contribua para criar e consolidar o casal, tentar aumentar a sua duração ou freqüência, para que tenha mais impacto?*

*Pode-se, certamente, prolongar a fase preparatória, freando a sua evolução, bloqueando a subida do desejo antes que se torne irresistível... mas significaria tirar destas trocas a naturalidade e a espontaneidade que lhes dão valor e que lhes dão sua atração maravilhosa. Ademais, a busca sistemática de um gozo corporal por si mesmo é bastante duvidosa para uma consciência cristã e, se esta busca leva ao uso de métodos ou de meios artificiais, deve evidentemente ser condenada. É possível repetir mais rapidamente o ato sexual, despertar o desejo aquietado, usando métodos e artifícios inventados pelo homem e pelo diabo? Seria imitar o comportamento dos romanos da decadência, que recorriam ao vomitorium para continuar a beber e a encher a pança: evidentemente inaceitável.*

*d) Aumentar a importância do ato sexual apresenta outros perigos: quando o lindo mancebo tiver criado barriga, quando a jovem esposa tiver perdido sua comovente ingenuidade e seu mistério, quando um e outro ou um depois do outro não encontrarem mais a satisfação perfeita de seu desejo com um parceiro por demais conhecido, não serão eles levados a procurar alhures, para, por meio de um novo sabor, revigorar este ato sexual, a respeito do qual se lhes inculcou que é o caminho que conduz à aproximação com os outros e com Deus? Seria, claro, deformar completamente e perverter mesmo as intenções dos autores. Mas o espírito do mal é tão hábil em aproveitar-se de todas as falhas, que é preciso cuidar para não lhe dar pretextos.*

*e) Aumentar a importância do ato sexual leva a erros e contradições certos:*

*- Uma falta de harmonia sexual física ou psíquica que tornasse o ato sexual impossível, não condena um casal. Ele pode viver e desabrochar, satisfazendo seu ardor nos outros campos da sexualidade.*

*- Separações de longa duração, impostas por eventos externos (guerra, cativo etc.), podem suprimir o ato sexual por longos períodos de tempo; a necessidade de limitar ou espaçar os nascimentos, no respeito às leis da Igreja pode, mais freqüentemente ainda, praticamente para todos os casais e por todo o tempo de sua juventude e idade madura, levá-los a permitir-se o ato sexual apenas alguns dias por mês. São situações muito duras, vivamente ressentidas por todos como quase insuportáveis, não porque comprometem a vida ou a harmonia do casal, mas porque o desejo sexual se torna obsessivo. Não é tanto a ausência de união sexual que é difícil de suportar, mas sua consequência psicológica: aquele cruciante desejo que atormenta sem cessar.*

*A pessoa encontra-se, então, numa situação análoga à dos 10 ou 12 anos de puberdade antes do casamento, com a vantagem, todavia, que a abstinência não é tão longa; mas também com a dificuldade suplementar da proximidade do outro, das marcas de afeição que se dão e que aliás são ainda mais necessárias, mas que exasperam o desejo e tornam-se rapidamente perigosas.*

### *Importância e papel do ato sexual*

*Estas reservas quanto ao papel do ato sexual na criação e na vida do casal em nada diminuem sua importância primordial, pois está na origem da procriação. Querido e criado por Deus, ele é bom enquanto desempenha o papel que Deus lhe deu. Se, por sua natureza profunda, ele não pode ser evangelizado, santificado em si mesmo,*

*assim mesmo, para todo casal cristão que adere à vontade de Deus, ele inscreve-se num longo processo que é bom e que pode ser evangelizado, santificado.*

*A verdadeira sexualidade criadora do casal é a que é vivenciada ao longo dos dias. Ela pertence à ordem dos sentimentos, do intelecto, do espiritual, ela toca a alma e o coração. Mas é também sensível. Ela alegra os olhos, os ouvidos, todos os sentidos, a maioria das vezes antes mesmo de desabrochar o coração e o espírito.*

*Manifesta-se por todos os sinais sensíveis que o amor sabe inventar para declarar os sentimentos que preenchem a alma. São marcas que dizem o suficiente para aquecer o coração do outro; discretas como convém para adaptar-se a todas as situações do casal em meio ao mundo, marcas que se exaltam na intimidade até satisfazer aqueles que as trocam entre si, sem que cheguem necessariamente até o ato sexual.*

*É a beleza dos traços do ser amado, não por corresponderem aos mais altos padrões estéticos, mas pelo que têm de pessoal, de único.*

*É a graça e a vivacidade dos gestos e das atitudes, a delicadeza dos sentimentos, os relâmpagos que aos poucos descobrem os mil aspectos do outro, suas intuições, seus pensamentos, sua alma.*

*É tudo isto que alegra tanto os sentidos quanto o coração e que leva um cristão a uma fervorosa ação de graças ao Deus que criou uma tal obra.*

*É isto que pode, por vezes, por uma intensidade, uma novidade, uma profundidade excepcionais, deixar maravilhado, ao ponto de pressentir a grandeza de Deus, seu poder, sua bondade.*

*É tudo isto que cria o casal, que contribui à formação de uma nova personalidade, fusão de duas individualidades pelo calor destes impulsos de amor, cuja continuidade e perseverança apagam as rugosidades de caráter, suavizam as disparidades de hábitos e de culturas e ajudam a compreender e aceitar as diferenças.*

*É esta, a sexualidade que pode ser evangelizada; é o que leva então o casal a passar para um nível superior, impede-o de deleitar-se em si mesmo, assegura sua estabilidade e duração.*

*A sexualidade, mútua atração dos sexos, age sem cessar em todas as relações de um homem e de uma mulher, mesmo quando não pensam em formar um casal e se limitam a manter relações de amizade, intelectuais, espirituais, desencarnadas.*

*Nisto, o corpo tem a sua parte: o encanto de um estimula o outro, leva-o a superar-se para merecer interesse, estima, confiança admiradora. A sedução mútua atenua, até suprimi-las, as oposições de caráter, as competições de vaidades, as rivalidades de situação.*

*A complementaridade dos sexos nos campos intelectual, espiritual, da sensibilidade, é uma fonte maravilhosa de enriquecimento. São estes aspectos da sexualidade que explicam os casais desencarnados que muitos santos formaram com uma santa ou uma mulher de vida santa, e vice-versa. Um belo exemplo de sexualidade perfeitamente evangelizada. Exemplo, no sentido de caso particular e não de modelo a ser imitado. A vocação da maioria dos mortais inclui todos os aspectos da sexualidade. E todos estes aspectos podem e devem ser evangelizados, mas segundo formas e medidas adequadas à sua natureza. Menosprezar o corpo e suas atividades é um erro*

*grave, mas nem por isso deve-se colocá-los, na escala dos valores, no mesmo nível que o espírito e a alma.*

### Posfácio

*Estas reflexões são de um homem de 80 anos. Estarão ultrapassadas? Terão algum interesse no momento atual, quando prevalecem outras mentalidades e outros hábitos?*

*Admito que minha atitude em relação à sexualidade provém das posições da Igreja entre as duas guerras mundiais, de meu meio familiar, das instituições cristãs nas quais estudei até a idade de 13 anos.*

*É certo, portanto, que se minha posição inclui uma certa desconfiança para com a sexualidade, esta vem da influência do meio e da ênfase então atribuída ao ideal de castidade.*

*Mas ela só adquiriu consistência e força quando este ideal, que eu tinha assumido, se viu confrontado com os ímpetos sexuais da puberdade e da adolescência e com as pressões dos colegas de escola ou do meio familiar.*

*Chega um momento em que deve-se fazer uma escolha; então começa uma luta encarniçada e sem descanso, durante os 12 ou 15 anos que precedem o casamento; luta esta que será retomada depois, por períodos mais ou menos longos na vida... até a menopausa.*

*Ora, hoje, os jovens que querem guardar um corpo e uma alma sadios, devem estar enfrentando uma situação muito semelhante e até mais difícil, em função do ambiente criado hoje tanto pela mídia que nos invade, quanto pela indulgência em todos os meios, por vezes mesmo eclesiásticos, sob pretexto de caridade e de compreensão. Certamente, esta é uma atitude respeitável, mas que deveria ser manifestada com prudência, para não desanimar por antecipação os que escolheram o rigor.*

*Esta luta contra os impulsos sexuais leva necessariamente a uma desconfiança que pode até chegar a um certo desprezo pela carne. As tentativas para reabilitá-la são difíceis: para serem credíveis, devem ser razoáveis; portanto não sugerir que o ato sexual seja o caminho para Deus: seria um atalho no mínimo irritante.*

*Não duvido que, ao ler estas páginas, os psiquiatras e os psicanalistas dirão: são raciocínios de um obcecado sexual que quer exorcizar as suas frustrações. Uma vez mais, eles estariam enganados, pois posso afirmar que apesar de períodos austeros, realizei-me perfeitamente neste campo.*

*Naturalmente, não foram satisfeitas as múltiplas tentações de flertar com algumas sílfidas etéreas e de abraçar garotas cheias de curvas que o desejo sexual sempre faz brilhar para seduzir, mas que a razão e a consciência rejeitam, pois sabem que são miragem, vento e cinza.*

*E no fim, se é bem recompensado. (F)*

\* \* \*

## **7. A provação que fortalece a união.**

*Devido à morte de um filho, um casal atravessou um período longo quase sem relações sexuais.*

*Com outro casal, o mesmo aconteceu após o nascimento de um filho excepcional.*

*Com um terceiro casal, por um período menor, o mesmo sucedeu após o diagnóstico errado de um médico.*

*Os três casais testemunharam da importância do ajustamento sexual na vida matrimonial e da evolução que experimentaram após vencer a crise. Crise deste tipo só é vencida com o diálogo, com o despojamento, com a preparação dos dois para a doação. Com a doação de ambos, o relacionamento sexual é enriquecido. (Br)*

\* \* \*

## **8. Um casal atravessa a provação.**

*Um casal, durante longos anos, manteve sempre uma vida sexual normal, apesar de vários fatores controversos, como por exemplo a doença de uma filha com constantes operações (9, seis fora do país).*

*Há 10 anos, o chefe de família perdeu a empresa e aposentou-se por surdez. Mas, devido à mísera aposentadoria e o ordenado do cônjuge não suportar a despesa da família, recomeçou de novo como empresário individual. Só que as horas certas desapareceram e começaram a gerar a inquietude do outro cônjuge por se sentir só e sobrecarregada com dois trabalhos, o de fora e dentro da casa. Tudo isto afetou muito a qualidade de vida sexual; depois duma operação de retirada dos ovários, houve perda de prazer e rejeição do cônjuge. Passou a existir um diálogo de surdos, inquietude, sobreposição dos filhos, declínio da oração conjugal.*

*Depois deste sofrimento todo, enchemo-nos de coragem e relatamos à equipe. E estamos todos empenhados em reencontrar o diálogo e a abertura. Vamos lutar para vencer obstáculos futuros, esforçando-nos na oração e na disposição para o melhor diálogo dos nossos corpos. (P)*

\* \* \*

## Capítulo III

### A FECUNDIDADE

A questão da fecundidade foi abordada com sentimentos variados. Não que a fecundidade em si seja problemática, mas sim, a maneira de falar dela e de situá-la numa “evangelização da sexualidade”.

Alguns abordaram-na com entusiasmo e dizem: esta Pista foi muito apreciada; é, das quatro primeiras, a que preferimos. Algumas equipes, diante da densidade dos assuntos, decidiram fazer reuniões suplementares. Muitos conseguiram debater com os filhos mais velhos.

Por outro lado, alguns assinalam: estes assuntos nos deixaram constrangidos. Numa equipe, cuja média de idade é de 35 anos, os casais disseram:

- *Ser fecundo ou não, não é um problema: não estou preocupado.*
- *Não tenho o desejo de deixar um rastro indelével!*
- *Para mim, ser fecundo é deixar-me meter debaixo da terra, como o grão de trigo que produzirá...*
- *Por que fazer esse tipo de perguntas? A vida é para ser vivida!*

Mas esta é uma reação excepcional. Houve também algumas dificuldades nas trocas de idéias, sempre devidas às mesmas perguntas: o controle da natalidade e a paternidade responsável, diante daquilo que se denominou de divergências entre o Magistério e as necessidades da vida moderna.

A fecundidade - como era, aliás, a proposta do Projeto - foi enfocada sob seu prisma mais amplo e mais completo.

*A fecundidade é uma noção ampla que abrange todos os aspectos de nossa vida.*

*A fecundidade do casal ultrapassa a procriação. Consiste sobretudo na transmissão do amor.*

*O “crescei e multiplicai-vos” do Gênesis não significa simplesmente gerar filhos, mas também multiplicar e fazer crescer todos os dons e benefícios que recebemos.*

*A vida é fecunda quando amamos e quando partilhamos os nossos talentos.*

E esta bonita expressão:

*Não se trata apenas de dar à luz, mas de dar a vida.*

A pista IV tinha por título: “dar a vida aos filhos e ao mundo”. Agrupamos as respostas em três grandes categorias, respeitando três aspectos da fecundidade, sem por isso atribuir qualquer ordem hierárquica: primeiro, o que se denominou “a fecundidade unitiva”, aquela que contribui para construir o casal; em seguida, a fecundidade biológica: fazer filhos; por fim, a fecundidade no sentido mais amplo, abrangendo a educação dos filhos, mas também, “dar vida” ao mundo.

Observe-se que o que diz respeito à educação representa uma matéria tão importante e tão específica que se preferiu deixá-lo de lado. Um documento especial

deverá ser planejado a respeito. Aqui, limitar-nos-emos a indicar algumas orientações neste campo.

## **A - A fecundidade “unitiva”**

Começaremos pelo aspecto da fecundidade que contribui para a construção do casal, que lhe dá toda a sua dimensão. Por esta abordagem, somos levados a melhor compreender duas coisas: primeiramente, a dimensão verdadeiramente humana da relação carnal que ultrapassa a simples orientação para a procriação; depois, que se trata de uma procriação especificamente humana e que portanto vai além de uma simples operação que consiste em produzir um fruto, em “fazer filhos”.

Um testemunho bastante marcante nos servirá de entrada na matéria. Ele “gira em torno da noção de fecundidade”.

*Por que falar sempre, antes de tudo e na maior parte do tempo, apenas da fecundidade carnal? Estaria a fecundidade espiritual reservada ao clero? Ou estariam eles tão frustrados quanto à fecundidade carnal que nos remetam sempre, a nós, casais, unicamente à nossa fecundidade carnal?*

*Sem dúvida, a fecundidade carnal é uma riqueza imensa, que nos leva a participar, concreta e maravilhosamente, da criação; porém o nosso casamento nos dá uma vocação ainda mais prodigiosa: tornar nosso cônjuge fecundo em toda a sua vida e não apenas em seu corpo. A felicidade, o desabrochar do cônjuge no seio do casal! “Por isso o homem deixa seu pai e sua mãe, se une à sua mulher e eles se tornam uma só carne” (Gn 2,24). O ato sexual não pode ser reduzido à geração de filhos, ele gera o casal, ele faz o cônjuge desabrochar-se, ele contribui para nos manter, como casal, geradores de bens espirituais em tudo o que vivenciamos na vida de cada dia, na vida profissional, na vida de relacionamentos, em nossos engajamentos (e não só de Igreja).*

*Em função disso, parece-me que se corre o grande perigo de que a instituição Igreja, clericalizada, se obstine em querer fixar regulamentos moralizadores a respeito das expressões da vida dos casais, como nunca o fez em relação a outras matérias, de forma tão sistemática e precisa (a questão do dinheiro, a vida no trabalho, o uso das armas, por exemplo, já foram tão claramente codificados?) (F)*

Fatalmente, encontramos aqui novamente algumas das observações já feitas a respeito da construção do casal, e não voltaremos a elas. Assinalaremos aqui o que diz respeito à nova dimensão introduzida no casal pela paternidade / maternidade, naquilo que, para além da capacidade biológica, a torna um fator “unitivo”.

Duas questões precisas despertaram interesse: O que significou para vocês tronar-se pai ou mãe? e: que transformações trouxe para sua vida de casal o nascimento do primeiro filho?

Trata-se, antes de mais nada, de uma enorme mudança de vida. Em alguns casos, especifica-se assim:

*- Um testemunho do compromisso do matrimônio, mas também uma concretização da aspiração a dar a vida, um desejo que, a priori, cada um tem em si.*

- Tomada de consciência do fantástico poder de criação e do lugar assumido na cadeia de transmissão da vida.
- A realização do casal.

Repetem-se, com frequência, fórmulas como esta:

*O filho dá a verdadeira dimensão ao casal. A missão de co-criação vai muito além da procriação. Gera também a vida do coração e do espírito.*

Eis um breve testemunho a respeito desta primeira experiência.

*Que mudanças o nascimento do primeiro filho trouxe para o nosso casal?*

*Papagaio!*

*Fim definitivo da vida despreocupada e improvisada à qual nos tínhamos acostumado.*

*Reformulação do equilíbrio familiar: menos tempo dedicado ao marido, pois a mulher não é mais dona de seu tempo. Quando ambos trabalham, o filho ocupa todo o tempo de repouso e de lazer.*

*Reorganização do modo de vida. Agora, é preciso organizar, prever...*

*Caos no orçamento familiar.*

*Forte atração pelo lar (necessidade de estar juntos), em prejuízo de outros contatos e de uma vida social externa.*

*Nova forma do amor: o coração cresce com o número de pessoas a serem amadas, o que quer dizer que não se ama menos o cônjuge... Pelo contrário, este se faz presente no filho. (F)*

Desordem na vida: este é o aspecto mais imediato que foi apontado em todas as culturas. Entra-se desconhecido adentro, faz-se descobertas. A expressão usada em português é “marinheiro de primeira viagem”.

Eis a resposta completa de um equipe francesa, que conjuga a vivência de pais biológicos, de pais adotivos e do sacerdote solteiro.

*O que significou em nossa vida tornarmo-nos pai e mãe?*

*- É querer partilhar a felicidade e o amor vivido em casal.*

*- É dar vida aos filhos, mas também educá-los para a responsabilidade, criá-los no sentido de “fazer crescer”.*

*- É viver uma situação adulta, sentir-se responsável.*

*É um ato fundamental, uma realização física; transforma a vida, desequilibra; já não somos os mesmos.*

*- Os filhos são uma dádiva do céu, ainda mais para quem precisou tomar muitas providências para poder adotar. A adoção de filhos já grandes faz perder os melhores anos da pequena infância.*

*- Ter filhos é uma abertura para os outros e para o mundo: eles nos levam a fazer coisas que nunca teríamos imaginado.*

*- A gente vai se tornando pai a cada dia, à medida que os filhos crescem.*

*- E para o Conselheiro Espiritual: a paternidade, é acompanhar alguém que cresce, é confortar um desamparado.*

Analisando as respostas mais de perto, pode-se agregá-las em três grupos principais:

a) Antes de tudo, **maravilhar-se**.

*Maravilhamento diante do mistério da paternidade-maternidade.*

*Tornar-se pai e mãe é uma aventura sensacional e, para nós, contribui para o desabrochar do nosso ser. Ser co-criadores desta “nova pessoa” que acaba de nascer, que está destinada a crescer, que um dia assumirá suas responsabilidades no mundo, eis a maravilha, a grandiosidade da paternidade e da maternidade. (F)*

Maravilhamento e sentimento de plenitude, de realização humana total.

*Do ponto de vista humano, sentimos a satisfação e o orgulho de termos sido capazes de gerar uma nova vida, que nos permite realizarmo-nos como homem e mulher, sob os aspectos mais profundos e mais sublimes. Experimentamos o sentimento da plenitude do nosso amor, dando tudo o que somos e tudo o que carregamos em nós, um sentimento de plenitude por termos podido cooperar com Deus na obra da criação. (E)*

Desnecessário multiplicar as citações: em toda parte fala-se de “maravilha”, como nesta exclamação (“aprovada por toda a equipe”):

*Orgulho de ter conseguido uma maravilha, uma obra prima.*

b) É uma maravilha que leva à **descoberta do mistério de Deus**. (Lembramos: quando a origem dos textos citados não for dada, é porque refletem uma opinião generalizada).

*Sentimos uma profunda gratidão para com Deus. No nascimento de cada criança, eu intuía a grandeza de Deus e seu amor pelos homens. É uma marca na nossa vida espiritual.*

*Tornar-se pai e mãe fortalece a fé em Deus, leva a vivenciar o amor de Deus para com seus filhos.*

*A relação pais - filhos projeta uma luz sobre o que pode ser a relação de Deus com os homens:*

- gratuidade do amor para com aqueles que trazemos ao mundo,
- desejo de fazê-los crescer, de fazer com que se tornem autônomos,
- alegria de vê-los felizes, desabrochados, tristeza de vê-los machucar-se,
- permanência do amor, qualquer que seja a atitude, a vida do filho; capacidade de sempre acolher e perdoar (parábola do filho pródigo).

c) É uma entrada no **mundo das responsabilidades**.

*O nascimento do primeiro filho marca uma tomada de consciência da responsabilidade pessoal e social.*

*A chegada dos filhos acaba com o egoísmo do casal.*

*O nascimento de um filho é algo terrível e inesquecível. Há uma parte de maravilhamento e uma parte de aventura no fato de sermos pais: somos co-criadores, “povoamos o céu”.*

E também neste ponto, só se pode mergulhar em Deus:

*A reunião foi uma ocasião para rememorarmos nossos sentimentos daquela época. Passa-se de um mundo a outro, a vida adquire sentido. Os “riscos” não são assumidos desta mesma forma. Fomos tomados por um sentimento de maravilhamento, de confiança e de abandono em Deus, pois sentimo-nos muito humildes diante da maravilha que é uma criança. O nascimento é um milagre da vida! (F)*

Algumas reações mais específicas. Primeiro, do lado dos pais:

*Senti-me pai de repente, quando meu filho gritou. Em contraposição, tinha o sentimento de que minha esposa já era mãe há nove meses.*

*Quando me tornei pai, entendi Deus.*

Do lado das mães:

*Carregar a vida dentro de mim, que alegria!*

*Tornar-me mãe foi o dia mais lindo de minha vida. Levou-me a descobrir as alegrias profundas da maternidade e a compreender a quanto devem renunciar as mulheres que têm um forte instinto maternal e que escolhem a vida religiosa ... Eu nunca tinha carregado um filho nos braços, antes do meu!*

E até mesmo do lado dos Conselheiros Espirituais:

*Escolher de não ter filhos pressupõe uma renúncia em relação às pessoas com quem convivo, acompanhado, apesar de tudo, com um olhar afetuoso. Na caminhada do meu sacerdócio, procuro, através das famílias que encontro, acolher seus filhos e ouvi-los.*

*Não ter filhos não é uma frustração, pois minhas responsabilidades me levam a ter um contato permanente com os jovens, e os casais que encontro me levam a descobrir crianças de todas as idades. Procuro sentir-me jovem com todos!*

*Se a paternidade ou a maternidade dos religiosos e religiosas não é biológica, ela pode entretanto ser amplamente realizada ou expressar-se de maneira espiritual. Ademais, em muitos casos, é o que os leigos esperam deles.*

Mas estamos nos antecipando um pouco...

Esta primeira experiência, do primeiro filho, pode, apesar de tudo, ser acompanhada de uma certa apreensão, pelo que se depreende destes testemunhos.

*O lugar “importante demais” dado ao advento do primeiro filho se faz um pouco em prejuízo da construção do casal, sobretudo quando o primeiro nascimento ocorre ao fim do primeiro ano de casamento. Tudo*

*se organiza em torno da criança. Somos mais freqüentemente mãe do que esposa. O olhar do outro tomou uma outra dimensão.*

*Num primeiro instante (diz a jovem mãe), o fato de termos tido gêmeos nos proporcionou alguns momentos difíceis. Por vezes, eu tive dificuldade em aceitar de ser tão monopolizada em casa... Tornei-me agressiva com meu marido, que, ele sim, se ausentava da casa em função de seu trabalho.*

*(E os dois esposos acrescentam, juntos:) Ao mesmo tempo, a chegada simultânea destas duas crianças nos uniu e tomamos consciência de que, por estes dois nascimentos, Deus nos dava um sinal. Nós tínhamos programado um nascimento, não havíamos previsto dois nenés. Mas afinal, acabamos aceitando muito bem esta surpresa.*

A experiência da fecundidade e a felicidade que ela traz são fundamentalmente as mesmas para todos, sem dúvida; percebe-se, no entanto, pequenas diferenças quando se trata de casais normalmente férteis e outros, que devem esperar... e ter esperança. Eis, por exemplo, dois breves testemunhos, oriundos de uma mesma equipe. O primeiro casal já tem quatro filhos (e, portanto, problemas de outro tipo).

*O sentimento que tivemos todas as vezes foi, em primeiro lugar, um sentimento de orgulho e de intensa alegria. O filho era a materialização de nosso amor, um amor que necessitava sair de nós. Depois, a alegria intensa foi se transformando em enorme esperança, em desejo, em projetos para os filhos. Esses projetos pertencem ao domínio dos sonhos. Nossos filhos ensinaram-nos uma outra forma do amor: humildade, escuta, atenção, paciência, disponibilidade. Lentamente, evoluímos, para compreendê-los e responder às suas exigências.*

*Nossos filhos não nos pertencem. Nosso papel consiste em educá-los como filhos de Deus, para que eles aprendam a conhecê-lo por si mesmos. (F)*

O outro casal precisou esperar longamente, com paciência, sem desanimar.

*Depois de seis anos de espera, eis que nos tornamos pai e mãe há dois meses. Para ele, ser pai significa o encargo de uma nova responsabilidade, por uma família, palavra que assume agora toda a sua dimensão. Para ela, é a impressão que seu coração abriu-se bem grande, maior ainda, para doar-se mais. A sensação de doação faz crescer; a paciência e a escuta querem estender-se a todos, não apenas à família mas também aos outros.*

*Vida nova, dom de Deus, confiada a nós por Ele, com uma missão: a de ensinar o filho a conhecê-Lo. (F)*

## B - A fecundidade biológica

Em resumo, portanto, a fecundidade essencial é a fecundidade biológica. E que esta é a coisa mais normal e natural: amamos, logo damos a vida, como se afirma freqüentemente.

### 1. Abertura para a vida: o dever de fecundidade

Já que a fecundidade do casal é uma coisa tão natural, por que falar de “dever”? Esta questão foi freqüentemente mal acolhida. A palavra choca. Admite-se falar de “missão” de fecundidade, e olhe lá! Julga-se que se trata essencialmente de amor e de doação.

*O dom da vida é um ato de amor e não um dever.*

*Dar a vida é maior do que nós, nos faz tocar o mistério da vida. É um dom de Deus, uma parcela do poder de Deus, uma grande fonte de alegria.*

*A fecundidade é um dom de amor gratuito, que não espera nada em troca. Uma aposta na vida!*

*Nem dever nem missão: um filho é um dom de Deus. Entretanto, somos todos missionários do Evangelho; é a aventura, o carisma. Devemos fazer frutificar nossos talentos.*

Nas equipes italianas, a opinião não é unânime, mas aceita-se com dificuldade falar em “dever”:

*Seria um conceito por demais legalista, seria melhor ver nisto o “dom” e a “abertura para a vida” que põe em relevo a “esperança” e a “boa nova” da visão cristã. Portanto, a fecundidade deve ser tomada no sentido de ver o filho como um “dom” não somente da expressão do amor entre duas pessoas, mas também de um amor maior, no qual os pais são vistos como “colaboradores ativos” do desígnio de Deus na vida de cada um. (It)*

Alguns, como esta equipe brasileira, falam da fecundidade com verdadeiro lirismo.

*O mistério da fecundidade é uma coisa fantástica! Da felicidade e do amor de um casal, desta união física, surge um novo ser. Uma nova pessoa. Tão misteriosa e tão diferente de todas que já existem! E cabe a nós, um casal entre tantos outros semelhantes, sermos o instrumento na mão divina do Criador. Ele nos dá de sermos criadores, de possuímos em nós os elementos capazes de dar origem à vida. Absurdamente fantástico, divino e real! (Br)*

Outros são menos entusiasmados:

*Na época atual, é preciso depositar muita confiança em Deus para chamar filhos a vir ao mundo!*

Aceita-se falar em “dever”, mas só em oposição ao mérito:

*A fecundidade não é um mérito pessoal. É uma graça, e temos o dever de ser fecundos. Se muito nos foi dado, muito devemos dar.*

Alguns gostam de falar de missão, que não julgam incompatível com o dom ou a graça.

*Missão de fecundidade, sim, com certeza, no sentido de “co-criadores com Deus”. Deus quis necessitar do homem para terminar sua obra e propõe que participemos. Missão também, pois através desta fecundidade, testemunhamos a esperança, a confiança, o dom de si. Só se pode ser realmente feliz saindo de si mesmo, voltando-se para os outros, “dando sua vida”, dando a vida. (F)*

Numa equipe, não se conseguiu chegar a um acordo.

*Nossas respostas foram muito divergentes. Para alguns, não existe nenhuma missão, muito menos dever. É ao casal que cabe escolher livremente conceber filhos, em função de suas capacidades físicas e psíquicas. Para outros, esta “missão” (melhor do que “dever”) é fortemente sentida. Mais particularmente no momento do casamento e nos primeiros anos da vida do casal. É mais fácil aceitar esta missão no começo, quando se tem poucos filhos.*

*Sublinhamos o aspecto do “dever cívico” de ter filhos. Para um dos casais da equipe, é importante transmitir de geração em geração aquilo que se recebeu.*

*Enfim, sublinhamos a importância, a missão (esta sim, reconhecida por todos os membros da equipe) de fecundidade, no sentido de irradiação em torno de nós. Esta fecundidade deve “fazer viver” os que encontramos. (F)*

## **2. A programação e o “inesperado” de Deus**

Programar os nascimentos, programar os filhos, paternidade responsável... Para os casais mais antigos, é novidade!

*Para os mais antigos (casados antes da pílula), ter filhos após o casamento era natural, e, com frequência, o mais depressa possível. Não havia cálculo, era como Deus quisesse, o que por vezes, aliás, criava problemas. Para os jovens, é um ato mais refletido, pensado, “calculado” (F)*

Procuramos agrupar aqui as opiniões das equipes segundo as principais orientações. Há aqueles que não calculam; há os que calculam... como podem; há os que sofrem e gostariam de compreender.

a) Aceitar o filho como um dom de Deus: não se calcula, não se programa, conforma-se com a Providência. É uma atitude mais difundida do que se pensa, nesta nossa época marcada por uma “mentalidade contraceptiva”. A formulação mais clara é sem dúvida esta, que resume muitas outras semelhantes:

*Saber aceitar o filho quando vem, como vem, naquilo que vem a ser.*

Repete-se e aprova-se a expressão encontrada no Projeto:

*O dom de Deus vai além das nossas programações.*

*Os filhos não nos pertencem: são-nos confiados. São um dom de Deus, não nossa propriedade.*

Eis algumas fichas de identidade de equipes, bastante típicas.

*Dos cinco casais da equipe, quatro têm três filhos cada um. O quinto casal, depois de três filhos “biológicos”, adotou um quarto, de origem estrangeira, já grande. Nossos filhos têm todos entre seis e vinte anos. Três casais tiveram três filhos, programados de comum acordo. Para um outro casal, problemas de saúde (gravidez de risco) influenciaram de certa forma uma limitação a três filhos. O último só funcionou na base do inesperado: a primeira gravidez demorou, as duas seguintes foram impossíveis de serem programadas... e o último filho lhes foi proposto em adoção em consequência de um apadrinhamento.*

Este parece ser o retrato de muitas equipes pelo mundo. Neste estágio, é preciso saber parar:

*Todos os casais da equipe (do tipo da última citada) pensam que o número ideal foi atingido. Há um tempo para tudo: um tempo para dar a vida aos filhos, um tempo para criá-los, um tempo para outra modalidade de fecundidade. E existem milhares de maneiras de ser fecundo.*

Todos aqueles que participaram de equipes mistas, seja no seu setor, seja em encontros internacionais, puderam constatar que há um bom número de famílias realmente “numerosas”, mesmo entre os casais jovens, cuja situação torna as coisas mais difíceis.

*O número de filhos de nossos casais varia entre cinco e nove. Apesar de algumas reticências no anúncio da gravidez, todos os filhos foram bem aceitos, mas é preciso notar que na época (1950-1965) a situação política e econômica não gerava inquietações nem apreensões para o futuro. (F)*

#### b) Uma preocupação e um sofrimento.

Foi claramente especificado no Projeto que a questão da regulação da natalidade e dos problemas particulares que ela apresenta seria reservada para o último capítulo. Mas muitos quiseram falar no assunto já neste ponto. É justamente porque, para um bom número de casais existe aí uma preocupação maior e, para alguns, um verdadeiro sofrimento. Estes quiseram por vezes comunicar esta experiência.

*Sentimo-nos questionados na nossa fé, no tocante ao controle da natalidade. Alguns pensam orientar-se segundo a sua consciência, outros têm escrúpulos e preferem seguir, com todos os riscos, as orientações dadas pela Igreja. (Br)*

*As orientações da Igreja quanto à limitação da natalidade por meio de métodos determinados por ela poderiam inibir a manifestação amorosa, tornando assim difícil, desde o início, uma adaptação sadia. (Br)*

Algumas equipes portuguesas insistiram particularmente sobre este ponto e seu testemunho nos impressionou.

*O grande problema de todos os casais residiu no fato de - e porque ao tempo a Igreja era demasiado rígida - saber como planejar os filhos. Casais houve que fizeram muitos sacrifícios para não pecar e terem os filhos que podiam criar. Houve autênticas doações. Só realmente o muito amor permitiu que não pecássemos.*

*Todos nós temos 3 filhos, um casal tem 4. (P)*

*O grande problema da vida de nossos casais esteve na regulação dos nascimentos. Na equipe há casais com 4, 3 e 2 filhos. Alguns casais tiveram filhos que morreram ao nascer, uns, e com poucos meses, outros. Porque fomos educados numa tradição dos métodos de temperatura, tivemos dificuldades, que fomos superando com muito amor.*

*Todos os casais têm sido de uma fidelidade permanente. Neste momento, e porque as mulheres se encontram às portas da menopausa, há irregularidades que trazem continências permanentes, que unem mais os casais. Não são motivo para zangas. Entendemos que o amor se vai construindo. (P)*

Para alguns, o medo da gravidez esteve sempre presente, ameaçando envenenar o relacionamento.

*A nossa relação de casal esteve durante muitos anos marcada por muitas incertezas, sempre com o credo na boca, porque não devíamos ter mais filhos. Quando vinham as “regras” era um alívio, mas por pouco tempo... (P)*

A expressão “o inesperado de Deus” levou alguns a refletir sobre outras formas de surpresa e cita-se, por exemplo, casos como:

- *quando se fica sabendo da chegada de um filho,*
- *o nascimento de um filho deficiente,*
- *a vocação sacerdotal ou religiosa de um filho.*

Há equipes que dizem que foi a descoberta do Movimento que os levou a melhor compreender estes problemas e a mudar sua mentalidade. Às vezes muito tarde e até tarde demais, quando opções graves já haviam sido assumidas.

### c) Finalmente, Deus permanece Senhor da vida.

Nascimentos muito esperados que não acontecem, nascimentos não programados que surgem de forma imprevista... A vida não nos pertence. É Deus que continua sendo o Senhor da vida.

*Nossa idéia-chave é, sem dúvida, que numa época em que se diz: “um filho, quando eu quiser, se eu quiser”, Deus continua sendo Senhor da vida. No campo do dom da vida, encontramos-nos diante do inesperado de Deus. O filho é um dom de Deus.*

*Um casal da equipe não conseguiu ter filhos, outro só teve dois, quando desejava mais: Deus é Senhor da vida. (F)*

O que não elimina todas as questões, quando se quer ser responsável:

*Maternidade e paternidade responsáveis: este é o ponto crítico e é um questionamento que está sempre presente em nós: “qual é o limite entre nossos cálculos e o projeto de Deus?” Na base de uma responsabilidade de casal, há a responsabilidade comum pelo projeto de fecundidade biológica. (It)*

*O dom de Deus vai mais longe do que nossas programações; é por esse motivo que o Senhor entra, muitas vezes, na história do casal por intermédio desses filhos não desejados no início, e que representam um dom inesperado de Deus. (Br)*

Aliás, como alguns fazem notar, Deus sabe como fazer as coisas...

*Temos, em nossa equipe, mais de um caso de filhos cujo nascimento não havia sido desejado naquele momento determinado. Mas Deus sempre sabe como mudar nossas atitudes. Depois do seu nascimento, eles são acolhidos, amados, vistos como uma bênção e são fonte de felicidade. (E)*

Por vezes, é necessário rever os planos e... saber aceitar as surpresas.

*Durante o noivado, este casal planejou ter cinco filhos. Com o passar do tempo, a situação foi se modificando e ao chegar ao terceiro, achou que já estava muito bom. Todos foram recebidos com muita alegria e o casal achou que estava cumprida a missão. Mas, depois de sete anos, surgiu uma surpresa: o quarto filho. Ela sentiu-se chocada e constrangida por algum tempo. Num dos momentos de aflição percebeu, como uma voz de Deus, que era uma dádiva, pois estava ganhando um filho e não perdendo. Daí em diante, o filho passou a ser aguardado com muito amor e grande ansiedade. (Br)*

Daí, um conselho precioso para os que trabalham na preparação dos noivos (aproveitamos, aliás, para assinalar que a ação dos Centros de Preparação para o Casamento é muito apreciada e freqüentemente recomendada), pois é verdade que vivemos num mundo de “mentalidade contraceptiva”:

*Nos encontros de preparação para o casamento, falemos claramente sobre o desejar e programar os filhos - frutos do bem estar do casal - e não como se os filhos viessem a partir de um erro do método anticoncepcional. (Br)*

Seria talvez o momento de dar aqui um exemplo do que pode acontecer no seio de uma reunião de equipe, até mesmo em assuntos como estes... O caso passa-se no Brasil, numa equipe em que se falava de abertura para a vida:

*Depois que um equipista declarou que havia três meses que não tinha relações com a sua mulher, por causa do controle da natalidade e que sofria muito por causa disto, houve outro testemunho de uma esposa que*

*só tinha uma filhinha de dez anos e que, por causa de um trauma de infância, evitava outro nascimento por todos os meios. Mas o debate na equipe a levou a considerar uma nova gravidez. Sua “abertura” na equipe foi notável, quando se pensa que ela não tinha tido a coragem de se abrir com seu marido como ela o fez na reunião.*

d) A dimensão psicológica do vínculo entre relação carnal e procriação.

Poucas respostas a esta pergunta. Mas todas vão na mesma direção. A harmonia que existe neste vínculo condiciona, muitas vezes, a paz e a própria harmonia do casal. Sem dúvida, a idéia de procriação está mais presente no início do casamento. Recordase a doutrina tradicional da Igreja (catecismo e Direito Canônico), que apresentava o fim primeiro do matrimônio (e do ato conjugal) como sendo a procriação. Mas, aos poucos, vai se descobrindo a importância da qualidade da relação carnal para a verdadeira união do casal, assim como para o que se poderia chamar de qualidade dos filhos que hão de vir. Não se diz que os filhos do amor são os mais bonitos? Assim, deseja-se que eles sejam concebidos num verdadeiro ato de amor.

*O vínculo entre a união conjugal e a fecundidade é muito importante. Saber que esta vida nova teve origem na própria expressão do nosso amor, é uma grande riqueza. É naquele instante de profunda comunhão de nossos corpos e de nossas almas que chamamos a vida; é um aspecto da fecundidade do encontro de nossos seres. Para além de nosso desabrochar recíproco, este ato de amor é criador, de uma forma muito concreta. (F)*

*Percebe-se bem como é importante que a união carnal e a fecundidade biológica sejam harmoniosamente vinculadas no casal, mas constata-se que quando uma separação foi necessária entre união carnal e fecundidade em certos momentos da vida do casal, houve dificuldades e tensões que deterioraram a vida em comum. (E)*

Há uma evolução nos espíritos:

*Nos primeiros anos de nosso casamento, houve um vínculo muito forte entre comunhão carnal e procriação. Depois, compreendemos que a fecundidade não se limita à procriação, que a harmonia carnal torna-se um meio de consolidar o casal e de lutar contra as tentações exteriores. (F)*

*Antes do nosso casamento, não tivemos preparação adequada, devido aos “tabus” da época, mas existiu, isso sim, um desejo de que os nossos filhos desejados nascessem de relações amorosas. (P)*

e) Trabalho da mulher e fecundidade.

Foi feita a pergunta: O trabalho da mulher é um obstáculo à sua fecundidade? E as respostas são muito diversas.

Primeiro, alguns estranham que, neste campo, só se fale do trabalho da mulher. E o do homem? Mas reconhece-se, de uma forma geral, que existe uma dificuldade. Há um freqüente mal estar entre as mulheres jovens que trabalham, uma perturbação da relação mãe-filho. Há opiniões bastante categóricas:

*O baixo índice de fecundidade - uma tendência geral em nossos dias - é devido, em parte, ao engajamento da mulher no trabalho fora de casa. (E)*

Eis, porém, entre muitas outras, uma opinião equilibrada, que apela para uma legislação social:

*A presença da mãe no lar facilita a vinda dos filhos. Mas se a mulher necessita do trabalho para realizar-se, não é bom para ela, nem para o casal, nem para os filhos, que ela se “sacrifiquem”.*

*Isto posto, prosseguir numa profissão exigente ou desejar (justificadamente) a boa evolução de uma carreira, sem com isso ter os meios de organizar melhor a casa, não favorece a fecundidade nem a educação dos filhos que crescem, que ficam doentes, etc.*

*Daí o cansaço, a estafa, a angústia, a falta de disponibilidade para com todos, filhos e cônjuge, e uma menor capacidade de escuta, de acolhimento, de serenidade. Tudo isso leva muitas vezes a uma culpabilização da mãe, o que não resolve nada!*

*Há muitas mulheres que trabalham por necessidade, sem encontrar sua realização pessoal e sem realmente lucrar no plano financeiro (despesas com a creche, transporte, roupas, faxina da casa, e até mais impostos a pagar), muitas vezes para justificar uma contribuição para a manutenção da família, de suas despesas pessoais e para ter um reconhecimento social. Uma mudança na política familiar (salário para a mulher no lar, reconhecimento de seu trabalho) resolveria um certo número de problemas, tanto ao nível da harmonia dos casais, da vida familiar, da felicidade e da educação dos filhos, quanto, por que não, para a questão do desemprego. (F)*

Mas há fecundidade e fecundidade. O que se perde de um lado, recupera-se talvez, de outro. Deve-se pesar os valores em jogo...

*O trabalho da mulher tem, sem dúvida, uma influência negativa sobre a fecundidade no sentido de procriação, mas é possível que tenha uma forma de fecundidade no sentido amplo, se for refletido e equilibrado: abertura para o mundo do trabalho e para os problemas sociais. (F)*

Poderá ser lido, ao final do capítulo, entre os testemunhos anônimos, a defesa calorosa de uma mãe de família numerosa... que trabalha.

### **3. Paternidade/maternidade responsável: a educação**

A fecundidade “biológica” é, portanto, uma fecundidade humana que não termina com a vinda ao mundo de uma prole. Acarreta uma responsabilidade bem maior dos progenitores, antes de mais nada pela educação. Geralmente, quando se fala de paternidade/maternidade responsável, visa-se as decisões a serem tomadas a respeito do controle da natalidade, do número de filhos, de seu espaçamento... Está bem claro que, nas equipes, assume-se um sentido mais amplo. Trata-se de assumir o encargo, de maneira responsável, não só dos nascimentos mas de toda a formação, toda a educação dos filhos. Trata-se de conduzi-los até a idade adulta e de prepará-los para a sua futura responsabilidade.

É por esta razão que a fecundidade do casal pode ter toda essa amplitude.

*A fecundidade não cessa na geração dos filhos nem na convivência direta com eles. Ser fecundo é um objetivo a ser perseguido pelos casais em qualquer fase de sua vida, inclusive quando idosos: ninguém se aposenta de ser fecundo. (Br)*

Algumas fórmulas breves:

*A educação é uma segunda fecundidade.*

*A educação consiste em semear. O Espírito Santo faz o resto.*

*Ser pais de filhos grandes torna necessária uma conversão.*

*Para os pais, a educação é sobretudo o aprendizado da paciência e da esperança.*

### 3.1. Amar os filhos por eles mesmos.

Foi em torno deste tema que se “bordou”, de forma geral. Considera-se que esta é a mola mestre de toda verdadeira educação. E que talvez isto não se faz sozinho...

*Quando são pequenos, nós os amamos por nós.*

*Quando eles crescem, amamo-los cada vez mais por eles mesmos.*

Mas aí, pergunta-se: como saber se amamos os filhos por eles mesmos? Procurando, provavelmente, respeitar suas opções, sua personalidade. Alguns equipistas recorrem a modelos bíblicos:

*À medida que os filhos crescem, percebemos cada vez mais que somos solicitados a amá-los por eles mesmos e não por nós: em algum momento de sua evolução, encontramos-nos diante da necessidade de “adotar nosso próprio filho”. Neste sentido, não podemos deixar de lembrar a leitura de hoje (I Sam 8, 4-7): “Atende a tudo o que te diz o povo (que pede um rei), porque não é a ti que eles rejeitam, mas a mim, porque não querem mais que eu reine sobre eles.” Não será isto que acontece com alguns de nossos filhos que se afastam do Senhor e dos valores que são essenciais para nós? E no entanto, “o Senhor responde: atende ao que eles pleiteiam, e dá-lhes um rei”. Talvez seja o mesmo que dizer (após alertá-los como Samuel alerta o povo): ouçamo-los e deixemos que façam a sua experiência. É duro, muito duro! (F)*

Pode-se fazer a comparação com a maternidade responsável da Igreja, como a desejamos, pois aí também se trata de educação.

*Em todas as suas atitudes, Jesus procura erguer o homem, dar-lhe possibilidades de ser, de viver, sem jamais proibir e deixando a cada um a responsabilidade de seus atos. Deve-se ajudar os homens a discernir o bem e o mal e dar-lhes as possibilidades, sem culpá-los, de tomar as suas decisões em função de sua vida, com plena consciência de seus atos. Eles serão felizes e mais fecundos. (F)*

Trata-se de formar homens. Mais: filhos de Deus.

*Para um casal cristão, educar não é somente formar homens, mas também filhos de Deus. É ser capaz de educar para o amor de Cristo e dos outros. (Br)*

Os princípios parecem simples e bem claros:

*Ter a clara consciência de que os filhos não nos pertencem. Somos encarregados de sua guarda e de sua educação, até que eles mesmos sejam capazes de se conduzir. (E)*

*A educação deve ser dada sem tabus e de maneira natural, num clima de confiança, para que os filhos não tenham medo de fazer perguntas. (E)*

Ao dizer isto, sem dúvida, pensava-se sobretudo na educação sexual, mas a recomendação vale para qualquer campo.

É importante, portanto, conversar com os filhos, e dar-lhes, ao mesmo tempo, um exemplo vivo.

*Nossos filhos conhecerão a Deus através da imagem que lhes transmitimos. Portanto, nosso testemunho é decisivo. Eles devem aprender de nós a partilha, a disponibilidade, a orientar suas vidas para os outros. Isto nos obriga a estarmos atentos ao nosso próprio relacionamento com Deus e a purificar nosso comportamento. (E)*

Não se pode esconder que a tarefa é freqüentemente árdua. Exige, por parte dos pais, abnegação, um amor não possessivo e, notadamente, deve-se evitar querer projetar sobre os filhos os nossos próprios fantasmas ou buscar, através deles, desferrarmos-nos da vida. Algumas equipes da Espanha e do Brasil testemunham esta dificuldade do despojamento em relação aos próprios filhos.

*É difícil ser coerentes com a idéia de que nossos filhos não são para nós mas para Deus, mesmo que assim pensemos. Na realidade, só nos damos por satisfeitos quando eles vivem como nós queremos. Existe uma tensão entre a liberdade deles e os projetos que formamos a seu respeito. Na verdade, custa-nos aceitar plenamente que eles pertencem a Deus. (E)*

*Sentimos dificuldade ao confrontar-nos com conceitos diferentes daqueles que nos foram ensinados e segundo os quais vivemos a nossa juventude. (E)*

*Certos pais se projetam em seus filhos para superar suas próprias frustrações. Têm expectativas precisas e se decepcionam muitas vezes. E sentem, por vezes, que cultivam um sentimento de posse em relação a seus filhos e que precisam repensar este relacionamento. (Br)*

*Às vezes queremos que nossos filhos superem nossas próprias frustrações e que atinjam o máximo naquilo que nós julgamos desejável. Devemos ser capazes de discernir o projeto de Deus sobre eles e ajudá-los a caminhar neste sentido, mesmo que isto não coincida com as*

*nossas idéias... Deixá-los “ser”, deixá-los desenvolver-se, guiar seu caminho sem impor o nosso. Procurar o bem deles. (E)*

Uma equipe brasileira propõe um fórmula bem clara:

*Somos unânimes em afirmar que devemos acima de tudo respeitar a individualidade de nossos filhos e, acima de tudo, dar-lhes bons exemplos, testemunhos de vida. (Br)*

É um fato que muitos casais pensam que a educação é uma tarefa difícil. Existe um possível perigo, muitas vezes denunciado: o de querer filhos exatamente “à nossa imagem”.

*Muitas vezes queremos educar os filhos “à nossa imagem e semelhança”, esquecendo que cada um é um mundo novo a ser descoberto e desenvolvido. Dificuldade também no discernimento entre o que é certo e o que é errado na educação dos filhos. Esquecemos às vezes que eles são diferentes uns dos outros. (Br)*

*Nossas dificuldades vêm do fato que, às vezes, não sabemos parar para ver bem quais são os verdadeiros objetivos ou quais as nossas verdadeiras intenções. Sobretudo quando gostaríamos que nossos filhos fossem como nós desejamos e quando não aceitamos e não respeitamos a realidade deles. Quando não percebemos seus problemas como realmente são, recusando a frustração de um possível fracasso nosso. (E)*

Alguns sublinham que não se deve querer evitar todos os problemas e todas as dificuldades para os filhos: é provavelmente nos momentos de crise que eles aprendem mais e se formam melhor.

Deve-se pensar que a nossa época apresenta dificuldades particulares para os pais-educadores? As questões de atualidade não faltam:

*Como educar nossos filhos para a paz, no contexto atual? Que fazemos nós contra o racismo? Deve-se, sem demora, falar com os filhos sobre o que eles ouvem no dia-a-dia. Deve-se provocar discussões a respeito das informações.*

*Como educá-los no que diz respeito ao dinheiro, como dar-lhes o sentido de partilha. O que fizemos no último Natal? (F)*

### 3.2. Assumir a educação em casal.

Admite-se o princípio e não se demorou muito nesta pergunta. Entretanto, menciona-se com frequência que podem existir divergências de pontos de vista no casal, que podem ser causa de grandes sofrimentos.

Insiste-se também no aspecto da complementaridade homem-mulher na educação: o aporte específico de ambos é importante. Atribui-se, porém, um papel preponderante à mãe, ao menos na mais tenra infância; sobretudo à mãe que permanece em casa.

Eis como um casal descreve a tarefa:

*A educação dos filhos se faz em casal, mas muitas vezes é a mãe que tem o papel educador no dia-a-dia, sobretudo se o pai fica pouco em casa. Para ele, o tempo consagrado aos filhos sendo curto, deve ser um tempo forte, mais lúdico. A presença física nem sempre é a mais importante, em vez, é a qualidade da presença que deve ser priorizada.*

*Os pais procuram ter uma atitude comum diante dos filhos; as decisões importantes são sempre tomadas em casal. (F)*

E algumas lições tiradas da experiência dos que “educam em casal”.

*É preciso que haja um tempo para falar a sós com cada filho, sobretudo se quisermos contrabalançar a influência dos outros, do exterior, que impõem seus modelos. É preciso ter respostas diferentes conforme o filho, se bem que muitas vezes recorre-se a uma espécie de resposta média válida para as diferentes idades. (F)*

*A análise transacional pode ajudar no diálogo (desempenho de papéis com os filhos, inversão dos papéis pais-filhos). Deve-se recorrer a meios que possam contribuir para “fazer sair as coisas”, sobretudo no caso de pais adotivos, onde a conversa tem um lugar enorme!*

*O diálogo é muito difícil, pois a escolha do momento não pertence aos pais. Uma frase banal pode indicar uma necessidade real de conversa. Daí a necessidade de ficar atentos e disponíveis - o que nem sempre é possível.*

*Esta atitude é necessária, se quisermos estar a par de suas vidas, da influência dos outros. Quanto mais os filhos crescem, mais o peso da família lhes parece pesado! (F)*

Vamos dar a última palavra (provisoriamente) sobre este ponto a uma equipe brasileira, que reflete provavelmente o testemunho de um casal determinado.

*Para os pais, a educação consiste em favorecer o crescimento dos filhos. E não somente o crescimento físico, mas também o crescimento do coração, do pensamento, do espírito. Levar, conduzir cada filho a ser em ato o que ele é em potência.*

*Mas como fazer isso? Dando-lhes liberdade de escolha e permitindo que eles desfrutem de uma salutar convivência familiar. Ninguém pode subestimar a influência humana e benéfica que a vivência num lar bem constituído e alicerçado pelo amor dos cônjuges entre si, desses pelos filhos, dos filhos entre si e pelos pais e de todos a Deus, tem sobre o desenvolvimento físico e psíquico dos filhos.*

*Atitudes de carinho, de atenção, de compreensão, de disponibilidade, de autoridade, de dedicação, de amizade e de caridade “dão vida” em educação, criam laços afetivos, bem estar e segurança aos filhos, amadurecendo-os, fazendo com que eles cresçam em personalidade e possam ser cidadãos úteis ao serviço do Reino de Deus e de sua Pátria. (Br)*

### 3.3. Como os filhos percebem sua educação

O exercício era um tanto arriscado. Aconselhava-se aos pais que dessem a palavra aos filhos e que lhes perguntassem o que pensavam da educação que tinham recebido. E comparar com aquilo que eles, pais, tinham pretendido dar-lhes. É uma experiência que não deve ser muito freqüente nas famílias e que pode ser muito preciosa. Mas as respostas não são suficientemente numerosas para que se possa formar uma idéia precisa a respeito.

Algumas equipes, geralmente de língua francesa, dizem: os filhos grandes responderam bem, a atitude foi por eles apreciada. Mas não é o caso geral:

*Tentamos fazer a pergunta numa refeição, no início das férias de Natal. Os filhos fugiram de dar resposta, dizendo que era difícil, e refugiaram-se na gozação. (F)*

Nos lugares onde a confrontação e o diálogo foram possíveis, os pais ficaram por vezes surpresos pela decalagem entre o que queriam ter transmitido e o que os filhos disseram, “às vezes com um pouco de provocação”... O que mais aflige é o questionamento, pelos adolescentes, de princípios considerados sagrados pelos pais. E o que estes dizem é que a dificuldade de transmitir a fé é ainda mais difícil que o resto.

Eis aqui alguns exemplos do que os filhos dizem ter recebido (pedia-se que citassem três coisas):

Os adolescentes dizem de preferência:

- *polidez - honestidade - fé;*
- *honestidade - prática religiosa - trabalho;*
- *“simplesmente, somos felizes”.*

Alguns são mais explícitos:

*Estes são três aspectos que caracterizam a educação que recebemos de nossos pais:*

- *educação cristã, onde a fé ocupa um lugar importante;*
- *educação motivadora: as atitudes dos pais nos animam naquilo que fazemos, nas iniciativas que tomamos;*
- *educação necessária, ensinando-nos coisas básicas, que necessitaremos mais tarde.*

Nem todos fazem este tipo de análise e o que parece marcar mais os adolescentes é a forma e não o conteúdo. Alguns dizem simplesmente: a mamãe “berra”, o papai “explica”. E o relator assim comenta:

*A mulher enfrenta as tarefas materiais do quotidiano e ela se preocupa com o quotidiano. Ela fica geralmente mais tempo em casa do que o homem que, quando chega, trata das coisas mais importantes e se preocupa menos com o quotidiano, que é fonte de conflitos... (F)*

Reações de filhos de 14-15 anos:

*O que é legal, é que podemos discutir com eles. Eles tomam muitas decisões depois de conversar com a gente. É muito importante sabermos que se temos um problema, nossos pais estão (praticamente) sempre aí para nos ajudar a resolvê-lo. Eles não ficam logo nervosos, são bastante*

*calmos e pacientes. Eles têm seus pequenos (ou grandes) momentos de raiva, mas isto passa... mais ou menos depressa, deixando uma marca (mudamos de atitude). (F)*

Eis o testemunho de um jovem adulto francês sobre a pergunta: “O que vocês pensam de nossa maneira de sermos homem e mulher, pai e mãe, de nosso comportamento de casal no lar?”

*Difícilimo de responder! Digamos que percebi vocês como “educadores”, no sentido que vocês representavam o trabalho, a disciplina, a religião... Isto, num período que durou até a idade de 18-20 anos.*

*Depois, eu os vi como “valores referenciais seguros”, na época em que nos encontrávamos ao sabor de meus retornos de estágios. Eu sabia que seria sempre bem acolhido e que poderia trocar idéias com vocês de forma interessante, que encontraria sempre este ambiente simpático, quando estamos nós quatro.*

*Digamos que não tive um relacionamento de cumplicidade com vocês; podíamos ter discussões muito interessantes, mas não sobre todos os assuntos. Talvez fosse eu que não os sabia abordar: só faço constatar. Talvez fosse a nossa diferença de idade que tornava nossos focos de interesse muito diferentes. Vocês respeitavam inteiramente o que eu queria fazer, mas não partilhávamos, vocês se interessavam muito pouco.*

*Na realidade, não tínhamos relações pais-amigos. Num dado momento, cheguei a invejar os meus colegas que tinham pais-amigos. Mais tarde, em verdade, verifiquei que no caso deles, isto resultou numa carência em termos de discussões de fundo; o ideal, naturalmente, teria sido uma combinação das duas coisas. Penso que deve ser possível!*

Outra pergunta: “Há algum traço de nosso comportamento como pais, que possa falar de Deus para vocês?”

*Pergunta delicada! Não conheço Deus! Poderia ser perguntado: Existe **um** traço que possa lembrar os valores de referência descritos na Bíblia? Há vários, mas o primeiro que eu citaria é **verdade**. É o que eu posso dizer, rapidamente.*  
*Seu filho. (F)*

Seria o momento de procurar ler, em paralelo, o testemunho de uma jovem: “Obrigada, meus pais!”

Algumas respostas - e sobretudo algumas lacunas nas respostas dos filhos - não deixaram de surpreender os pais. Vejam este testemunho de uma equipe:

*Nas respostas sobre o que receberam de seus pais, apenas um dos 17 filhos mencionou a atitude religiosa dos pais como exemplo de educação. Questionamo-nos sobre este fato e chegamos à conclusão que talvez isto já estivesse tão enraizado neles, que não sentiram a necessidade de citá-lo, por evidente. (Br)*

É uma esperança!

## C - A fecundidade no sentido amplo

### 1. A fecundidade dos casais sem filhos

*Pulamos a Pista IV, (“Dar vida aos filhos”), por pedido de um casal da nossa equipe que, não tendo filhos, achou este tema por demais doloroso.*

Houve mais de um caso assim, e compreende-se. Para muitos casais sem filhos, foi uma ocasião para dizer de seu sofrimento. Adivinha-se, portanto, que poucas equipes - mas houve algumas - abriram uma discussão e trocaram idéias sobre esta questão. Preferiu-se, geralmente, dar a palavra aos casais que quisessem dar testemunho de sua experiência.

Tais testemunhos, muitas vezes, abriram os olhos dos outros e os levaram a compreender certas coisas...

*Entendemos melhor, em equipe, o sentido profundo que toma a fecundidade para um casal sem filhos. Um casal da equipe, envolvido neste doloroso problema, nos explicou sua caminhada: desde um primeiro tempo de revolta até a tomada de consciência de um “outro” meio para um casal ser fecundo, através de tudo o que fazem para fora, como voluntários, etc. (F)*

Uma equipe nos parece ter feito um bom resumo das diversas experiências colhidas.

*Primeiro, há uma tomada de consciência de que a fecundidade não se manifesta como profundamente o desejaríamos, mas que este excesso de amor, de ternura, de riquezas a partilhar, não podemos guardá-lo para nós.*

*A necessidade de comunicar tudo isso é tal, que se não se puder realizar no acolhimento de um filho, de uma família, torna-se necessário voltar-se para uma família bem mais ampla.*

*Pensamos que é a abertura para os outros que permite partilhar a vida do coração, do pensamento, do espírito.*

*Aceitar aos poucos que a família que tanto desejávamos formar se estenda a filhos que não são os nossos, a pessoas sozinhas, a doentes...*

*Um casal que não tem filhos é particularmente sensível às demonstrações de afeto dos filhos dos outros.*

*Para a mulher, significa exercer uma profissão que a leve a desabrochar-se plenamente, aceitar engajamentos que permitam comunicar algo de si. (F)*

Mas neste campo, mais particularmente, nada se compara com o testemunho direto daqueles que sabem o que isto significa exatamente. Eis, portanto, alguns destes testemunhos:

*Nos dez anos que antecederam a chegada do nosso filho mais velho, nos ajudamos muito mutuamente, sustentados pela equipe e conscientes do problema, ou melhor, sabedores que outros casais tinham o mesmo*

*problema mas estavam sozinhos para enfrentá-lo. Essa longa espera foi para mim uma ocasião para vivenciar engajamentos muito ricos junto a crianças, na catequese de jovens, em cursos para adultos, na pastoral de acolhimento. A linguagem de Humanae Vitae não nos agradou muito. Estamos felizes, hoje, porque a Igreja utiliza uma outra linguagem para falar da fecundidade sem filhos. (F)*

As soluções mais evidentes e mais simples nem sempre são as melhores para todos. Por vezes, é muito útil saber esperar.

*Ao fim de cinco anos de casamento, nasce uma esperança... aguardamos a chegada de um filho. Porém, grande decepção: houve aborto prematuro que perturbou nossa existência. Ficamos profundamente decepcionados mas, um após o outro, assimilamos o acontecido, o que permitiu que cada um ajudasse o outro a se recuperar. Obrigado, Senhor, por não nos ter feito reagir ambos da mesma maneira ao mesmo tempo!*

*Esse aborto nos permitiu esperar mais e sempre, que o Senhor nos enviaria um filho. Mas os anos foram passando e... nada, apesar das numerosas consultas com os ginecologistas.*

*Pensamos então em adotar, mas era preciso que a idéia caminhasse na minha cabeça e isso leva tempo. Depois de debater o assunto longamente com amigos e, tendo em conta as incertezas e os riscos (particularmente das possíveis deficiências, que já existem em nossas famílias), renunciemos a esta solução.*

*Sustentados por nossas famílias, aceitamos a situação como sendo a vontade do Senhor. Depois de participar de retiros e reavivados por uma peregrinação à Terra Santa, voltamo-nos para os outros: grande disponibilidade para com a família, sobrinhos e sobrinhas; ajuda material e moral a vários casais; ajuda material a uma avó; engajamento ao serviço das famílias enlutadas em nossa paróquia...*

*Percebi que tinha “passado o limiar” da aceitação no dia em que ajudei uma amiga que, na minha frente, teve um aborto prematuro. Alguns dias depois, ela quis saber se tinha tido razão de solicitar minha ajuda. Respondi que sim, pois ela permitira que eu compreendesse a vontade de Deus sobre nosso lar e o caminho do Amor e da Felicidade. (F)*

Trata-se, às vezes, de uma esterilidade de opção, que se lamenta. Também neste caso, procurou-se encontrar outro tipo de fecundidade.

*Não podendo ter um terceiro filho, em conseqüência de uma esterilização hoje lamentada, nosso casal tornou-se fecundo por meio de nosso engajamento na comunidade “Fé e Luz”. Tornou-se como que nosso terceiro filho: estamos com a comunidade para ajudá-la a crescer, a expandir-se, a irradiar. Somos chamados a assumir uma responsabilidade no âmbito da diocese. Através dessa comunidade, permitimos que a vida seja transmitida no sentido cristão. (F)*

A adoção é uma solução para muitos casais que sofrem. E, de resto, ela é muito praticada nas equipes por pais que já têm filhos: são casos freqüentes!

*A adoção coloca os pais num nível de amor muito grande.*

*Até que ponto a não-adoção é negação de ver Deus no próximo? (Br)*

*Tornar-se pai e mãe: um acontecimento fabuloso, esperado durante 15-16 anos e realizado graças à adoção. Sentir-se finalmente felizes de ser uma família por inteiro, no meio das outras famílias. A grande alegria da adoção permite que não se lamente a longa espera, pois a chegada dos filhos leva a uma grande mudança de vida. (F)*

*Ter filhos é normal. Daí o sofrimento, quando não se pode tê-los, como todo mundo. O casal que fez a experiência da adoção observa que, depois do receio de não amar o filho adotado do mesmo modo que aquele que se gera, vivenciaram com todos os filhos uma paternidade e uma maternidade completas. O importante é viver juntos para amar. (F)*

Um conselho insistente: a adoção sendo um ato muito sério, que pode condicionar a vida de vários seres, deve ser cuidadosamente preparada e prever todas as probabilidades desde o começo. Aconselha-se até uma preparação igual à que se faz para um parto.

*O casal deve se preparar bem, a tal ponto que o tempo que antecede a chegada do nené seja encarado como o tempo da gestação e o momento, o caminho percorrido para ir buscar o nené, seja como o momento do parto.*

*Os pais devem contar a verdade à criança desde pequena. Problemas sérios advêm se esta verdade não for revelada pelos pais. (Br)*

Sabe-se que o fenômeno da adoção reserva muitas surpresas, no próprio nível da fecundidade. Muitos se reconhecerão, com certeza - guardadas as devidas proporções - no caso aqui descrito:

*Quando achamos que não teríamos mais esperanças, adotamos um menino, e Deus o levou. Depois de algum tempo, adotamos uma menina, que veio alegrar o nosso lar e a quem demos o nosso próprio nome. (Ela hoje já é casada.) Mas depois de nove anos, nasceu nosso primeiro filho e, dentro do espaço de sete anos, já tínhamos cinco filhos. E mais dois meninos que criamos junto à nossa família e a quem demos educação. E assim formamos a nossa família! (Br)*

## **2. O espírito de família, a hospitalidade**

A família é uma pequena Igreja (“ecclesiola”), que continua sendo referência moral e espiritual. Não se pode deixar de sublinhar que, em nossos dias, apesar de tantos sobressaltos e talvez por causa deles, os jovens votam na família: para eles, ela permanece o grande valor de nosso mundo.

Nas respostas, as equipes geralmente acentuam:

- a importância do “clã familiar”, porém aberto e acolhedor (alguns, todavia - como veremos - recusam a palavra “clã”, que pode justamente dar uma noção de “fechamento”),
- o importante papel dos avós, que percebem, na ajuda à educação dos jovens da família, sua fecundidade específica.

## 2.1. Sentido de família, espírito de família, clã familiar.

Estes três termos propostos foram retomados com frequência.

- *O sentido de família nada mais é do que o amor conjugal, paternal, maternal, filial, fraternal, que se expressa na vida de cada dia e irradia-se, estendendo-se aos próximos: tios, tias, primos, etc. Pressupõe a articulação de todo um arsenal de virtudes e qualidades, tais como a doação, a generosidade, a paciência, o domínio de si, o perdão, o acolhimento, a alegria e o bom humor, num intercâmbio para conhecer ou assimilar o belo, o verdadeiro, o ideal, tanto do ponto de vista espiritual quanto cultural e intelectual. Saber conservar e transmitir as lembranças que constituem a história da família.*

- *O espírito de família é sem dúvida mais pronunciado nas famílias numerosas, nas quais o filho mais velho sente-se naturalmente responsável por seus irmãos e irmãs e depois, por seus pais que envelhecem. Papel importante de um ou outro membro da família, em meio a relações por vezes tensas. Não se escolhe os pais, os irmãos, as irmãs!*

- *O clã familiar pareceu-nos comportar um sentido pejorativo, de auto-suficiência e de fechamento para o mundo. O que acontece, neste caso, com o acolhimento de um futuro genro ou nora? O novo casal não deverá, por acaso, praticar também amplamente o espírito de família, abrindo-se aos pais dos respectivos cônjuges? Não será ele o elo de união entre as duas “facções”? Saber também acolher os amigos dos filhos. (F)*

Outro testemunho, no mesmo sentido, mais direto, incisivo:

*Somos colocados diante de três expressões, que vão do nobre ao pejorativo.*

- *O sentido de família dá testemunho de um espírito de auxílio mútuo, de abertura para com aqueles que não encontramos todo dia, de partilha na alegria dos reencontros.*

- *O espírito de família já subentende algumas restrições: guarda-se dos maus elementos, estabelece-se uma diferença com “os que não são da família”, distingue-se os “remendos” dos ascendentes e descendentes diretos.*

- *Quanto ao clã familiar, nem sequer se esconde que é exclusivo. Parece que se está na Sicília. Por um nada, desencadeiam-se reações definitivas. (F)*

Mas pode-se falar de espírito de família em termos nitidamente mais calorosos. Para muitos, é uma riqueza incomparável.

*São valores importantes, sob a condição de não se transformarem em “espírito de clã” e de não se fecharem sobre si mesmos no egoísmo. Esses valores de amor e de unidade serão tanto maiores quanto maior for a abertura para o mundo, no sentido de acolhimento e de serviço. Nosso casal tentou restabelecer os vínculos com certos membros da família - vínculos que haviam sido rompidos por alguns infelizes problemas de herança...*

Note-se, de passagem, que nunca será demasiada a prevenção em relação ao veneno que podem constituir, em qualquer família, as questões de dinheiro, de partilha, de herança. É necessário prevenir-se contra este perigo.

*Toda família unida tem um espírito bem peculiar. Ao olharmos em volta, logo percebemos que cada família tem o seu caráter próprio, diferente. E é uma riqueza.*

*O clã familiar, os vínculos que unem entre si irmãos e irmãs, a despeito das diferenças, são também uma riqueza. Em muitas famílias, a “irmandade” é uma realidade bem viva. Entre pessoas próximas de nós, constatamos que os problemas de dinheiro ou de herança haviam destruído esta unidade. Que pena!*

É o que dizíamos! Em contrapartida, existem lembranças, fatos vivenciados na infância que marcam profundamente. Um exemplo entre outros:

*Nossos filhos, que vieram nos visitar por ocasião das festas, falaram de um fato da vida familiar que marcou sua infância, 25 anos atrás. Num determinado dia 1º de janeiro, nossa família acolheu em sua mesa um andarilho completamente congelado; gesto simples e normal em nosso entender, mas que talvez tenha desenvolvido em nossos filhos uma qualidade de atenção para com os outros: os mais fracos, os excluídos, os sem-teto... E se levarmos em conta nossa condição de cristãos, filhos de Deus, a família é imensa: nossos semelhantes são nossos irmãos e irmãs em Deus.*

Alguns brevíssimos conselhos... em família!

- Trabalhar sempre o espírito de família, a unidade.
- Congregar, não criticar.
- Desinstalar-se para organizar “festas”.
- Orar ardentemente pela família, e pela família “ampliada”.
- Alguns fazem um “jornal familiar” (duas vezes por ano: funciona!)

## 2.2. Hospitalidade

A família, no sentido amplo, inclui... os hóspedes: hóspedes de passagem, por vezes, hóspedes permanentes ou que ficam muito tempo... Não há tanto tempo - no antigo texto dos Estatutos - a hospitalidade vinha expressamente mencionada como uma das “obrigações”. Será que se não se fala mais nela, é porque já entrou no hábitos e que não precisamos mais ser lembrados? Ou então...

O sentido de hospitalidade é muito diferente de país para país, de cultura para cultura. E nos próprios países, as formas mudam, os costumes se transformam.

Alguns lembram que (nos países do Ocidente), antigamente, a família tinha seu “passante”, ou seja, “seu pobre”, que voltava conforme a estação. Havia, por exemplo, no dia 1º de janeiro ou no dia de Reis, a tradição de um lugar que se deixava livre à mesa, para um pobre de passagem. Atualmente, dizem outros, existem as obras de

caridade. Nada, possivelmente, pode substituir, porém, o acolhimento no lar, e os filhos são muito sensíveis a isto.

*Nossos filhos nos viram acolher gente de tudo quanto é horizonte, de tudo quanto é raça... Isso marcou sua educação; ficou para a vida.*

Existe, em particular, o acolhimento de outras crianças (não se trata aqui da hospitalidade dada a crianças estrangeiras por algumas semanas):

*É importante acolher os amigos dos filhos que podem estar numa situação familiar difícil e que encontram em nosso lar um espaço para respirar e para serem aceitos como eles são; é como um “posto de serviço”. Mas às vezes esses amigos percebem que nem sempre este acolhimento existe da mesma forma em todas as famílias...*

Alguns mencionam uma hospitalidade catequética, como a das mães catequistas que recebem crianças em casa e dão ao seu ensino um sabor familiar freqüentemente muito apreciado. Ou então, a dos casais dos cursos de preparação ao matrimônio, que recebem os noivos, introduzindo-os desta forma na sua intimidade.

Pensa-se que tudo isto entra na perspectiva de uma ampla fecundidade familiar. Mas falta ainda mais um degrau: a fecundidade que se estende ao próprio mundo.

### **3. Dar vida ao mundo.**

De uma certa forma, a fecundidade não tem limites. Pode tomar muitas formas. Uma equipe brasileira enuncia uma verdade incontestável:

*Jesus Cristo não gerou vida biológica, mas foi de uma fecundidade indescritível.*

Uma outra proclama:

*O amor deve se criador, mas não só de nenês!*

Outra ainda:

*O casal e a família devem ser fecundos para o mundo.*

Trata-se, portanto, de abrir-se a uma outra fecundidade, de descobrir uma outra fecundidade. Chega-se a dizer (desta vez em Portugal):

*A fecundidade não tem idade nem sexo. Uma pessoa, um casal, um grupo, um movimento podem ser fecundos.*

Para alguns, foi o estudo do Projeto que abriu estes horizontes:

*Redescobrimos, ao estudar o Projeto, a noção de fecundidade do casal no sentido amplo. Todo amor verdadeiro é contagioso, no celibato como no casamento. Procurando viver plenamente nosso amor (acolhida e doação), somos testemunhas. Cuidado, porém, com os contra-testemunhos!*

*A fecundidade não termina com a chegada de um filho: é bom lembrar, o casal tem uma fecundidade muito mais ampla! (F)*

*Ser pai ou mãe significa ser “mestre”, quer dizer, abrir caminhos e favorecer as possibilidades latentes. Sob este aspecto, uma paternidade biológica não é indispensável, nem um determinado número de filhos biológicos. O campo se abre e se estende a um número ilimitado de “filhos”. (Br)*

Também os espanhóis insistiram muito nestes aspectos da fecundidade.

*Temos uma missão de fecundidade em todos os sentidos. Devemos ser portadores de alegria, de doação, de constância, de generosidade. A fecundidade não se mede pelo número de filhos, apesar disto ser uma boa prova, mas fundamentalmente pela capacidade do casal de dar a vida, uma vida alegre a todos os que o cercam, ou seja, de amar-se e de amar os outros.*

E pode-se apreciar a bonita fórmula de conclusão:

*A fecundidade se reveste da generosidade do amor. (E)*

Por vezes, atribui-se campos específicos a esta fecundidade ampla, como por exemplo a que convém à idade madura:

*Na idade madura, podemos ser fecundos em relação aos outros, ao sermos abertos para com os que nos cercam, ao partilhar nossa experiência de esposos, pais, casal.*

Ou ainda, no âmbito de uma missão de educação para com nosso mundo:

*Numa sociedade de mentalidade contraceptiva, devemos ter gravado no coração que o casal recebeu o encargo de transmitir a vida, não somente física mas espiritual. Sentimos com muita força que devemos transmitir nossa crença, que temos a obrigação de educar nossos filhos na fé em Jesus Cristo... e que não acaba aí!*

Sem esquecer uma dimensão especial da fecundidade da mulher em nosso mundo:

*Para ser totalmente fecunda, a mulher deve estar presente no mundo: política, associações, etc.*

Para muitos casais sem filhos, isto pode parecer um sucedâneo, mas é um sucedâneo que logo toma sentido.

*Quando a fecundidade no sentido estrito não é possível, podemos ser fecundos no serviço e na doação aos outros. E a fecundidade não termina com a idade. Aumenta. (E)*

*Como não temos filho, nossa fecundidade consiste numa atitude de acolhimento e de engajamento na Igreja e no mundo. Mais particularmente, para nós, é procurar orientar os alunos, os filhos dos*

*nossos amigos, os sobrinhos, os seminaristas, como fariam um pai e uma mãe. (Br)*

*Como não temos filhos, nossa atitude é mais de casal que de pais. Muitos pais consagram-se inteiramente aos filhos, querendo ser mais pais que esposos. E quando os filhos não precisam mais deles, nem por isso se tornam mais casal. O tempo passou e também o tempo de ser casal... (Br)*

Alguns chegaram mesmo a descobrir uma nova vocação:

*Sempre pensamos que a fecundidade estava ligada à comunhão carnal. Mas ter filhos é um dom de Deus... Não tendo filhos, perguntamo-nos: por que nós, justo nós, não temos filhos?*

*Depois de muitos anos, descobrimos que nossa vocação, ou nossa missão, não era de ser pais, pelo menos de forma carnal, mas de ser pais espirituais. E somos felizes, porque nossos filhos são filhos de outros países, filhos que sofrem e partilhamos as angústias e as alegrias de nossos filhos espirituais. Por isso, sentimos que nossa presença de casal, nosso testemunho de casal neste mundo, é muito importante. (Br)*

Deve-se mesmo estender à dimensão de toda a família humana o desejo de fecundidade. E para alguns, trata-se simplesmente da extensão do espírito de família, como já foi dito. É a humanidade toda que é nossa família, é a Terra que se torna nosso lar, e devemos respeitar e defender os direitos de todos os homens e de todas as mulheres.

*Cada vez mais, nós, os habitantes da Terra, nos sentimos mais próximos uns dos outros, graças aos satélites. Devemos acostumar-nos a viver verdadeiramente como os membros de uma mesma família. Tem razão o casal que diz que o espírito de família se concretiza num grupo solidário, onde o problema de um só se torna o problema de todos.*

*E um outro casal lembra que, pelo menos, este espírito deve existir entre nós que comungamos da mesma fé, do mesmo ideal, da mesma esperança, num mundo que todos queremos mais próximo do Reino de Deus. (Br)*

Esta fecundidade na dimensão do mundo deve ser aprendida, é preciso que os filhos sejam sensibilizados a ela desde a infância. Por vezes deve ser preparada, também, por um trabalho de estudo e de reflexão.

Os **objetivos** são vastos e numerosos, mas dois são citados como prioridades (e é provável que agora se acrescentasse também a luta contra a aids): o terrível problema da **fome** no mundo, mas também, dizem alguns, o **Islam** que desponta como uma grave preocupação para o amanhã.

\* \* \*

## Capítulo III: Uma coletânea de testemunhos

### 1. Uma longa espera...

*Hoje é o dia xxx de 1992, um dia especial, um aniversário especial. Neste mesmo dia, há dez anos, minha mulher dava à luz nossa primeira filha, S. A menina nasceu praticamente morta, ao final da gravidez. Tinha sido longamente esperada e desejada e finalmente, ao cabo de oito anos, parecera-nos que nossas esperanças e nossas orações haviam sido atendidas.*

*Foi um golpe muito duro, um desespero sem fim. Ao nos confrontarmos com este “Projeto Sexualidade”, sentimos-nos particularmente envolvidos. Revivemos nossos 18 anos de casamento, com suas experiências felizes ou tristes, e de certa forma conseguimos rever nossa vida e conversar sobre algo que tinha ficado sufocado, sem ter sido esquecido, dentro de nós.*

*Casamos-nos sem preparação adequada, ao terminar nossos estudos, pensando organizar-nos um pouco para em seguida ter filhos. Quando nos demos conta de que os filhos desejados não chegavam, não estávamos em condição de entender que poderia haver outras soluções, uma outra forma de fecundidade do casal e passamos a viver mal nossa existência, sobretudo nossa relação de casal e nossa relação sexual, orientadas para algo que, mês após mês, não se realizava.*

*Os médicos falavam de esterilidade, confirmada mais de uma vez.*

*O fato é que depois de oito anos, houve a primeira gravidez, interrompida após dois meses, e a outra que levou ao nascimento de S.*

*Depois deste episódio, fomos tomados por uma forte desilusão e pelo desespero. Apesar de tudo, nosso relacionamento saiu fortalecido, certamente não por mérito nosso, mas porque Deus estava, com toda certeza, perto de nós em tudo. Permitiu que encontrássemos as pessoas certas, notadamente uma que soube aconselhar-nos com competência, como também consolar-nos e devolver-nos a confiança. Passaram-se mais dois anos de espera, que nos permitiram encontrar uma maneira diferente de estarmos juntos, numa intimidade maior. Depois, nasceram A. e F., duas meninas e, quando F. tinha seis meses, foi G., uma terceira menina, que anunciou a sua chegada.*

*Foi difícil aceitarmos um terceiro filho, por mil razões: já não éramos jovens, o cansaço começava a se fazer sentir, mas sobretudo o medo de que algo desse errado.*

*Novamente, Deus nos ajudou a acolher G. com grande alegria, e não cessamos de agradecer-Lo por isso. O problema de acolher um filho é verdadeiramente importante: uma coisa é conversar sobre o assunto, outra é enfrentar a realidade.*

*Em conclusão, podemos dizer que somos verdadeiramente felizes, que vivemos um bom relacionamento de casal, de família, de equipe e com os que nos cercam. Agradecemos ao Senhor por tudo isso. (It)*

\* \* \*

## 2. Programação?

*No que diz respeito à chegada de cada filho e de sua programação, nossas atitudes variaram em função de duas vertentes: antes e depois de nossa conversão, por um lado; filho desejado ou filho “surpresa”, por outro.*

*a) Antes de nossa conversão, vivíamos com a impressão de que éramos nós, somente, que dávamos a vida, e tínhamos um sentimento de frustração quando a fecundação de um filho desejado se fazia esperar.*

*Depois da nossa conversão, percebemos profundamente cada fecundação como um dom de Deus, um presente que nos é confiado, com o encargo de educar.*

*b) Dos nossos 6 filhos, apenas 2 foram realmente programados: um, num período em que nossa atitude era decididamente contraceptiva, outro, num período em que utilizávamos um método natural de regulação da natalidade. Em retrospectiva, estranhamos que o “percentual de sucesso” seja igual nas duas técnicas...*

*O inesperado ocupa, portanto, um lugar importante em nosso casal, já que a concepção de nosso filho mais velho estava na base de nosso casamento. Progressivamente, a notícia de cada gravidez não desejada foi se tornando mais fácil de se viver, mas de maneira diferente para o casal: para a esposa, é sempre uma aventura maravilhosa que prolonga o amor pelo outro; para o esposo, havia mais preocupação com a organização material da família com este novo encargo e os períodos de gravidez eram, por vezes, mal vivenciados.*

*Agora, temos a impressão, talvez errada, de que uma nova gravidez já não é mais possível. Mas aceitaríamos certamente com facilidade a vinda de um novo filho, mesmo com o risco de alguma deficiência.*

*Chegamos a pensar no sentido da fecundidade para um casal que não pode ter mais filhos: por um lado, existe a possibilidade de adotar filhos “suplementares”; por outro lado, isto permite, sobretudo à mãe, uma fecundidade externa:*

*a) a adoção de filhos suplementares, oriundos de países pobres ou, mais freqüentemente, de crianças francesas deficientes, é uma fecundidade suplementar enriquecedora para famílias numerosas. Para nós, pessoalmente, à luz de nossa experiência, parece haver dois senões:*

*- observamos as dificuldades encontradas por casais mais idosos que acolheram crianças com deficiências motoras ou estrangeiras e que desestabilizam a família;*

*- em alguns casos, parece muito difícil impor aos filhos mais velhos o encargo desses menores adotados, quando os pais tiverem falecido. De fato, a concordância impulsiva manifestada por aqueles adolescentes pode tornar-se de difícil vivência vinte anos mais tarde.*

*b) a mãe de família, uma vez livre de filhos pequenos, pode consagrar-se a outras atividades que correspondam a suas aptidões: catequese, ações caritativas, defesa da vida, grupos de oração... (F)*

\* \* \*

### **3. “Sou mãe de uma família de cinco filhos... e trabalho”.**

*Somos casados há 23 anos, nossos filhos têm entre 9 e 21 anos e, há 24 anos, estou no mundo da informática de gestão. Trabalho em meio-período, desde o nascimento de nossa mais velha, e sou a primeira mulher na minha empresa a ter pedido e obtido este tipo de horário.*

*Mulher do lar, mulher do trabalho: foi uma escolha livre feita em casal em várias ocasiões de nossa vida. Duas vezes, foi meu marido que me animou, sentindo que eu tinha necessidade deste lado intelectual para desabrochar.*

*Mulher do lar, mulher do trabalho: não há dualidade, sou antes de tudo e em todo lugar mulher, feliz de sê-la com todo o meu ser.*

*Em casa, sou feliz de trazer o ar de fora, do meu trabalho. Isso, tanto em termos de relacionamentos, de comportamento coletivo, como em termos de novidades profissionais, de meu aporte intelectual nos encontros.*

*No trabalho, gosto de dizer que tenho “muitos filhos”, que os amo, que cuido deles, pois no meu ambiente, sobretudo masculino, não se julga que uma boa engenheira possa ser uma boa mãe, uma boa esposa. Gosto também de dizer que amo muito meu marido, o que surpreende as pessoas, sobretudo que sejamos fiéis (com amor) um ao outro.*

*Não há dualidade, pois através de meu trabalho, encontrei um desabrochar intelectual sem limites e me sinto reconhecida, estimada e amada neste aspecto.*

*Em nossa família, sinto-me “construtora”, levando as crianças a serem mais, ajudando-as a se sentirem bem do jeito que são, a terem o sentido do outro, a serem responsáveis. É uma tarefa muito grande, que me agrada, mesmo se muitas vezes é difícil, ingrata, com algumas sensações de fracasso.*

*Gosto também de ter outros relacionamentos: as ENS, nas quais assumimos engajamentos em várias ocasiões, a catequese na escola, onde fui, durante cinco anos, responsável pela 7ª e 8ª séries (400 jovens), os vizinhos idosos, os amigos, a família... Reservo tempo também para tudo isto.*

*O que lamento:*

*- Que nós, mulheres, sejamos sempre obrigadas a batalhar profissionalmente para que nosso valor seja reconhecido. Nunca nos dão crédito, não temos direito à mediocridade.*

*- Que exista na sociedade uma discriminação entre mulheres no lar e mulheres que trabalham, como se “aquela” nada fizesse e “esta” tivesse todos os poderes. (F)*

\* \* \*

#### 4. “Dar vida”, na educação

*Tentamos fazer esta pergunta aos nossos filhos, durante uma refeição no início das férias de Natal. Eles se evadiram, disseram que era difícil responder, fizeram piadinhas.*

*Duas coisas, de nosso “ponto de vista”:*

*1) Quisemos transmitir valores que nos pareceram primordiais, e não temos a certeza de que tenham sempre sido transmitidos:*

*- o sentido da vida: não viver para si mesmo; a atenção para com os outros; o sentido do acolhimento; devolver aos outros o que se recebeu.*

*- o sentido do esforço: ir até o fundo das possibilidades (esportes).*

*- o diálogo entre nós. Funciona bem, para nós, mesmo com as distâncias geográficas. Festa tradicional nos retornos.*

*- a fé cristã: balanço negativo até esta data.*

*Parece-nos importante para julgar os resultados - se é que isto é possível - vê-los agir fora do círculo familiar, ver como se integram na sociedade, o que ali vivem, etc... se tomam ou não iniciativas.*

*2) Alguns traços nítidos esboçam-se de forma comum em nossos três filhos, e não temos a impressão de que tenham sido “plantados” conscientemente por nós:*

*- eles não têm a ambição de ganhar o máximo de dinheiro possível, nem de ter um status na vida,*

*- eles têm horror de “parecer”: recusam-se a se vestir na moda, como todo mundo, etc...*

*- eles têm um juízo bastante acertado de si mesmos (até depreciativo), não se superestimam,*

*- eles têm horror de se meter nas coisas dos outros (o que chega até a me irritar), “problema dele” é o grande chavão, como para muitos jovens.*

*Parece um pouco de “auto-louvação”. Teria que acrescentar a longa lista das coisas negativas... (F)*

\* \* \*

## 5. Obrigada, meus pais!

### Pergunta feita pelos pais a um de seus filhos:

“Quais são os aspectos característicos da educação que você recebeu?”

*Queria simplesmente dizer  
Que o rosto e o sorriso de vocês  
Vão ficar sempre comigo  
Na minha caminhada...*

*Queria simplesmente dizer  
Que todos aqueles momentos  
Com a minha mão na de vocês  
Eram muito legais!*

*Vão ficar para mim como uma luz  
A me aquecer  
Nas minhas noites de inverno.*

*Àquela que vocês fizeram crescer  
Vocês deram um olhar  
De verdadeira felicidade  
No fundo dos olhos,  
Um olhar que lhe permite  
Maravilhar-se  
Diante das belezas  
Da vida.*

*Tudo o que fazia bater o nosso coração  
Justificava as altas horas,  
Estas coisas no fundo de nós mesmos  
Que nos deixavam acordados até tarde.  
Palavras encerradas em nós que podíamos dizer,  
Sem medo das risadas,  
Sem medo da exclusão.*

*E se, algumas noites, não era mais eu mesma,  
E se, algumas noites, eu tinha um coração de pedra  
E se ninguém no mundo podia fazer algo por mim,  
Sempre sabia que vocês viriam me buscar  
Para que eu mudasse de idéia.*

*Vocês me **deram** o Amor,  
Vocês me **deram** a Vida  
Cor de Paraíso.  
Vocês me **disseram** o Amor,  
Vocês me **disseram** a Vida.  
E os que eu escolhi  
Vocês receberam,  
Vocês acolheram.*

*Mesmo quando as tempestades  
Curvaram a minha cabeça,  
Mesma quando algumas lágrimas  
invadiram a minh'alma,  
Mesmo quando ervas daninhas me infestaram,  
Vocês vieram me ajudar a me livrar delas,  
Para recomeçar melhor  
E para que novos brotos pudessem nascer.*

*Vocês me tornaram responsável  
E incansavelmente,  
Sem querer distribuir papéis,  
Vocês me fizeram conhecer a Vida,  
Vocês me ensinaram o sol e a chuva  
Vocês me ensinaram a cor da noite,  
Mas sobretudo a cor da Vida.*

*Quando, alegre, a levo até os lábios,  
É mais do que alimento,  
É como um presente que se oferece...  
Obrigada, meus pais! (F)*

\* \* \*

## **6. A presença viva de Deus em nosso lar**

*Inúmeras foram as tentativas de se conseguir uma criança tão esperada, entretanto, a cada mês que passava, a decepção se tornava mais latente.*

*Paramos para uma reflexão consciente e o resultado foi o seguinte: vamos adotar uma criança.*

*Eis que exatamente seis anos e trinta dias após o nosso casamento, a graça de Deus se fez presente e fomos aquinhoados com o nascimento de nosso querido filho. Ele nasceu na longínqua Cuiabá, rumamos para lá no mesmo dia e o trouxemos no dia seguinte, cheios de amor e carinho para distribuir ao rebento.*

*Passados quase três anos de sua existência, podemos dizer com toda a certeza que a adoção consciente e responsável gera frutos a adotantes e adotados, com a responsabilidade se triplicando com relação à sua educação.*

*Talvez, se tivéssemos tido um filho concebido em nossa relação, não nos dedicaríamos da forma como corre em nosso dia a dia.*

*Certo é que desde sua chegada nosso relacionamento, que já era maduro, se fortaleceu mais ainda e nossa participação nos movimentos foi mais assídua, proporcionando uma aproximação sem par com os caminhos do Senhor.*

*A cada dia que passa, uma nova surpresa, uma nova alegria e, sem dúvida, um novo agradecimento por termos alcançado essa dádiva.*

*A presença de nosso filho em nossa casa é a própria presença de Jesus Cristo, razão pela qual nos aventuramos a apresentar este testemunho, como forma de reconhecimento por tudo aquilo que recebemos do Senhor.*

*Muito obrigado, nosso Pai! (Br)*

\* \* \*

## **7. O espírito de família**

### **Primeiro testemunho**

*Ele, nossos filhos e eu não temos o mesmo sentido da família.*

*a) Se família = nós 5, tudo bem, temos o sentido, o espírito de família. Vivemos momentos muito bons, divertimo-nos bastante. Telefonamo-nos nos dias negros, em certos momentos discutimos longamente. Temos vontade de festejar todo tipo de evento, quando estamos todos juntos. Muitas brigas, também.*

*b) Se família = + os avós, somos tolerantes.*

*c) Se família = nossos irmãos e irmãs e sobrinhos, é aí que a coisa pega: queremos escolher os nossos relacionamentos dentro das duas famílias, não “vamos com a cara” de alguns, não temos nada a dizer a eles. E isso cria conflitos às vezes violentos entre mim e os outros quatro, porque eu gostaria de preservar o relacionamento com todos os nossos irmãos.*

*d) Durante muito tempo, nossa casa era aberta a todos. Resultado: invasão, e quando era imprevista, desorientava completamente a ele (...)*

*Aprendi a reconhecer meus limites e sobretudo a respeitar os outros membros da minha família. (F)*

### **Segundo testemunho**

*Gostaria de falar de minha família, meus pais, meus irmãos e irmãs. Início de casamento de meus pais muito feliz. Casamento de amor, o que não era tão freqüente como hoje, vida folgada de boa burguesia de província. Sete filhos e de repente o drama. Revertério na situação de meu pai: perdeu tudo. A família dele o acusa, por causa deste fracasso e lhe fecha as portas. Partida para a região parisiense. Dívidas a pagar, situação medíocre e um oitavo filho que chega (eu). Papai engajado na última guerra. Voltamos à província por quatro anos, o tempo suficiente para que todas as nossas coisas sejam saqueadas na cidade.*

*Volta à cidade em 1943. Papai continua trabalhando em Paris. Mamãe sofre operação após operação e depois, quando a vida parecia estabilizar-se para eles, segunda catástrofe: a morte de minha irmã, aos treze anos. Os pais se fecham, os filhos também: ficamos grudados neles. (Este não é nem o lugar nem o momento de falar, entretanto, de sua reação para comigo, que vinha logo depois dessa irmã, eu que tinha dez anos e não “assumi” este falecimento como os adultos).*

*Penso que nesse momento, a família formou um bloco, um clã, uma fortaleza invencível, inviolável... Isto durou muito tempo.*

*Mas meus pais tinha, no fundo do coração, qualidades de abertura, de generosidade que, após o tempo da provação, da depressão, deram a volta por cima e a casa voltou a ser o que era na realidade, uma casa acolhedora, alegre, onde cada um tinha seu lugar, onde todos, parentes ou estrangeiros, eram acolhidos, onde a mesa estava sempre aberta aos amigos, onde cada um se voltava para o outro, cada um seguia seu carisma.*

*Agora os anos passaram, as grandes dores foram se velando, mas continua existindo entre nós um entendimento, uma convivência, uma afeição que nem o tempo nem a separação podem destruir e parece-me que este “espírito de família” é tão forte, justamente por ter sido submetido à prova do fogo. (F)*

\* \* \*

## Capítulo IV

### ÉTICA SEXUAL

Chegou a hora de abordar os problemas de moral. Alguns lamentam que se tenha esperado até o fim do trabalho para tanto. Mas havia nisso uma intenção precisa, absolutamente clara: examinar as regras morais somente após ter refletido sobre todas as dimensões da sexualidade. Não ficou claro se todos entenderam bem este propósito.

Tão logo se fale de moral, os espíritos têm tendência a se fixar, imediatamente, na alternativa “permitido x proibido”, e nas diretrizes do Magistério, centrando-se essencialmente na questão da contracepção. Esta seria uma visão muito redutora da moral. Mas, por outro lado, estas considerações devem intervir em seu devido lugar. Voltaremos à questão.

Há uma coisa, porém, que aparece claramente. O princípio é afirmado por muitos e pode-se dizer que ele é subjacente: a moral sexual, ou a ética sexual, não deve ser reduzida à questão do que é permitido e do que é proibido; deve, antes de tudo, garantir a verdade do ser humano, do amor, do casal. Esta é uma aquisição preciosa para as consciências.

Antes de qualquer outra consideração, deve-se esclarecer duas coisas:

a) Há uma diferença nítida a estabelecer entre **aborto** e **contracepção**: o primeiro mata um feto já concebido, o segundo impede a concepção. Há muitas queixas de que não se encontra com bastante nitidez esta distinção nos documentos oficiais da Igreja, nos quais as duas coisas são mais ou menos colocadas “no mesmo saco”, o que gera uma grave confusão.

Constata-se, entretanto, que certos métodos apresentados como simplesmente contraceptivos, são, na realidade, métodos abortivos (como por exemplo o uso do “dispositivo intra-uterino - DIU”). Haverá aí uma falta de informação ou uma ambigüidade mais ou menos aceita?

b) A rigor, não se pode falar, como o fazem alguns, de contracepção ou de anti-concepção, no caso dos “métodos naturais”. Seria necessário distinguir bem o **controle da natalidade**, seja pelos “métodos naturais”, seja pelos métodos de contracepção.

#### A - Abordagem do problema

A Pista VIII, consagrada aos problemas éticos, enunciava: a qualidade da consciência cristã. Queria-se sublinhar com isso, a um só tempo, a verdadeira função das regras morais e o papel primordial da consciência. Deve-se reconhecer, todavia, que esta perspectiva deveria ter sido mais explícita.<sup>12</sup>

Na apresentação das respostas, somos levados a agrupá-las por grandes grupos culturais. Assim, na abordagem da problemática, **as equipes italianas** - conforme o que parece ser seu carisma habitual - consideraram de preferência a perspectiva histórica: Em que pé estamos? Como está evoluindo a questão?

---

<sup>12</sup> É pelo uso que todos, inclusive os autores do Projeto, puderam perceber as lacunas, as imprecisões, as faltas de rigor. Aliás, foi por isso que as sínteses se tornaram por vezes difíceis. Mas graças a esta experiência, a próxima vez faremos melhor... (Pe. Olivier)

*A releitura destas páginas nos levou para o passado, a uma época em que o debate era caloroso. Atualmente, as coisas estão mais calmas! Vale dizer que tudo estaria resolvido? Em que sentido? Pensamos que tudo ficou na mesma: a problemática não mudou, nem a resposta oficial da Igreja.*

*O que nos parece ter mudado profundamente nestes vinte anos, é o comportamento das pessoas, que aprenderam, talvez pelo sofrimento, a não esperar simplesmente as indicações do Magistério, mas a questionar-se e a encontrar as respostas... Parece-nos que, no fundo, ao longo destes anos, as pessoas foram levadas a uma maior “consciência da consciência”. A questão transformou-se de maneira positiva. Passou-se, de um problema de sexo a um problema de sexualidade: como viver melhor a nossa sexualidade? Que sentido tem para o nosso casal?*

Pensa-se também que nos documentos da Igreja, há ocasiões para belíssimas reflexões, que não foram bem percebidas porque procurava-se unicamente respostas a determinadas perguntas. Diz-se, por exemplo, que na Encíclica *Humanae Vitae*, “*tão desacreditada e tão contestada*”, pode-se encontrar belíssimas passagens que conservam todo o seu valor, “*se não forem diminuídas e reduzidas aos estreitos limites de um problema de sexo em tempo oportuno*”.

Exemplos são citados, notadamente a frase: “todo ato conjugal deve estar aberto à transmissão da vida”, sublinhando-se que isto amplia o campo da sexualidade e implica no compromisso de não cair no egoísmo e no individualismo...

*O que dizer do apelo de Paulo VI, em seu discurso às Equipes de Nossa Senhora, para “considerar o Evangelho antes de tudo como uma Boa Nova que, sem dúvida exigente, não é por isso menos libertadora e portanto jamais deveria gerar a angústia e o medo”? Como poderíamos, neste caso, conciliar o alegre anúncio do Evangelho com o sentimento de tristeza e de opressão que tantos casais vivenciaram, diante destes problemas?*

**No Brasil**, procura-se mais a praticidade imediata e situações muito concretas. Segundo fomos informados, as equipes trabalharam com grande transparência, seriedade e espírito aberto. Sente-se nitidamente que elas responderam para que suas opiniões fossem ouvidas e para que pudessem contribuir para a reflexão do conjunto da Igreja, pela qual todas nutrem um grande amor.

Queixam-se da falta de informação. Foi pela falta de informações que houve casais que optaram por soluções irreversíveis (laqueadura e vasectomia). Alguns se sentem culpados, outros assumiram...

Por outro lado, elas estão muito preocupadas pelos problemas demográficos, sociais e culturais ligados ao controle da natalidade.

A Igreja deveria acentuar os valores unitivos da vida do casal, da relação conjugal, em vez de insistir sobretudo no valor da procriação. É freqüente que se deplora que a Igreja se mostre bem mais severa com os “delitos conjugais” do que com os da área econômica ou social.

Os casais pedem à Igreja um esforço de compreensão, mas são os primeiros a se propor para participarem de sua reflexão e de sua experiência (pois só os casais têm experiência nestas matérias), como também para colaborarem na Pastoral.

A regra geral, sem exceção, é de um “grande amor de Deus, na e pela sexualidade”.

Sem surpresas, do lado das **equipes de língua francesa**, faz-se questão de colocar os pingos nos i. Gosta-se de noções claras e precisas. Um pequeno exemplo. O título da Pista VIII é “Qualidade da consciência cristã”. Alguns reagiram, dizendo que tratava-se, aqui, com católicos e não cristãos em geral. E pediam, portanto, por respeito a nossos irmãos protestantes e ortodoxos, que o título falasse de “consciência católica”, já que se dá a opinião do Papa e do Magistério. Ou então, em se querendo conservar o termo “cristão”, que se procurasse também a opinião, neste campo, dos protestantes e dos ortodoxos.

Mas há também um sentimento de esperança e de alegria inspirado por este trabalho que se descreve mais precisamente:

*As Equipes têm um papel de sensibilização perante a hierarquia da Igreja, no sentido de expressar as dificuldades que nossos casais têm em seguir as regras do Magistério. Somos uma continuação do plano de Deus; sua criação é entregue em nossas mãos, juntamente com nossa liberdade... Cuidado! Cada casal é único!*

E, para nos animar a todos, esta reflexão:

*Este tema foi muito útil para discutir com nossos filhos, que ficaram espantados pelo fato das Equipes tratarem deste assunto.*

Quanto às **equipes inglesas**, verifica-se que a distância entre a vivência do casal e os ideais - “*muito precisos e quantificados*” - que a Igreja propõe é tal, que fica difícil não soçobrar na culpabilidade ou, pelo menos, na rejeição do ideal! As equipes chegam a se sentir questionadas em sua relação com Deus na própria fé.

E acrescentam que o ambiente atual em nada ajuda: as relações sexuais são apresentadas como fonte de gozo pessoal, de desabrochar pessoal, mais do que fonte de amor e de união.

## **B - Dominar a procriação**

É evidentemente este o grande problema moral que está no centro dos questionamentos. O princípio de uma paternidade responsável penetrou bem nas consciências; ele é proclamado pela Igreja. Implica em dominar a procriação e, portanto, num controle da natalidade, não numa perspectiva egoísta mas num espírito de generosidade e de abertura à vida.

A questão difícil refere-se à escolha dos métodos que respeitem, ao mesmo tempo, o que chamamos de “fecundidade unitiva” e a fecundidade biológica.

### **1. A escolha dos métodos**

Será que é o que mais conta? Muitos se perguntam. Não se pode enfocar este domínio da procriação unicamente por uma questão de método. E no entanto, é o que freqüentemente se faz. Se se enxerga a dimensão moral apenas em termos de “permitido x proibido”, então a questão se torna primordial. E a posição da Igreja é traduzida em

termos também simplistas: só o “método natural” é permitido, todos os outros são condenados.

Muitas equipes italianas, notadamente, insurgem-se contra a tendência a reduzir as questões morais à contracepção ou mesmo à escolha dos métodos.

*Apesar de tudo, é preciso sempre lembrar que o problema dos métodos contraceptivos, se bem que importante, não representa toda a sexualidade, nem toda a vida do casal, nem toda a vida. (It)*

A moral deve estar atenta ao valor do encontro sexual que é um ato humano importante. Ora:

*Este valor ultrapassa em muito uma questão de contracepção, pois trata-se de uma doação completa e de uma profunda aceitação. A escolha dos métodos torna-se importante quando, em consciência, o casal decide não ter mais filhos. (It)*

*O importante não é o método em si, mas o comportamento dos esposos perante a própria vida e a vida de seus filhos; a escolha do método é uma consequência. Os casais estéreis não têm este problema, então por que devem os outros ser penalizados e enfrentar longos períodos de abstinência? (It)*

As equipes espanholas dizem mais ou menos o mesmo.

*O que é realmente importante é a decisão de aceitar ou não os filhos num determinado momento e não o método escolhido desde o início por uma união que procura evitar a concepção. Poder-se-ia considerar até hipócrita manter um ato sexual “aberto à vida”, no mesmo momento em que se toma todas as precauções “naturais” para que ele seja “fechado”. (E)*

*É o próprio tema do controle da natalidade que é de difícil compreensão para nossas consciências cristãs, porque cada casal vive circunstâncias diferentes, que nem sempre são adaptáveis às normas da Igreja. (E)*

## **2. Os “métodos naturais”**

Estamos aqui no centro do problema - ao menos para a maioria dos casais - e no centro da discussão. Quando se fala de “métodos naturais” todo mundo sabe de que se trata na prática: limitar as relações sexuais aos períodos em que a mulher está infecunda; respeita-se assim o ciclo desejado pela natureza e não se recorre a processos “artificiais”. Isto parece claro. O problema consiste então, para os que desejam evitar uma concepção - por razões válidas, bem entendido - em saber determinar as datas do período de infecundidade.

Através de numerosas respostas, sente-se que há uma incerteza e uma certa ambigüidade na relação que se deve estabelecer entre os métodos ditos “naturais” e a “lei natural”. Assinalemos que este Projeto foi estudado antes dos últimos documentos pontifícios e notadamente da *Veritatis Splendor*, no qual o Papa sentiu a necessidade de lembrar o sentido e o papel da “lei natural”. Uma equipe italiana coloca a questão com clareza:

*O métodos naturais referem-se à lei natural. Segundo a Igreja a lei natural é que a ovulação se produza num momento preciso do ciclo. Lei*

*natural ou lei biológica? Não se deve rejeitar a priori a idéia de aprofundar esta questão. Se o estudo concluir pela lei biológica, a intervenção do homem é possível. Se tratar-se de lei natural, ela procede então de Deus e exige por parte do homem um profundo respeito. (It)*

Verifica-se, portanto, neste como em outros pontos, aliás, que a reflexão das equipes requer um certo número de esclarecimentos teológicos. Enquanto isso, uma leitura atenta de *Veritatis Splendor* seria muito útil.

## 2.1 Esses métodos são mesmo “naturais”?

Isto parece claro, dizíamos mais acima. Mas não para todos.

Muitos demonstram que esses métodos que se dizem “naturais” vão, em realidade, contra o “desejo da natureza”, já que proibem as relações no momento em que a mulher está - naturalmente - mais disposta e mais levada pelo desejo. Alguns chegam a falar de métodos “contra a natureza” por causa disso. Assim, esta referência à natureza nem sempre é bem compreendida. Até onde deve-se ir na linha deste respeito?

*Não terá o homem justamente a missão de continuar e aperfeiçoar a criação? Se nada devesse ser tocado na natureza, ainda estaríamos em Cro-Magnon<sup>13</sup>... Parece que podemos recorrer à medicina para restabelecer uma fecundidade deficiente, mas não para limitar uma fecundidade transbordante. É difícil entender... (F)*

*O que há de natural em medir a temperatura?... A pílula contraceptiva não modifica mais a ordem natural do que os antibióticos. Por que seriam bons estes e não aquela? (F)*

Cita-se com frequência a seguinte referência:

*Então o míope deveria deixar de usar óculos?*

Não se sabe bem onde se deve parar:

*O implante de órgãos é natural?*

*Será necessário erigir o sofrimento em valor supremo? Deve-se recusar cuidar de doentes?*

E há argumentos como este:

*O Magistério foi obrigado a rever um conceito de lei natural que se tornou ridículo ou obsoleto: a vacinação condenada pelo Papado no século XIX.*

Reconhece-se também que houve progresso. Houve um tempo em que alguns padres condenavam o método Ogino: é proibido consultar a folhinha! De lá para cá, houve o método das temperaturas, taxado de “pré-histórico” por alguns; e agora, existe

---

<sup>13</sup> Local da França onde foram encontradas grutas outrora habitadas por homens pré-históricos. (N.T.)

o método Billings, “que deve ser ensinado nos cursos de noivos: depois de três ou quatro filhos, é tarde demais!” Assinala-se também um novo método utilizado na Alemanha desde 1991, o método de cristalização da saliva nos períodos fecundos.

Estes métodos naturais aparecem por vezes marcados por uma certa hipocrisia, como já foi assinalado, pois usam de artifícios em relação à abertura para a vida. Há algo nisso que muitas pessoas não compreendem bem!

*A atitude da Igreja deixa muitas dúvidas no aconselhamento do ato sexual só para a procriação, e ao mesmo tempo permite o ato sexual através do método natural também para a não procriação. (Br)*

*A Igreja quer nos lembrar que a sexualidade não pode ser dissociada do dom da vida. Ela quer também nos lembrar que somos imagem de Deus e portanto, que nossos corpos devem ser tratados com um profundo respeito.*

*Se levarmos o argumento um pouco mais longe, podemos perguntar-nos por que os métodos naturais são autorizados, já que eles também são recusa ou programação da vida (“sede como as aves do céu...”). (F)*

E uma equipe conclui, dizendo que “no atual estágio do saber e das técnicas biológicas, os métodos naturais não são, para nós, fonte de grandeza espiritual”. Para outra equipe, é um erro oferecer apenas um método que se diz “natural”. É um risco para a credibilidade dos cristãos e da Igreja de associar automaticamente os outros métodos à idéia de pecado.

Uma palavra aqui sobre o caso Billings. Parece ser atualmente o método “na moda”. Há alguma divisão a respeito, nas equipes. Alguns, por exemplo, dizem:

*Neste tema, onde os métodos naturais de regulação da natalidade têm um lugar de destaque, estranhamos não ter encontrado nenhuma menção ao método Billings. Este meio de observação simples e seguro do ciclo feminino, pelo controle quotidiano do muco cervical ao nível da vulva, parece-nos tão libertador na vida do casal, que teria merecido obter um amplo espaço em nossas reflexões ou até mesmo ser colocado em destaque. (F)*

Em contrapartida, encontra-se também o seguinte, num testemunho:

*Este tema é apaixonante, pois finalmente um grande número de casais vão poder dizer o que pensam. Conosco, foi tudo bem: a equipe sendo homogênea, pudemos abordar tudo a fundo.*

*Queremos, todavia, evitar um tropeço para as Equipes de Nossa Senhora: pelo amor de Deus, não coloquem um “rótulo Billings” nas Equipes. Depois de Ogino, serão incontáveis os “bebês Billings”. Se chegarem a nascer, será ainda um mal menor; mas vamos precaver-nos contra lições muito partidárias nesta matéria, que aconselham um método não confiável a casais que, depois, poderão não aceitar o bebê! Mas este não é o problema mais grave (a não ser que haja um aborto-Billings). O que deve haver, é uma informação do tipo: “Existem vários métodos, este é um, com todos os riscos que comporta”. Cabe aos médicos, mais do que às Equipes, divulgar este tipo de informação. No mínimo, as Equipes devem limitar-se a ser muito lacônicas. O gênero*

*“comício publicitário” sobre o método Billings não deve, em nenhuma hipótese, levar o rótulo “Equipes de Nossa Senhora”. (F)*

## **2.2 Os métodos naturais são bons mas...**

Há um certo número de casais muito convictos do valor e da importância destes métodos ditos naturais, para a vida conjugal. E pedem que sejam recomendados a todos.

*O vínculo entre comunhão carnal e fecundidade é estreito. Ele segue a natureza e, portanto, a lei cristã... Os filhos, nós os quisemos. Recorremos aos métodos naturais para espaçar os nascimentos e por razões de saúde. De nossa vivência, concluímos que estes métodos tornam o casal responsável e o ajudam a crescer no verdadeiro amor. (It)*

*Até o nascimento de nosso segundo filho, não houve problemas. Depois, examinamos os diversos métodos. Após alguns altos e baixos, tivemos o desejo de ter outro filho e S. nasceu. Imediatamente após, fomos fazer um curso sobre métodos naturais (“método sinto-térmico”). Constatamos que este método nos trouxe três coisas importantes:*

- a. Reencontrar uma consciência pessoal segura e tranqüila,*
- b. Encontrar os meios para conhecermo-nos melhor e para amarmo-nos fora do ato sexual,*
- c. Satisfazer plenamente nossa sexualidade. (It)*

Alguns querem relacionar a prática destes métodos - com tudo o que implicam em termos de esforço e de generosidade - com a caminhada do casal para a santidade. Porque estes métodos levam a viver em plenitude um relacionamento de casal, no qual a busca dos valores do outro é vivificada: deve-se conseguir conhecer seus ritmos, os sinais, os anseios, a linguagem natural e silenciosa dos corpos. Diz-se que estes métodos ajudam no diálogo do casal, através de uma educação para a espera, para o respeito dos momentos, para a valorização da personalidade própria. Mas reconhece-se que há uma dificuldade:

*Não é tanto o período de continência, que se torna necessário (a continência tem seu valor), mas o fato que o desejo sexual é mais forte nos períodos de fecundidade, justamente quando se deve renunciar a um encontro completo; como consequência, sentimo-nos “convidados a aproveitar” os dias não fecundos, para manter relações que nem sempre desejamos... (It)*

Se considerarmos este segundo aspecto, o juízo torna-se menos positivo, pois estes métodos suprimem quase inteiramente a espontaneidade e a gratuidade da expressão sexual. Para alguns casais, existe nisso uma incompatibilidade:

*A abstenção durante os dias fecundos, somada aos períodos em que estamos longe um do outro ou ocupados demais, etc., tudo isso destrói uma vida sexual de casal entendida como vida sexual humana e não como a simples satisfação de uma necessidade física. (It)*

Para alguns, há claramente um lado bom e um lado menos bom:

*Nossa experiência, baseada na escolha dos métodos naturais, é, sob certos aspectos, positiva (respeito aos valores e às exigências do*

*cônjuge); sob outros, é negativa e comporta grandes sofrimentos. De vez em quando, parecia até uma escolha desumana, por cercear com rigor as possibilidades de um diálogo que poderia ter chegado à plenitude da união através do ato sexual. (It)*

A **continência**, que se torna obrigatória em determinados períodos, pode ter efeitos positivos e até mesmo um papel importante na vida amorosa do casal. Deve ser aceita e vivida (por ambos os cônjuges) como um meio para desenvolver certos aspectos do amor que talvez sejam por demais negligenciados: uma certa forma de respeito pelo outro, mas também os gestos simples que têm tanta importância.

*A continência tem valor pelo respeito, pela aceitação da realidade do outro; pressupõe um controle sobre nossos instintos. Poderíamos dizer que é um verdadeiro ato de amor, à condição de ser aceita por ambos. (E)*

*Fizemos a experiência de aceitar a continência em muitas ocasiões; bem compreendida, ela pode mesmo aumentar o amor no casal, desde que aceita de comum acordo. (E)*

Acrescentemos, simplesmente, um testemunho italiano:

*A continência no casamento é um convite para caminhar na fidelidade em direção a uma opção; um convite para educarmos o controle sobre nossos instintos e uma forma correta e moderada para expressá-los, como também um meio de valorizar os demais aspectos que ajudam o crescimento do casal. A continência, o respeito dos ritmos permite-nos aprender a esperar, vivenciando o diálogo dos corpos com gestos que marcam nossa diversidade, que buscam a ternura, a confiança, a proteção; são gestos que comunicam o amor, o caráter, a vontade de cada pessoa. Trata-se, certamente, de uma receita enriquecedora para a vida do casal. (It)*

Um bom número de equipes, porém, insurge-se contra a idéia de que a continência periódica possa ser utilizada como um meio de combater a rotina na vida sexual. Deve-se combater essa rotina por meio da criatividade, da vontade de encontrar-se com maior liberdade, enquanto a continência suportada com resignação e sem um valor real é um perigoso recuo no relacionamento do casal.

Deve-se evitar transformá-la em obrigação ou em negação da vida sexual, mas, ao contrário, fazer dela um meio para evitar a submissão a um instinto do momento, um meio para adquirir o domínio de si e servir à unidade íntima dos cônjuges.

Este, portanto, é um “trunfo” dos métodos naturais: é preciso saber olhar as coisas também pelo seu lado bom. A continência necessária pode ser uma ocasião para se cultivar mais particularmente a ternura, na qual talvez não se pensa o bastante. Um casal alemão nos enviou um singelo e belo testemunho que parece-nos ter seu lugar neste ponto.

*O que mais falta nos faz, em casal e com nossos filhos, é uma grande ternura. A ternura é algo mais do que encontrar o outro, aceitá-lo como ele é, procurar compreender-se mutuamente. É o abraço amoroso, que leva o parceiro a sentir a proximidade corporal, o “calor do ninho” por meio dos gestos e do diálogo, para sentirmo-nos felizes juntos, como nos*

*sentíamos no começo do nosso amor, quando escrevíamos longas cartas um para o outro...*

*Com frequência demais, na vida cotidiana, esquecemos ou negligenciamos o aprofundamento da ternura dia após dia, para manter a vida do casal no frescor que transforma seu ambiente de vida, assim como a água pura transforma o ambiente de vida da truta.*

*Na vida profissional, acostumamo-nos a ser concretos, responsáveis e ao mesmo tempo gentis. Mas isto não é suficiente para a vida do casal e da família. Todos os nossos pensamentos e ações devem estar impregnados de uma ternura maior. Assim também o nosso diálogo de casal com Deus. A ternura é uma maneira de viver que se constrói desde a infância, entre pais e filhos. Deve ser vivenciada de forma diferente conforme a idade e as condições da existência; deve ser exercitada e desenvolvida sem cessar, sob o risco de desaparecer.*

*No Antigo Testamento (no Cântico dos Cânticos), no Novo Testamento (a samaritana, o filho pródigo), vemos a amizade, a ternura de Deus. Toda a vida de Jesus foi cheia do desejo de reconciliação e do sentimento de ternura para com todos os homens, que considerava como irmãos e irmãs. Bem aventurados os mansos! diz o Sermão da Montanha. Oferecer-se, mutuamente, mais ternura, abre o coração e torna o diálogo mais fácil no casal, com os filhos, na equipe, com todos. Tenhamos, portanto, a coragem de uma ternura maior, para dar e receber... (D).*

### **2.3 Mas serão eficazes? Serão praticáveis?**

Já foi colocada a diferença de opiniões a respeito do método Billings, que atualmente parece ser considerado o mais seguro. Já se falou das reservas quanto à sua eficácia. Fala-se hoje dos “nenês Billings” como se falava outrora dos “nenês Ogino”. Em quem acreditar?

Os adeptos dos métodos naturais afirmam que estes somente são ineficazes quando mal utilizados. Outros asseguram que mesmo quando são bem conhecidos e corretamente praticados, há possibilidades de falhas que podem ser trágicas.

*Os métodos naturais não são 100% eficazes. Nós os conhecemos bem e achamos difícil praticá-los.*

E alguns fazem um juízo mais categórico:

*Se os métodos naturais fossem garantidos, ninguém usaria os métodos artificiais.*

Seria talvez bom explicitar que as “falhas” não são necessariamente consideradas catastróficas. Só um exemplo:

*Nosso casal procurou conformar-se ao ideal que era proposto pela Igreja, uns 35 anos atrás e que não era então contestado: a continência periódica... que era mais do que periódica! Nós a aceitávamos como um objetivo de domínio do sexo, que parecia conforme à “santidade do matrimônio”. Nem sempre isto foi fácil de praticar, sobretudo, no nosso casal, para a esposa. E, naturalmente, tivemos que acolher um filho suplementar! Mas ele nos encheu de alegrias!*

Alguns dizem simplesmente:

*... as regras propostas são possíveis, mas não são realistas, especialmente no que diz respeito à espontaneidade do encontro.*

Não há garantia, diz-se, e o uso é difícil. Os casais têm dificuldades para pôr em prática os métodos propostos pela Igreja: é o refrão que volta. E não é uma simples questão de vontade, de autodomínio. Falta com frequência a convicção; “eles são obsoletos, pouco seguros, e até mesmo anti-naturais”, dizem. Existe dificuldade na própria prática. Um casal que trabalha na Pastoral da Criança insiste: é muito difícil ensinar os métodos naturais às pessoas simples; elas têm dificuldade em entender.

Em suma, diz-se que o método “não é algo de acessório”, e que muitos casais, em determinados momentos, não estão satisfeitos com a opção que fizeram, qualquer que seja!

*Os que escolhem os métodos naturais têm muita dificuldade em segui-los e perguntam-se se não haveria muita hipocrisia nesta escolha; ... os outros sentem-se forçosamente um pouco culpados por sua escolha...*

Renunciar à contracepção revela uma atitude, ou pelo menos uma busca. Mas, acrescenta-se, não é razoável idealizar esta atitude e querer classificar os casais em função de sua escolha. Não é isto que revela a vivência real dos casais:

*... os métodos naturais podem levar a comportamentos que se situam nos pólos opostos àqueles que são realmente procurados. Será que, neste caso, há progresso em relação aos casais que escolhem a contracepção? Em contrapartida, o fato de optar pela contracepção não é, em si, revelador de uma atitude, mas um fechar-se momentâneo ao dom da vida. Seria diferente, no caso de uma outra escolha?*

Vamos tentar sintetizar, tomando como referencial uma equipe francesa.

A regulação da natalidade por métodos naturais é exigente e deve ser rigorosa. É importante perceber a diferença entre métodos. O método Ogino não tem validade. O método Billings não convence. O método das temperaturas, dito “amplo” (relação possível durante os dez primeiros dias do ciclo) é ineficaz. O método das temperaturas dito “estrito” (relação apenas após o terceiro dia do patamar) traz a mesma segurança que a contracepção oral que também tem as suas limitações (pílulas micro-dosadas).

Os métodos naturais têm a vantagem de impor o respeito pela esposa, mas o grande inconveniente de deixar apenas um curto período para as relações, somente alguns dias no final do ciclo menstrual, quando a mulher está muito menos disponível fisicamente para essas relações. Ao contrário, a contracepção artificial é menos exigente, mas pode dar margem a uma verdadeira escravidão da esposa em relação ao marido. As perturbações da libido são igualmente possíveis.

Um breve testemunho nos parece descrever bem a situação de muitos casais das equipes, que se reconhecerão facilmente:

*Estamos numa caminhada. Em cada etapa da vida, em função de muitos elementos, a situação muda. Hoje, sentimos uma dificuldade crescente em realizar a continência proposta pela Igreja. Devemos confessar que*

*não desejamos mais (lamentavelmente) a chegada de um novo membro na família. Logo, devemos ser muito mais “prudentes”, o que acaba por nos criar grandes dificuldades.*

*Evidentemente, isto nos leva a refletir um pouco mais, juntos. Está nos parecendo difícil viver esta continência a cada dia e de encontrar outras maneiras de expressar nosso amor. Ainda sentimos a necessidade de nos unirmos totalmente. Em nossa opinião, as restrições que a vida faz na nossa idade vêm reforçar ainda mais essas dificuldades:*

*- falta de tempo: quando se é jovem, há mais tempo para os encontros;  
- em nossa idade, as responsabilidades que temos, nosso trabalho, a necessidade de estarmos disponíveis para nossos filhos, tornam a nossa disponibilidade um para o outro, muito mais difícil.*

*Em conclusão, vivemos uma longa etapa de nossa vida sem recorrer à contracepção. Hoje, a etapa que iniciamos parece-nos muito difícil de ser vivida sem este auxílio, mesmo que esta não seja considerada como uma panacéia e mesmo que percebamos as suas limitações... mas a continência também tem as suas limitações. É preciso ter a coragem de reconhecê-lo. A continência imposta ao cônjuge pode, às vezes, fazer da infidelidade uma tentação... Não é o nosso caso, felizmente, mas ela pode nos levar a verdadeiras frustrações. Pode também levar a verdadeiras obsessões... (F)*

### **3. Os demais métodos**

O aborto está evidentemente fora de cogitação; é rejeitado e condenado. Embora, por vezes, como já se disse, subsista uma certa ambigüidade e que possa ocorrer uma escorregada dos métodos contraceptivos para os métodos abortivos. Mas, conscientemente, está bem claro que ninguém aceita a perspectiva do aborto.

A alternativa, portanto, é a dos métodos não-naturais, ou seja, a contracepção. Acompanha-se, em geral, a distinção clássica entre os tipos:

- métodos químicos (que impedem a ovulação)
- métodos mecânicos que impedem a nidificação do óvulo (como o DIU),
- os outros métodos “radicais”: vasectomia, laqueadura...

Não será inútil lembrar aqui que o obstáculo posto à nidificação de um óvulo fecundado não pode mais ser considerado como simples contracepção...

Como se sabe, apenas os métodos naturais são autorizados pela hierarquia, que, em contrapartida, rejeita o conjunto dos métodos contraceptivos. Eis porque, no parágrafo seguinte, nos referiremos a estes últimos, ao falar das relações com o Magistério e a consciência. Contentemo-nos, neste ponto, de citar algumas tomadas de posição. Numerosos casais, como se verá, utilizam sem complexos estes diversos métodos, mas pode-se constatar algumas críticas severas.

*A pílula é um massacre para as mulheres...*

*A pílula tem por objetivo bloquear uma função natural. Será que conviria, se fosse possível, bloquear o fígado para poder deglutir a*

*maior quantidade possível de chocolate, para um maior desabrochamento?*

*Os inconvenientes dos métodos não-naturais começam a ser bem conhecidos: por exemplo, com a pílula, absorve-se cinco vezes mais hormônios do que ao se comer vitela com hormônios.*

E a respeito do DIU, uma esposa dá testemunho de ter ficado bloqueada em todas as suas relações enquanto o usava, de tanto pensar apenas nessa vida que ela talvez estivesse impedindo de se desenvolver.

Um casal com 19 anos de casamento e 4 filhos procurou situar o problema destes diversos métodos de forma bastante exemplar, inclusive quanto ao sentido muito amplo que se dá à palavra “contracepção”, estendida aos métodos abortivos. Resumiremos aqui este testemunho, citando textualmente alguns trechos.

Deve-se abordar os problemas da fecundidade desde o início e revê-los regularmente durante todo o período de fecundidade potencial, informando-se corretamente e recusando a imposição de tal ou qual método pelo médico, por exemplo, por ser mais cômodo. Há três exigências: respeito à vida que começa, mas também respeito pela pessoa humana, respeito pelo equilíbrio do casal, particularmente em relação aos filhos existentes e aos que ainda virão.

O que importa mais é a intenção: por que recusar o filho, por quanto tempo? Não se pode julgar de fora. É o próprio casal que pode melhor avaliar.

Quanto à escolha do método,

*achamos que a Igreja deveria talvez limitar-se a indicar que nenhuma vida que começa deve ser destruída.*

*Em seguida, poderíamos classificar os métodos contraceptivos assim:*

*- meios mecânicos ou químicos que visam impedir o encontro do óvulo e do espermatozóide, o que ocorre de forma natural na mulher nos períodos infecundos, depois da menopausa, mas também com a camisinha, o diafragma, a pílula...*

*- o meios abortivos que visam impedir a nidificação do óvulo, como o DIU ou os medicamentos que provocam um aborto precoce,*

*- os meios mecânicos que esterilizam definitivamente e que portanto não respeitam a integridade da pessoa.*

A escolha de um método pode variar conforme os períodos da vida e nem sempre exige o mesmo esforço. Por exemplo,

*a pílula pode ser “vivenciada” como um verdadeiro alívio após um parto difícil; ela pode ser percebida por outras mulheres como uma disponibilidade contínua para com seus maridos. A continência periódica pode ser impossível em razão das condições de vida do casal ou excessivamente forçado para o homem - e também para a mulher - pelo fato da relação sexual não ser vivida da mesma forma nas diferentes fases do ciclo. A associação do método das temperaturas e de um meio mecânico como a camisinha ou a pílula poderá então ser uma boa solução.*

Esta escolha deve ser reavaliada regularmente à luz das exigências já mencionadas e da doutrina da Igreja, mas esta última deveria ser uma “*linha de diretriz*” a ser adequada a cada caso, no discernimento e na oração. (F)

Quisemos citar esta participação de uma equipe, por nos parecer muito típica do que pensa um grande número de equipes... A confusão entre métodos contraceptivos e métodos abortivos não é tão generalizada, mas utiliza-se com bastante facilidade diversos métodos sem grandes complexos.

## **C - Perante o Magistério e perante a consciência**

Pode-se dizer que há, para o conjunto das equipes, dois pontos de referência nesta questão moral: o ensinamento do Magistério e a consciência pessoal. E nem sempre se sabe muito bem conciliá-los; em caso de “conflito”, não se sabe bem ao qual dar preferência. Também neste ponto, o trabalho de reflexão das equipes mostra bem a necessidade de clarificar determinadas noções e determinadas regras.

Para uma clareza um pouco maior na síntese das respostas, procederemos em duas etapas. Falaremos primeiro da atitude diante das posições do Magistério, tanto em termos do próprio princípio de uma intervenção da Igreja neste campo quanto a respeito das posições por ela assumidas, para em seguida falar do julgamento da consciência pessoal.

### **1. Perante as posições do Magistério**

Como era de se esperar, as atitudes dos casais nem sempre refletem uma perfeita serenidade. São freqüentemente apaixonadas ou passionais. Ademais, os posicionamentos podem ser complexos e matizados. Assim, determinado casal poderá ter grande admiração pelo ensinamento do Magistério, mas admitirá alguns “quebra-galhos” para resolver determinada situação.

Procuramos dividir as opiniões em três categorias:

- os que sustentam claramente as posições do Magistério;
- os que se lhes opõem;
- todos os demais, que têm uma reação mais matizada.

#### **1.1 A favor das posições do Magistério.**

A Igreja, quando intervém nestas questões, está bem no seu papel e desempenha uma função indispensável. É uma função que ela exerce em relação a seus filhos, mas também em relação ao mundo. Diz-se que ela é um **farol**; ela é **profética**.

Na verdade, as afirmações incondicionais são feitas por uma minoria: entre os de língua francesa, pode-se estimá-la em menos de 10%. Estes dizem, por exemplo:

*A Igreja é nossa mãe, ela só pode querer nosso bem...*

*A Igreja é perita no conhecimento do homem; é mestra em humanidade.*

*A Igreja não é rígida demais; o homem precisa de balizas e de exigência. Ela estabelece um nível bem elevado, mas não se trata de rigidez. Ela fala uma linguagem de amor; ela quer preservar o amor, o procriação, o respeito pelo outro.*

*A Igreja deve dar regras em termos absolutos; ela é, de certa forma, a “guardiã contra as loucuras”.<sup>14</sup> É possível que não consigamos respeitar todas as regras, mas sabemos que este é o objetivo a atingir. A Igreja nos propõe um caminho difícil, mas se aceitarmos segui-lo, oferece-nos uma felicidade maior.*

*Sem dúvida, é difícil seguir o Magistério ao pé da letra, mas é um farol. A Igreja aparece-nos como um farol erigido em alto mar, para iluminar-nos e guiar nossas consciências na busca do que é bom para o homem.*

Há também fórmulas com imagens:

*A Igreja é profética, apesar de não ser um sucesso de mídia.*

*Humanae Vitae é a estrela-guia e sua leitura é enriquecedora.*

*A doutrina da Igreja é a faixa amarela contínua no meio da estrada.*

O caráter “absoluto” ou “intransigente” das posições do Magistério encontra defensores em todo lugar.

*Estamos convencidos de que o Magistério tem o dever de fornecer regras que não distorçam os ciclos naturais da vida, inclusive porque entendemos que o uso de contraceptivos químicos ou artificiais é realmente nocivo à saúde física e psíquica do casal... (It)*

*Em matéria de fecundidade, não se pode colocar acima do dom da vida exigências como as de uma vida mais folgada, da carreira ou do êxito, a incerteza do amanhã ou a excessiva preocupação pelo futuro dos filhos. A voz da Igreja é a única, na nossa sociedade rica e cada vez mais egoísta, que afirma isto com força. (It)*

*A Igreja deve ser portadora de princípios, sem o que faltaria a uma de suas funções fundamentais. Em nosso mundo por demais permissivo, é importante mostrar que a Igreja não impõe proibições, mas quer realizar a promoção humana de todos e do casal, em particular. (It)*

*As regras que o Papa nos oferece nos dão um sentido maior de conversão. Sabemos que as regras apresentadas não são intoleráveis e os métodos naturais nos possibilitam exercer melhor a sexualidade. (Br)*

No seio deste concerto de aprovações, encontram-se alguns semitons. Adere-se com firmeza aos princípios, mas na prática deve-se aceitar uma certa flexibilidade.

---

<sup>14</sup> No texto francês, “garde-fou”, que significa também peitoril, balaustrada (N.T.)

Assim, os que falavam de um caminho difícil, mas que leva a uma grande felicidade, acrescentam um pouco mais adiante:

*Num período determinado, se um casal não pode dar acolhida à vida, um meio de contracepção “não-autorizado” pode ser indispensável para contornar a situação.*

Ou ainda:

*A Humanae Vitae só pode ser rígida, como o Código de Trânsito ou o Código Penal... mas deve haver regras para sua utilização; o conselheiro ou o confessor estão aí para apaziguar os escrúpulos! (F)*

E quando se faz tudo o que se pode, mesmo que não se chegue a uma prática perfeita, sabe-se que se pode contar com a misericórdia divina:

*É sobretudo na Humanae Vitae, na Gaudium et Spes e na Familiaris Consortio que encontramos o pensamento da Igreja sobre o controle da natalidade. Nós o entendemos e o absorvemos com o coração, porque estamos convencidos de que o casal poderá sempre contar com o veredicto de um Deus misericordioso, disposto a ouvir e abençoar as decisões do casal, quando são fruto do amor e não do egoísmo. (E)*

## **2.1 Objeções às posições do Magistério.**

Alguns pensam que a Igreja não tem nada que intervir para impor regras. Aqui também, trata-se de uma pequena minoria. Entre os mais radicais, encontra-se posições muito duras. Um simples exemplo:

*Parece-nos muito chocante que o ensinamento da Igreja seja formulado por homens que vivem no celibato e não vivenciam diretamente a experiência do matrimônio. (D)*

A maioria, sem questionar a função do Magistério nestas matérias, ataca, de forma mais precisa, suas diretrizes. Procuramos classificar as diversas considerações, começando pelas mais genéricas...

1.2.1. *A Igreja é dura demais.* É pouco realista, pouco compreensiva. Esta é, de longe, a queixa mais freqüente.

*Não entendemos a rigidez moral da Igreja: sua maneira de orientar os casais em seu comportamento íntimo, mais os separa do que aproxima de Deus. (E)*

*Pensamos que a atitude da hierarquia é dura demais, porque não tem um fundamento claramente bíblico. Não se fala de nada disto, nem no Antigo nem no Novo Testamento. Baseia-se na interpretação da lei natural e não negamos a sua autoridade para fazer esta interpretação; mas é uma lei natural entendida de maneira exclusivamente biológica, muito imobilista e muito inamovível. (E)*

*Colocar automaticamente frente a frente os métodos naturais e o “pecado” é um risco para a credibilidade dos cristãos e da Igreja, que*

*se transforma em catástrofe quando se associa contracepção e aborto. Pensamos que a posição da Igreja não é “severa”, porém errada, porque nega os conhecimentos adquiridos pela ciência. (D)*

E a mesma equipe alemã acrescenta logo em seguida:

*Isto não nos impede de continuarmos a pertencer à Igreja: nós também somos Igreja.*

Por vezes, a queixa é feita com grande humildade:

*Cremos, sincera e humildemente, que a atitude da Igreja, ou pelo menos de seu alto Magistério, é dura e fere muito. Alguns grandes teólogos pensam como nós. (E)*

Alguns, como já observamos de passagem, opõem a atitude dura da Igreja em matéria de moral sexual à sua flexibilidade ou indiferença em relação a outros problemas (demográficos, econômicos, sociais), que julgam mais graves. Porque, dizem, a Igreja superestima os problemas da sexualidade. Deveria considerar prioritários os problemas de justiça e de direitos humanos. E perguntam:

*O que diria hoje o Cristo, Palavra de Deus, sobre a regulação da natalidade e a paternidade responsável, para nós, para sua Igreja, para a explosão demográfica, para os povos do Terceiro Mundo? (D)*

Em alguns casos, acusa-se uma certa rigidez “romana”, que apela para a obediência em vez de confiar no “*sensus fidei*” (sentido da fé) dos seus fiéis.

1.2.2. *A posição da Igreja está defasada...* por um lado, em relação a Deus e à fé, por outro lado em relação às situações reais dos casais. Alguns dizem, por exemplo:

*Sentimo-nos interpelados, não em nossa relação com Deus ou com a fé, mas em nosso relacionamento com o Magistério.*

Ou então:

*Com Deus, não há problema; com a Igreja, sim!  
Em matéria de regulação da natalidade, nosso “relacionamento com Deus” sempre foi um “relacionamento com a hierarquia”...*

Deplora-se uma “falta de harmonia total” entre a doutrina da Igreja de um lado e a consciência e as necessidades dos casais de outro. E constata-se que, por um lado, há “sacrifício” das pessoas que obedecem ao pé da letra, e por outro, desobediência dos demais e afastamento.

Há uma enorme distância entre o ensinamento do Magistério e a situação concreta dos casais... E as diferenças nas interpretações dadas pelos teólogos, pelos moralistas, pelos pastores não melhoram em nada as coisas. Daí resulta uma consequência sem dúvida mais frequente do que se pensa:

*Apesar de não utilizarmos os meios indicados pela Igreja, não nos sentimos pecadores.*

1.2.3. *É a condenação da contracepção que “não dá para engolir”!*

E neste ponto, como se adivinha, poderíamos multiplicar sem fim as citações.

Não se compreende a enorme diferença que se estabelece entre os métodos naturais e a contracepção: aqueles são bons, esta é pecado!

*A quase totalidade dos membros da equipe não vê diferença moral entre o uso dos métodos naturais ou artificiais. (E)*

Esta é uma constatação bastante freqüente. Em geral, os argumentos não convencem. E muitos contrapõem a sua própria argumentação. Vamos nos limitar aqui a algumas citações. Lembremos que citamos objetivamente, sem querer corrigir nem julgar.

*Suponhamos que um casal decida, diante de Deus e por motivos válidos, não ter filhos durante um determinado tempo; não percebemos como o recurso a uma técnica mais que a outra (método natural ou outros meios anticoncepcionais) tem qualquer incidência sobre a moralidade do ato. O Evangelho dá uma grande importância às intenções. É aí que está a fonte da moralidade ou da imoralidade do ato. Quando uma ação é moralmente permitida (como a de exercitar uma paternidade responsável e portanto excluir, em determinados casos, a possibilidade de fecundação), não é a questão dos meios que pode desnaturar o ato em si e transformar uma ação moralmente boa em ação má. (It)*

Eis um breve relato da troca de idéias de uma equipe brasileira.

*Na discussão, o assunto contracepção foi considerado “não resolvido” ou pelo menos “mal resolvido” pelo Magistério da Igreja. De um lado, a Gaudium et Spes tinha encaminhado o assunto para a consciência dos casais, que livremente decidiam como exercer a paternidade responsável, a qual, a não ser para os santos, implica em alguma forma de contracepção.*

*De outro lado, a Humanae Vitae voltou ao antigo conceito de “métodos naturais”, criou dúvidas de interpretação às vezes conflitantes com os documentos conciliares e praticamente condenou a contracepção, passando a aceitar apenas a abstinência e o autocontrole como forma de exercer a paternidade responsável. A equipe não nega o valor espiritual destes meios, que podem ser praticados como ascese ou regra de vida, mas num contexto de maturidade cristã e espiritual do casal.*

*Mas a prática da vida conjugal, a necessidade de aproximação dos cônjuges, da solidariedade de um para o outro nos embates da vida, da construção mútua do conhecimento e do amor, não se coaduna com esta visão quase monacal do relacionamento sexual. Por outro lado, parece-nos difícil, ou mesmo impossível, associar com uma situação de pecado (inerente ao entendimento que a Humanae Vitae dá à contracepção) a plenitude humana e espiritual conseguida por um casal de reta consciência, em seu relacionamento sexual, quando exercido dentro de um ambiente de carinho, afeto, disponibilidade, aceitação, entrega, alegria e correspondência e buscando a plenitude física, afetiva e espiritual, aproximando-se, portanto, do plano que Deus concebeu para o homem/mulher... A equipe manifestou preferência pela visão conciliar do assunto. (Br)*

O que não se compreende, mais particularmente, é a referência à natureza como uma norma intangível... Por que a natureza? e qual natureza?

Ressalta-se que a natureza não é um “tabu intocável”. O Criador deu ao homem o poder de completá-la, graças à inteligência e à ciência. A natureza pode e deve ser regulada pela razão humana. Da mesma maneira como se cura doentes, como se elimina os riscos de epidemia, como se remedeia às deformações e às deficiências, assim também pode-se conformar a natureza ao serviço do homem, em termos de relações sexuais.

Ressalta-se também que o uso dos métodos naturais é “profundamente não natural” em determinadas circunstâncias, como o encontro após uma longa ausência, as relações imediatamente após um nascimento... Não se pode impor a escravidão da folhinha ou de prescrições biológicas complicadas.

*Parece-nos que isto vai contra a natureza, pois leva ao risco de afetar a harmonia do casal, criar elementos de discórdia, impedir o desenvolvimento harmônico das relações conjugais. (It)*

Não se compreende tampouco como é permitido evitar nascimentos por meios naturais, quando o mesmo é proibido pelos métodos contraceptivos. Em ambos os casos, existe a mesma vontade de contrariar a fecundidade e, segundo se diz, pouco importa o meio. É o argumento que já encontramos antes.

*Que sentido há em dizer que “a relação conjugal deve permanecer sempre aberta para a vida”, quando se admite como lícito que um casal exclua, em determinado momento, a procriação, e, ao mesmo tempo, permaneça disponível a uma gravidez eventual e não desejada? (It)*

Como se pode notar, os casais dizem freqüentemente: “não compreendemos”, “como se pode dizer?”. Se criticam as regras que o Magistério quer impor, é porque não as compreendem, porque não percebem sua razão de ser, porque lhes parecem até contradizer a realidade que vivem. Daí resulta não somente incompreensão, mas uma “verdadeira ‘incomunicabilidade’ entre a hierarquia e o povo de Deus. A primeira obstina-se nas suas afirmações e suas exigências de absoluta perfeição; o outro permanece surdo...” Seria necessário, dizem, que a Igreja seja menos insensível, menos indiferente às dificuldades concretas dos casais.

Seria o caso de culpar mais a “linguagem” da Igreja, do que propriamente sua doutrina? Alguns assim pensam, mas voltaremos mais adiante a esta questão.

Pensa-se que na situação atual não é possível, nem humano, fazer com que pessoas que lutam diariamente pela sobrevivência compreendam e admitam estas regras. E muitos desejam que a doutrina da Igreja evolua com o tempo. E, referindo-se a Galileo, alguns dizem: queira Deus que isto não leve, também, 350 anos!

#### 1.2.4. *Um clima de angústia e sofrimento.*

Esta doutrina intransigente é causa freqüente de deserção mas, para os que permanecem vinculados à Igreja, pode ser causa de angústia, sofrimento e até desespero.

*Os casais que se crêem obrigados a obedecer ao pé da letra às normas da Igreja sentiam-se oprimidos e se perguntam se esta situação responde bem à vontade de Deus. Outros não entendem que se deva obedecer*

*nestas matérias e julgam que os leigos devem influenciar a Igreja para que mude. (E)*

*É enorme a quantidade de escrúpulos de consciência que temos suportado por causa das posições do Magistério e sempre restam seqüelas em nossa vida. (E)*

*A estrita obediência à doutrina da Igreja (conforme a Humanae Vitae) foi, para os membros de nossa equipe (atualmente todos têm mais de 45 anos), causa de perturbação, de problemas de consciência e, em alguns casos, de afastamento temporário dos sacramentos. Para alguns casais que conhecemos, a aplicação rigorosa dessas normas criou problemas sem solução. (E)*

Alguns dizem simplesmente:

*Não queremos ser transgressores, mas nem tampouco vítimas inúteis.*

E acrescentam:

*É difícil amar um Deus e uma Igreja que não dão serenidade, um Deus e uma Igreja para quem a responsabilidade de um casal que se uniu diante do Senhor não tem valor! (It)*

Deve-se citar neste ponto alguns breves testemunhos precisos. Muitos casais não hesitaram - apesar, como se sabe, de não se tratar aqui de uma “enquête” - em transmitir sua experiência direta, neste capítulo mais que nos outros. Citamos estes textos sem julgá-los, não, evidentemente, para propor modelos a serem seguidos, mas como testemunhos.

*Lembro sempre daquela mulher idosa que, tendo passado sua vida em gestações e educando seus filhos, me dizia: «A Igreja me impôs um fardo que ela não me ajudou a carregar». (F)*

*Foi num retiro de casais que o pregador me recusou a absolvição e me proibiu comungar. No dia seguinte, meu marido, solidário, não me deixou sozinha em meu lugar no momento da comunhão e também não foi. Habitualmente, voltamos do retiro animados, alegres. Esta foi a primeira vez que voltamos desencantados, cétricos, com a impressão de termos perdido tempo. Nem todos os padres tem o mesmo discurso. Penso que a Igreja deve dar linhas de conduta, mas, pelo amor de Deus, que ela deixe seus filhos livres para fazerem o melhor possível na situação em que se encontram, sem condená-los. (F)*

1.2.5. *Vem, então, o afastamento...* Encontra-se soluções do tipo “quebra-galho”! Ou, mais precisamente, uma emancipação da tutela da Igreja:

*A grande maioria dos casais católicos sofreram a influência de excesso de regras sobre o ato sexual, que é natural, transformando-o num ato reprimido. Com o passar do tempo, quando o casal amadurece e perde a ótica castradora da Igreja, é que ele se realiza sexualmente de forma plena. (Br)*

*Durante muito tempo, não tivemos problema: o primeiro filho veio bem depressa, e a segunda, desejada, quando o Bom Deus o julgou bom. Depois disso, resolvemos seguir os métodos naturais, mais por obediência do que por convicção. Fazíamos parte das Equipes de Nossa Senhora havia alguns anos e podemos dizer que nosso terceiro é filho das Equipes e de Ogino-Knaus. Começamos então a refletir sobre a paternidade responsável de que fala a Humanae Vitae e, a partir daí, não ficamos mais com graves problemas de consciência, julgando termos obedecido, com a procriação de três filhos, ao que nos impunham nossas condições físicas, econômicas, psicológicas e sociais. Não termos mais filhos não nos pareceu ser egoísmo. (It)*

#### 1.2.6. Algumas sugestões.

As propostas seguintes foram colhidas entre respostas de diversos países. Resumimos, sem citar textualmente.

Os casais poderiam e deveriam tomar parte ativa na busca de soluções, no respeito pelos valores fundamentais propostos. Dever-se-ia estabelecer um diálogo entre sacerdotes e leigos com o propósito de salvaguardar os princípios gerais, levando em conta, ao mesmo tempo, as situações específicas e pessoais. Na verdade, trata-se de traduzir “pastoralmente” a aplicação dos princípios à problemática concreta e individual e, segundo se diz, para este trabalho de “mediação”, poderia se fazer apelo a confessores e casais que tenham uma experiência suficiente.

Deseja-se também que a Igreja e a ciência, juntas, possam encontrar um caminho menos difícil, que permita aos casais sinceramente cristãos e cheios de boa vontade sentirem-se mais livres e menos culpados, quando procuram viver um amor consagrado por um sacramento.

Conta-se com a ação dos Centros de Preparação para o Matrimônio: é preciso que sejam orientados por pessoas sábias, abertas e bem conscientes de que devem ajudar os jovens a enfrentar a vida conjugal na serenidade, na alegria e confiando no Deus-pai.

Uma equipe italiana, unânime, lança um apelo por uma Igreja mais *materna e menos campeã das regras a serem observadas*. Que esta Igreja, à qual somos felizes de pertencer, se manifeste como uma mãe acolhedora de seus filhos (e não apenas estes, acrescentam), que ela encoraje e saiba reconhecer a retidão do coração e das intenções. Esta sugestão pode ser creditada a muitas equipes.

Concluimos com uma citação literal, também italiana.

*Talvez a Igreja devesse se lembrar de ser Mater antes de ser Magistra, e que todos nos lembrássemos de sermos filhos antes de sermos alunos. Seria um grande passo para frente, se os filhos de boa vontade comessem a buscar um caminho comum, deixando de lado os antagonismos e os interesses particulares de tais ou tais grupos. Torna-se cada vez mais urgente que os leigos casados e o clero caminhem juntos, procurando ouvir-se mutuamente. Este compromisso deve ser constante. É urgente que se chegue a uma unidade dos “juízos morais e pastorais” por parte dos padres, mas também dos leigos engajados na pastoral familiar. (It)*

### 1.3 Opiniões mais matizadas.

A enorme maioria das equipes está neste grupo. Para os de língua francesa, chega-se a 80%. A opinião geral é que há verdadeiramente uma enorme defasagem entre o ensinamento do Magistério e a realidade da acolhida que se lhe dá. A mensagem é mal recebida, a mensagem não passa. Nas trocas de idéias, procurou-se encontrar os motivos.

#### 1.3.1. *Será uma questão de linguagem?*

Muitos dizem: a Igreja é mais desajeitada do que rígida; ela tem razão, mas não se explica ou explica mal. Os documentos oficiais são de difícil leitura, as encíclicas “são reservadas para os intelectuais e os filósofos”... E isto complica e envenena o relacionamento. Diz-se também aqui, que “as relações com a Igreja são mais difíceis do que as relações com Deus”. Algumas citações:

*A Igreja fala uma linguagem muito pouco acessível, parece estar sempre contra todos, sem valorizar os aspectos positivos.*

*Rezemos para que a Igreja se encontre com os homens, para que os homens encontrem a Deus!*

*A Igreja utiliza um vocabulário hermético (“lícito”, “ilícito” etc.). É uma organização pesada, hierarquizada, povoada de gente inteligente demais, que conhece o sentido das palavras. Então, ela atola-se no juridicismo e, onde deveria jorrar o amor, jorram as leis, um pouco como se a Igreja não confiasse nos seus fiéis.*

*Sua mensagem é complexa. É necessário ler textos complicados para ter acesso ao fundo da mensagem. Que só é compreendida por uma elite. Não é compreensível para a multidão dos cristãos não profissionais ou para os não-crentes.*

Mas não se trata simplesmente de uma questão de vocabulário que, segundo se pensa, seria um mal menor, mas de uma forma de pensar, uma mentalidade na qual não se encontra o espírito evangélico. Não se encontra, sobretudo, o aspecto libertador da mensagem do Evangelho.

*Jesus veio libertar os homens dos fardos insuportáveis que a Igreja judaica tinha acrescentado à lei de Deus. Não estará a Igreja católica tomando a mesma atitude neste campo?*

E alguns concluem que “a Igreja deve romper com seu passado jansenista”.

#### 1.3.2. *A Igreja oficial está cortada do mundo.*

Esta é, ao menos, a impressão de muitos casais. Lamenta-se esta ruptura, esta falta de contato e de “vivência” e pergunta-se quais os conselheiros consultados.

*O Magistério vive no ideal e não no concreto.*

*Estará o Vaticano em contato com o mundo, com o progresso científico?*

E quem é consultado quando da redação dos documentos?

*O Magistério deveria consultar gente casada e os responsáveis de outras Igrejas, nas quais os padres são casados (reflexão muito freqüente).*

*A Igreja deveria consultar gente boa como nós... Nada como a prática... Um clérigo falando de sexualidade nos parece tão deslocado quanto um professor de natação que teria feito o voto de jamais entrar numa piscina.*

Por isso, a Igreja deveria levar mais em conta as reflexões daqueles que vivem a própria vida conjugal. Dever-se-ia, por exemplo, estabelecer um colegiado de consultores, com um número igual de casais e de sacerdotes. E o ensino destes assuntos, nos seminários, deveria ser dado por leigos, casais mesmo, e não por clérigos.

### *1.3.3. O papel da Igreja não é o de condenar.*

Evidentemente, as palavras de Jesus é pecadora são lembradas mais de uma vez: «Mulher, onde estão os que te condenavam? V , e não peques mais!». Mas sem por isso se reconhecer pecador...

A Igreja, diz-se com freq ncia, é um guia. Ela deve iluminar, balizar o caminho, pacificar e não condenar, não multiplicar as proibições: “s  o egoísmo é proibido”!

O que conta, é o amor. Logo, deve-se afirmar a primazia da lei de amor. E esta idéia volta como um *leitmotiv*.

*O primeiro referencial deveria ser o amor. O amor e a unidade do casal, não os métodos! O casal precisa tanto de amor quanto de filhos; os filhos vêm como acréscimo.*

*  a salvação do casal que   prioritária; a fidelidade e a duração do casal são mais essenciais do que a maneira de gerir as relações sexuais.*

E há fórmulas pitorescas:

*A primeira igreja é o casal; o casal tem o valor de uma encíclica.*

### *1.3.4. O fosso entre o discurso da Igreja e a prática dos casais.*

A Igreja, segundo se diz, apresenta um ideal. Ela deve fazer compreender que se trata de um ideal para o qual se deve tender e não uma regra que a todos se aplica sob pena de pecado.

Um enunciado como este poderia, sem dúvida, obter a adesão da imensa maioria dos casais nas Equipes. É desta forma que eles vêem e compreendem as coisas. Muitos quiseram dar testemunhos de sua própria vivência, o que não se pedia no Projeto, que não queria imiscuir-se na prática íntima dos casais. Se assim fizeram é porque, ao que parece, eles queriam demonstrar de forma muito concreta que o caráter absoluto das regras impostas, e notadamente a condenação de todas as formas de contracepção, não   praticável. E, pelos fatos,   necessário reconhecer que ela é pouco praticada, apenas por uma minoria.

Foram citados acima os testemunhos dos que observam os métodos “naturais” e que estão satisfeitos com isso. O conjunto das respostas nos mostra, com toda evidência, que se trata de uma minoria. Um Responsável Regional fez questão de observar: “Sentimo-nos questionados pelo número de casais das Equipes que utilizam a contracepção não natural sem, aparentemente, o menor problema de consciência”...

E no meio da minoria “fiel e observante”, nem sempre reina a alegria... conforme o testemunho de certos casais mais idosos:

*Os casais antigos se sentiram trancados no ensinamento da Igreja, que não favoreceu o desabrochar do amor.*

*Um de nós exclamou: Durante toda a nossa vida praticamos o método das temperaturas. Esta vivência não nos fez desabrochar. Estou cheio de amargura em relação ao passado. Invejo os jovens que estão livres das angústias inúteis. Mas agora, tudo isso está terminado. Bendita menopausa!*

Segundo o grande número de testemunhos diretos, podemos estimar que a maioria tentou, começou pela prática dos métodos naturais e depois desistiu.

*A maioria de nós praticou os métodos naturais, que têm a grande vantagem de aproximar os esposos, de forçá-los a construir juntos a sua regulação da natalidade. Hoje, já foram abandonados por todos nós, pois não são eficazes. Não temos o sentimento de estar em falta, de rejeitar o plano de amor de Deus.*

*A prática dos métodos naturais muito nos ajudou a nos conhecermos um ao outro, a nos amarmos, a termos uma atitude de escuta e de generosidade, apesar de nem tudo ser sempre fácil. Atualmente, não os praticamos mais...*

*Com três filhos pequenos próximos entre si, optamos por enquanto pela pílula, por não desejarmos ou mesmo não suportarmos no momento a angústia de cada fim de ciclo, a angústia de uma nova gravidez.*

*Não tivéssemos optado pelos métodos não naturais, e teríamos tido quatro filhos em quatro anos. Todavia, achamos que a Igreja pode lembrar-nos os princípios: o corpo não é um brinquedo, a aliança de amor estabelecida entre o homem e Jesus Cristo deve continuar sendo o modelo dos casais.*

Às vezes, a mudança de método torna-se bem radical, porque a saúde da mulher está em perigo e isto é mais importante que tudo. Eis um exemplo muito preciso.

*Desde o início do nosso casamento, havíamos escolhido o método chamado “das temperaturas”. Simbolizava para nós o respeito pelo outro, a aprendizagem da doação e da superação de si mesmo, assim como - e sobretudo - a aceitação do filho ato de amor. Após três gestações que chegaram a bom termo e cinco abortos espontâneos provocados por graves perturbações hormonais, foi necessário considerar um método de contracepção mais confiável, já que a saúde da mãe estava em jogo. Escolhemos então a colocação de um DIU, e nos damos um ao outro com o mesmo amor e o mesmo respeito. A Igreja poderá condenar nossa escolha, mas nós estamos intimamente convencidos de que nosso amor nos ajuda a caminhar pelo caminho de amor que o Cristo nos indica.*

Um médico muito experiente comunica:

*Por mais de dez anos venho constatando que um grande número de casais que se dizem católicos não seguem mais as orientações dadas pela Igreja, e isto, sem nenhum complexo. Ao mesmo tempo, para outros casais, este é um motivo de má consciência e até mesmo, para alguns, de desentendimentos conjugais, o que vai de encontro ao resultado que se procura. (F)*

Eis o testemunho de uma equipe do Brasil, onde, de toda evidência, o problema é agudo:

*Nota-se nos casais grandes dificuldades em aceitar, sem discussão, as orientações da Igreja sobre métodos de controle da natalidade. Alguns abertamente dizem que não concordam com essas orientações, que a Igreja é muito rígida, que os métodos naturais propostos são difíceis de entender e de se pôr em prática. Em alguns casos são até impossíveis de se praticar.*

*Um casal apenas disse que está evitando pelo método natural da continência periódica.*

O fosso que assim se abriu nestas matérias corre o risco de alargar-se ainda mais. É a própria credibilidade da Igreja que pode estar em jogo e muitas equipes estão preocupadas com isto.

*Se a mensagem for mal explicada, há o risco de que pessoas de boa vontade se desviem radicalmente da Igreja.*

*A Igreja prejudica sua autoridade quando condena indistintamente; quando condena justamente, ela não é mais ouvida.*

Há uma inquietação especial pelo impacto sobre os jovens. Pensa-se, notadamente, que para eles, a Igreja deveria poder justificar claramente sua proibição das relações pré-matrimoniais.

*Muitos casais jovens e generosos sentem-se totalmente desamparados diante de uma Igreja rígida que os culpabiliza: é deplorável!*

*Será que por razões de moral, a Igreja não estaria se isolando do mundo dos jovens, assim como, no século passado, ela se isolou do mundo operário?*

Uma sugestão de Portugal:

*É importante que leigos bem formados dêem testemunho de sua experiência neste campo e saibam expor e defender as propostas da Igreja. Seria bom que as razões fundamentais da Igreja para propor estes princípios fossem mais bem explicitadas para serem melhor compreendidas. Todas as equipes deveriam dedicar tempo ao estudo desta temática. Achamos que este estudo e a elaboração das respostas é já uma forma de colaboração.*

## 2. Uma questão de consciência

Quando se fala de “questão de consciência”, corre-se um risco, o da interpretação no sentido de: Então estamos tranquilos, quer dizer que fazemos o que bem entendemos. O que, evidentemente, é falso. Pois em última análise, a consciência é o que há de mais restritivo!

### 2.1 O primado da consciência.

Já dissemos que, para muitos, há um confronto entre dois critérios para o julgamento moral: o Magistério e a consciência, e que facilmente se apresenta estas duas instâncias, como se devessem ser colocadas no mesmo plano. Diz-se, por exemplo: aflige-nos a escolha que devemos fazer entre o ensinamento da Igreja e a nossa consciência. Ou então:

*A questão, para nós, é de saber até onde podemos afastar-nos da “opinião” do Papa ou de uma encíclica como a Humanae Vitae.*

Alguns, entretanto, muito acertadamente, afirmam o papel decisivo da consciência:

*A lei deve ser aplicada segundo a consciência esclarecida pela oração.*

*Deve-se seguir o espírito da Igreja e agir conforme a consciência.*

*Não é o Magistério que determina [o valor moral do ato concreto], mas a consciência de cada um, esclarecida pelo Magistério.*

Mas a afirmação do primado da consciência nem sempre se faz de forma serena. Tem-se a impressão que se trata de uma reivindicação, freqüentemente em tom polêmico. Como se fosse um direito que se deve proclamar e defender.

Na vida concreta quotidiana a situação dos casais apresenta-se segundo as categorias seguintes:

1º) Os que se conformam às prescrições da Igreja.

Seja porque estão convencidos de que sua razão é correta - e com freqüência experimentam nisso um enriquecimento do amor, do casal. São uma minoria.

Seja porque, sem estarem totalmente convencidos, priorizam a obediência, mesmo cega, se necessário for. Estes, freqüentemente se confessam infelizes:

- porque se sentem forçados a uma prática que prejudica sua vida de casal e o seu desabrochar (veja-se os numerosos testemunhos já citados),

- ou porque, em não conseguindo, apesar de sua boa vontade, observar perfeitamente estas regras, eles se sentem culpados, pecadores e têm o sentimento de viver em estado permanente de pecado.

2º) Os que não compreendem e não estão convencidos e que, portanto, julgam em consciência que não se pode condenar automática e absolutamente todas as formas de contracepção em seu próprio caso. Esta parece ser a nítida maioria.

Uns, apesar deste julgamento, e de tão poderosa que é a influência do ensinamento do Magistério, se curvam à prática prescrita e sentem-se divididos ou têm o sentimento de se estarem renegando.

Outros seguem o julgamento de sua consciência. Sublinhamos várias vezes que muitos o fazem sem complexos e sem dor de consciência. Uma vez mais, porém, o domínio sobre os espíritos é tão forte que é difícil enfrentá-lo com uma consciência serena e em paz: sempre resta uma sombra, um peso, um gosto amargo... Eis porque estes gostariam que o Magistério deixasse de pronunciar essa condenação absoluta, em nome da lei natural - já que a coisa não é tão evidente - e que entregasse a liberdade e a responsabilidade aos casais cristãos, crentes e amantes da Igreja, para, em seus próprios casos, julgarem o valor moral dos meios utilizados.

Parece-nos que demos, assim, um retrato fiel desta mentalidade bastante generalizada.

A argumentação típica freqüentemente encontrada é a seguinte.

O que conta, acima de tudo, é a intenção; a questão dos meios é secundária. Se um casal está em condições de poder escolher a limitação da natalidade - não por egoísmo mas por razões válidas - julga-se que poderá utilizar os métodos (naturais ou contraceptivos) que melhor lhe convêm. Não se pode condená-lo: tem reta intenção e motivos legítimos; a escolha dos meios é uma simples questão técnica.

## 2.2 Como formar a consciência?

Dois são os níveis que devem ser considerados: a informação e o correto funcionamento da consciência.

### 2.2.1. *Ter uma consciência bem informada.*

a) Trata-se de ter uma visão clara das noções que intervêm e das realidades em jogo (a lei moral, o livre arbítrio, a obrigação de consciência, a reta intenção... ). Sabemos que este ponto nem sempre está perfeitamente assegurado e que sobretudo os jovens casais que entram nas equipes padecem de uma verdadeira carência de instrução religiosa, mesmo em matérias importantes. Foi por esta razão que o Movimento tem proposto um tempo de preparação, de pré-equipe, quando esta lacuna seria preenchida.

b) Trata-se de estar bem informado a respeito do ensinamento da Igreja. Os “instrumentos” (novo catecismo, encíclicas, discursos, cursos, conferências) nem sempre são de fácil compreensão. Todavia, deve-se fazer o esforço de ir às fontes deste ensinamento e não se contentar com aquilo que se ouve aqui ou ali... É assim que se criam facilmente idéias falsas. Seria um dos papéis do Conselheiro Espiritual de cuidar desta informação. Aliás, isto vem sendo feito.

*Nosso padre, que é um velho amigo, exortou-nos a aprofundar as posições da hierarquia a partir das fontes e não a partir dos meios de comunicação de massa; mas ao mesmo tempo, a continuar, como leigos casados, a estudar a evangelização da sexualidade. Não são os padres, disse-nos ele, que devem ser guias nesta matéria, mas os leigos. Só o perito pode tornar-se mestre. (It)*

c) Trata-se, na verdade, de beber de todas as fontes válidas e, acima de tudo, da Palavra de Deus. Deve-se lê-la, ruminá-la, refletir sobre ela. Esta é uma das excelentes “obrigações” da vida das Equipes.

É citada várias vezes, como principal meio, a trilogia Palavra de Deus - ensinamento do Magistério - meditação. E há também todo o trabalho das reuniões, dos temas. É por isso que alguns pensam:

*Foi nas Equipes de Nossa Senhora que se desenvolveu o conceito do primado da consciência e foi o primeiro lugar onde se deu consistência ao conceito de uma “fecundidade” que toda relação física deve expressar, para além da procriação... (It)*

#### 2.2.2. Formar um juízo correto.

a) Deve-se, em primeiro lugar, aprender a julgar. Aprender, sim: não basta aplicar automaticamente os regulamentos; é preciso saber discernir, ponderar.

*Estamos convencidos de que não precisamos de novas leis ou regulamentos (isto é permitido, isto não); os que já existem trouxeram, com frequência, mais confusão do que luz! Precisamos é de consciências educadas, preparadas, evangelizadas, que sejam capazes de encontrar o caminho a seguir para chegar a um objetivo.*

Eis uma série de conselhos propostos por uma equipe italiana.

*Deve-se formar uma consciência que seja a expressão crítica e sincera da Verdade. Como formar uma tal consciência?*

*Ler a Palavra de Deus e refletir sobre ela.*

*Examinar, sem preconceitos, os fatos e as situações de nossa vida e da vida em torno de nós.*

*Trocar idéias em casal.*

*Trocar idéias com os outros que, como nós, estão em busca da verdade.*

*Refletir sobre os documentos do Magistério e voltar novamente à Palavra de Deus.*

*Escutar o que brota do nosso coração.*

*Depois disso, os esposos poderão viver serenamente as suas decisões. Mas cuidado com uma coisa importante! Uma formação correta da consciência não se faz “uma vez por todas”. Deve-se ter uma atitude permanente de busca, que se transforma num estilo de vida. E, ao mesmo tempo, deve-se ter uma disponibilidade para a mudança... Não se pode “padronizar” a consciência: ela é própria de cada indivíduo e, no matrimônio, de cada casal. Casais diferentes, preparados num mesmo espírito de verdade, podem ter comportamentos diferentes e tomar decisões diferentes diante dos mesmos problemas. (It)*

E uma equipe francesa acrescenta:

*É melhor ter como referência o Espírito Santo do que o espírito dos tempos!*

Um meio de formar a consciência, dizem alguns, é prosseguir com um trabalho como este. É também suscitar discussões e debates entre movimentos de casais. Seria esta, pensam eles, a melhor maneira de procurar atenuar a posição da Igreja. Porque a Igreja somos nós, dizem alguns brasileiros, e cabe a nós descobrir métodos que sejam mais próximos da realidade brasileira, sobretudo a de pessoas mal informadas.

A Igreja deveria tomar seriamente a si esta formação das consciências.

*Pensamos que a Igreja deve procurar, não tanto lembrar as proibições, mas contribuir para a formação de consciências cristãs, pois no momento de decidir e de escolher, o homem fica só com sua bagagem interior. Ele tende então a comportar-se segundo aquilo que ele tem dentro de si: os valores positivos que o enriquecem e não tanto as proibições e o medo da “punição”.*

*Numa Igreja cada vez mais pobre em ministros, talvez tenha chegado o momento de dar força e confiança a este recurso interior, a uma consciência que nos permita avaliar, em espírito de verdade, os fatos e as situações, que nos impeça de cair nas generalizações, nas murmurações estéreis, na superficialidade. (It)*

b) Para se chegar a um juízo correto, especialmente em matéria de sexualidade, uma certa **conversão** se faz, por vezes, necessária. Mas nem sempre, dizem alguns:

*Há um processo de conversão, se antes houve perversão. De outra forma, a conversão já está feita.*

Para esta equipe espanhola, por exemplo, é a “descoberta” da consciência que constitui, talvez, a primeira conversão:

*Sim, há um processo de conversão, no seguinte sentido. A moral sexual deve ser uma moral que englobe a pessoa toda. A descoberta da minha consciência profunda é de grande importância: não se trata apenas de obedecer a regras que não se entende! É um caminho de busca e de autonomia pessoal. Hoje, percebemos o aspecto positivo da sexualidade e o exame quotidiano de nosso comportamento nos mostra certas deficiências: é sobre este ponto que devemos converter-nos. (E)*

Alguns enfatizam que cabe converter-se não à lei mas ao amor e aos caminhos de Deus:

*Deus nos ama; deixemo-nos levar por este amor inabalável. Testemunhemos que estamos a caminho, iluminados por seu Espírito, e não fixos em nossas dúvidas ou nossas certezas. Nós temos Deus a transmitir.*

*Chamar à conversão: para aceitar que os caminhos de Deus são maiores que os nossos.*

É neste ponto que se configura para alguns o que se poderia chamar de conversão à **castidade conjugal**. É uma expressão que não apareceu nas trocas de idéias. Alguns lamentaram que não tenha sido “programada”; outros, ao contrário, insurgem-se contra uma fórmula na qual pensam perceber uma forma de ascese inaceitável para pessoas casadas. E no entanto, a castidade é uma virtude para todos; deve, simplesmente, ser moldada segundo o estado de vida de cada um. E é sem dúvida necessária para permitir que se julgue de forma correta e sadia nestas matérias, já que todos sabem que nosso juízo moral pode ser seriamente influenciado por nossa disposição subjetiva.

A resposta seguinte, de uma equipe italiana, parece esclarecer bem estas coisas, até com um certo lirismo...

*A verdadeira ascese cristã não consiste em seguir o caminho do despojamento, mas o da busca autêntica daquilo que tem valor, daquilo que dá vida. Não se deve “diabolizar” a sexualidade (é um bem que saiu das mãos do Criador). Não se deve, tampouco, “divinizá-la” (o homem seria escravo do sexo). Ela deve ser e permanecer uma realidade humana, a ser positivamente vivenciada através do crescimento da pessoa e do casal.*

*O homem e a mulher possuem dons, instintos, possibilidades que devem desenvolver-se segundo uma disciplina. É preciso aprender a conhecê-los para levá-los à plenitude. Também no campo da sexualidade, o homem e a mulher possuem energias prodigiosas... Os esposos são chamados a viver a castidade, não no sentido de não terem relações entre si, mas no sentido em que a castidade é a disponibilidade interior do ser humano para afirmar plenamente sua própria sexualidade, para reconhecer e viver os impulsos sexuais naquilo que têm de caráter integralmente pessoal e social e a inscrevê-los, com toda a sua riqueza de sentido, em seu lugar, no conjunto da vida humana.*

*O casamento é fonte de inspiração, de fecundidade espiritual; em consequência, cultivar a castidade é manter o impulso espiritual que conserva viva e ativa a força que está na sexualidade: “não é o poder que detém sobre as coisas que preenche a solidão de Adão, mas a admiração diante de uma mulher!” Renovar cada dia esta admiração é a razão de ser da castidade. Esta permite que se viva a sexualidade como um encontro de pessoas... Deve ser uma festa, e o objetivo da festa é fazer crescer as pessoas. Neste contexto, a castidade lembra que cada gesto sexual deve ser um gesto de amor que exprima o dom das pessoas e não apenas a emotividade dos corpos.*

*A sexualidade tem uma força de absorção capaz de desequilibrar a identidade pessoal e de transformar o dom em posse, o diálogo em monólogo. A castidade é uma atitude de vigilância: zela para que a sexualidade não deixe de ser um movimento de doação. A castidade é educar-se a viver a sexualidade como um sinal e não como um ídolo. Em nossa sociedade, estimula-se o casal a imitar modelos pré-fabricados de sexualidade. Ora, cada casal vive a sua própria sexualidade segundo a sua capacidade, segundo a sua própria evolução; deve aprender a seguir o seu próprio caminho sem transformar em “mito” aquele que os outros seguem. A castidade não é a supressão do desejo: é o meio de promovê-lo e de mantê-lo acordado. (It)*

Compreende-se por aí que a virtude da castidade conjugal é uma preciosa disposição que ajuda a fazer um reto juízo.

c) Por fim, para poder formar este juízo de consciência, assinala-se mais uma condição importante: deve-se, segundo dizem alguns, “**retificar a intenção**”. O perigo, por vezes inconsciente, é de ser determinado pelo egoísmo. Tal egoísmo pode, evidentemente, levar a escolha a pender para um lado errado... Mas pode também estar escondido em opções permitidas e recomendadas.

*O egoísmo pode vicejar também nos métodos naturais... pois estas podem levar a comportamentos totalmente opostos aos que se buscam.*

*É mais grave para um casal decidir não ter filhos seguindo os métodos naturais do que utilizar a contracepção quando já se tem vários filhos. Um motivo egoísta não justifica nenhum método, mesmo aprovado pelo Papa. Seguir um método natural cientificamente eficaz para não ter filhos, seria o sinal de uma mentalidade contraceptiva e, portanto, contrária ao ensinamento da Igreja.*

E alguém propôs uma transposição da parábola do fariseu e do publicano. O fariseu rende graças a Deus “porque não sou como aqueles que utilizam contraceptivos, porque o domínio que adquiri de mim mesmo me permite não mais te ofender neste aspecto de minha vida”. E o outro diz: “Tende piedade de mim, Senhor, porque sou pecador”. Conhecemos a conclusão do Evangelho...

d) Deve-se acrescentar as “**modulações**” necessárias. Deve-se aprender a formar juízos levando em conta as circunstâncias importantes. São lembradas especificamente a idade, a personalidade, as situações.

*Três casos deveriam ser considerados:*

- os jovens não casados: as relações sexuais não são justificadas;*
- os jovens casais: em geral, não há problemas; a contracepção não é uma boa escola;*
- os casais casados há muito tempo e que já têm o encargo de filhos: o importante é a salvaguarda da estabilidade do casal.*

Muitas equipes insistem: para os adolescentes, os métodos contraceptivos devem ser proscritos. E ao falar de *Humanae Vitae*, alguns dizem que o texto pode ser bem aplicado às uniões sem casamento, para não banalizá-las, e aos jovens casais, para permitir que se conheçam melhor.

e) **Outras dimensões.** Quando se trata de julgar em consciência, no que diz respeito à regulação dos nascimentos, há que considerar outras dimensões, que não as da simples moral sexual. Há que se considerar, em particular, o problema **demográfico**. Fala-se muito pouco nisto, provavelmente porque o Projeto não questionou diretamente este ponto. Mas alguns pensaram no assunto. Citaremos apenas algumas reflexões.

*O método natural é um método para ricos: pressupõe conhecimentos. Ora, somos seis bilhões de seres humanos. O ritmo de crescimento atual acrescenta um bilhão de homens a cada 12 anos, ou seja, uma vez a população da França a cada seis meses... A fome mata 43.000 pessoas por dia. Os responsáveis políticos terão o dever de planificar os nascimentos para evitar que o problema de superpopulação seja resolvido pela fome, pela guerra ou pelas epidemias.*

Alguns lembram a tomada de posição de numerosos cientistas católicos e seu grito de alerta antes da conferência do Rio, um grito que não foi ouvido: “a poluição mais ameaçadora é a superpopulação”. E acrescentam: Deus não disse “multiplicai-vos e se isso leva ao massacre da terra, tanto pior!”

*Não seria o caso da Igreja reafirmar incansavelmente que o desenvolvimento humano deve incluir a dimensão espiritual, em vez de opor-se aos métodos não naturais?*

*Em alguns países do Terceiro Mundo, mais de um quarto das mulheres em idade de procriar foram esterilizadas - portanto mutiladas - porque são ignorantes no que diz respeito à regulação da natalidade.*

*Deve-se considerar que as famílias numerosas devem constituir a regra? É assim que a Humanae Vitae as apresenta. A Gaudium et Spes as apresenta mais como uma exceção...*

À guisa de conclusão, um breve testemunho:

*Para terminar com palavras de esperança, retomaremos a expressão recente da Comissão de Pastoral Familiar do episcopado francês: “A consciência pessoal constitui o juiz e a norma últimos da moralidade... Nenhuma autoridade humana, nem mesmo o Magistério da Igreja, pode substituir-se à consciência pessoal”. Se for o juiz da última instância, ‘é um juiz que deve ser esclarecido’.*

*Nosso bispo escreveu, a este respeito: “Não podemos nos interpor entre Deus e a consciência de cada um”. É isto que nos abre ao sopro do Espírito e à nossa plena responsabilidade. É uma linguagem de esperança... Será que afinal o leigo se tornou adulto, ou pelo menos reconhecido como tal? (F)*

## **D - O que se pede à Igreja**

Os pedidos, como já se percebeu, são numerosos e variados, mas é possível agrupá-los sob alguns títulos. É o que nos contentaremos em fazer, deixando, mais do que nunca, a palavra às próprias equipes e aos próprios casais.

Começemos pelos elogios, pela ação de graças e pelo entusiasmo. Tais testemunhos são poucos, mas os há.

*À Igreja dizemos: Obrigado!*

*Obrigado por confiar-nos a obra de criação, a obra de educação para a fé, para a vida... Obrigado por ser misericordiosa e de perdoar-nos cada vez que caímos. Obrigado por ser um referencial e por nos ajudar a nos mantermos no mais alto nível, a nos diferenciarmos dos animais... Obrigado pelos sacerdotes, cujos conselhos sempre nos ajudaram. (F)*

*A Igreja deve ser menos reservada e afirmar com mais força o ensinamento que ela dá, sem medo das palavras, das conseqüências, das críticas... O futuro será muito breve para mostrar que a Igreja não errou. (F)*

Em contrapartida, há por vezes um outro tom (mas é raro):

*O que pediríamos à Igreja? Que ela se cale... Não agüento mais o tom doutrinal do Magistério. Se peço esclarecimentos, fico contente quando me respondem. Mas não amarrem às costas das pessoas fardos que elas não podem carregar. A sexualidade é bela e boa (“E Deus viu que era bom”). Fique-se calado neste campo. Já se fez mal demais. Quanta gente se separou da Igreja por causa disso! (F)*

Excluída esta posição extrema, julga-se que a Igreja - entenda-se sobretudo o Magistério - tem um papel importante a desempenhar e se lhe é grato por isto.

1) O pedido mais universal é que a Igreja se torne **mais próxima** das pessoas, que seja mais compreensiva, que esteja à escuta de seus filhos. E também, que seja mais realista.

*A Igreja deveria ter mais contato com os casais, para compreender melhor os seus problemas.*

*O que pediríamos à Igreja? Um pouco de realismo. A moral é necessária. Seguramente, a Igreja deve desempenhar seu papel, mas que seja realista e que conheça bem aquilo de que está falando. O nível imposto é alto demais e poucas pessoas podem alcançá-lo; muitos desistem antes mesmo de tentar.*

*Se quiséssemos ser pessimistas, diríamos que estas belas teorias, uma vez aplicadas, seriam responsáveis por bom número de infidelidades (exceção feita dos padres, raramente um homem opta por uma abstinência sexual muito prolongada). (F)*

Há, por vezes, verdadeiros gritos de angústia. Este é um, entre outros:

*A consciência cristã deve ser livre, educada, deve ter como referência a compreensão, a interiorização e o respeito pelas normas da Igreja. Nós, que fazemos parte das equipas há 22 anos, fomos assim educados, mas o respeito por nós mesmos e por nossa própria inteligência criou, sem cessar, um enorme conflito a respeito dos sistemas de limitação da natalidade.*

*Espírito Santo, onde estás? Tiras férias, de tempos em tempos, como na época das Cruzadas, da Inquisição, dos jesuítas nas terras exploradas? Por que continua a Igreja, como os rabinos de dois mil anos atrás, a carregar o povo com fardos que ele não pode suportar? Em que lugar o Evangelho fala dessas coisas? É justo que o mundo seja assim superpovoado, em nome de uma Providência à qual se deixa a responsabilidade de cuidar do assunto?*

*Não seria mais humano, mais caritativo, mais próximo de Deus, se não houvesse tantas vidas suscitadas apenas para sofrer, como na América Latina e tantos outros países mais próximos? Por que acham que tantos jovens casais se afastam definitivamente da Igreja? E não cremos que eles se afastam de Deus... Estamos furiosos! Nossas consciências tão bem construídas e tão bem mantidas passam de momentos de depressão, com sentimentos de culpa, a momentos de revolta que nos assustam a nós próprios...*

*Queremos fazer parte da Igreja, segundo o Evangelho, sem abusos de autoridade. Estamos plenamente de acordo com a condenação do aborto, mas não conseguimos compreender qual é o fundamento para pronunciar com tanta força que só os métodos naturais são permitidos (...) Por que nos pedem o impossível? Dos três filhos que temos, com um total de sete netos, creio que não há mais nenhum que tenha a possibilidade de seguir plenamente as instruções do Papa. Ainda estão na Igreja ou estarão excluídos? (It)*

Alguns médicos dizem:

*Sempre que podemos, procuramos debater com padres (ou bispos), usando nossos conhecimentos médicos, para que sintam concretamente a grande diferença entre a teoria e a prática. (F)*

Deve-se pensar mais particularmente nos jovens:

*Os casais devem tomar a palavra para, com base em sua experiência, ajudar a Igreja... Devem especialmente ajudá-la a encontrar uma linguagem mais próxima e mais compreensível para os jovens casais que, com frequência iniciam sua vida conjugal após longos anos de apatia e de deserto religioso. (E)*

2) Pede-se à Igreja que dê **sobretudo princípios**, que impulse à reflexão, que insista sobre os valores positivos e que deixe um pouco de liberdade para o resto...

*A Igreja deveria oferecer indicações de caráter geral, insistir sobre os valores e deixar ao casal a escolha dos métodos, sem querer entrar “na sua cama” e fazer imposições, pois a formação da consciência não significa obediência cega. (It)*

*Pedimos à Igreja que reordene seu esforço para centrá-lo no amor do casal e não sobre os métodos. Ela deveria falar muito mais do compromisso e da fidelidade do que dos métodos.*

*Pedimos mais liberdade em relação às regras, como o próprio Cristo o mostrou no Evangelho: o amor é mais importante que o sábado. Em contrapartida, reconhecemos na Igreja a imperiosa necessidade de dar-nos pontos de referência fortes, assim como os faróis e os sinais na navegação marítima. Mas quanto a estes pontos de referência, o cristão delibera em consciência, sem que ninguém de fora possa julgá-lo.*

Diz-se com frequência: que a Igreja seja convincente, em vez de impositiva. Por que não fazer perguntas, em vez de dar todas as respostas? Na formulação das exigências, parece que ela põe o “carro na frente dos bois “. O que deveria fazer primeiro, é um apelo à generosidade, ao respeito pelo outro e pela vida, um apelo à fidelidade, à luta contra o egoísmo; a escolha dos meios vem depois... Quando se pressiona os casais a uma abstinência absoluta ou à possibilidade de unirem-se apenas dois ou três dias por mês, a fidelidade, que é um valor essencial, está em perigo.

*Pedimos à Igreja que nos mostre o caminho, em vez das cercas, para ajudar-nos a nos conformarmos ao Cristo.*

E alguns propõem uma espécie de esquema de ação para a Igreja:

*Eis o que pedimos ao Magistério:*

- que escute os esposos e deixe que eles tratem desta matéria tão delicada e complexa;*
- que pregue apenas que o ato sexual deve ser ato de amor vivido em total respeito recíproco;*
- que cuide de problemas como estupro, homossexualidade, infidelidade, amor livre, propondo valores de base de forma a prevenir as distorções;*

- *que ajude casais em particular, somente quando for solicitado;*
- *que colabore com a sociedade civil, dando uma informação correta sobre a sexualidade, também na perspectiva da prevenção de doenças graves.*

3) Deseja-se também que, eventualmente, a Igreja possa propor uma **alternativa** válida para os métodos naturais, uma alternativa que, ao mesmo tempo, respeite a moral cristã e ofereça garantias. “Porque gostaríamos de poder exercer uma procriação responsável na harmonia, na paz com Deus e com o cônjuge, sem complexo de culpa.”

Alguns pedem simplesmente:

*a liberdade para utilizar métodos contraceptivos que não constituem uma agressão contra o corpo. (Br)*

E chega-se, às vezes, como esta equipe do Brasil, a propor uma espécie de moratória:

*Buscando uma consciência cristã e com o entendimento maior das normas, os casais podem, em conciliação com a vida atual, moderna, numa atitude responsável, optar por métodos anticoncepcionais não agressivos à saúde, quando questões de irregularidade no comportamento menstrual, continências tabeladas, causarem constrangimentos na relação. Isto seria válido para um período de transição, de evolução, até quando o entendimento fosse tal que preservativos não fossem mais necessários.*

E por falar em alternativas, acena-se com uma outra. A sugestão diz principalmente respeito a um problema que não foi abordado. Falou-se de esterilidade, da fecundidade dos casais sem filhos, mas não se quis tratar das questões bioéticas como, por exemplo, a fertilização “in vitro”... Alguns propõem à Igreja que cuide mais dessas pistas, para fazer avançar as coisas, em colaboração com a pesquisa médica. Pensa-se que existe aí uma “porta da esperança”, que deveria ser aberta.

4) Mas o que se pede com mais força é que a Igreja tenha a preocupação de **formar as consciências**. Julga-se que esta é a sua tarefa primordial. Que ela recorde os princípios, que esclareça a respeito dos valores morais, mas que, ao mesmo tempo, ela conduza e exercite os fiéis a bem julgar. Assim, eles serão verdadeiramente capazes de assumir sua responsabilidade e a tentação de assumi-la no lugar deles ou de complicar suas tarefas será menor...

Uma simples citação resume bem tudo isto:

*Pensamos que o problema fundamental da Igreja é o de formar consciências responsáveis e retas que, com o auxílio da oração mas também da ciência possam ajudar os casais a resolverem os seus problemas e não confundi-los. (It)*

5) Por fim, daremos a palavra a algumas equipes que quiseram estabelecer uma espécie de livro de reivindicações ou, mais humildemente, uma **lista precisa de petições**. Aliás, no alicerce, percebe-se com freqüência um grande amor pela Igreja.

Uma equipe espanhola:

*Dirigiríamos estes pedidos à Igreja, porque ela é nossa mãe.*

- 1) Permanecer firme e clara em sua defesa da vida, do amor, do matrimônio e da família.*
- 2) Uma maior compreensão e uma atitude materna para com seus fiéis, procurando aproximar-se mais dos problemas das pessoas simples.*
- 3) Mais flexibilidade e uma melhor adaptação de sua mensagem evangelizadora ao nosso tempo, procurando evoluir no pensamento, sobretudo naquilo que não é de direito divino.*
- 4) Mais simplicidade na redação de seus documentos, que devem iluminar a consciência, mas que estão longe da linguagem simples do homem da rua e do cristão de base.*

Uma equipe brasileira:

- 1) Houvesse uma síntese com as idéias principais dos textos do Magistério numa linguagem mais popular, para que pudéssemos conhecer mais profundamente e mesmo para que nos embasássemos mais nas posturas da Igreja.*
- 2) Buscar formar a consciência cristã através de pastorais (cursos de noivos mais profundos e mais de acordo com a realidade).*
- 3) Preparação dos padres sobre aspectos da família, da sexualidade, para que possam, quando solicitados, contribuir para formar esta consciência cristã.*
- 4) Que a Igreja estude o problema relativo ao controle da natalidade e reveja a sua opinião à luz da realidade de vida dos casais que buscam o Cristo no mundo de hoje.*

Uma equipe francesa:

*Pode parecer uma presunção dizer o que a Igreja deveria fazer. Todavia, pode-se discernir caminhos de busca que visem essencialmente reformular a mensagem, hierarquizando a importância dos temas. Do mais importante ao menos importante, em nossa opinião:*

*- Dizer em alto e bom som, com palavras simples, que a Igreja considera que o amor de um homem e de uma mulher é uma das coisas mais belas que existe na face da terra.*

*- Dizer em alto e bom som que a união carnal entre um homem e uma mulher é essencial para a manifestação e o aprofundamento deste amor, que esta união é desejada por Deus e que ela é boa.*

*- Mostrar que a Igreja propõe um ideal. Ela sabe que este ideal não é fácil de ser atingido, mas julga que, ao final, resulta em grande felicidade. Que este ideal necessita da adesão a pelo menos três regras simples:*

- a fidelidade e a confiança no cônjuge,*
- a busca da felicidade do outro antes da própria,*
- a abertura à vida.*

*- Dizer que a abertura à vida coloca necessariamente a questão da regulação da natalidade. Dizer que a Igreja julga que não é possível, nem mesmo desejável, que casais tragam ao mundo um número infinito de filhos. Dizer que mesmo quando o casal não deseja a vinda de um*

*filho, a união carnal entre o homem e a mulher é desejável, como meio de fortalecer o amor entre eles.*

*- A partir deste ponto, mostrar que a escolha do método para evitar momentaneamente a vinda de um filho é importante, porém não essencial. O que é essencial, é a reflexão periódica do casal sobre o assunto.*

*- No quadro desta reflexão, a Igreja propõe que se reflita sem excluir qualquer método. A partir daí, a Igreja pode mostrar de que forma os métodos naturais podem ser um caminho de aprofundamento do amor e de que forma uma submissão sem reflexão a uma técnica pode ser alienante.*

*Em resumo, caricaturando, diríamos: a Igreja não deve ser feita unicamente para casais de santos, com o homem perfeitamente senhor de si e a mulher extraordinariamente bem regulada.*

*Para todas as questões que dizem respeito ao amor humano, a Igreja poderia ter uma mensagem que correspondesse à expectativa das gerações que chegam à idade em que estas questões se colocam. Para tanto, como para muitas outras coisas, a Igreja deve abandonar sua visão jurídica e elitista, para falar apenas em amor. O que não é fácil, porque o conteúdo da mensagem não deve ficar apagado. As exigências de Deus são grandes, mas seria preciso perder ovelhas por causa de uma triste história de pílulas?*

Terminamos com esta recomendação freqüente e insistente:

*Para ajudar a Igreja a aproximar-se dos casais e de seus verdadeiros problemas, é necessário que os casais cristãos, que os movimentos de casais como as Equipes de Nossa Senhora, façam conhecer a verdadeira situação concreta. Não se ajudará a Igreja, calando-se. O que pedimos à Igreja, é que saiba escutá-los.*

\* \* \*

## Capítulo IV: Uma coletânea de testemunhos

### 1. Uma difícil escolha

*Ao término deste ano de reflexão em casal e em equipe sobre “Evangelizar a Sexualidade” gostaríamos de dizer a forma que escolhemos para controlar os nascimentos em nosso casal.*

*Quando casamos, desejávamos 3 ou 4 filhos. Durante os primeiros anos de nosso casamento, praticamos os métodos chamados “naturais” para espaçar mais ou menos os nascimentos. Com três filhos, já achamos a carga psicológica e afetiva bem considerável e começamos a ficar hesitantes quanto à livre escolha de um quarto filho. Continuamos, entretanto, a praticar o método Billings, quando o quarto filho nos deu uma piscada de olhos pré-natal. Passada a surpresa, nós o aceitamos de bom grado e somos hoje muito felizes por ele partilhar conosco a vida familiar.*

*Mas quando do seu nascimento, tivemos que fazer uma escolha que nos preocupava havia semanas. Não podíamos, com lealdade, enfrentar uma nova surpresa, sem prejuízo grave para o nosso casal e, portanto, para toda a família. Pode ser que quatro filhos sejam pouco para certos casais, mas nós tínhamos consciência de que para nós, era o limite. Logo, tomamos juntos a decisão de fazer uma ligadura das trompas, mas de forma nenhuma com a idéia de, com isso, adquirir a tranqüilidade, pois as exigências de nossa vida conjugal continuam as mesmas. Esta opção significou para nós a aceitação de nossos limites em nossa capacidade de amar nossos filhos.*

*Outrora, os casais dispunham de pouquíssimos meios para regular os nascimentos e aceitava-se, de bom ou mau grado, todos os filhos que chegavam, muitos dos quais morriam na infância. Hoje, os pais podem controlar melhor os nascimentos e criar seus filhos em melhores condições de saúde. É o que se chama “paternidade responsável” e esta, longe de ser uma recusa da vida, pode tornar-se um hino à vida e à glória de Deus criador, que ousou confiar o mundo ao homem, dotado de inteligência e coração. (F)*

\* \* \*

### 2. A Igreja não nos entende.

*Chegando aos cinqüenta anos, quando o tempo da fecundidade está terminado, gostaríamos de dar aqui nosso testemunho.*

*Casamos com o desejo de viver nossa fé em casal e em família. Após um aborto inicial involuntário, nasce nosso primeiro filho. Mas três semanas depois, a mãe é hospitalizada por causa de uma doença pulmonar, inicialmente diagnosticada como câncer, mas que depois revelou-se não ser senão (felizmente) uma tuberculose.*

*Três meses de hospital, três meses de angústia, de medo, de separação. Quando sai do hospital, era evidente que qualquer nova gravidez estava formalmente proibida para mim enquanto não estivesse completamente curada: não podia assumir este risco. Quis discutir o assunto com um sacerdote: ingenuamente, pensei que um homem de Igreja poderia, deveria compreender a situação. Tudo o que o padre entendia era o regulamento. Nada de pílula, abstinência se realmente vocês não querem filhos neste momento. Todo o resto, nosso casal, o nenê lá longe, a necessidade de nos encontrarmos, não eram problemas dele. E ele me fez sentir terrivelmente culpada de “passar por cima”, de tomar a pílula assim mesmo.*

*Foi a partir desse dia, por uma vagarosa caminhada cujo fio condutor descobri mais tarde, que percebi que a Igreja é incapaz de levar realmente em consideração os problemas do casal, que o respeito obcecado por uma regra leva, por vezes, a trair o espírito do Evangelho (o sábado e o homem), e que cabia a nós dois escolher a nossa vida. Nunca mais, desde então, falei com um padre a respeito de sexualidade e de vida de casal. Para começar, o que ele sabe disso? Será que ele está à vontade na sua sexualidade e no seu celibato?*

*Mas a Igreja-Instituição, por sua atitude, não me ensinou o amor. As repetidas proibições do Papa não me ajudaram a crescer, a descobrir o dom, a refletir sobre o que eu queria realmente construir. Através deste tema, tomo consciência de que, no que diz respeito ao nosso casal, a Igreja falhou em sua missão de evangelização.*

*As Equipes de Nossa Senhora também chegaram tarde em nossa vida, num momento em que as opções já tinham sido feitas.*

*Para os jovens que vêm depois de nós, desejo que este tema os ajude a separar as coisas, a forjar uma consciência e um discernimento para além do mero respeito por um regulamento e suas proibições. Desejo também que o Movimento leve em conta todas as críticas e que as leve até os celibatários que fazem as leis. Quem sabe estes poderão então avaliar que a vida de um casal não pode ser lacrada em caixinhas, com o rótulo “bom” ou “ruim”. (F)*

\* \* \*

### **3. Os métodos naturais são um risco!**

*Estamos procurando fazer conscienciosamente este tema difícil. Já percorremos um longo caminho de amor conjugal e nos chocamos durante muito tempo com a doutrina oficial da Igreja neste campo. Foi um esforço grande para estudar, compreender, cumprir.*

*Conhecemos as razões da Igreja para definir seu Magistério. Parece-nos possível e enriquecedor praticar os métodos naturais (em certas circunstâncias). E adivinhamos que a observância de um método ajuda a estabelecer uma atitude. É por isso que a continência têm um sentido mais amplo do que o mero controle da natalidade. Pode ser uma forma do amor.*

*A experiência direta e a observação de famílias próximas de nós nos leva a duvidar da eficácia dos métodos naturais. Temos visto a experiência de um esforço leal e continuado por anos e anos de casais motivados e capazes, sem que tenham conseguido controlar os nascimentos e que, no fim, os levou à decisão de optar por outros meios, muitas vezes passando por um processo difícil e traumatizante.*

*Em outros casos, quando se segue estas diretrizes, elas acabam por se transformar em “camisa de força”, dificultando a harmonia e vemos os casais tornarem-se áridos e incapazes de expressar a comunidade de vida e de amor que eles querem ser.*

*Sabemos que não se pode abrir as portas para a facilidade, que é preciso fixar orientações gerais firmes.*

*Por outro lado, é preciso aceitar as realidades, como a fraqueza humana que, em caso de utilização dos métodos naturais, pode levar a conflitos seríssimos, a problemas íntimos, a uma vivência de difícil aceitação, ao risco de morte da mãe tão necessária para outras vidas, etc.*

*Portanto, é necessário avaliar em toda a sua complexidade o fato de privar uma mulher, durante longos períodos, de uma relação sexual completa, naqueles momentos*

*físicos naturais em que ela está mais apta para essa relação e deseja de todo o seu ser chegar ao paroxismo de sua doação. Não é um sacrifício pequeno e pode levar a inibições e desequilíbrios que alteram a vida íntima e o próprio casal. (E)*

#### **4. Os métodos naturais são possíveis!**

*Durante a reunião em que trocávamos idéias sobre o último capítulo do tema “Evangelizar a Sexualidade”, constatamos com pesar que nosso testemunho pessoal não parecia ser acolhido, quando quisemos dar conta da grande paz e da confiança que sempre habitaram o nosso coração com respeito a este assunto.*

*Casamos há dezesseis anos, com uma fé comum mas sem vivência no cotidiano, pois nenhum de nós tinha encontrado pessoalmente o Senhor.*

*Tínhamos em comum uma esperança de fecundidade e nenhum preconceito referente ao número de filhos que haveriam de vir.*

*O Senhor valorizou durante algum tempo o nosso desejo de filhos, o que permitiu que meu marido percebesse o presente que recebíamos, quando esperei o meu primeiro filho.*

*Por ter adquirido, antes de casar, um certo conhecimento dos métodos de auto-observação, sem dúvida graças a uma tendência “ecológica” do meu caráter, não tinha nenhuma necessidade da pílula, nem qualquer atração pelo que me parecia - e ainda parece - “anti-natural”.*

*Exercitamos nossa responsabilidade comum mês após mês e o Senhor respondeu por cinco vezes ao nosso desejo de ter filhos.*

*Deve-se dizer também que tínhamos adaptado, aos poucos, nossa vida comum - e meu marido, a sua vida profissional (mudança de profissão, de região, de residência) - a esta vida familiar aberta ao acolhimento do filho.*

*Em nenhum momento, aqueles poucos dias de continência suplementares, que um espaçamento razoável dos nascimentos nos pedia, nos pareceram difíceis ou dolorosos.*

*Tivemos a experiência da delicadeza com a qual o Senhor nos faz crescer no amor, ao querer que os poucos dias de fecundidade possível cada mês, tão curtos, fossem ocasiões para um impulso ainda mais forte, ainda mais profundo para a união dos nossos corpos e dos nossos corações.*

*Que grande respeito de sua parte, para com nossa liberdade, que aí encontra, mês após mês, a ocasião de crescer na responsabilidade, ao nos questionarmos de novo, regularmente, sobre a “gravidade” dos motivos que nos levam a adiar um nascimento, ou mesmo, em alguns casos talvez, a não ter mais filhos.*

*Seguimos nossa própria caminhada de casal na mão do Senhor, que sempre soube acentuar nosso desejo de ter filho no momento oportuno e aplainar progressivamente as dificuldades que, neste campo como em outros, encontrávamos.*

*Os filhos que nos foram dados e as preocupações de saúde - por vezes importantes - que os acompanharam, tornaram possível nosso encontro pessoal com o Deus de amor, cada um por sua vez e, ao longo dos dias, continuamos penetrando na intimidade do nosso Pai bem amado.*

*Nossos conhecimentos dos métodos de auto-observação foram se completando e ajustando e as poucas contrariedades do começo foram se aliviando com a experiência.*

*Sucessivas mudanças e um grande cansaço comum, decorrente de novos ambientes e ritmos de vida que tivemos de assimilar, nos levaram a fortalecer nossa confiança no Senhor, pois não nos sentíamos realmente capazes de acolher mais um filho, durante vários anos.*

*Vivemos este tempo sem angústia, sabendo, de toda forma, que se o Senhor julgasse bom conceder-nos uma nova vida a ser acolhida, ele nos daria a força e a coragem ao longo dos dias.*

*Quanto ao questionamento que retorna todos os meses, sentimos cada vez mais que o Senhor intervém para nos esclarecer. Ele sabe bem melhor do que nós o que é bom para nós e qual é o seu chamamento para nós. Ele nos concedeu um sexto filho no ano passado, e este bebê voltou ao coração de seu Pai antes mesmo de ver a luz do dia.*

*Ao mesmo tempo em que ele nos pedia este desapego prematuro, ele suscitava para nós outras provações e engajamentos, aos quais provavelmente não poderíamos ter respondido adequadamente, se tivéssemos um bebê em casa.*

*E esta pequena “provação” fortaleceu ainda mais nossa paz e nossa confiança. Tudo isso, não conseguimos partilhar com a equipe.*

*A premissa do conjunto da equipe, inclusive do conselheiro espiritual, era que os métodos de auto-observação não são confiáveis e que a pílula contraceptiva é um benefício para a humanidade. Uma parte da reunião, aliás, foi um ataque à *Humanae Vitae*.*

*Para finalizar, queremos dizer um muito obrigado aos responsáveis das equipes que prepararam este tema de estudos.*

*Foi, para nosso casal, uma ocasião de diálogo verdadeiro e profundo sobre nossa maneira de expressar nossa sexualidade, de tomar consciência das nossas limitações, das nossas fraquezas, até mesmo, por vezes, de nossas carências, e de confiá-las ao Senhor e a Maria, por ocasião do retiro que tivemos a graça de fazer no começo deste mês, com dois casais de nossa equipe. (F)*

\* \* \*

## **5. Quem é responsável?**

*É aceitável que um confessor provoque tão grande sentimento de pecado? Quem é responsável? Seria por culpa da formação recebida no seminário?*

*Eis o impressionante testemunho de um homem, hoje idoso, numa carta que fala do casamento de seus pais, que eram de estrita observância católica.*

*Nota: Este é um resumo da longa carta. As partes cruciais foram traduzidas literalmente do alemão.*

*Através das lembranças de infância de homem de hoje, recompõem-se o ambiente e a atmosfera de toda uma família. Há o pai que, após longos anos como prisioneiro, retorna, adoentado, da primeira guerra mundial. Há a mãe que aparece, nas lembranças de seu filho, como quase sempre doente, sofrendo, acamada, muito fraca e que repete com frequência uma frase então incompreensível para seus filhos: “Nunca se casem!”. Há a irmã, que morre aos 38 anos de câncer (um tipo de câncer que, segundo a opinião dos médicos, tem uma forte ligação com o estado psíquico do paciente).*

*O autor deixa em aberto a questão de saber até que ponto a moral conjugal católica deve ser incriminada pelo fracasso do casamento de sua irmã. Ele pensa que a insistência de sua mãe em propor esta moral a tornou angustiada para toda a vida...*

*Outro episódio que ficou gravado na memória do autor. Por ocasião de uma festa de família, o pai recrimina a filha por presenteá-lo com um livro (absolutamente inocente) sobre o amor. O pai devolve o livro à filha e diz, com lágrimas nos olhos:*

*“Não posso ler este livro. Desde que você nasceu, nunca mais toquei em minha mulher”!*

*Depois da morte do pai, a mãe conta ao filho alguns de seus dissabores.*

*Apesar de não ter recebido qualquer preparação para a vida conjugal, os primeiros tempos tinham sido serenos, mas somente até o nascimento do filho (o autor da carta): sua saúde ficara comprometida em função da dramática situação alimentar durante a guerra.*

*O marido, não querendo que sua mulher corresse o risco de uma nova gravidez, passou a usar preservativos. E um dia, a mulher, muito praticante, voltou do confessionário tão transtornada (era um confessor novo), que foi “o fim da paz de suas almas”.*

*O confessor, ao se informar e saber que tinham utilizado preservativos, a teria ameaçado de condenação eterna se continuasse a praticar a contracepção. O dano assim causado foi irreversível. Um ano mais tarde, a mãe precisou submeter-se a uma operação de câncer da mama; houve outras sete operações até remoção completa do seio.*

*Nessas conversas, a mãe conta quão incompreensível tinha sido para ela, na sua infância, esta frase que os adultos repetiam: “Não eduque seus filhos de maneira católica demais. A vida vai ficar muito dura para eles”. Hoje, está bem claro!*

*E o autor tem a impressão que sua mãe teria ficado contente se não tivesse recebido esta educação católica.*

*“A minha própria convicção é que foi o medo do inferno que destruiu a vida de minha mãe e arruinou em parte a da minha irmã. Por não poder satisfazer os desejos de seu marido, minha mãe ficou doente, primeiro no espírito, depois no corpo. Até a morte do marido, ela sempre teve uma saúde deficiente e viveu sob a ameaça de um colapso nervoso. Depois da morte do meu pai, ela se fortaleceu psíquica e fisicamente, a ponto de poder viajar sozinha para o exterior”.*

*Em conclusão, o autor faz duas perguntas:*

*- Será possível pensar que tudo isso teve por referencial a vontade explícita de Deus? Deve-se preferir uma doença física ao uso de preservativos, em caso de necessidade?*

*- Qual é a noção de Deus, subjacente numa teologia deste tipo?*

*- O criador do universo deu vida ao mundo, concedendo-lhe aquilo que é necessário para a vida humana. Depois, enviou seu Filho sobre a Terra, para trazer a salvação e a redenção. Seria este mesmo Deus que ficaria “à espreita” no quarto de dormir, para verificar se os casais se amam com ou sem preservativo? Isto, enquanto o universo viaja para o infinito à velocidade de anos luz.*

*A missão dada por Jesus à sua Igreja é de ajudar os homens em sua vida que não é nada fácil. Tinham razão aqueles que diziam, do tempo da minha mãe: “Não eduquem seus filhos de maneira católica demais. A vida vai ficar muito dura para eles!”.*

*Para o autor, o problema foi resolvido. Encontrou um padre que lhe falou do papel da consciência, junto com o ensinamento do Magistério. (D)*

## 6. “Fui médico num bairro popular”

*Eu fui médico num bairro popular durante mais de 38 anos e deixei o exercício profissional há dois anos, aos 65 anos. Escrevo em função desta vivência, pois eu pude seguir a sucessão dos diferentes estágios da regulação da natalidade que marcaram nossa época neste campo particular. Por outro lado, com minha esposa, acompanhei, durante vários anos, ciclos de preparação para o matrimônio.*

*Venho constatando, há mais de dez anos, que um grande número de casais, que se dizem católicos, não seguem mais as orientações dadas sobre este assunto pela Igreja católica, e isto, sem nenhum complexo. Ao mesmo tempo, para outros, isto é um motivo de consciência pesada e inclusive, para certos casais, de desentendimento conjugal, o que vai contra o resultado que se busca.*

*Os casais que nós formamos, tanto os casais cristãos como outros, de nossa idade, que não sentem atração pela religião, têm, em seu conjunto, um testemunho para dar às jovens gerações que nos seguem. É o testemunho da fidelidade e da duração, que decorreram sem maiores problemas da educação que recebemos. Na época atual, os jovens sentem-se muitas vezes angustiados perante o compromisso de longa duração que o casamento exige. Sentem-se muitas vezes divididos entre dois sentimentos contraditórios: a vontade de realizar aquilo que constatam nos casais de nossa geração, mas também uma incompreensão de nossa forma de ser e de viver.*

*Não temos o direito de decepcioná-los, fazendo de conta que evoluímos de forma imutável, sem fazer um esforço de compreensão das situações novas e diferentes das nossas, que eles atualmente enfrentam. Não temos o direito de não dizer aos jovens casais das Equipes de Nossa Senhora que admitimos também a maneira de viver em casal do modo moderno no campo da regulação da natalidade, com o auxílio da contracepção medicamentosa, que se tornou tão comum que é difícil hoje não recorrer a ela.*

*Nossa equipe se compõe de pessoas da minha idade: as profissões liberais predominam, mas há também um executivo de indústria e um oficial militar. Todos já terminaram suas atividades profissionais. Constatamos, recentemente, que ao consultar este ou aquele conselheiro espiritual, havíamos sido aconselhados, de maneira individual, já que tínhamos famílias com um elevado número de filhos, que fôssemos menos rigorosos na observância das práticas ditas “naturais” e exclusivas, a respeito da chegada de novos filhos. Na época, não podiam, naturalmente, dizer isso em público ou coletivamente.*

*Que isto não impeça que os pratiquem, aqueles que decidiram continuar a serem fiéis a esses métodos ditos naturais - mas que estiveram à origem de bom número de dissabores - ou à abstenção voluntária e ofertada, mesmo prolongada. Mas que não se continue, na Igreja, a proclamá-los como os únicos possíveis ou válidos. Neste assunto importante, deve-se deixar que a escolha seja feita pelos casais, entre eles e em segredo, para utilizar em consciência o que lhes parecer melhor para o casal e a sua estabilidade.*

*De outra forma, eles se apartarão de nós e do exemplo que tivermos dado e esta será a melhor forma para que muitos se afastem da Igreja e, quem sabe, até de Deus, que é o único juiz dos valores. (F)*

\* \* \*

## **7. Regulação da natalidade: reexaminar as opções.**

*Parece-nos significativo que, apesar de formarmos uma equipe unida e bastante homogênea, quando falamos de nossa vida de casal e de nossas opções referentes à regulação dos nascimentos, nossa diversidade seja total.*

*As modalidades de existência de cada um já criam diferenças profundas entre:*

- aqueles que uma profissão comum leva a viverem sempre juntos e que devem examinar a fundo, no respeito mútuo, a qualidade de sua vida sexual,*
- aqueles cuja dupla atividade profissional torna a vida conjugal mais episódica e que tendem a preocupar-se menos com restrições,*
- aqueles cuja mulher fica em casa.*

*Na releitura de nossa caminhada conjugal sob o olhar de Deus (DDS), a maioria tomou consciência de sua evolução: o esgotamento de um dos dois ou do casal, gerado pela escolha deste ou daquele método, leva a rever a escolha. Todos os casais que andaram fazendo propaganda de tal ou qual método sentiram a necessidade de fazer esta revisão.*

*Reconhecemos que os métodos ditos naturais têm o mérito de permitir que a mulher se conheça melhor. Todos rejeitamos o DIU, pois ceifa uma vida já criada. Quanto à pílula, estamos de acordo que só pode ser uma solução limitada no tempo (pessoas com risco de ovulação espontânea). Um dos casais (para eliminar qualquer risco de gravidez com perigo para a vida da mãe), aceitou a ligadura das trompas e pensa que nem por isso tem menos caminhada a enfrentar para chegar à harmonia sexual.*

*É preocupação de todos que a escolha ou o risco de uma nova gravidez não recaia unicamente sobre a mulher. O homem pode “assumir o encargo” do casal, quando a mulher é mais sujeita à tentação, no período “perigoso”... O coração e o espírito podem superar o desejo e deve-se poder chegar a uma ternura mútua que não gere o desejo.*

*Esta troca de idéias constituiu-se na verdadeira apoteose de todas as nossas reflexões do ano e foi verdadeiramente adequada para nos fazer partir para uma vida conjugal mais esclarecida. (F)*

\* \* \*

## **8. Quantos filhos?**

*A paternidade / maternidade responsável está vinculada às “condições de vida da época e ao estado de vida”, como diz a Gaudium et Spes. Numa determinada época tínhamos a possibilidade de ter 3 ou 4 filhos, mas agora as condições mudaram...*

*Queremos contar aqui uma experiência que vivemos numa viagem a serviço. Durante uma visita à catedral de W., entramos na sacristia para cumprimentar o cardeal G., que acabava de celebrar a missa.*

*Mal as apresentações foram feitas, ele perguntou, em perfeito italiano: «Quantos filhos vocês têm?» «Dois», respondi. «É pouco!», exclamou ele. Senti-me autorizada a dizer: «Veja vossa eminência: o bom Deus só tinha nos dado um filho e,*

*apesar de nossos esforços, o segundo não vinha. Então pensamos fazer melhor (!) que o Senhor. Adotamos um».*

*A estas palavras, o cardeal ficou ainda mais vermelho que de costume e, numa atitude menos categórica e mais paterna, despediu-se de nós.*

*O primeiro pensamento que me veio à mente foi este: como é que Jesus nada falou sobre o número de filhos? Quem sabe, ele era mais discreto e não queria interferir nas decisões do casal... (It)*

\* \* \*

## **9. A experiência de um casal**

*Ele e ela: 65 anos, ambos originários de famílias com doze filhos, com irmãos padres de ambos os lados.*

*O seu casamento, celebrado quando tinha 26 anos, foi precedido de alguns meses de noivado, vividos na castidade e no diálogo. Trocas de correspondência e conversas, que abordavam a organização da vida a dois, os gostos em comum, a maneira de educar os futuros filhos, as convicções religiosas... mas jamais a vida sexual futura em comum.*

*Nem precisa esclarecer que ambos chegaram ao matrimônio sem jamais terem conhecido (no sentido bíblico) qualquer outro parceiro.*

*Os primeiros tempos do casamento foram de descoberta entusiasta e um pouco desregrada de seus corpos, totalmente descontraída, já que desejavam vivamente o filho. E nove meses depois, chegou! Paralelamente à descoberta do prazer carnal, eles tomavam dolorosamente consciência de suas diferenças psicológicas, próprias de seus sexos. O que não ocorreu sem choques. Nada os tinha preparado bem neste campo.*

*A partir desta importante lacuna, nasceram as incompreensões e os desânimos que repercutiram nas relações carnavais. Mas o acordo profundo em que viviam a respeito do essencial sempre permaneceu mais forte.*

*Depois do primeiro nascimento, era preciso pensar em regular os seguintes. O único método que eles e seu ambiente cristão admitiam era o método “Ogino”. Foi ela que assumiu corajosamente a iniciativa. Ele, nos primeiros tempos, só se submeteu com resignação. Para ele, a continência era uma provação especialmente dura. Com o recuo no tempo e trocando idéias a respeito, eis as observações que surgem:*

*Positivo:*

*Os períodos de continência favorecem a delicadeza, as atenções, os gestos de ternura cheios de descrição e que lembram os tempos de noivado. Por outro lado, estes períodos de ascese, para se manter, exigem uma vida espiritual mais intensa.*

*Negativo:*

*Deve-se admitir que estes períodos de continência criam uma certa tensão e quebram a espontaneidade das relações sexuais, ao mesmo tempo em que, nos períodos normais, para a inquietação, pois um simples erro de cálculo ou uma imponderável necessidade fisiológica corre o risco de suscitar uma gravidez.*

*Entretanto, foi de pleno acordo e em toda responsabilidade que acolheram sete filhos.*

*A partir do terceiro, já tinham ouvido falar da pílula. Sua incondicional fidelidade à posição da Igreja não os incitou, em nenhum momento, a mudar de direção.*

*Em contrapartida, reconhecem com humildade algumas falhas, seguidas do acolhimento de paz e de compreensão do sacerdote na confissão.*

*A gestão de sua vida sexual, por que negá-lo, tornou-se mais simples e mais serena com a menopausa.*

*Hoje, eles observam com respeito e discrição a vida dos sete casais formados por seus filhos. A maioria são cristãos pouco praticantes, muito críticos em relação à Igreja. Todos tiveram contato com a pílula em algum momento, antes ou durante o casamento. Cada um deles conhece as opções feitas pelos pais, mas o assunto é pouco abordado entre eles.*

*Todavia, um de seus jovens filhos, com o qual o assunto foi levantado, declarou-lhes mais ou menos o seguinte: “A escolha que vocês, como casal, fizeram em relação à sua vida sexual, só é possível numa perspectiva de transcendência espiritual; um simples ideal humano não pode justificar nem sustentar uma opção deste tipo”.*

*E se fosse para começar de novo? Nenhum dos dois quer ser presunçoso e, se por um lado eles crêem no poder do sacramento do matrimônio, eles também conhecem as suas fraquezas.*

*Mas Jesus não disse: “O que é impossível para o homem, é possível para Deus”? (F)*

## **10. Carta ao Papa**

Em algumas equipes, propôs-se aos casais que se expressassem, escrevendo uma Carta ao Papa. Aqui está uma dessas cartas.

*Santidade,*

*Somos um casal católico entre muitos, casados há dez anos, com três filhos.*

*Procuramos viver a nossa fé da melhor maneira possível, num ambiente nem sempre fácil, mesmo tendo consciência de que, em muitos aspectos, somos uns privilegiados.*

*A existência do Vosso Magistério e o ensinamento da Igreja são para nós um precioso auxílio. Temos a certeza de que o mesmo é verdade para todos os cristãos e, sem dúvida, para todos os homens de boa vontade, mesmo que seja apenas como um referencial.*

*Existe, entretanto, um assunto, o da sexualidade do casal e, mais especialmente, o da regulação da natalidade, em que essa intervenção nos parece distante e confusa.*

*A mensagem que chega até nós é a de uma ordem natural imutável, que preside às relações entre união e procriação e que convém absolutamente respeitar, pois é querida por Deus. Quaisquer que sejam as intenções e as circunstâncias, toda vontade humana, que procure intervir para regular a natalidade, foi rejeitada, por comportar riscos ingovernáveis de deslize, de arbitrário ou até de desregramento dos costumes. Só um exame de consciência pode permitir, eventualmente, uma autodeterminação em caso de dificuldade, perante aquilo que permanece sendo um mandamento e uma limitação intransponível.*

*Por que esta posição tão radical a respeito daquilo que toca no mais profundo do equilíbrio efetivo e espiritual do casal?*

*Por que essa alternativa - respeitar de forma absoluta a ordem natural e atingir a verdadeira felicidade através do domínio de si, ou arriscar-se a soçobrar no abismo e no irreparável?*

*Por que continuar baseando nos ritmos biológicos do organismo a função de regular a natalidade?*

*Será realmente em razão de leis naturais de origem divina ou por receio de não conseguir deter tendências perigosas? Não haverá nisto uma falta de confiança na “conscientização” maior do homem e não será isto o mesmo que querer fixar limites à misericórdia divina?*

*Longe de nós a idéia de contestar a necessidade de uma lei comum sobre a matéria e menos ainda a origem divina da vida ou a finalidade do matrimônio, que é a procriação.*

*Mas levantamos estas poucas perguntas pois nos parecem refletir uma defasagem bastante comum em relação à posição da Igreja. Há várias razões que podem explicá-la.*

*A forma de expressão e a terminologia utilizadas levam a mascarar a mensagem de amor por trás das exclusões, das interdições e das rejeições pronunciadas em nome da ordem natural. As palavras são duras e, sem dúvida, excessivas, para serem realmente ouvidas. Como sentir-se atraído pelo que se apresenta como uma opção entre uma observância estrita, até mesmo heróica, e uma concepção materialista da vida, do egoísmo ou da indolência?*

*A unicidade da mensagem, qualquer que seja a situação pessoal e coletiva, é igualmente um fator de afastamento. De fato, por que se deve tratar da mesma maneira casos tão diversos como o acolhimento da vida, a sua interrupção ou a capacidade dos esposos para receber um filho? Não haverá aí uma certa ilusão, até uma certa injustiça, em querer dar uma única resposta? Parece-nos que enfoques diferentes deveriam ser dadas conforme o caso. Deste ponto de vista, abordar separadamente a contracepção e o aborto é uma necessidade.*

*O apelo para a verdadeira felicidade através da submissão total a uma ordem natural de essência divina é difícil de entender. Não é tanto por sua dureza frente às questões ou aos sofrimentos dos homens confrontados com os problemas da procriação, mas pela sua própria razão de ser. Que natureza é esta que se nos apresenta sob forma de ciclos de fecundidade e que cria um impasse quando se trata de buscar o equilíbrio afetivo e espiritual do casal? Não deveria esta busca também ser considerada como uma lei natural que se inscreve numa perspectiva divina? Mais intensamente ainda, a natureza será somente biológica, não se tornando mais rica através da vontade e da liberdade esclarecida do homem? Por que não haveriam de existir outros caminhos de santidade, tão “naturais” quanto o domínio de si?*

*Essas questões tocam no mais profundo de nossa relação com Deus. São vitais e colocam-se em termos de valores morais. Esperamos da Igreja que nos ajude a responder em consciência a elas, no contexto da finalidade da vida conjugal.*

*Em se tratando de regulação da natalidade, reconhecer plenamente aos casais a capacidade esclarecida do discernimento, ao que nos parece, iria nesta direção.*

*Individual e coletiva, esta lei moral contribuiria, em nossa opinião, a unir melhor a inteligência do homem e o Amor de Cristo. (F)*

\* \* \*

## ALGUMAS CONCLUSÕES

Apesar de suas deficiências e lacunas, achamos que este “canteiro de obras” atingiu a sua finalidade: levar as equipes a refletirem sobre o sentido humano e cristão da sexualidade e - se o resultado for suficientemente válido - trazer assim uma contribuição para a reflexão da Igreja toda. Gostaríamos de propor neste ponto algumas conclusões que nos parecem emergir do conjunto do trabalho, privilegiando aquelas que talvez não tenhamos suficientemente destacado.

### 1. No seio da Igreja.

1.1. O que é mais notável, acima de tudo, ao se ler as respostas e os testemunhos, é um grande amor pela Igreja. E a convicção de ser Igreja, a vontade de ser Igreja. Nem por isso deixa de haver sérios questionamentos a seu respeito ou, no caso, a respeito da hierarquia. Não há, aliás, contradição nisso. Pois é precisamente na defasagem que se constata entre o discurso oficial e o que sentem e vivenciam os cristãos de base - e no sofrimento que isto provoca - que se percebe ainda melhor, talvez, a força do vínculo que nos une todos à Igreja.

1.2. Fica também claro que o conjunto do Movimento é bem uma imagem do conjunto da Igreja como povo de Deus. Não somos um corpo estranho nem uma tribo à parte. Como em toda a Igreja, há um amplo leque de opiniões e de sensibilidades, abarcando o que, na política, iria da direita até a esquerda.

Há aqueles para quem toda palavra proveniente da autoridade é sagrada, indiscutida e indiscutível. Há os revoltosos, às vezes mais por temperamento do que por convicção. E, sobretudo, há aqueles que querem viver sinceramente sua pertença à Igreja, confrontando, conscientemente, os problemas que isto lhes causa. Perante as leis morais ditadas pela autoridade, encontramos o mesmo leque: elas são plenamente aceitas por alguns, que vêem nelas um espírito profético e um apelo ao heroísmo; são recusadas por alguns outros; vão sendo suportadas com dificuldade pela maioria. Em geral, não são compreendidas e aparecem mais como decretos relativamente arbitrários, cuja justificativa não se percebe.

Em resumo, se as Equipes de Nossa Senhora apoiam-se na convicção de que os casais, como aliás todos os cristãos, são chamados à santidade, e se procuram verdadeiramente perseguir este ideal, não podem pretender constituir um corpo de elite à parte ou uma tropa de heróis... ou tampouco um grupo de cristãos que teria encontrado todas as respostas. Somos o “comum” do povo de Deus, com as fraquezas e as dificuldades de todos os cristãos. Mas também com a vontade de melhor conhecer o desígnio de amor de Deus e de lhe dar resposta, num verdadeiro auxílio mútuo. O que já não é tão mal!

1.3. Esta Igreja é, ao mesmo tempo, Mater e Magistra. Aceita-se plenamente seu papel de magistério, que se reconhece como indispensável. Mas deseja-se que a Igreja seja também e acima de tudo uma mãe. Espera-se dela, ou seja, de seus responsáveis principais, uma atitude de escuta, de compreensão, de amor e de indulgência; na verdade, uma proximidade maior. É quase um “*leitmotiv*”: que a Igreja seja menos dura, menos rígida.

Resta sempre a objeção: se tivéssemos absoluta confiança em Deus (a parábola das flores do campo e das aves do céu), não viveríamos na angústia, pois nos entregaríamos inteiramente nas mãos da Providência. Há os que o fazem. Beira o heroísmo, mas pode-se condenar todos os cristãos ao heroísmo cotidiano, “sob pena de pecado”?

É manifesto que a vida sexual é coisa bem difícil para se disciplinar na perspectiva da vocação cristã à santidade: é freqüentemente um obstáculo. E, no entanto, não há como não integrá-la, pois nossa santidade não consiste em tornarmo-nos anjos, seres desencarnados, mas, como diz São Paulo, “em glorificar a Deus em nossos corpos” (ICor 6,20). Mas aqui já estamos no capítulo da vida do casal.

## **2. A vida do casal.**

2.1. Na vida dos casais, o resultado mais imediato e mais evidente foi a transformação do Dever de Sentar-se. Pela primeira vez, segundo confessam, centenas de casais ousaram falar de sexualidade juntos, neste clima de diálogo sob o olhar de Deus. Até então era, para eles, um assunto tabu.

Essa transformação tem o valor de um símbolo. Porque muitos disseram que foi a sua própria concepção da vida conjugal que fora atingida. Por vezes descobriu-se e muitas vezes compreendeu-se melhor a importância da dimensão sexual, o papel fundamental da relação sexual. É uma realidade que não se pode escamotear: está no centro da vida do casal e é, com freqüência, um fator decisivo de sucesso ou fracasso. Tal descoberta, ou convicção, é com certeza um importante resultado. Alguns disseram: “temos o sentimento de nos termos casado novamente”.

2.2. Assim, de certa forma, “dessacralizou-se” a sexualidade (no sentido em que se concebe o sagrado como algo essencialmente incompreensível e indizível). Foi “demitizada”. Tornou-se uma realidade da vida quotidiana. Deve-se poder olhá-la de frente e falar dela; não pode ficar confinada ao domínio obscuro daqueles instintos que se prefere não aprofundar...

Haverá talvez o risco de banalizá-la demais. Ora, pensamos, a sexualidade, por tocar no mais íntimo dos seres, no mais íntimo de suas relações interpessoais, deve sempre guardar algo de privado, de secreto.

2.3. Não existe uma educação suficiente da sexualidade. Mas há um enorme progresso na Igreja, graças à instituição de um tempo de preparação para o matrimônio. Os casais das equipes que têm condições para tanto, devem esforçar-se por colaborar, especialmente para valorizar, aos olhos dos noivos, os aspectos positivos do casamento e da construção do casal.

Tal educação deve começar muito cedo com as crianças e desenvolver-se progressivamente segundo as suas capacidades. Os pais devem perceber nisto um de seus deveres de educadores e não abandonar completamente esta tarefa nas mãos das escolas ou... da mídia.

### 3. Formar as consciências.

Compreendeu-se melhor que a consciência pessoal desempenha um papel determinante e insubstituível. Procura-se compreender melhor as relações que devem ser estabelecidas entre as diretrizes do Magistério e o juízo das consciências. Eis porque deseja-se sobretudo - e pede-se com insistência - que a Igreja, em seu Magistério, considere como sua tarefa mais importante e mais urgente em matéria de sexualidade, **formar as consciências**. Não ditando regras absolutas que se deveria aceitar sem mesmo compreender, mas trabalhando para formar nos cristãos uma consciência de adultos responsáveis.

Se houvesse apenas uma conclusão a destacar, seria com certeza esta.

### 4. Algumas proposições, para resumir

1. Foi Deus que criou o casal e que inventou a sexualidade. Esta não tem nada de vergonhoso. Não é um pecado. É natural e é boa.

2. Um casal bem sucedido é uma maravilha, uma fonte de felicidade, um canto de glória ao Deus criador.

3. O amor é o cimento do casal: é o que realiza a imagem de Deus no ser humano e no casal. Sua primeira consequência é o perdão.

4. O casal está aberto à vida, chamado a partilhar a fecundidade de Deus.

5. Deve-se lutar contra os tabus e mostrar a todos o rosto humano e cristão da sexualidade. Já se perdeu tempo demais.

6. Educar as crianças desde a mais tenra idade para os valores positivos da vida, notadamente para o sentido do amor humano.

7. Assegurar uma boa preparação mais imediata para o matrimônio.

8. Obter da Igreja que assegure antes de mais nada a formação das consciências, de maneira a poder tratar os cristãos como adultos responsáveis.

E algumas pérolas recolhidas de passagem...

*Os ciprestes não crescem na sombra um do outro.*

*Cultivemos as flores do nosso amor sob o olhar de Deus.*

*Viver na verdade nossa relação de amor é o nosso “Grande Negócio”*

*Cada cônjuge é para o outro sinal da ternura de Deus.*

*No Dever de Sentar-se, Deus se exprime por meio de nós.*

*O trabalho ou uma paixão forte demais não são infidelidades?*

*A fecundidade é global: corpo, coração, espírito e inteligência.*

*Saber aceitar o inesperado de Deus.*

*Deus nos questiona através das perguntas dos nossos filhos.*

*Uma das fecundidades do amor é o seu crescimento: fica cada vez melhor!*

## 5. E agora?

**Permitam-me terminar com algumas considerações mais pessoais, num convite para que este trabalho das equipas conduza a algumas perspectivas de futuro. (B. Olivier)**

5.1. Parece-me evidente, ao término deste trabalho, que é preciso garantir aos membros do Movimento um complemento de formação, ou melhor, uma formação permanente naquelas matérias morais que dizem respeito mais particularmente à sua vida de casal. Ainda há idéias muito vagas, ambigüidades. Não se quis sobrecarregar o texto do Projeto com “notas técnicas”, mas sente-se que há necessidade de tornar mais precisos certos conceitos como natureza, lei moral, lei natural, como também a relação entre liberdade e lei, consciência pessoal e papel do Magistério.

A encíclica *Veritatis Splendor* ainda não havia sido publicada quando as equipas estavam trabalhando no Projeto. Nela pode-se encontrar justamente estas noções claras sobre lei, liberdade, consciência e papel do Magistério. Ela insiste, notadamente, sobre o fato de que a consciência não é uma instância de decisão mas uma instância de julgamento - o que, com certeza, não é fácil compreender na primeira abordagem, mas é importante que seja compreendido. A consciência não decide, de maneira soberana, o que é o bem e o que é o mal: isto não lhe cabe. Ela julga a conformidade ou não do ato concreto com a lei (natural ou positiva) que, esta sim, é a norma que define o bem e o mal. Mas “seu julgamento tem um caráter imperativo: o homem deve agir conformando-se a ele” (Nº 60).

Para poder julgar de maneira sadia, a consciência deve ser formada e esclarecida; é onde intervém o papel eminente do ensinamento do Magistério. “Na formação de sua consciência, os cristãos são grandemente ajudados pela Igreja e pelo seu Magistério...” E a encíclica define estes papéis respectivos, ao precisar: “A Igreja se coloca sempre e unicamente ao serviço da consciência” (Nº 64).

Seria certamente bastante útil consagrar um ano ao estudo deste documento. É, sem dúvida, um texto bastante difícil, mas com a ajuda dos Conselheiros Espirituais, que têm uma formação teológica... A partir de todas essas precisões, será mais fácil expressar de forma simples alguns princípios de base. Por exemplo:

a) É a consciência a última instância de julgamento sobre a moralidade de um ato em particular. Isto significa que é o julgamento da consciência pessoal que aplica, a um ato definido, a lei moral e que esta última define, em princípio, o valor moral deste tipo de ação. De forma clara, sou eu que pronuncio o julgamento: “este ato que vou fazer, ou que faço, ou que fiz, está conforme ou não à lei moral e é, portanto, bom ou mau”.

b) Para julgar corretamente, a consciência deve ser bem informada, esclarecida, notadamente a respeito da lei moral. E para isto, o ensinamento do Magistério é um elemento primordial, de um peso considerável. Mas não se substitui ao julgamento da consciência. Ninguém pode substituir a minha consciência.

c) Quando se pede que a Igreja seja menos dura, menos rígida, é preciso, ainda, que se compreenda bem o que se quer dizer com isso. Que a Igreja modifique sua moral, para torná-la mais fácil e mais acessível? Alguns cristãos parecem pensar que a lei

moral depende da vontade do Magistério e que ela poderia variar de acordo com o seu humor. Não é nada disso.

Lembremos a distinção clássica entre uma lei moral “positiva” e a “lei natural”. A Igreja tem o poder de impor leis positivas - e portanto de modificá-las - (pense-se, por exemplo, no celibato dos padres): essas leis se impõem à consciência em virtude da autoridade do Magistério, pois é ele que as concebe e as torna obrigatórias. No que diz respeito à “lei natural”, que está inscrita nas consciências como expressão da vontade de Deus, e que é portanto intangível, o Magistério não tem sobre ela nenhum poder. Ele está subordinado a ela, como qualquer simples cristão. O que ele pode e deve fazer é lembrar, esclarecer e interpretar a lei natural. E na interpretação, são os argumentos objetivos que são determinantes. Invocar a autoridade do Magistério, sem mais, é portanto insuficiente. Sem dúvida, esta tem um peso considerável na formação do julgamento de consciência, mas é preciso demonstrar que se trata claramente de lei natural intangível.

O problema está exatamente no fato de que os argumentos apresentados não convencem a todos. Daí, é como se se pedisse uma obediência cega, como que deixando em suspenso qualquer julgamento pessoal. É sobre este ponto que se pede uma atitude menos rígida. O que é desejado e desejável é que, ou bem se encontre argumentos convincentes para mostrar que todas as formas de contracepção são realmente proscritas pela lei natural, ou bem que não se obrigue aqueles que não são convencidos pelos argumentos, a obedecerem cegamente e, às vezes, contra a sua consciência.

5.2 Mas tudo isto tem que ser recolocado num contexto mais amplo. Penso que temos necessidade de uma reforma que ainda não foi levada a cabo. O Concílio Vaticano II proclamou com solenidade que os leigos são membros “de fato” da Igreja e que são convidados a comportar-se como tais. Os leigos, na sua maioria, não estavam provavelmente bem preparados para essa promoção: estavam acostumados a considerar-se como filhos menores, que deixam as decisões às autoridades competentes, mesmo quando se trata de problemas de consciência. Consultavam o confessor, pedindo-lhe que decidisse... Foi este um dos aportes mais consideráveis do Concílio na vida ordinária dos cristãos. Eles não estavam prontos a enfrentar esta mudança e uma das tarefas maiores da pastoral teria sido a de prepará-los. Isto foi feito de forma suficiente? A reforma deve prosseguir. Trata-se de levar os cristãos leigos a poderem ser considerados verdadeiramente como adultos, ao mesmo tempo livres e responsáveis - pois as duas coisas são inseparáveis. E isto implica num enorme esforço em duas áreas: a dos conhecimentos e a do funcionamento da liberdade e da consciência.

#### a) A área dos conhecimentos.

Enquanto os cristãos podiam contentar-se em comportar-se como crianças, recebendo ordens de seus mestres para pensar e viver, sua cultura teológica podia continuar elementar. Mas se se quiser considerá-los como adultos responsáveis, é necessário que tenham acesso a um status de adulto no campo da cultura cristã e especialmente no dos conhecimentos teológicos. É indispensável que sua informação e sua formação estejam ao nível de sua “nova” responsabilidade.

Deve-se, portanto, garantir-lhes uma instrução, uma educação suficientes. Isto exige por parte deles um trabalho sério e, por parte das instâncias da Igreja, um investimento bastante considerável, instrumentos adequados e um pessoal competente. Tudo isto existe, tudo isto já se faz, mas é necessário que este setor da pastoral continue prioritário. Inclusive no seio das Equipes de Nossa Senhora, onde temos à nossa

disposição, por exemplo, o recurso dos temas de estudos e das sessões de formação. Devemos aproveitá-los plenamente.

b) O funcionamento da liberdade e da consciência.

A reforma deve prosseguir também no campo da educação para a liberdade e para o bom funcionamento do julgamento de consciência. Não se pode mais entregar-se simplesmente nas mãos do confessor, como se fazia facilmente, ou ao Magistério, cujas ordens são aceitas sem assumir o risco de julgar por si mesmo. (Refiro-me, em tudo isso, como se percebe, à mentalidade pré-conciliar; isto diz respeito aos menos jovens, mas não tenho certeza de que os mais jovens tenham adquirido uma posse tranqüila desta autonomia!). É preciso saber julgar; é preciso querer julgar. Segundo a consciência, com toda liberdade e responsabilidade. Isto envolve duas coisas.

1º - Que as autoridades competentes respeitem esta autonomia do cristão, esta afirmação da consciência, esta vontade de ser responsável de si mesmo. Que aceitem de estar se dirigindo a adultos que querem usar de sua legítima liberdade e assumir suas próprias responsabilidades. Não se trata de apagar-se completamente, mas, ao contrário, de assumir a função de ensinar, de esclarecer, mas não de decidir no lugar das consciências individuais.

2º - Do lado dos fiéis, a consciência deve ser formada e esclarecida para julgar de forma sã. E compreender bem que julgar livremente segundo a sua consciência não consiste em decidir subjetivamente tudo o que se quer porque este é o seu desejo... Consiste em aceitar livremente e “responsavelmente” o respeito pelas leis morais que se impõem.

Também neste ponto, a reforma começada deve prosseguir. Ainda estamos por demais acostumados a obedecer - muitas vezes a contragosto - a injunções que surgem como leis externas e freqüentemente incompreensíveis, e não à lei interior da consciência: é esta que julga em definitivo. Ninguém, nem o próprio Papa, nem meu bispo pode substituir a minha consciência. É nisto que reside a incomparável grandeza do ser humano, criado à imagem de Deus, livre e responsável de seus atos.

Esta consciência, devo tê-la formado e esclarecido por um conhecimento suficiente, como já se disse, pelo exercício (que pode ser aprendido) de um julgamento reto e coerente, por um esclarecimento pontual muitas vezes indispensável. É neste ponto que surge a importância do ensinamento do Magistério. Ele intervém, não para impor-me um julgamento, que seria totalmente externo a mim, mas para me ajudar a ver todos os aspectos do problema e os valores que estão em jogo.

É na perspectiva dessa reforma a ser levada a bom termo que se impõe à Igreja uma das tarefas mais urgentes: formar cristãos adultos responsáveis, capazes de decidirem por si mesmos no respeito aos valores morais. Este é o pedido mais premente que dirigimos à nossa Mater et Magistra. Temos necessidade, grande necessidade, ao mesmo tempo de seu magistério e de sua ternura materna.

\* \* \*

*Este **DOCUMENTO** é **INTERNO**  
do Movimento das EQUIPES de NOSSA SENHORA*

*Qualquer reprodução **PARCIAL** ou **TOTAL**  
fora do movimento é proibida*